

Os
Números
do
Amor

Sarah MacLean

11 Escandalos
para conquistar
o coração de
um Duque

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

SINOPSE

Ela vive para a paixão

Audaz, impulsiva e um ímã para os problemas, Juliana Fiori não era outra simplória senhorita inglesa. Nega-se a viver segundo as regras da sociedade: diz o que pensa, não lhe preocupa conseguir a aprovação de ninguém e pode lançar um murro com notável pontaria. Sua escandalosa natureza a converte no objeto preferido de todas as fofocas londrinas... É justo o tipo de mulher que o duque de Disdain quer manter bem longe de sua pessoa.

Para ele a reputação é tudo

A última coisa que Simon Pearson quer em sua ordenada vida é um escândalo. O duque de Disdain está muito centrado em manter seu título livre de toda mácula e seus segredos a salvo. Mas quando descobre Juliana escondida em sua carruagem uma noite a altas horas da madrugada, pondo em perigo tudo o que ele aprecia, jura ensinar à insensata beldade uma lição de decoro.

Mas ela tem outros planos: quer duas semanas para demonstrar que inclusive um duque imperturbável não está livre da paixão.

UM MOMENTO COM UMA MULHER ARDENTE
VALE MAIS QUE ONZE ANOS DE UMA VIDA
ABORRECIDA
(PROVÉRPIO ITALIANO)

CAPÍTULO 1



As árvores não são mais que uma cobertura para o escândalo.

As senhoras elegantes permaneçam em casa à noite.

Um tratado da mais refinada das damas.

Ouvimos dizer que as folhas não são as únicas coisas que caem nos jardins...

A Folha do Escândalo, outubro 1823.

Em retrospectiva, houve quatro ações da senhorita Juliana Fiori que deveria ter sido reconsiderada essa noite.

Em primeiro lugar, que provavelmente deveria ter ignorado o impulso de sair do baile de outono de sua cunhada, em favor dos menos enjoativos, mais aromáticos, e muito menos iluminados jardins de Ralston House.

Em segundo lugar, muito provavelmente deveria ter duvidado quando esse mesmo impulso a empurrou pelos caminhos mais escuros, que marcavam o exterior da casa de seu irmão.

Em terceiro lugar, e quase com toda segurança, deveria ter voltado para a casa no momento em que tropeçou com Lorde Grabeham, meio caindo em seus braços, e dizendo coisas totalmente deselegantes.

Mas, definitivamente não deveria tê-lo agredido.

Não importava que ele a tivesse atraído para si e exalado seu quente hálito carregado de uísque sobre ela, ou que seus lábios frios e úmidos tivessem encontrado torpemente seu caminho para o arco pronunciado de seu pescoço, ou que ele sugerisse que ela poderia gostar disso igual à sua mãe.

As damas não agrediam as pessoas.

Pelo menos, as damas inglesas não o faziam.

Ela viu como o nem tão cavalheiro uivou de dor e tirou um lenço de seu bolso, para cobrir seu nariz e limpar a mancha que alagava sua imaculada camisa branca de escarlate.

Ficou congelada, sacudindo distraidamente a ardência de sua mão, e sentindo como o terror a consumia.

Isto estava fadado a acontecer. Era impossível não converter-se em um problema.

Não importava o muito que esse cavalheiro merecesse.

O que devia ter feito? Permitti-lo desonrá-la enquanto esperava que um salvador aparecesse através das árvores? Estava segura que qualquer homem nos jardins há essa hora seria menos que um salvador e mais do que um canalha.

Mas isto apenas comprovava que as fofocas eram certas.

Ela nunca seria um deles

Juliana levantou a vista para o escuro dossel de árvores. O sussurro das folhas a uma boa altura, que há alguns momentos prometiam descanso da festa desagradável, agora ria dela num eco dos sussurros no interior dos salões de baile de Londres.

— Você me golpeou! — O grito do homem gordo era muito alto, nasal e ultrajado.

Ela levantou a mão tremula e empurrou uma mecha de cabelo para trás da bochecha.

— Aproxime-se de mim outra vez, e obterá mais do que recebeu agora. — disse ela.

Seus olhos não a deixaram quando secava o sangue do nariz. A ira em seu olhar era inconfundível.

Conhecia essa ira. Sabia o que significava.

Preparou-se para o que se seguiria.

Não obstante, o que seu agressor disse a magoou.

— Você se arrependerá disto. — Deu um passo ameaçador para ela. — Vou ter a todos acreditando que me suplicou isso. Aqui nos jardins de seu irmão, como a sem vergonha que é.

Uma dor começou em sua têmpora. Deu um passo atrás, sacudindo a cabeça.

— Não! — disse ela, retrocedendo na fineza de seu acento italiano ao que ela esteve trabalhando, mas era tão difícil de domar. — Eles não lhe acreditarão. — As palavras soavam ocas, inclusive para ela.

É obvio que lhe acreditariam.

Ele leu o pensamento e deu uma gargalhada zangada.

— Não pode imaginar que acreditariam em você? Ilegítima. Tolerada só porque seu irmão é um marquês. Não haveria de porque eles acreditarem em você. É, depois de tudo, filha de sua mãe.

A filha de sua mãe.

As palavras eram um duro golpe do qual nunca poderia escapar. Não importava o muito que o tentasse.

Ela levantou o queixo, endireitando os ombros.

— Não lhe acredito — repetiu ela, desejando que sua voz se mantivesse estável — porque não vão acreditar que eu pudesse tê-lo desejado, *porco*.

Ele levou um momento para traduzir do italiano ao inglês, para entender o insulto. Mas quando o fez, a palavra “porco” perdurou entre eles nos dois idiomas, Grabeham aproximou-se dela, agarrando-a com sua mão carnuda e dedos como salsichas.

Era mais baixo que ela, mas a ultrapassava em força bruta. Agarrou seu pulso, os dedos cravando-se profundamente, com a promessa implícita de que haveria machucados, e Juliana tentou escapar de seu agarre, sua pele retorcida e queimando. Ela gemeu de dor e agiu por instinto, agradecendo a seu criador que tinha aprendido a lutar entre os rapazes da Ribeira Veronese.

Aproximou seu joelho perigosamente e estabeleceu contato precisa e violentamente contra sua virilha.

Grabeham uivou, afrouxando seu controle só o suficiente para que ela pudesse escapar.

E Juliana fez o único em que podia pensar.

Ela pôs-se a correr.

Ao levantar as saias de seu vestido verde brilhante, atravessou os jardins, afastando-se da luz que saía da enorme sala de baile, sabendo que ser vista correndo na escuridão teria sido tão prejudicial como ser apanhada pelo odioso Grabeham... Que tinha se recuperado a uma velocidade alarmante. Ouviu-o vir torpemente atrás dela através de um arbusto particularmente espinhoso, ofegando com grandes respirações agitadas.

O som a aguilhoava, e entrou pela porta lateral do jardim para os muros que confinavam Ralston House, onde uma coleção de carruagens esperava em uma longa fila por seus senhores e senhoras que queriam o transporte para suas casas. Ela pisou em algo pontudo e tropeçou, caindo sobre a pavimentação e machucando as palmas de suas mãos enquanto tentava endireitar-se. Amaldiçoou sua decisão de tirar as luvas que tinha usado no interior do salão de baile, enjoativo ou não teria evitado umas quantas gotas de sangue essa noite. A porta de ferro se fechou detrás dela e vacilou uma fração de segundo para assegurar-se de que o ruído não tivesse chamado à atenção. Com uma olhada rápida viu um grupo de choferes absortos em um jogo de dados no outro extremo do beco, sem dar-se conta dela. Olhando para trás, viu o corpo volumoso de Grabeham vindo para a porta.

Era um touro em plena investida a uma capa vermelha, tinha apenas uns segundos antes que ela fosse chifrada.

As carruagens eram sua única esperança.

Com voz baixa e tranquilizadora em língua italiana, deslizou por debaixo das cabeças dos dois grandes cavalos negros e rapidamente ao longo da fila de carruagens. Ela ouviu o rangido da porta abrir e fechar de um golpe e ficou imóvel, escutando o som revelador do predador se aproximando de sua presa.

Era impossível ouvir qualquer outra coisa além dos batimentos do seu coração.

Em silêncio, ela abriu a porta de uma das grandes e descomuns carruagens estacionadas e entrou sem a ajuda da escada.

Ouviu um rasgo no tecido de seu vestido apanhado em uma ponta afiada e fez pouco caso da pontada de decepção, quando puxou as saias para dentro da carruagem e fechou a porta atrás dela o mais silenciosamente que pôde.

O cetim verde salgueiro tinha sido um presente de seu irmão, um reconhecimento a seu descaso pelos vestidos claros e afetados, usados pelo resto das mulheres solteiras da alta sociedade. E agora estava arruinado.

Ela se sentou rigidamente no chão do interior da carruagem, os joelhos dobrados para o peito e deixou que a escuridão a abraçasse. Quando seu fôlego passou do pânico à calma, esforçou-se em escutar algo através do surdo silêncio.

Resistiu à tentação de mover-se, assustada de chamar a atenção sobre seu esconderijo.

— Tego, tegis, tegit. — Apenas sussurrou, com a cadência suave do latim que centrava seus pensamentos. — Tegimus, tegitis, tegunt.

Uma leve sombra passou por cima dela, ocultando a tênue luz que salpicava a parede da carruagem. Contra o exuberante estofamento, Juliana paralisou-se brevemente antes de pressionar-se de novo contra o canto da carruagem, fazendo-se tão pequena como fosse possível, um desafio, tendo em conta sua estatura pouco comum. Ela esperou desesperada e quando a escassa luz voltou, tragou saliva e fechou os olhos com força, deixando escapar um suspiro longo e lento.

Em inglês agora, começou a repetir em voz baixa:

— Escondo-me. Esconde-te. Ela esconde-se.

Conteve o fôlego, quando diversos gritos masculinos romperam o silêncio, rezando para que se movessem além de seu esconderijo e a deixassem de uma vez, em paz. Quando o veículo se balançou pelo movimento de um chofer subindo em seu assento, soube que suas orações ficariam sem resposta.

Ela xingou uma vez, usando o qualificativo mais colorido de sua língua nativa, e considerou suas opções. Grabeham poderia estar lá fora, mas

inclusive a filha de um comerciante italiano que tinha estado em Londres durante só uns meses, sabia que não podia chegar à entrada principal da casa de seu irmão em uma carruagem que pertencia à sabe Deus quem, sem provocar um escândalo de proporções épicas.

Com sua decisão tomada, alcançou o cabo da porta e balanceou seu peso, decidida a escapar lançando-se do veículo sobre os paralelepípedos e esperando o próximo pedaço de escuridão para não ser vista.

E então a carruagem começou a mover-se mais.

E a fuga já não era uma opção.

Por um breve momento, considerou abrir a porta e saltar da carruagem de todos os modos. Mas nem sequer ela era tão imprudente. Ela não queria morrer. Tão somente queria que a terra se abrisse e a tragasse, e à carruagem, também. Era pedir muito?

Lá dentro do veículo, deu-se conta de que sua melhor opção era retornar ao chão e esperar que a carruagem se detivesse. Uma vez que o fizesse, sairia pela porta mais distante da casa esperando, desesperadamente, que ninguém estivesse ali para vê-la.

Sem dúvida, algo tinha que lhe sair bem essa noite. Talvez tivesse uns minutos para escapar antes que os aristocratas tivessem descido para as carruagens.

Ela respirou fundo quando a carruagem parou. Fazendo força ela elevou-se... E alcançou a manivela... Pronta para escapar.

Entretanto, antes que pudesse sair, a porta no lado oposto da carruagem se abriu, prendendo o ar em seu interior em um movimento rápido, seus olhos se abriram ao ver o enorme homem de pé, justo detrás da porta da carruagem.

Oh, não!

As luzes na parte dianteira de Ralston House ardiam detrás dele, pondo seu rosto na sombra, mas era impossível deixar de notar a forma em que a cálida luz amarela iluminava sua massa de cachos de ouro, convertendo-o em um escuro anjo caído do Paraíso, negando-se a retornar ao seu esplendor.

Ela sentiu uma sutil mudança nele, uma tranquila tensão quase imperceptível de seus amplos ombros e sabia que tinha sido descoberta. Juliana sabia que deveria estar agradecida por sua discrição quando ele abriu a porta, eliminando qualquer espaço por onde outros pudessem vê-la, mas quando subiu na carruagem com facilidade, sem a ajuda de um servente nem degraus, a gratidão estava longe de ser o que estava sentindo.

O pânico era uma emoção mais precisa.

Tragou saliva, com um só pensamento gritando em sua mente.

Deveria ter avaliado melhor suas possibilidades com Grabeham.

Porque, certamente, não havia ninguém mais no mundo que gostaria de encarar, ao menos nesse momento em particular, que o insuportável e intocável, Duque de Leighton.

Sem dúvida, o universo estava conspirando contra ela.

A porta se fechou atrás dele com um suave clique, e ficaram sozinhos.

O desespero aumentou, empurrando-a em um movimento, e lutou com a porta perto dela, ansiosa por escapar. Seus dedos procuraram as alças.

— Eu não o faria se fosse você. — As tranquilas e frias palavras a irritaram a medida que atravessavam a escuridão.

Tinha havido um momento em que ele não tinha estado tão distante dela.

Antes que ela tivesse jurado não voltar a falar com ele de novo.

Ela tomou uma respiração rápida, estabilizadora, negando-se a lhe permitir que pusesse sua mão em cima.

— Embora lhe agradeça pela sugestão, Sua Graça, perdoe-me que não a siga. — Ela apertou a manivela, fazendo caso omisso da ardência na mão pela pressão da madeira, e puxou para liberar o fecho. Ele se moveu como um raio, apoiando-se na carruagem e sustentando a porta, a fechando com pouco esforço.

— Não era um conselho.

Golpeou o teto da carruagem duas vezes, com firmeza e sem vacilações. O veículo entrou em marcha imediatamente, como se só sua vontade dirigisse seu curso, e Juliana amaldiçoou a todos os choferes bem treinados,

já que caiu para trás, e seu pé ficou preso na bainha de seu vestido, rasgando o cetim ainda mais. Ela deu um pulo ao ouvir um som, muito forte no silêncio pesado, e passou a palma da mão suja, com nostalgia, pelo tecido precioso de seu arruinado vestido.

— Meu vestido está em ruínas. — Ela teve o prazer de dizer que ele tinha tido algo a ver com isso. E não precisava saber que o vestido se arruinou muito antes que ela mesma aterrissasse dentro de sua carruagem.

— Sim, bem, eu não consigo parar de pensar em uma série de maneiras em que você poderia ter evitado tal tragédia esta noite. — As palavras estavam desprovidas de arrependimento.

— Sim, claro, sabe eu não tive muitas opções. — Imediatamente se odiou por haver dito isso em voz alta.

Sobre tudo a ele.

Ele virou a cabeça para ela no momento que um poste de luz na rua enviava um feixe de luz de prata através da janela da carruagem, deixando-o em evidência. Ela tratou de não fixar-se nele. Tratou de não dar-se conta de como cada centímetro de seu corpo levava a marca de sua excelente criação, de sua nobre história, o nariz reto e aristocrático, o perfeito queixo quadrado, as altas maçãs do rosto que deveriam havê-lo feito parecer feminino, mas que só o faziam ser mais atraente.

Ela deu um pequeno bufo de indignação.

O homem tinha umas maçãs do rosto ridículas.

Nunca tinha conhecido a alguém tão bonito.

— Sim — ele respondeu, arrastando as palavras — imagino que é difícil tratar de estar à altura de uma reputação como a sua.

A luz desapareceu e foi substituída pela acidez de suas palavras.

Nunca tinha conhecido a ninguém que fosse um perfeito “bundão”.

Juliana estava agradecida por seu canto escuro na carruagem já que retrocedeu ante sua insinuação. Estava acostumada aos insultos, à especulação ignorante por ela ser a filha de um comerciante italiano e de uma marquesa inglesa decaída que tinha abandonado seu marido e filhos... E rechaçado a elite de Londres.

Sendo a última, o único ato de sua mãe para o qual Juliana tinha uma pitada de admiração.

Ela gostaria de dizer a todos onde eles poderiam colocar suas regras aristocráticas.

Começando com o Duque de Leighton. Que era o pior do lote.

Mas ele não o tinha sido no começo. Empurrou a um lado esse pensamento.

— Queria que detivesse esta carruagem e me deixasse sair.

— Devo supor que ela não vai pelo caminho que você tinha planejado?

Ela fez uma pausa.

— A maneira que eu tinha... Planejado?

— Vamos senhorita Fiori. Acredita que não sei como tinha que haver jogado seu pequeno jogo? Você, descoberta em minha carruagem, o lugar perfeito para um encontro clandestino, nas escadas da casa ancestral de seu irmão, durante um dos melhores eventos em audiência das últimas semanas?

Os olhos dela se arregalaram.

— Você pensa que eu...

— Não. Eu sei que você está tratando de me apanhar no matrimônio. E seu pequeno esquema, de que suponho seu irmão não tem conhecimento, tendo em conta quão estúpido é seu plano, poderia ter funcionado em um homem mais fraco com um título menor. Mas lhe asseguro que não funciona comigo. Eu sou um duque. Em uma batalha de reputação contra você, eu sem dúvida seria o ganhador. De fato, deveria ter deixado que se arruinasse com bastante facilidade lá em House Ralston se eu não estivesse infelizmente, em dívida com seu irmão neste momento. Você o teria merecido por montar esta pequena farsa.

Sua voz era tranquila e firme, como se tivesse tido esta conversa em particular, em inumeráveis ocasiões, e não era mais que um inconveniente menor, uma mosca em sua sopa morna, ou o que quer que fosse que os esnobes aristocratas britânicos consumissem com colheres de sopa.

De todos os pomposos e arrogantes...

Sua fúria estalou e Juliana apertou os dentes.

— Se eu tivesse sabido que este era seu veículo, o teria evitado a todo custo.

— Incrível então, que de algum jeito se perdeu de ver o grande selo ducal no exterior da porta.

O homem era exasperante.

— É incrível, de fato, porque estou segura que o selo na parte exterior da carruagem rivaliza com sua presunção no tamanho! Eu lhe asseguro, Sua Graça — cuspiu o título honorífico, como se fosse um epíteto — Se eu fosse atrás de um marido, eu gostaria de alguém que tivesse mais que mostrar que um título de fantasia e um falso sentido de importância. — ela escutou o tremor em sua voz, mas não pôde deter a corrente de palavras que saíam dela. — Você está tão impressionado com seu título e seu status, que é um milagre que não tenha a palavra “Duque” bordada em fio de prata na parte superior de seus trajes. Pela forma que se comporta, poderia se pensar em realidade, que tenha feito algo que valesse a pena, para ganhar o respeito destes parvos ingleses, mais que o luxo de ter sido parido, por mera coincidência, no momento adequado e pelo homem correto, quem imagino realizou o trabalho exatamente da mesma maneira que os outros homens. Senza Finezza.

Ela se deteve, os batimentos de seu coração retumbavam em seus ouvidos enquanto as palavras penduravam entre eles, seu eco forte na escuridão. Senza Finezza. Foi só então que se deu conta de que, em algum momento de seu discurso, trocou para o italiano.

Ela só podia esperar que ele não tivesse entendido.

Houve um longo momento de silêncio, um grande vazio atordoado, que ameaçava sua saúde mental. E então a carruagem se deteve. Ficaram sentados ali por um momento interminável, ele ainda como uma pedra, ela se perguntava se permaneceriam ali no veículo durante o resto dos tempos, antes que ouvisse o som de tecido movendo-se. Ele abriu a porta, que se balançou para fora.

Ela começou a escutar o som de sua voz, baixa e sombria e muito, muito mais perto do que esperava.

— Saia da carruagem.

Falava italiano. Perfeitamente.

Ela engoliu a saliva. Bom. Ela não estava disposta a pedir desculpas. Não depois de todas as coisas terríveis que lhe havia dito. Se ele ia atirá-la da carruagem, que assim fosse. Ela retornaria a sua casa caminhando. Orgulhosamente.

Talvez alguém fosse capaz de lhe apontar a direção correta.

Deslizou pelo chão da carruagem para fora, voltando-se e esperando para ver como a porta se fechava detrás dela. Mas, em lugar disso, ele saiu atrás dela, ignorando-a à medida que avançava pelas escadas de sua casa na cidade. A porta se abriu antes de chegar ao degrau mais alto. Como se as portas, igual que todo o resto, se inclinasse a sua vontade.

Ela viu como entrou no vestíbulo iluminado mais à frente, e um grande cão marrom aparecia torpemente para saudá-lo com exuberante alegria.

Bom. Até aqui chegava a teoria de que os animais podiam perceber o mal.

Ela sorriu ante a ideia, e ele deu meia volta quase imediatamente, como se ela tivesse falado em voz alta. Seus cachos dourados estavam uma vez mais, repartidos em relevo angélico, enquanto lhe dizia:

— Dentro ou fora, senhorita Fiori. Você põe a prova minha paciência.

Ela abriu a boca para falar, mas ele já tinha desaparecido da vista. Por isso escolheu o caminho de menor resistência.

Ou, ao menos, o caminho que era menos provável que terminasse em sua ruína, numa calçada de Londres, no meio da noite.

Ela o seguiu para dentro.

Quando a porta se fechou atrás dela e o criado se apressou a seguir a seu amo para qualquer lugar que donos e lacaios fossem, Juliana fez uma pausa na porta de entrada iluminada, detendo-se no amplo vestíbulo de mármore com seus espelhos dourados nas paredes, que serviam para fazer que o grande espaço parecesse maior ainda. Havia meia dúzia de portas que davam aqui e ali, e um corredor longo e escuro que se estendia longamente no interior da casa.

O cão estava sentado na parte inferior da ampla escada, que conduzia aos pisos superiores da casa, e sob o silencioso escrutínio canino, Juliana estava de repente, vergonhosamente, consciente do fato de que ela estava na casa de um homem solteiro.

Desacompanhada.

Com a exceção de um cão. Que já se revelara como um péssimo juiz de caráter.

Callie não aprovaria. Sua cunhada a tinha advertido especificamente a fim de evitar situações deste tipo. Temia que os homens se aproveitassem de uma mulher italiana jovem com pouca compreensão da estreiteza britânica.

— Enviei uma mensagem a Ralston para que venham procurá-la. Você pode esperar no... — Ela levantou a vista quando ele se deteve em seco, e encontrando com o seu olhar, que se nublou com algo que, se não o conhecesse, poderia chamar-se preocupação.

Ela, entretanto, conhecia-o bem.

— No...? — Continuou ela, perguntando-se por que ele estava se aproximando dela a um ritmo alarmante.

— Meu Deus. O que lhe passou?

— Alguém a atacou — ele continuou.

Juliana viu como Leighton serviu dois dedos de uísque em um copo de cristal e lhe aproximou a bebida de onde ela estava sentada em uma das cadeiras de couro de grande tamanho em seu estudo. Ele empurrou o copo para ela, mas negou com a cabeça.

— Não, obrigada.

— Você deve tomá-lo. Resultar -á calmante.

Ela o olhou.

— Eu não estou precisando me acalmar, Sua Graça.

Seu olhar se estreitou, e ela se negou a afastar o olhar do retrato da nobreza inglesa que ele representava, alto e imponente, com boa aparência, de fato, quase insuportável e uma expressão de total e absoluta confiança fazendo ver que em sua vida jamais tinha sido questionado.

Jamais, até agora.

— Nega que alguém a atacou?

Ela encolheu um dos ombros sem dizer nada, e permaneceu tranquila. O que podia dizer? O que podia lhe dizer que não pudesse se voltar contra ela? Ele diria, nesse tom imperioso e arrogante, que se tivesse sido mais uma dama... Se tivesse tido mais cuidado com sua reputação... Se ela tivesse se comportado mais como uma inglesa e menos como uma italiana... Então tudo isto não teria acontecido. Ele a tratava como todos outros.

Tal como o tinha feito do momento em que tinha descoberto sua identidade.

— Importa? Estou segura de que vai decidir que eu organizei esse ataque com o fim de apanhar a um marido. Ou algo igualmente ridículo. — Ela tinha tido a intenção de que as palavras lhe chocassem, mas não o fizeram.

Em troca, ele a olhava de cima abaixo, com um olhar longo e frio, tendo em conta o estado de sua face e de seus braços, marcas de arranhões, seu vestido arruinado, rasgado em dois lugares, manchado de sujeira e o sangue de suas palmas cortadas.

Um dos lados de sua boca se torceu no que ela imaginava que era um pouco parecido ao asco, e não pôde evitar dizer:

— Uma vez mais, comprova que sou menos que digna de sua presença, não é certo? — Mordeu a língua, desejando não ter falado.

Encontrou-se com seu olhar.

— Eu não disse isso.

— Não tinha que fazê-lo.

Ele tomou um sorvo de uísque quando um suave golpe soou na porta entreaberta da sala. Sem tirar os olhos dela, o duque gritou:

— O que?

— Trouxe as coisas que solicitou Sua Graça. — Arrastando os pés um criado entrou na habitação com uma bandeja, que continha uma jarra, ataduras, e vários recipientes pequenos. Pôs a carga sobre uma mesa baixa próxima.

— Isso é tudo.

O criado se inclinou uma vez mais, cuidadosamente, e se despediu. Leighton foi para a bandeja. Ela observou como elevou uma toalha de linho e a molhou numa das bordas da bacia.

— Você não lhe agradeceu.

Ele deu uma olhada de surpresa para ela.

— A noite não me pôs exatamente em um estado mental de agradecimento.

Ela ficou rígida ante seu tom, podia ouvir a acusação implícita ali.

Bom. Ela também podia ser difícil.

— Entretanto, lhe fez um serviço. — Ela fez uma pausa para ver o efeito de suas palavras. — Não lhe agradecer faz de você um porco.

Houve um golpe antes que seu significado ficasse claro.

— Grosseiro.

Ela agitou uma mão.

— De qualquer maneira. Um homem diferente lhe teria agradecido.

Ele se aproximou dela.

— Não quererá dizer um homem melhor?

Seus olhos se abriram fingindo inocência.

— Nunca. Você é um duque, depois de tudo. Sem dúvida, não há nenhum melhor que você.

As palavras foram um golpe direto. E, depois das coisas terríveis que havia dito a ela na carruagem, ele merecia.

— Uma mulher diferente se daria conta de que está em dívida comigo e teria mais cuidado com suas palavras.

— Não querer dizer talvez, uma mulher melhor?

Ele não respondeu, em seu lugar tomou o assento frente a ela lhe estendendo a mão, palma acima.

— Dê-me suas mãos.

Ela as puxou perto do peito, cautelosa.

— Por quê?

— Estão machucadas e ensanguentadas. Necessitam limpeza.

Ela não queria que ele a tocasse. Não confiava em si mesma.

— Elas estão muito bem.

Ele fez um grunhido, frustrado, e o som enviou um calafrio através dela.

— É certo o que dizem dos italianos. — ficou enrijecida ante as palavras que continham a promessa de um insulto.

— Que somos superiores em todos os sentidos?

— É impossível para você admitir a derrota.

— Um traço que serve muito bem a César.

— E como está indo o Império Romano nestes dias?

O tom casual e superior lhe dava vontade de gritar insultos em sua língua nativa.

Esse homem era impossível.

Olharam-se um ao outro durante um longo minuto, nenhum disposto a recuar até que finalmente ele falou.

— Seu irmão estará aqui a qualquer momento, senhorita Fiori. E vai ficar o suficientemente furioso ainda sem ver suas palmas ensanguentadas.

Ela baixou o olhar para sua mão. Tinha razão, é obvio. Ela não tinha mais remédio que estender a ele.

— Isto vai doer. — As palavras foram a única advertência antes que passasse o polegar sobre a palma brandamente investigando a pele ferida ali, agora com crostas de sangue seco. Ela conteve o fôlego com o toque.

Ele a olhou ao escutá-la.

— Desculpe-me.

Ela não respondeu, e em seu lugar, começou a investigar as feridas de sua outra mão.

Não lhe permitiria ver que não era a dor o que lhe impossibilitava respirar.

Ela já esperava, é claro, essa reação inegável e não desejada, que a ameaçava cada vez que o via. Que surgia em seu interior quando ele se aproximava.

Era aversão física. Ela estava certa disso.

Ela nem sequer pensaria na possibilidade de outra alternativa.

Tentando fazer uma avaliação clínica da situação, Juliana olhou suas mãos, quase entrelaçadas. O calor na sala aumentou imediatamente e foi ficando cada vez mais quente.

Ele tinha umas mãos grandes, dedos longos e bem cuidados, polvilhados com finos pelos de ouro.

Deslizou um dedo brandamente sobre a perversa contusão que tinha aparecido no pulso, e ela levantou o olhar e o encontrou olhando a pele cor púrpura.

— Você me dirá quem lhe fez isto.

Havia uma certeza fria nas palavras, como se quisesse fazer sua vontade, e ele, a sua vez, dirigisse a situação. Mas Juliana o conhecia melhor. Este homem não era um cavalheiro. Ele era um dragão. O líder deles.

— Diga-me, Sua Graça, como é acreditar que sua vontade existe unicamente para fazer-se?

Seu olhar voou para ela, obscurecido pela irritação.

— Você me dirá senhorita Fiori.

— Não, não o farei.

Ela devolveu a atenção a suas mãos. Não era frequente que Juliana se sentisse delicada já que era mais alta que quase todas as mulheres e muitos dos homens em Londres, mas este homem a fazia sentir-se pequena. Seu polegar era apenas maior que o menor de seus dedos, que levava o anel com o selo de ouro e ônix que era uma prova de seu título.

Um aviso de sua estatura.

E do longe que ele acreditava que ela estava debaixo dele.

Ela levantou o queixo ante aquele pensamento, a ira e o orgulho ferido a queimavam em uma corrida quente de sentimentos, e nesse preciso momento, ele tocou a pele danificada da palma de sua mão com o linho úmido. A dor aguda a distraiu de seus pensamentos ao tempo que soltava uma maldição em italiano.

Ele não se deteve em seus cuidados enquanto lhe dizia:

— Eu não sabia que dois animais fariam uma coisa assim.

— É descortês você escutar o que eu disse.

— É bastante difícil não escutar se estiver a escassos centímetros de mim, gritando seu mal-estar.

— As damas não gritam.

— Parece que as damas italianas o fazem. Em particular, quando estão sob tratamento médico.

Ela resistiu à tentação de sorrir.

Ele não era divertido.

Ele baixou a cabeça e se concentrou em sua tarefa, enxaguar o pano de linho na bacia de água limpa. Ela estremeceu enquanto o tecido fresco retornava a percorrer sua mão, e o viu duvidar brevemente antes de continuar.

A pausa momentânea a intrigava. O duque de Leighton não era conhecido por sua compaixão. Era conhecido por sua indiferença arrogante, e ela ficou surpresa que ele tinha descido tão baixo para executar uma tarefa servil como a limpeza do cascalho em suas mãos.

— Por que faz isto? — Espetou na seguinte passada do linho.

Ele não deteve seus movimentos.

— Eu disse. Seu irmão vai estar bastante difícil de se lidar, sem contar com que derrame todo seu sangue sobre você mesma. E sobre meu mobiliário.

— Não. — Ela sacudiu a cabeça. — Quero dizer, por que faz isto? Não tem um batalhão de serventes que estão esperando para levar a cabo uma tarefa tão desagradável?

— Eu o faço — E o que?

— Os serventes falam senhorita Fiori. Eu preferiria que tão poucas pessoas como fosse possível saibam que está aqui, sozinha, e a esta hora.

Ela era um problema para ele. Nada mais.

Depois de um longo silêncio, encontrou-se com seu olhar.

— Você não está de acordo?

Ela se recuperou rapidamente.

— Não, absolutamente. Não estou mais que assombrada de que um homem de sua riqueza e importância tenha serventes que fofocam. As pessoas poderiam pensar que você obteve a maneira de despoja-los de todos seus desejos de socializar.

Um dos lados da boca dele se apertou, e negou com a cabeça.

— Apesar de que a estou ajudando, está procurando maneiras de me atacar.

Quando ela respondeu, seu tom era grave, e suas palavras verdadeiras.

— Me perdoe se estiver receosa de sua boa vontade, Sua Graça.

Seus lábios se apertaram em uma linha fina e reta, e logo tomou sua outra mão, repetindo as ações. Ambos olhavam enquanto limpava o sangue seco e o cascalho da palma de sua mão, deixando a descoberto a carne tenra de cor rosa que demoraria vários dias em sarar.

Seus movimentos eram suaves, mas firmes, e o percurso do fino linho sobre a pele rasgada se fez mais tolerável, enquanto limpava as feridas, Juliana viu como um cacho dourado lhe caía sobre a testa. Seu aspecto era, como sempre, severo e intocável, como uma das estátuas de mármore apreciadas de seu irmão.

Ela se encheu de um desejo familiar, um que se apoderava dela cada vez que estava perto dele.

O desejo de romper sua fachada.

Ela o tinha vislumbrado sem ela duas vezes.

E então ele tinha descoberto quem era ela, a irmã italiana de um dos canalhas mais notórios de Londres, apenas a filha ilegítima de uma marquesa decaída e seu marido comerciante, criada longe de Londres e de seus costumes, tradições e regras.

O contrário de tudo o que ele representava.

A antítese de tudo o que ele queria ter em seu mundo.

— Meu único motivo é que chegue a sua casa de modo discreto, com ninguém mais que seu irmão sabendo da sua pequena aventura desta noite.

Atirou o linho na bacia de água agora cor rosa e levantou um dos potes pequenos da bandeja. Abriu-o, liberando um aroma de romeiro e limão, e retornou a suas mãos uma vez mais.

Ela se deu por vencida facilmente desta vez.

— Em realidade não espera que acredite que está preocupado por minha reputação?

Leighton colocou a ponta de um dedo no amplo recipiente, concentrando-se em suas feridas enquanto alisava o unguento em sua pele. O medicamento combatia a ardência, deixando um bem-vindo frescor, onde seus dedos a acariciavam. O resultado era a ilusão irresistível de que seu toque fosse o precursor do prazer relaxante que alagava sua pele.

Que não o era.

Não, absolutamente.

Ela segurou seu suspiro antes que se envergonhasse. Ele o ouviu, não obstante. Essa sobrelanceira dourada se levantou outra vez deixando-a com o desejo irresistível de poder acariciá-la.

Ela tirou sua mão. Ele não tratou de detê-la.

— Não, senhorita Fiori. Não estou preocupado por sua reputação.

É obvio que não estava.

— Estou preocupado pela minha.

A implicação de ser encontrado com ela, que os vinculassem, pudesse danificar sua reputação, ardeu talvez mais que os machucados que teve em suas mãos mais cedo essa noite.

Ela respirou fundo, preparando-se para a batalha verbal que viria a seguir, quando soou uma voz furiosa da porta.

— Se você não tirar as mãos de cima da minha irmã neste mesmo instante, Leighton, sua apreciada reputação será o menor de seus problemas.

CAPÍTULO 2



Há uma razão pela qual as saias são longas e os cordões dos sapatos são complexos. A dama refinada não expõe seus pés. Nunca.

Um tratado da mais refinada das damas.

Aparentemente, malandros reformados encontram um pouco de desafio em um dever fraternal.

A Folha do Escândalo, outubro 1823.

Era muito possível que o marquês de Ralston fosse matá-lo.

Não é que Simon tivesse nada que ver com o estado atual da senhorita.

Não foi sua culpa que tivesse aterrissado em sua carruagem depois de batalhar com, pelo que ele podia adivinhar, um arbusto de azevinho, os paralelepípedos da antiga Casa Ralston, e a quina de sua carruagem.

E um homem.

Simon Pearson, décimo primeiro Duque de Leighton, fez caso omissa da ira feroz que estalou em seu interior, ante a ideia da contusão púrpura que rodeava o pulso da moça e voltou sua atenção a seu furioso irmão, que estava atualmente rodeando o perímetro do estúdio de Simon como um animal enjaulado.

O marquês se deteve frente a sua irmã e encontrou sua voz.

— Pelo amor de Deus, Juliana. Que diabos te passou?

A linguagem teria feito ruborizar a qualquer mulher.

Juliana não se alterou.

— Eu caí.

— Você caiu.

— Sim. — Fez uma pausa. — Entre outras coisas.

Ralston olhou ao teto como pedindo paciência. Simon reconheceu a emoção. Ele tinha uma irmã também, que lhe tinha dado algo mais além da sua cota de frustração.

E a irmã de Ralston era mais irritante do que nenhuma mulher devia ser.

Mais bela, também.

Ficou rígido ante tal pensamento.

É obvio, ela era formosa. Era um fato empírico. Inclusive com seu vestido manchado, rasgado, deixava à maioria das outras mulheres de Londres envergonhadas. Ela era uma mescla surpreendente de delicada pele de porcelana inglesa, líquidos olhos azuis, nariz perfeito, e um insolente e exótico queixo italiano, com seus selvagens cachos negros, lábios carnudos e curvas exuberantes que um homem teria que estar morto para não dar-se conta.

Não estava morto, depois de tudo.

Simplesmente não estava interessado.

Uma lembrança cintilou em sua memória.

Juliana em seus braços, subindo na ponta de seus pés, apertando seus lábios sobre os dele.

Resistiu a essa imagem.

Também era audaz, descarada, impulsiva, um ímã para os problemas, e exatamente o tipo de mulher que ele queria longe.

Assim, é obvio, tinha aterrissado em sua carruagem.

Suspirou, endireitando a manga de seu casaco e voltando sua atenção para o quadro que tinha diante.

— E como seus braços e rosto se raspam? — Continuou Ralston ao cheirar algo nela. — Parece que correu através de um roseiral.

Ela inclinou a cabeça.

— Eu poderia tê-lo feito.

— *Poderia tê-lo feito?* — Ralston se aproximou dela, e Juliana ficou frente a seu irmão. Aqui não havia uma senhorita melindrosa.

Ela era alta, pouco comum para uma mulher. Não eram todos os dias que Simon conhecia uma mulher com a qual não tinha que inclinar-se para conversar.

A parte superior de sua cabeça chegava a seu nariz.

— Bom, eu estava um pouco ocupada, Gabriel.

Havia algo nas palavras, de fato um assunto tão importante, que Simon tinha se admirado por seu divertimento, chamando a atenção sobre si mesmo.

Ralston se voltou para ele.

— Oh! Eu não riria muito forte, se fosse você, Leighton. Tenho umas quantas coisas em mente para que me explique a sua participação na farsa desta noite.

A incredulidade se apossou de Simon.

— Explicar? Eu não fiz mais que manter a garota afastada de arruinar a si mesma.

— Então, talvez gostasse de me explicar como é que os dois estavam sozinhos em seu estúdio, com suas mãos carinhosamente entrelaçadas, quando eu cheguei?

Simon ficou imediatamente consciente do que Ralston estava fazendo. E não gostava.

— O que é que está tratando de dizer, Ralston?

— Só que as licenças especiais se adquirirem por menos.

Seus olhos se estreitaram sobre o marquês, um homem em apenas era tolerado em um bom dia. E este não estava resultando ser um bom dia.

— Não me vou casar com a garota.

— Não há forma de que me case com ele — gritou ela no mesmo momento.

Bom. Ao menos estavam de acordo em algo.

Um momento!

Ela não queria casar-se com ele? Ela poderia fazer uma condenada cena ou pior. Ele era um Duque, pelo amor de Deus! E ela era um escândalo

ambulante.

A atenção de Ralston tinha retornado para sua irmã.

— Você se casará com quem eu lhe diga que se case se continuar com este comportamento ridículo, irmã.

— Prometeu-me... — começou.

— Sim, bom, não estava sendo acoçada nos jardins quando fiz essa promessa. — A impaciência se intuía no tom de Ralston. — Quem te fez isto?

— Ninguém.

A resposta muito rápida o irritou. Por que não ia revelar quem lhe tinha feito mal? Talvez ela não tenha querido falar sobre o assunto em privado com Simon, mas por que não com seu irmão?

Por que não permitir que se tomassem as represálias?

— Não sou um idiota, Juliana. — Prosseguiu Ralston caminhando. — Por que não me diz isso?

— Tudo o que precisa saber é que eu manejei bem a situação.

Ambos os homens congelaram. Simon não pôde resistir à tentação.

— Manejou, como?

Fez uma pausa, sustentando seu pulso machucado com a mão de uma maneira que lhe fez perguntar-se se poderia ter sofrido uma entorse.

— Bati nele.

— Onde? — Exclamou Ralston.

— Nos jardins.

O marquês olhou ao teto e Simon teve piedade dele.

— Acredito que seu irmão estava perguntando em que parte você golpeou seu atacante.

— Oh! No nariz. — Ela fez uma pausa ante o silêncio de surpresa que seguiu, e logo disse à defensiva: — Ele mereceu!

— E maldição que o merecia — Ralston esteve de acordo. — Agora me dê seu nome e vou acabar com ele.

— Não.

— Juliana. O golpe de uma mulher não é castigo suficiente por seu ataque.

Ela entrecerrou o olhar sobre seu irmão:

— Sério? Bom, havia uma grande quantidade de sangue tendo em conta que foi o golpe de uma mulher, Gabriel.

Simon piscou.

— Você lhe fez sangrar o nariz.

Um sorriso cruzou seu rosto.

— Isso não foi tudo o que fiz.

É obvio que não.

— Não me atrevo a perguntar... — Simon cutucou.

Ela olhou-o, e logo a seu irmão. Estava ruborizada?

— O que foi que fez?

— Eu... O golpeei... Em outros lugares.

— Onde?

— Em seu... — Ela vacilou, torcendo a boca enquanto procurava a palavra, logo desistiu. — Em seu inguine.

Se não tivesse entendido perfeitamente o italiano, o movimento circular de sua mão sobre uma área que geralmente acreditava que era totalmente inapropriado para a discussão por uma jovem de boa criação, tinha sido inconfundível.

— Oh, Meu Deus. — Não estava claro se as palavras de Ralston se entendiam como uma reza ou uma blasfêmia.

O que estava claro era que a mulher era uma gladiadora.

— Chamou-me uma torta! — anunciou, à defensiva.

Houve uma pausa. — Espera. Isso não está certo.

— Uma furcia4?

— Sim! Isso! — Ela avistou os punhos de seu irmão e olhou Simon. — Vejo que não é um elogio.

Era duro para ele escutar por cima do rugido em seus ouvidos. Ele gostaria de ter em seu punho ao homem.

— Não. Não é.

Ela o pensou por um momento.

— Bom, então merecia o que recebeu, ou não?

— Leighton. — Ralston encontrou sua voz. — Há algum lugar onde minha irmã possa esperar enquanto você e eu falamos?

Os sinos de alarme soaram fortes e estridentes.

Simon ficou em pé, desejando acalmar-se.

— É obvio.

— Vocês vão discutir sobre mim — exclamou Juliana.

A mulher alguma vez mantinha um pensamento para si mesmo?

— Sim — anunciou Ralston.

— Eu gostaria de ficar.

— Estou seguro de que sim.

— Gabriel... — ela começou, em um tom suave que Simon só tinha ouvido alguma vez utilizar com os cavalos salvos e com os internos de asilos.

— Não tente a sorte, irmã.

Fez uma pausa, e Simon viu com incredulidade como ela considerava seu próximo curso de ação. Por último, encontrou-se com seu olhar, seus olhos azuis brilhantes piscando com irritação.

— Sua Graça? Aonde me vai guardar enquanto você e meu irmão realizam negócios de homens?

Incrível. Ela resistia em todo momento.

Ele se moveu para a porta, lhe mostrando o corredor. Seguindo-o para fora, ele apontou a habitação diretamente em frente à deles.

— A biblioteca. Você pode ficar cômoda ali.

— Mmm. — O som era seco e descontente.

Simon conteve um sorriso, incapaz de resistir burlar-se dela por uma última vez.

— E posso dizer que estou contente de ver que está disposta a admitir a derrota?

Ela se voltou para ele e deu um passo mais perto, seu peito quase o tocando. O ar se fez mais pesado entre eles, e foi alagado com seu aroma... Groselhas vermelhas e manjerição. Era o mesmo aroma que tinha notado faz meses, antes que ele descobrisse sua verdadeira identidade. *Antes que tudo tivesse mudado.*

Resistiu o impulso de olhar a extensão de pele por cima da borda verde intenso de seu vestido e em vez disso deu um passo atrás.

A garota era totalmente ignorante do sentido da decência.

— Posso admitir a derrota na batalha, Sua Graça. Mas nunca na guerra.

Viu-a cruzar o vestíbulo e entrar na biblioteca, fechando a porta detrás dela, e ele balançou com a cabeça.

Juliana Fiori era um desastre esperando acontecer.

Era um milagre que tivesse sobrevivido à metade de um ano na sociedade.

Era um milagre que eles tivessem sobrevivido meio ano com ela. — Nocauteou com uma joelhada nas... — Disse Ralston, quando Simon voltou para estúdio.

— Parece que sim — respondeu, fechando a porta com firmeza, como se pudesse bloquear a mulher além dos problemas.

— Que diabos vou fazer com ela?

Simon piscou uma vez. Ralston e ele apenas se toleravam entre si. Se não fosse pelo irmão gêmeo do marquês, seu amigo, nenhum deles optaria por falar com o outro. Ralston tinha sido sempre um idiota. Não estava em realidade pedindo a opinião do Simon, ou sim?

— Oh, por amor de Deus, Leighton, era retórica. Sei que não devo te pedir conselho. Em particular, a respeito de irmãs.

A farpa atingiu a verdade, e Simon sugeriu precisamente onde Ralston podia ir obter alguns conselhos.

O marquês pôs-se a rir.

— Muito melhor. Eu estava cada vez mais preocupado pela forma elegante em que a sociedade lhe converteu. — Ele foi para o aparador e se serviu três dedos do líquido de cor âmbar em um copo. Voltando, disse: — Uísque?

Simon voltou a sentar-se, dando-se conta de que poderia estar diante de uma longa noite.

— É uma generosa oferta — disse secamente.

Ralston lhe entregou o copo e se sentou.

— Agora vamos falar de como é que se te ocorreu trazer a minha irmã em sua casa no meio da noite.

Simon tomou um longo trago, desfrutando do ardor do licor em sua garganta.

— Disse isso. Estava em minha carruagem quando fui embora de sua festa.

— E por que não me informou da situação imediatamente?

Como pergunta, era bastante boa. Simon fez girar o copo de uísque na mão, pensando. Por que não tinha fechado a porta da carruagem e ido procurar diretamente Ralston?

A garota era incomum e impossível e tudo o que não podia suportar em uma mulher.

Mas ela era fascinante.

Ela tinha sido sincera do primeiro momento em que a tinha conhecido, na maldita livraria, comprando um livro para seu irmão. E então se encontraram outra vez na Exposição de Arte Real. E lhe tinha deixado acreditar...

— *Talvez me diga seu nome? — Tinha pedido, desejoso de não perdê-la de novo. As semanas transcorridas na livraria tinham sido intermináveis. Ela tinha franzido os lábios, em uma careta perfeita, e ele tinha pressentido a vitória. — Eu direi primeiro. Meu nome é Simon.*

— *Simon — Tinha amado o som de seu nome em sua língua, dito nome que não tinha utilizado publicamente nas últimas décadas.*

— E o teu, minha senhora?

— Oh, acredito que isso arruinaria a diversão — deteve-se, seu radiante sorriso iluminando a sala. — Não está de acordo, excelência?

Ela sabia que ele era um Duque. Ele deveria ter reconhecido então que algo andava mal. Mas em troca, ficou paralisado. Sacudindo a cabeça, ele tinha avançado lentamente sobre ela, que se escorria para trás para manter a distância, a perseguição lhe tinha cativado.

— Agora, isso é injusto.

— Parece-me mais que justo. Apenas que sou uma detetive melhor que você.

Fez uma pausa, tendo em conta suas palavras.

— Parece que sim. Talvez devesse simplesmente adivinhar sua identidade?

Ela sorriu.

— Tem o caminho livre.

— Você é uma princesa italiana, aqui com seu irmão em alguma visita diplomática ao rei.

Ela havia inclinado a cabeça no mesmo ângulo que tinha esta tarde, enquanto conversava com seu irmão.

— Talvez.

— Ou, a filha de um conde Veronense, entretendo-se em sua primavera aqui, ansiosa por experimentar a legendária temporada em Londres.

Ela riu, o som era como a luz do sol.

— É muito desanimador que faça de meu pai um simples Conde. Por que não um Duque? Igual a você?

Ele tinha sorrido.

— Um duque, então — e adicionou em voz baixa: — Isso faria as coisas muito mais fáceis.

Ele a tinha deixado acreditar que era mais que uma simples plebeia.

O qual é obvio, ela não o era.

Sim, deveria tê-la levado para Ralston no momento que viu a pequena idiota no chão de sua carruagem, apertada no canto como se fosse uma mulher menor, como se pudesse haver-se escondido dele.

— Se eu tivesse ido te buscar, como crê que tivesse funcionado?

— Ela estaria dormindo em sua cama agora mesmo. Assim é como teria funcionado.

Fez caso omissa da visão dela dormindo, seus cabelos negros selvagens repartidos nos lençóis de linho branco, sua pele cremosa aparecendo no começo de sua camisola.

Se é que usava uma camisola para dormir.

Clareou a garganta.

— E se tivesse saltado de minha carruagem à vista de todos os celebrantes de Ralston House? Então, o que?

Ralston fez uma pausa para refletir.

— Bom, então, suponho que teria se arruinado. E estaria te preparando para uma vida de felicidade conjugal.

Simon voltou a beber.

— Assim provavelmente foi o melhor para todos nós que agisse como fiz.

Os olhos de Ralston se obscureceram.

— Esta não é a primeira vez que tão abertamente resiste à ideia de se casar com minha irmã, Leighton. Parece-me que estou começando a tomar como algo pessoal.

— Sua irmã e eu não somos adequados, Ralston. E você sabe.

— Não poderia manejá-la.

Os lábios de Simon se curvaram. Não havia um homem em todo Londres que pudesse lidar com a pirralha.

Ralston sabia.

— Ninguém vai querê-la. Ela é muito ousada. Muito impertinente. Ao contrário das boas garotas inglesas. — Fez uma pausa, e Simon se perguntou se o marquês estava esperando para ver se ele estava em desacordo. Não tinha nenhuma intenção de fazê-lo. — Ela diz tudo o que vem na cabeça no

mesmo instante, sem ter em conta como os que a rodeiam vão reagir. Ela ensanguenta os narizes de homens confiantes demais! — O último ele disse com uma gargalhada de incredulidade.

— Bom, para sermos justos, parecia que o homem desta noite merecia.

— Merecia, não é certo? — Ralston se deteve, pensando por um longo momento. — Não deve ser tão difícil encontrá-lo. Não pode haver muitos aristocratas com um lábio inchado por aí.

— E menos ainda coxeando por outra lesão — disse Simon com ironia.

Ralston negou com a cabeça.

— Onde crê que aprendeu essa tática?

A partir dos lobos pelos quais tinha sido evidentemente criada.

— Eu não sou tão condescendente para adivinhar.

O silêncio caiu entre eles, e depois de um longo momento, Ralston suspirou e se levantou.

— Eu não gosto de estar em dívida com você.

Simon sorriu ante a confissão.

— Nem sequer considerarei.

O marquês assentiu com a cabeça e se dirigiu para a porta. Uma vez ali, virou-se.

— Tivemos sorte, não é mesmo? Que haja uma temporada especial este outono? Para nos manter a todos nos assentos de nosso país?

Simon encontrou com o olhar de Ralston. O marquês não falava do que ambos sabiam que... Leighton tinha arrojado seu considerável poder detrás de um projeto de lei de emergência que poderia ter esperado facilmente à reunião da primavera do Parlamento para começar.

— A preparação militar é um assunto sério — disse Simon com calma deliberada.

— De fato, é. — Ralston cruzou seus braços e se recostou contra a porta.
— E o Parlamento é uma distração bem-vinda das irmãs, não?

O olhar do Simon se estreitou.

— Nunca se atracou a golpes comigo antes, Ralston. Não há necessidade de começar agora.

— Suponho que não poderia pedir sua ajuda com Juliana?

Simon ficou imóvel, o pedido entre eles.

Simplesmente lhe diga que não.

— Que tipo de ajuda?

Não simplesmente. -Não. - Leighton.

Ralston arqueou uma sobrancelha.

— Eu não estou pedindo que se case com a moça, Leighton. Relaxe. Eu poderia utilizar um par de olhos extra sobre ela. Quero dizer, ela não pode entrar nos jardins de nossa própria casa sem que seja atacada por homens não identificados.

Simon dirigiu a Ralston um olhar frio.

— Parece que o universo está te castigando com uma irmã que cria problemas tanto quanto você fez.

— Acho que pode ter razão. — Um pesado silêncio caiu entre eles. — Sabe o que pode acontecer a ela, Leighton.

Sim você viu.

As palavras permaneceram implícitas, mas Simon, entretanto as ouviu.

Porém, a resposta é não.

— Perdoe-me por não estar de todo interessado em te fazer o favor, Ralston.

Quase.

— Seria um favor a St. John — acrescentou Ralston, invocando o nome de seu irmão gêmeo, o... Gêmeo bom. — Talvez recorde que minha família dedicou uma boa quantidade de energia no cuidado de sua irmã, Leighton.

Aí estava.

O grande peso do escândalo, suficientemente potente para mover montanhas.

Não gostava de ter tal evidente fraqueza.

E só pioraria.

Durante um longo momento, Simon não se atreveu a falar. Por último, assentiu com a cabeça.

— Muito bem.

— Pode imaginar o quanto detesto a ideia de solicitar sua ajuda Duque, mas pense em quanto vai desfrutar de esfregá-la em minha cara pelo resto de nossos dias.

— Confesso que estava esperando não ter que sofrer por tanto tempo.

Ralston pôs-se a rir.

— É um idiota insensível. — Ele se aproximou para ficar atrás da cadeira que tinha deixado vazia. — Está preparado, então? Para quando a notícia sair?

Simon não pretendeu não entender. Ralston e St. John eram os únicos dois homens que conheciam o mais escuro dos segredos de Simon. Que destruiria a sua família e sua reputação se fosse revelado.

Que estava destinado a ser revelado cedo ou tarde.

Alguma vez estaria preparado?

Ainda não. Mas muito em breve.

Ralston o observava com um frio olhar azul que recordava a Simon ao de Juliana.

— Sabe que vamos estar junto com você.

Simon riu uma vez, sem senso de humor.

— Perdoe-me se não der muito valor ao apoio da Casa Ralston.

Um dos lados da boca de Ralston se levantou com um sorriso.

— Somos um grupo heterogêneo. Mas a isso compensamos com tenacidade.

Simon considerou à mulher em sua biblioteca.

— Isso não duvido.

— Suponho que vai se casar.

Simon se deteve no ato de levantar o copo aos lábios. — Como sabe?

O sorriso se converteu em um sorriso de cumplicidade.

— Quase todos os problemas podem ser resolvidos com uma viagem ao vigário. Em particular, o teu. Quem é a afortunada?

Simon considerou mentir. Considerou fingir que ele não a tinha escolhido. Todo mundo saberia muito em breve, entretanto.

— Lady Penélope Marbury.

Ralston assobiou longo e baixo.

— Filha de um casal de marqueses. Reputação impecável. Gerações de pedigree. A Santa Trindade de um partido desejável. E uma grande fortuna. Excelente escolha.

Não era nada que Simon não tinha pensado, é obvio, mas lhe doía, entretanto escutar em voz alta.

— Eu não gosto de te ouvir falar dos méritos de minha futura duquesa como se tratasse de um prêmio ganho.

Ralston se voltou para trás.

— Minhas desculpas. Eu tinha a impressão de que tinha escolhido a sua futura duquesa como se fosse um prêmio ganho.

Toda a conversa o punha incômodo. Era certo. Não ia se casar com lady Penélope por outra coisa mais que seus antecedentes irrepreensíveis.

— Depois de tudo, não é como se alguém fosse acreditar que o grande duque de Leighton se casaria por amor.

Não gostava do tremor de sarcasmo no tom de Ralston. É obvio, o marquês tinha sabido sempre o que lhe irritava. Desde que eram meninos. Simon se levantou disposto a mover-se.

— Acredito que vou procurar a sua irmã, Ralston. Chegou o momento que a leve para casa. E eu te agradecerá se pudessem manter seus dramas familiares longe de minha porta no futuro.

As palavras soaram imperiosas inclusive para seus ouvidos.

Ralston se endireitou, fazendo-o lentamente até chegar à sua altura, quase tão alto como Leighton.

— Certamente que eu tentarei. Depois de tudo, tem um montão de dramas familiares próprios ameaçando vir por baixo de sua porta, não?

Não havia nada em Ralston que a Simon agradasse.

Ele faria bem em recordar.

Saiu do estúdio e se dirigiu à biblioteca, abrindo a porta com mais força do que o necessário e ficando estático justo no interior da habitação.

Ela estava adormecida em sua cadeira.

Com seu cão.

A cadeira que tinha escolhido era uma em que ele tinha trabalhado muito e duramente para chegar a esse nível perfeito de comodidade. Seu mordomo tinha sugerido mudar o estofado inúmeras vezes, ao menos em parte, Simon imaginou o desgaste, a malha branda que ele considerava um dos melhores atributos do assento. Ele pilhou Juliana dormindo, sua arranhada bochecha contra os suaves fios de ouro do tecido gasto.

Havia tirado os sapatos e dobrado seus pés debaixo dela, e Simon negou com a cabeça tal comportamento. As senhoras londrinas não se atreveriam a ficarem descalças na intimidade de seus próprios lares, e, entretanto ali estava ela, fazendo-o comodamente e tomando uma sesta na biblioteca de um Duque.

Roubou-se um momento para observá-la, para apreciar como se adaptava perfeitamente a sua cadeira. Era maior que a média, construído especialmente para ele quinze anos antes, quando, cansado de sentar-se em cadeiras minúsculas, que sua mãe tinha declarado — *a altura da moda* — tinha decidido que, como Duque, estava bem dentro de seu direito de nascimento gastar uma fortuna em uma cadeira que se ajustasse a seu corpo. Era o suficientemente ampla para que se sentasse comodamente, com espaço adicional para acomodar um montão de papéis que requeressem sua atenção, ou, como era o caso neste momento, para um cão em busca de um corpo quente.

O cão, um cão mestiço de cor marrom que tinha encontrado em seu caminho no dia que entrou na antecâmara de sua irmã em um dia de inverno, agora viajava com Simon e tinha seu lar em qualquer lugar que o duque fosse. O canino era particularmente aficionado à biblioteca na casa da cidade, com suas três chaminés e móveis cômodos, e que tinha feito, obviamente, uma amiga. Leopold estava enrodilhado feito um pequeno novelo com a cabeça sobre uma das longas coxas de Juliana.

Coxas que Simon não deveria notar.

Que seu cão fosse um traidor era uma preocupação que Simon abordaria mais adiante.

Agora, entretanto, tinha que lidar com a dama.

— Leopold — Chamou Simon, batendo uma mão contra sua coxa em uma manobra que tinha praticado antes, o cão chegou a seus calcanhares em questão de segundos.

Se tão somente a mesma ação levasse a garota até seus calcanhares.

Não, se ele tivesse escolha, não a despertaria tão facilmente. Em seu lugar, a faria despertar lentamente, com movimentos demorados e suaves ao longo dessas pernas maravilhosas... Agacharia junto a ela e enterraria sua cara nessa massa de cabelos de ébano, bebendo o aroma dela, para em seguida, percorrer com seus lábios o ângulo de sua encantadora mandíbula até chegar à curva suave de sua orelha. Ele sussurraria seu nome, despertando-a com a respiração em lugar de emitir algum som.

E logo ia terminar o que ela tinha iniciado meses antes.

A conduziria de uma forma totalmente diferente.

Empunhou suas mãos aos lados para evitar que seu corpo atuasse com a promessa de sua imaginação. Não havia nada que pudesse fazer que resultasse mais prejudicial, que alimentar o desejo inoportuno que sentia por essa mulher impossível.

Simplesmente, tinha que recordar que tinha à Duquesa perfeita no mercado.

E a senhorita Juliana Fiori nunca ia ser isso.

Não importava quão bem preenchesse sua poltrona favorita.

Já era hora de despertar à garota.

E mandá-la a sua casa.

CAPÍTULO 3



Os salões das damas são focos de imperfeição.

As damas deliciosas não precisam ficar em seu interior.

Um tratado da mais refinada das damas.

Certamente não há lugar mais interessante em toda Londres, que o terraço de um salão de baile...

A Folha do Escândalo, outubro 1823.

— Pensei que a temporada tinha terminado e aqui estamos em mais bailes!

Juliana desabou num sofá em uma pequena antecâmara do salão de descanso das damas de Weston House e deixou escapar um longo suspiro, massageando seus pés através de seus finos sapatos de baile.

— Deveríamos. — Mariana sua amiga mais próxima, a flamejante duquesa de Rivington, levantou a borda do seu vestido azul e inspecionou o lugar onde tinha ficado a prega. — Mas enquanto o Parlamento permanece em sessão, os bailes da temporada serão a última moda. Cada anfitriã querará que sua festa de outono seja mais impressionante que a anterior. Só pode culpar a si mesma — disse Mariana com ironia.

— Como eu ia saber que Callie começaria uma revolução de entretenimento em meu favor? — Calpurnia, a irmã de Mariana e cunhada de Juliana, tinha sido a encarregada da suave introdução de Juliana à sociedade londrina depois de sua chegada nessa primavera. Uma vez que o verão tinha chegado, a marquesa tinha renovado seu objetivo. Uma onda de bailes de verão e atividades tinha mantido Juliana nos olhos do público e

manteve a outras anfitriãs da alta sociedade na cidade depois de que a temporada tinha terminado de vez.

O objetivo do Callie era um matrimônio inteligente.

Fizera sua meta para que Juliana realizasse um casamento inteligente.

E Juliana só queria sobreviver à sua meta.

Acenando com a mão a uma jovem ajudante, Mariana tirou um dedal e fio de sua bolsa e o entregou à garota, que já estava de cócoras para reparar o dano. Encontrando o olhar de Juliana no espelho, disse:

— É tão afortunada por ter escapado do baile Extravagância em Laranja de Lady Davis a semana passada.

— Na verdade ela não o chamava assim.

— Ela chamou! Você devia ter visto o lugar, Juliana... Era uma explosão de cor, e não no bom sentido. Tudo era de cor laranja da roupa... Os acertos florais... Os criados tinham novos uniformes, pelo amor de Deus... A comida...

— A comida? — Juliana enrugou o nariz.

Mariana assentiu com a cabeça.

— Foi horrível. Tudo era cor cenoura. Um festim para os coelhos. Dê graças que não se sentisse bem.

Juliana se perguntava o que tivesse pensado Lady Davis - uma grande dama sobre tudo dogmática da alta sociedade - se a tivesse visto, coberta de arranhões de sua aventura com Grabeham na semana anterior.

Ela deu um pequeno sorriso ante a ideia e passou a arrumar meia dúzia de cachos soltos em seu lugar original.

— Pensei que agora que é uma duquesa, não tinha que comparecer a estes eventos.

— Eu pensei o mesmo. Mas Rivington me diz outra coisa. Ou, mais apropriadamente, a duquesa viúva me diz outra coisa. — Ela suspirou. — Se jamais vir outro cornucópia, será muito cedo.

Juliana se pôs a rir.

— Sim, deve ser muito difícil ser um dos convidados mais cobiçados do ano, Mariana. E de estar loucamente apaixonada por seu jovem e bonito

duque e ter a toda Londres a seus pés.

Os olhos de sua amiga brilharam.

— Oh, é um julgamento maldoso. Só espera. Algum dia vai descobrir por si mesma.

Juliana duvidava.

Apelidada de o Anjo de Allendale, Mariana fez um rápido trabalho de conhecer e casar-se com seu marido, o duque de Rivington, em sua primeira temporada. Tinha sido a fofoca de todo o ano, um matrimônio por amor, quase instantâneo que tinha dado lugar a umas luxuosas bodas e um torvelinho de compromissos sociais para o jovem casal.

Mariana era a classe de mulher que as pessoas adoravam. Todo mundo queria estar perto dela, e nunca lhe faltou companhia. Tinha sido a primeira amiga que Juliana fez em Londres, tanto ela como seu duque a tinha convertido em uma prioridade para demonstrar à alta sociedade que a aceitavam sem importar seu pedigree.

No primeiro baile de Juliana, tinha sido Rivington quem tinha reclamado sua primeira dança, e imediatamente a marcou com a aprovação de seu ducado venerável.

Tão diferente do outro duque que tinha estado presente essa noite.

Leighton não tinha mostrado nenhuma emoção aquela noite, não quando ela se encontrou com seu frio olhar cor de mel no salão de baile, não quando tinha passado perto dele no caminho à mesa dos refrescos, não quando tinha tropeçado com ela em uma habitação particular fora do baile.

Isso não era exatamente certo. Ele tinha mostrado emoção ali. Simplesmente não do tipo que tinha desejado.

Ele estava furioso.

— *Por que não me disse quem era?*

— *Importa?*

— *Sim.*

— *Que parte? Que minha mãe é a marquesa decaída de Ralston? Que meu pai era um comerciante muito trabalhador? Que não têm um título?*

— *Tudo é importante.*

Ela tinha sido advertida a respeito dele, o Duque de Disdain, muito consciente de sua posição na sociedade, que não tinha nenhum interesse para aqueles a quem ele considerava abaixo dele. Era conhecido por sua presença distante, por seu desprezo frio. Ela tinha ouvido que ele selecionava seus criados por sua discricção, suas amantes por sua falta de emoção, e seus amigos, bom, não havia indícios de que se rebaixaria a algo tampouco comum como a amizade.

Mas até esse momento, quando descobriu sua identidade, ela não acreditava nos rumores. Não até que ela sentiu a picada de seu desprezo infame.

Tinha doído. Muito mais que o julgamento de todos os outros.

E então ela o tinha beijado. Como uma tola. E tinha sido notável. Até que ele se afastou com uma violência que ainda a envergonhava.

— *É um perigo para si mesma e para os outros. Deveria retornar para a Itália. Se ficar, seus instintos lhe arruinarão completamente. Com uma velocidade extraordinária.*

— *Você gostou — disse Juliana, a acusação em seu tom a fazia manter a dor a raia.*

Ele a estabilizou com um olhar frio e calculado.

— *É obvio que sim. Mas a menos que esteja brigando por um posto como minha amante, e você seria uma boa amante.*

Ela engasgou, e ele remarcou seu ponto como uma adaga contra seu peito.

— *Você faria bem em recordar seu lugar.*

Esse tinha sido o momento em que ela decidiu ficar em Londres. Para demonstrar a ele e a todos os outros que a julgavam detrás de seus leques entalhados e suas frias olhadas inglesas, que ela era mais do que viram.

Correu a ponta do dedo sobre a marca de cor rosa apenas perceptível em sua têmpora, o último vestígio daquela noite, quando ela aterrissou no transporte de Leighton, trazendo de volta as lembranças dolorosas dessas primeiras semanas em Londres, quando ela era jovem e solitária e ainda esperava que pudesse converter-se em uma deles, estes aristocratas.

Ela deveria ter sabido melhor, é óbvio.

Eles nunca a aceitariam.

A criada terminou a prega para Mariana, e Juliana viu como sua amiga sacudiu a saia antes de girar para ela.

— Vamos?

Juliana baixou a cabeça dramaticamente.

— Temos de ir?

A duquesa riu e se levantaram para reingressar à área principal do salão.

— Ouvi que foi pega em um abraço tórrido nos jardins na noite do baile de Ralston no outono.

Juliana ficou imóvel, imediatamente reconheceu o tom elevado, nasal de Lady Sparrow, uma das piores fofoqueira da sociedade.

— Nos jardins de seu irmão? — O grito de assombro incrédulo manifestou que Juliana era o objeto de sua conversa.

Seu olhar voou a uma claramente furiosa Mariana, que parecia a ponto de irromper na sala, e suas alheias ocupantes. O qual Juliana não podia permitir que ela fizesse. Pôs uma mão sobre o braço de sua amiga, detendo seu movimento, e esperou, escutando.

— Ela é só uma meia irmã.

— E todos sabem o que é essa outra metade. — Um coro de risadas remarcou a espetada, que golpeou com uma precisão dolorosa.

— É incrível que tantos a convidem a eventos — disse a outra arrastando as palavras. — Esta noite, por exemplo... Eu pensava que Lady Weston era uma melhor juíza de caráter.

Assim também pensou Juliana.

— É algo difícil de convidar a Lorde e Lady Ralston sem estender o convite à senhorita Fiori — assinalou uma nova voz.

Um bufo de brincadeira seguiu.

— Não é que sejam muito melhor... Com o passado escandaloso do marquês e uma marquesa tampouco interessante. Ainda me pergunto o que ela fez para ganhá-lo.

— E nem pensar sequer de Lorde Nicholas, casar-se com uma garota provinciana. Pode você imaginar!

— Nunca duvide das ações que podem fazer esses pobres com o bom sangue inglês. Está claro que a mãe deixou há... Sua marca.

O último chegou numa gargalhada aguda e a fúria de Juliana começou a subir. Uma coisa era que os cruéis Harridans a insultassem, mas era algo completamente diferente que eles fossem atrás de sua família. As pessoas que amava.

— Eu não entendo por que Ralston não termina por fazer com sua irmã um acordo e a envia de volta à Itália.

Tampouco entendia Juliana.

Ela tinha esperado que isso ocorresse tantas vezes desde que chegou inesperadamente, nos degraus da Casa Ralston. Seu irmão nunca tinha sugerido, nem sequer uma vez.

Mas ainda tinha problemas para acreditar que ele não queria que se fosse.

— Não faça caso delas — sussurrou Mariana. — São horríveis, mulheres cheias de ódio que vivem para aborrecer os outros.

— Tudo o que se precisa é encontrar uma pessoa importante fazendo algo com ela, e ela será exilada da sociedade para sempre.

— Isso não deve demorar muito. Todo mundo sabe que os italianos têm uma moral relaxada.

Juliana tinha tido suficiente.

Ela passou junto a Mariana e no salão das damas, onde o trio estava retocando a maquiagem no grande espelho de uma parede da habitação. Lançou um amplo sorriso na direção das mulheres, desfrutou de um prazer perverso ante sua estupefação, uma combinação de choque e desgosto.

Sem deixar de divertir-se com sua própria brincadeira, estava a frieza formosa e totalmente maliciosa de Lady Sparrow, quem se tinha casado com

um visconde, rico como Cresus e o dobro de sua idade, três meses antes que o homem tivesse morrido, deixando-a com uma fortuna para fazer o que ela desejasse. A viscondessa se juntou a lady Davis, que ao parecer não tinha tido suficiente com o legendário espetáculo alaranjado, já que levava um vestido atroz que acentuava sua cintura, de tal maneira que converteu à mulher em uma perfeita abóbora.

Havia uma moça com eles que Juliana não conhecia. Pequena e loira, com uma simples cara redonda e os olhos muito arregalados, surpreendida, Juliana fugazmente se perguntou como esta pequena se encontrou com as víboras. Ela bem poderia ser assassinada ou ser transformada.

Não é que a Juliana importasse.

— Minhas senhoras — disse, mantendo a voz resplandecente — um grupo mais sábio poderia haver-se assegurado de que estavam sozinhas antes de desfrutar de uma conversa que enumera a tantas pessoas.

A boca de Lady Davis se abriu e se fechou numa representação aproximada da de uma truta antes que afastasse a vista. A mulher simplesmente ruborizou, juntando as mãos com força frente a ela em um gesto facilmente identificado como pesar.

Lady Sparrow não.

— Talvez estivéssemos perfeitamente conscientes de vossa companhia — burlou-se ela. — Nós simplesmente não estávamos com medo de ofendê-la.

No momento justo, Mariana saiu do hall e houve uma coletiva seção de suspiros enquanto que as outras mulheres registravam a presença da duquesa de Rivington.

— Bom isso é uma lástima — disse ela, com tom claro e autoritário, totalmente de acordo com seu título. — Tanto que me encontro ofendida.

Mariana saiu da habitação, e Juliana trouxe um sorriso pela impecável atuação de sua amiga, infestada de direito. Voltando sua atenção ao grupo de mulheres, ela se aproximou mais, desfrutando da forma em que mudaram seu mal-estar. Quando esteve o suficientemente perto para cheirar seu perfume enjoativo, disse:

— Não se preocupem senhoras. Diferentemente de minha cunhada, não tomo como uma ofensa.

Fez uma pausa, virando a cabeça para cada lado, inspecionando a si mesma antes de acomodar um cacho errante em seu penteado. Quando esteve segura de que ela tinha a atenção coletiva, disse:

— Vocês lançaram seu desafio. E eu aceito com prazer.

Ela não respirou até que saiu do salão das damas, a ira, a frustração e a dor corriam através dela em um efeito vertiginoso.

Não deveria ter se surpreendido que fofocassem sobre dela.

Havia intrigas a respeito dela desde o dia em que tinha chegado a Londres. Simplesmente tinha acreditado que haviam parado, até agora.

Mas não foi assim. Eles não o fariam.

Esta era sua vida.

Ela levava a marca de sua mãe, que seguia sendo um escândalo, inclusive agora, vinte e cinco anos depois de que ela tinha abandonado o seu marido, o marquês de Ralston, e os seus filhos gêmeos, fugindo da deslumbrante vida aristocrática para o Continente. Tinha aterrissado na Itália, onde tinha enfeitado o pai de Juliana, um comerciante muito trabalhador que jurou que nunca tinha desejado nada em sua vida mais do que queria à mulher inglesa de cabelo cor azeviche, de olhos faiscantes e um sorriso brilhante.

Casou-se com ele, em uma decisão que Juliana tinha chegado a identificar precisamente como o tipo de comportamento imprudente e impulsivo pelo que sua mãe tinha sido conhecida.

Comportamento que ameaçava surgir nela.

Juliana fez uma careta ante a ideia.

Quando ela se comportava de maneira impulsiva, era para proteger a si mesma. Sua mãe tinha sido uma aristocrata por direito com uma inclinação infantil ao drama. Apesar de que ela tinha envelhecido, não tinha amadurecido. Juliana supôs que deveria ter estado agradecida de que a marquesa a abandonasse quando o fez, por não pensar nas cicatrizes que todos eles tinham suportado. O pai de Juliana fez seu melhor esforço para criar sua filha. Tinha ensinado a atar um nó excelente, detectar um mau carregamento de mercadorias, e a regatear com o melhor e o pior dos comerciantes... Mas nunca tinha compartilhado o mais importante legado.

Nunca lhe havia dito que tinha uma família. Só tinha descoberto a respeito de seus meio irmãos nascidos de uma mãe que pouco tinha conhecido, depois de que seu pai tinha morrido — quando tinha descoberto que seus recursos tinham sido colocados em um fundo de garantia, e que um desconhecido marquês britânico ia ser seu tutor. Poucas semanas depois, tudo tinha mudado. Literalmente caiu às portas da Casa Ralston, com três baús de bens e sua criada. Tudo graças a uma mãe sem um pingo de instinto maternal.

Foi uma surpresa que as pessoas questionassem o caráter de sua filha?

Que a filha o questionasse, também?

Não. Ela não se parecia em nada a sua mãe.

Nunca tinha dado uma razão para pensar que era.

Não de propósito, pelo menos.

Mas não parecia importar. Estes aristocratas juntavam forças cavando insultos, olhando-a de cima e levantado seus narizes, e não vendo mais que a cara de sua mãe, o escândalo de sua mãe, a reputação de sua mãe.

Não lhes importava quem era ela.

Eles só se preocupavam de que ela não era como eles.

E como estava tentada de lhes mostrar quanta diferença havia realmente entre eles. Com estas criaturas imóveis, desinteressantes e sem paixão.

Tomou uma respiração profunda, calmante, olhando por cima do salão de baile às portas que conduziam aos distantes jardins mais à frente. Apesar de que começou a mover-se, sabia que não devia dirigir-se a eles.

Entretanto, todas as emoções a inundaram, ela não podia encontrar o espaço para preocupar-se com o que não devia fazer.

Mariana saiu de um nada, pondo uma delicada mão enluvada no cotovelo de Juliana.

— Está bem?

— Estou bem. — Ela não olhou a sua amiga. Não podia olhá-la.

— São horríveis.

— Também têm razão.

Mariana se deteve em seco ao ouvir as palavras, mas Juliana seguiu movendo-se, centrou-se particularmente nas portas francesas abertas... Na salvação que prometiam.

A jovem duquesa a agarrou rapidamente.

— Elas não estão certas.

— Não? — Juliana dando um olhar a sua amiga notou os grandes olhos azuis que a faziam um exemplar perfeito da feminilidade inglesa. — É obvio que sim. Eu não sou uma de vocês. Eu nunca o serei.

— E graças a Deus por isso — disse Mariana. — Todos são mais do que suficientes. Eu, por minha parte, estou muito feliz de ter alguém único em minha vida. Finalmente.

Juliana se deteve a beira da pista de baile, voltando-se para sua amiga.

— Obrigada. — Apesar de que não é certo.

Mariana sorriu como se já tudo tivesse sido reparado.

— Não há de que.

— Agora, por que não vai encontrar a seu bonito marido e dança com ele? Você não gostaria que começassem a murmurar sobre o estado de seu matrimônio.

— Que falem.

Os lábios de Juliana se torceram em um sorriso irônico.

— Fala como uma duquesa.

— A posição tem algumas vantagens. — Juliana forçou um sorriso.

— Vai.

A testa de Mariana se franziu com a preocupação.

— Tem certeza que está bem?

— Claro. Estou saindo por um pouco de ar fresco. Já sabe como não posso suportar o calor nestas salas.

— Tome cuidado — disse Mariana com um olhar nervoso para a porta.
— Não se perca.

— Preciso deixar um rastro de Petits fours?

— Talvez não seja uma má ideia.

— Adeus, Mari — Mariana se foi então, seu vestido azul brilhante foi tragado pela multidão quase imediatamente, como se não pudesse esperar a unir-se às massas.

Eles não absorviam a Juliana da mesma maneira.

Imaginou à multidão empurrando-a para fora, como cuspidor um caroço de azeitona da Ponte Pietra. Exceto, que isto não era tão simples como cair de uma ponte.

Não era tão seguro, ao menos.

Juliana tomou uns minutos para ver os dançarinos, dezenas de casais que formavam redemoinhos num baile folclórico rápido.

Ela não pôde resistir a comparar a si mesma com as mulheres que giravam ante ela, todas bonitas em seus vestidos em tons pastel, com seus corpos perfeitamente posicionados e suas personalidades temperadas. Eram o resultado das perfeitas reproduções inglesas, criadas e cultivadas como a videira para garantir a fruta e o idêntico e inofensivo vinho, desinteressante.

Notou à garota do salão ocupar seu lugar em um lado da longa fila de bailarinos, o rubor em suas faces fazendo-a mais viva do que parecia em primeiro lugar. Seus lábios se inclinaram no que Juliana só pôde assumir como um muito praticado sorriso, não era muito brilhante para parecer interessada, não muito tênue para indicar desinteresse. Parecia uma uva roliça, pronta para sua coleta. Amadurecida para sua inclusão nesta simples colheita inglesa.

A uva chegou ao final da linha, e ela e seu par se uniram.

Seu companheiro era o duque de Leighton.

Os dois foram ondulado e girando diretamente para ela, pela longa fila de pessoas presente, e não havia um só pensamento de dúvida na cabeça de Juliana. Eles eram um casal.

Não era simplesmente a forma em que se pareciam em tudo exceto seus pouco adequados dourados cabelos muito parecidos. Ela era algo comum, com o rosto um pouco muito redondo, seus olhos azuis com um toque muito pálido, seus lábios algo inferior ao arco perfeito de uma rosa e ele era... Bem... Era Leighton. A diferença de suas estaturas era imensa, ele

ultrapassava mais de 1,83 metros, e ela era pequena e leve, apenas alcançando seu peito.

Juliana virou os olhos para observá-los. Devia gostar da ideia de uma mulher tão pequena, algo que poderia pôr em marcha com o simples acionamento de um dedo. Mas eram correspondentes de outras maneiras, também.

A uva desfrutou da dança, era óbvio o brilho em seus olhos quando se encontrou com os olhares das outras mulheres em linha.

Ele não sorria enquanto dançava, apesar do fato de que sabia claramente os passos da dança. Ele não desfrutava. É óbvio este não era um homem que sentia prazer com as danças campestres.

Este não era um homem que sentia prazer em qualquer lugar.

Era surpreendente que ele tivesse estado disposto a rebaixar-se a uma atividade tão comum como dançar em primeiro lugar. Os dois tinham chegado ao final dos celebrantes e ficaram a poucos centímetros de Juliana, quando Leighton se encontrou com seu olhar. Foi fugaz, um segundo ou dois no máximo, mas quando se encontrou com seus olhos marrom mel, foi consciente do mal estar que se produziu no seu estomago. Era uma sensação a qual deveria estar acostumada para então, mas nunca deixava de surpreendê-la.

Ela sempre esperava que ele não lhe afetasse.

Que algum dia, esses poucos momentos, fugazes do passado seriam somente isso: o passado.

Em lugar de uma lembrança tão fora de lugar como ela estava neste mundo.

Virou-se para longe da dança, em direção às longas portas de vidro e da noite escura com urgência renovada.

Sem duvidar, deu um passo mais à frente através da balaustrada de pedra.

Apesar de ela ter saído da habitação, sabia que não deveria tê-lo feito.

Sabia que seu irmão e o resto de Londres a julgavam por suas ações.

Os balcões eram estufas do pecado a seus olhos.

O qual seria ridículo, é obvio. Certamente, nada de mal podia advir de um momento roubado no balcão. Eram os jardins que ela devia evitar.

Fazia frio lá fora, o ar estava cortante e agradável.

Ela olhou para o claro céu de outubro, detendo-se nas estrelas do céu.

Pelo menos algo era o mesmo.

— Não deveria estar aqui fora.

Ela não se voltou para as palavras. O duque se uniu a ela. Não estava de tudo surpreendida.

— Por que não?

— Algo pode lhe acontecer.

Levantou um ombro.

— Meu pai estava acostumado a dizer que as mulheres têm uma dúzia de vidas. Igual a seus gatos.

— Os gatos só têm nove vidas aqui — Sorriu por cima do ombro.

— E as mulheres?

— Muito menos. Não é prudente para você estar aqui sozinha.

— Era perfeitamente prudente até que você chegou.

— Essa é a razão de porque está... — Sua voz se foi apagando.

— Por isso sempre estou em problemas.

— Sim.

— Então por que está aqui, Sua Graça? Não arrisca sua própria reputação ao estar tão perto de mim?

Voltou-se para lhe encontrar a vários metros e soltou uma breve gargalhada.

— Bom. Não acredito que você pudesse ser arruinado dessa distância. Está a salvo.

— Prometi a seu irmão que lhe protegeria de escândalos.

Estava tão cansada de todo mundo creditando a um passado de escândalo.

Ela entrecerrou os olhos nele.

— Há uma ironia nisso, não lhe parece? Houve um tempo quando você era a maior ameaça para minha reputação. Ou não se lembra?

As palavras saíram antes que pudesse as deter, e seu semblante pétreo aumentou nas sombras.

— Isto não é nem o momento nem o lugar para discutir estas coisas.

— Alguma vez é de verdade?

Ele trocou de tema.

— Foi afortunada de que fosse eu quem a encontrou.

— Boa sorte? É isso o que foi?

Juliana se encontrou com seus olhos, procurando o calor que tinha visto uma vez ali.

Não encontrou nada, exceto seu inquebrantável e forte olhar aristocrático.

Como podia ser tão diferente agora?

Voltou-se para o céu, a ira queimando-a.

— Acho que é melhor que se vá.

— Acho que é melhor para você voltar para o baile.

— Por quê? Acredita que se dançar o “reel”, eles abrirão seus braços e me aceitarão no rebanho?

— Acredito que nunca a aceitarão se não tentar.

Ela virou a cabeça para olhá-lo aos olhos.

— Acredita que quero que me aceitem?

Ele a olhou durante um longo momento.

— Acredito que deveria querer que a aceitássemos.

Nós.

Ela endireitou os ombros.

— Por que teria que fazê-lo? Vocês são um grupo rígido, sem paixão, mais preocupados com a distância apropriada entre casais de baile que no mundo no que vivem. Acredita que suas tradições e seus costumes e suas

regras tolas fazem suas vidas mais desejáveis. Não o fazem. Fazem de vocês uns esnobes.

— Você é uma garota que não conhece o jogo que joga.

As palavras doeram. Não que ela demonstrasse.

Ela se aproximou mais, pondo a prova sua vontade de manter-se firme. Ele não se moveu.

— Acredita que considero isto um jogo?

— Acredito que é impossível considera-lo de outra forma. Olhe você mesma. A alta sociedade inteira está apenas a metros de distância, e está aqui, a um passo da ruína. — Suas palavras eram como o aço, os fortes planos de seu rosto em sombras na formosa luz da lua.

— Já disse. Não me importa o que pensam.

— É obvio que sim. Ou, já não estaria aqui. Já teria retornado a Itália e teria terminado conosco.

Houve uma longa pausa. Estava equivocado. Não lhe importava o que pensavam...

Importava o que ele pensava.

E isso só servia para frustrá-la ainda mais. Voltou-se para os jardins, agarrando o corrimão de pedra longa do balcão e perguntando-se o que aconteceria se ela corresse para a escuridão. Ser-se-ia encontrada.

— Vejo que suas mãos sararam.

Eles voltaram a ser corteses. Impassíveis.

— Sim. Obrigada. — Ela tomou uma respiração profunda. — Você parecia desfrutar da dança. — Houve um batimento do coração enquanto considerava a declaração.

— Era tolerável.

Ela riu um pouco.

— Que elogio, Sua Graça. — Fez uma pausa. — Sua parceira parecia desfrutar de sua companhia.

— Lady Penélope é uma excelente dançarina.

A uva tem um nome.

— Sim, bom, tive a boa fortuna de me encontrar com ela esta tarde. Posso lhe dizer que não tem uma excelente seleção de amigas.

— Não permito que a insulte.

— Não vai deixar? E como você está em condições de me fazer exigências?

— Digo muito a sério. Lady Penélope vai ser minha noiva. Você a tratará com o respeito que é devido.

Ia casar-se com a criatura ordinária. Sua boca se reduziu pela surpresa.

— Está comprometido?

— Ainda não. Mas é uma mera questão de formalidade neste ponto.

Supôs que era justo que ele fosse emparelhado com uma perfeita noiva inglesa. Exceto que parecia tão mal.

— Confesso, nunca ouvi ninguém falar tão indiferentemente sobre o matrimônio.

Cruzou os braços para se proteger do frio, a lã de seu casaco negro formal tencionando os seus ombros, fazendo insistência em sua amplitude.

— O que quer dizer? Nós combinamos bastante bem.

Ela piscou.

— Bastante bem.

Ele assentiu com a cabeça.

— Absolutamente.

— Tão apaixonado.

Não fez caso de seu sarcasmo.

— É um assunto de negócios. Não há espaço para a paixão em um bom matrimônio inglês.

Ele estava brincando. Devia estar.

— Como pode esperar viver sua vida sem paixão?

Ele respirou pelo nariz, e ela se perguntou se ele poderia cheirar sua própria arrogância.

— A emoção está sobre valorizada.

Ela deixou escapar um risinho.

— Bom, possivelmente poderia ser a coisa mais britânica que jamais ouvi ninguém dizer.

— É algo mau ser britânico? — Ele sorriu lentamente.

— Suas palavras, não as minhas — Continuou ela, sabendo que o irritava.
— Todos necessitam de paixão. Podia-se fazer muito com uma grande dose dela em todas as áreas de sua vida.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— E eu vou receber este conselho de você?

Quando ela assentiu com a cabeça, ele seguiu adiante.

— Portanto, me permita ser claro. Acredita que minha vida necessita paixão, uma emoção que a impele a ir aos jardins escuros e para carruagens estranhas e a terraços e a obriga a arriscar sua reputação com uma frequência alarmante?

Ela levantou o queixo.

— Eu acredito.

— Isso poderia funcionar para você, senhorita Fiori, mas eu sou diferente. Tenho um título, uma família e uma reputação que proteger. Por não mencionar o fato de que estou muito por cima de tal nível e... Desejos comuns.

A arrogância exalada dele era sufocante.

— Claro você é um duque — disse, com sarcasmo em seu tom. Ele o ignorou.

— Precisamente. E você é...

— Sou muito menos que isso.

Ele levantou uma sobrancelha de ouro.

— Suas palavras, não as minhas.

Seu fôlego escapou fora dela, como se tivesse recebido um golpe.

Ele merecia uma enorme e perversa queda. Do tipo que poderia arruinar a um homem para sempre.

Do tipo que só uma mulher pode dar. Do tipo que ela queria desesperadamente lhe dar.

— Você... seu asno — Apertou seus lábios em uma linha fina com o insulto, e se deixou cair em uma profunda e zombadora reverência. — Sinto muito, Sua Graça, pelo uso de tal linguagem. — Ela levantou seu olhar e o olhou através de suas escuras pestanas. — Você me permitirá que repita em seu superior idioma inglês. *Você é um Asno.*

— Levante-se — Falou através dos dentes.

Ela o fez, tragando de novo sua ira quando ele chegou até ela com seus fortes dedos cravando-se em seu cotovelo, e fazendo que lhe desse as costas à sala de baile. Quando continuou, sua voz era baixa e grave em seu ouvido.

— Você pensa que sua preciosa paixão mostra que é melhor que nós, quando o único que demonstra é seu egoísmo. Tem uma família que se esforça por reunir a aceitação da sociedade para você, e ainda assim nada disso lhe importa exceto sua própria motivação.

Ela o odiou então.

— Isso não é certo. Preocupo-me profundamente por eles. Eu nunca faria nada para... — Ela se deteve. — Eu nunca faria nada para machucá-los.

As palavras não eram precisamente certas. Ali estava ela, depois de tudo, em um terraço às escuras com ele.

Ele pareceu entender seus pensamentos.

— Sua imprudência lhe arruinará... E provavelmente a eles também. Se lhe importasse embora que fosse um pouco, tentaria se comportar como uma dama e não como uma reles...

Deteve-se antes que o insulto fosse dito.

Ela o ouviu de todos os modos. Uma calma profunda se estabeleceu em seu interior. Ela queria a este perfeito e arrogante homem, de joelhos. Se ele a imaginava imprudente, isso é o que ia ser.

Pouco a pouco, tirou o braço de sua mão.

— Acredita que está por cima da paixão? Pensa que seu mundo perfeito não necessita nada mais que normas rígidas e experiências sem emoções?

Deu um passo atrás com o desafio em suas palavras suaves.

— Eu não acredito. Sei.

Ela assentiu com a cabeça.

— Prove — Suas sobrancelhas se juntaram, mas não falou.

— Vou ensinar que nem sequer um duque gélido pode viver sem o calor.
Ele não se moveu.

— Não.

— Tem medo?

— Não estou interessado.

— Duvido que isso seja certo.

— Realmente não pensa na reputação, verdade?

— Se está preocupado por sua reputação, Sua Graça, é obvio, deveria ter um acompanhante.

— E se resisto a sua vida tempestuosa?

— Então case com a uva e tudo está bem.

Ele piscou.

— A uva?

— Lady Penélope. — Houve uma longa pausa. — Mas... Se você não pode resistir... — Ela se aproximou, seu calor era uma tentação no ar fresco de outubro.

— Então, o que? — Perguntou em voz baixa e escura.

Ela o tinha agora. Ela o faria cair. E seu mundo perfeito com ele.

Sorriu.

— Então, sua reputação corre grave perigo.

Ficou em silêncio, o único movimento foi a lenta contração de um músculo da mandíbula. Instante depois pensou que ia deixá-la ali, com sua ameaça flutuando no ar frio.

E então falou.

— Vou lhe dar duas semanas. — Não teria tempo para desfrutar de sua vitória.

— Entretanto, será você quem aprenderá a lição, senhorita Fiori.

A suspeita se acendeu.

— Que lição?

— A reputação sempre triunfa.

CAPÍTULO 4



Deve-se caminhar ou trotar. As damas delicadas nunca galopam.

Um tratado da mais refinada das damas.

O show de moda vem cada vez mais cedo...

A Folha do Escândalo, outubro 1823.

Na manhã seguinte, o duque de Leighton se levantou com o sol.

Lavou-se, vestiu-se com linho fresco e suave camurça, pôs suas botas de montar, atou seu lenço, e pediu seu cavalo.

Em menos de um quarto de hora, cruzou o vestíbulo de grande parte de sua casa da cidade, aceitando um par de luvas de montar a cavalo e um aceno de Boggs, seu sempre preparado mordomo, e saiu da casa.

Respirando o ar da manhã fresco com o aroma do outono, o duque se endireitou na sela, tal como o tinha feito todas as manhãs desde o dia em que assumiu o ducado, quinze anos antes.

Na cidade ou no campo, faça chuva ou sol, frio ou calor, o ritual era sacrossanto.

O Hyde Park estava virtualmente vazio a essa hora justo depois do amanhecer, poucos estavam interessados em montar a cavalo sem a possibilidade de serem vistos, e ainda menos se mostravam interessados em sair de seus lares a uma hora tão cedo. Esta era precisamente a razão pela que Leighton tanto desfrutava da manhã, o passeio, a tranquilidade só interrompida pelo ruído dos cascos, pelo som da respiração de seu cavalo mesclada com a sua. Enquanto galopava através das ruas longas e desertas que só umas horas mais tarde viriam a ser preenchidas com aqueles que ainda estavam na cidade, desejosos de alimentar-se das últimas intrigas.

A alta sociedade lidava com a informação, e o Hyde Park em um dia formoso era o lugar ideal para o intercâmbio de tal mercadoria.

Era só questão de tempo até que sua família fosse a mercadoria do dia.

Leighton se inclinou sobre seu cavalo, levando o animal para frente, mais rápido, como se pudesse escapar dos falatórios.

Quando se inteirassem de sua irmã, o enxame de más línguas, sua família ficaria com muito pouco para proteger seu nome e sua reputação. Os duques de Leighton retrocederiam onze gerações. Eles tinham lutado junto a Guilherme o Conquistador. E aqueles que ostentavam o título e a posição venerável até o momento por cima do resto da sociedade se levantavam com uma regra irrefutável: Não deixe que nada manche o nome.

Durante onze gerações, essa regra nunca tinha sido questionada.

Até agora.

Durante os últimos meses, Leighton fazia todo o possível para assegurar-se de que sua pessoa fosse isenta. Ele tinha se despedido de sua amante, lançou a si mesmo ao seu trabalho no Parlamento, e assistindo a dezenas de funções organizadas por aqueles que tinham influência sobre a percepção do caráter da alta sociedade. Ele tinha ido a bailes. Tomado chá. Frequentado o Almacks. Foi recebido pelas famílias mais respeitadas da aristocracia.

Espalhou um rumor razoável e aceito de que sua irmã se encontrava fora do país, por causa do verão. E logo, no outono. E, muito em breve, o inverno.

Mas não seria suficiente. Nada o seria.

E esse conhecimento, o profundo conhecimento de que nunca poderia proteger a sua família do curso natural dos acontecimentos, ameaçou sua serenidade.

Só ficava uma coisa.

Uma esposa irrepreensível, correta. Uma apreciada pela alta sociedade.

Ele tinha previsto reunir-se com o pai de Lady Penélope esse dia. O marquês de Needham e Dolby se aproximou de Leighton a noite anterior e sugeriu que se reunissem, para discutir o futuro. Leighton não tinha visto nenhuma razão para esperar, quanto mais rápido estivesse de acordo com o marquês que essa união seria conveniente, mais rápido poderia preparar-se

para fazer frente às más línguas que poderiam começar a mover-se em qualquer momento.

Um meio sorriso se desenhou em seus lábios. A reunião era uma mera formalidade. O marquês quase tinha chegado a propor a si mesmo a Leighton. Não teria sido a primeira proposta que recebeu essa noite.

Nem a mais tentadora.

Ele se ergueu em sua sela, freando ao cavalo, recuperando o controle uma vez mais. Uma visão cintilou, Juliana frente a ele como um guerreiro no balcão do Weston House. Lançando sua provocação como se não fosse nada mais que um jogo.

Vou lhe ensinar que nem sequer um duque gélido pode viver sem calor.

As palavras ressonaram em torno dele em seu cadenciado acento italiano, como se estivesse ali, sussurrando em seu ouvido uma vez mais. Fogo.

Fechou os olhos contra o pensamento, dando rédea solta ao cavalo outra vez, como se o vento cortante em suas faces pudesse combater as palavras e seu efeito sobre ele.

Ela o tinha perseguido. E ele tinha ficado tão furioso pela arrogância em sua voz, em sua certeza de que todos os princípios sobre os quais ele construiu sua vida eram tão ridículos, que ele não teria querido nada mais nesse momento que lhe demonstrar que estava equivocada. Que teria querido lhe demonstrar que sua insistência de que seu mundo não continha nada de valor, era tão ridículo como seu tolo atrevimento.

Assim que lhe tinha dado suas duas semanas.

Não tinha sido um arbitrário espaço de tempo. Daria duas semanas para tentar o melhor com ele, e lhe demonstraria ao final, que reputação regia o mundo. Ele enviaria o anúncio das iminentes bodas ao Time, e Juliana se interaria de que a paixão era uma tentação... E em última instância um caminho insatisfatório.

Se ele não tivesse aceitado sua ridícula provocação, ela não teria nenhuma dúvida em encontrar outra pessoa a que colocar em seus planos, alguém sem uma dívida para com Ralston e mais interesse em mantê-la na ruína.

Tinha feito um favor, de verdade.

Iria deixa-la fazer o pior.

Ah iria sim!

A palavra malvada cintilou, e com ela uma visão tentadora de Juliana. Suas pernas longas e nuas enredadas em seus lençóis de linho, com o cabelo esparramado como cetim pelo seu travesseiro, seus olhos, da cor das safiras do Ceilão, lhe prometendo o mundo com a curva de seus lábios carnudos, lhe sussurrando seu nome, procurando por ele.

Por um momento, permitiu-se a fantasia, tudo seria o que imaginou que iria gentilmente deitar sobre seu corpo longo e delicioso e enterrar-se em seu cabelo, a pele, o calor a dar boas-vindas em seu interior, entregando-se à paixão que ela emanava.

Seria o paraíso.

Tinha-a desejado desde o primeiro momento que a tinha visto, jovem e fresca e, portanto muito diferente das bonecas de porcelana que passavam diante dele desfilando pelas mãos que cheiravam a desespero.

E por um instante, tinha pensado que ele poderia ser capaz de tê-la. Tinha pensado que era uma joia exótica, estrangeira, precisamente o tipo de esposa que tão bem combinava com o duque de Leighton.

Até que se tinha dado conta de sua verdadeira identidade e o fato de que estava completamente fora da árvore genealógica requerida para sua duquesa.

Inclusive então, ele tinha pensado fazê-la sua. Mas não acreditou que Ralston ficaria bem ao saber que a sua irmã tinha sido convertida na amante de qualquer duque, e muito menos um duque que sentia prazer especialmente em lhe desagradar.

A rota de seus pensamentos foi interrompida, afortunadamente, pelo barulho de outro conjunto de cascos. Leighton se recostou em sua sela, desacelerando uma vez mais e olhando através da pradaria para ver um cavalo e seu cavaleiro a todo galope vindo para ele a uma velocidade temerária, inclusive para um cavaleiro com uma habilidade tão óbvia. Fez uma pausa, impressionado pelo movimento sincronizado do professor e o animal. Seus olhos seguindo as pernas longas e elegantes e os músculos negros sendo alavancados, e logo olhou à forma do cavaleiro com seu

cavalo, inclinando-se sobre o pescoço da criatura, sussurrando encorajamento.

Simon tentou encontrar-se com o olhar do cavaleiro, para acenar com a apreciação de um cavaleiro professor a outro. E ficou gelado.

Os olhos que encontrou eram de um azul brilhante, reluzente, com uma mescla de desafio e satisfação.

Certamente a tinha conjurado.

Mas não havia absolutamente nenhuma maneira possível de que Juliana Fiori estivesse ali, no Hyde Park, na madrugada, vestida com roupa de homem, montando em um cavalo a uma velocidade vertiginosa, como se estivesse na pista de Ascot.

Sem pensar, levou sua montaria a uma parada, incapaz de fazer outra coisa que ver como ela vinha de encontro a ele, sem saber o quanto, sem interesse na incredulidade e a raiva surgindo dentro dele, as emoções que liberavam uma luta poderosa, tão perturbadora que era o único em sua mente.

Então, ela estava sobre ele detendo-se tão rapidamente que ele soube imediatamente que não era a primeira vez que tinha cavalgado sua montaria tão forte ou tão rápido ou tão bem. Observou, sem palavras, já que ela tirou sua luva negra e acariciou a longa coluna do pescoço do cavalo, sussurrando palavras de encorajamento com um suave acento italiano ao enorme animal, que se inclinou para seu toque. Ela curvou seus dedos na pele da besta, premiando-o com um longo carinho.

Só então, uma vez que o cavalo tinha sido devidamente adulado, ela se dirigiu a ele, como se fosse absolutamente normal, um encontro totalmente apropriado.

— Sua Graça. Bom dia.

— Está louca? — Fossem as palavras duras e graves, um som alheio a seus próprios ouvidos.

— Decidi que se Londres... E você... Estão tão convencidos de meu caráter questionável, não há razão para preocupar-se tanto com ele, verdade?

Ela fez um gesto com a mão no ar como se estivesse discutindo a possibilidade de ser apanhada na chuva.

— Lucrecia não teve uma corrida desde que chegamos. E ela adora... Ou não, carinho?

Ela se inclinou uma vez mais para baixo, murmurando ao cavalo que se pavoneou com as palavras carinhosas de sua proprietária e soprou sua satisfação por ser tão bem elogiada.

Não é que ele pudesse culpar à besta.

Sacudindo o pensamento questionou:

— O que está fazendo aqui? Tem alguma ideia do que poderia ocorrer se fosse apanhada? O que está vestindo? O que te possuiu...

— Qual dessas perguntas gostaria que respondesse primeiro?

— Não me ponha a prova.

Ela não se deixou intimidar.

— Já lhe disse. Estamos dando um passeio. Você sabe tão bem como eu que há pouco risco em ser visto nesta hora. O sol apenas se levantara. E quanto a como estou vestida... Não acredita que é melhor que me vista como um cavalheiro? Desta maneira, se alguém me visse não pensaria nada a respeito. Muito menos do que fariam se estivesse em um traje de montar. Além disso, é muito menos divertido montar de lado, estilo amazona, como estou seguro de que você possa imaginar.

Deslizou a mão que ela tinha despido ao longo de sua coxa, o que sublinhou seu traje, e não podia deixar de seguir o movimento, tendo a silhueta da perna bem formada, escondida firmemente contra o flanco do cavalo.

Tentação.

— Não é verdade, Sua Graça?

Ele estalou seu olhar para o dela e se encontrou, reconhecendo a presumida diversão ali. Não gostou.

— Não é verdade, o que?

— Não se pode imaginar que é menos divertido montar como amazona? Tão adequado. Tão... Tradicional.

Uma familiar irritação estalou e com ela, a prudência. Ele olhou longamente a seu redor, comprovando a ampla extensão aberta de pradaria

para outros cavaleiros. Estava vazio. Graças a Deus.

— Por que tem que se arriscar?

Sorriu então, pouco a pouco, com o triunfo de um gato que pela primeira vez molha os bigodes em uma tigela de creme.

— Porque é maravilhoso. Por qual outra razão?

As palavras fossem um golpe à cabeça, suave e sensual e com absoluta confiança.

E totalmente inesperado.

— Não deveria dizer essas coisas.

Suas sobrancelhas se juntaram estreitamente.

— Por que não?

— Não é apropriado — Sabia que as palavras eram estúpidas quando ele as disse.

Deu um longo suspiro de sofrimento.

— Estamos além disso, não? — Quando ele não respondeu, ela insistiu: — Vamos, Sua Graça, você não está aqui em seu cavalo, quando o céu ainda estava riscado de noite, porque acha montar sozinho agradável. Está aqui porque concorda que é maravilhoso.

Ele apertou os lábios em uma magra linha, e ela posse a rir reconhecendo que lhe enviou um calafrio de consciência através dele. Fitou a luva, e ele observou o movimento, obcecado pela maneira precisa em que se ajustava a pele à delicada rede dos dedos.

— Pode negar, mas eu o vi.

Não pôde resistir.

— Viu o que?

— A inveja — Ela apontou com um dedo longo para ele em um gesto que deveria ter encontrado insolente. — Antes que soubesse que era eu neste cavalo... Você queria ser eu. Você quis dar total rédea solta a seu cavalo e passear... com paixão.

Com um movimento das rédeas, assinalou sua égua para a grande extensão de pradaria, vazia e esperando.

Ele a olhou de perto, sem poder apartar o olhar dela, da forma em que brilhava com bastante energia e poder.

Ele sabia o que vinha.

Ele estava preparado para isso.

— Uma corrida até o Serpentine. — As palavras eram de uma cadência suave de italiano, ficaram no ar atrás dela enquanto já estava em movimento. Em questão de segundos, ela ia a todo galope.

Sem pensar, foi atrás dela.

Seu cavalo era mais rápido, mais forte, mas Simon manteve em atenção a criatura, para ver Juliana. Cavalgava com mestria, movendo-se com sua égua, recostando-se sobre o pescoço da égua. Não podia ouvir, mas sabia que ela estava falando com a besta, lhe dando suaves palavras de incentivo, de louvor... Dando com elas a liberdade de correr tão rápido como quisesse.

Desde sua posição dois lances atrás, seus olhos seguiram Juliana, a coluna vertebral reta, a curva completa de seu traseiro, a forma em que suas coxas agarradas e bem posicionadas, davam ordens em silêncio, irresistíveis para o cavalo debaixo dela.

O desejo lhe golpeou duro e intenso.

Ele o rechaçou quase imediatamente.

Não era ela. Era a situação.

E logo voltou a olhar por cima do ombro, seus olhos azuis brilhando quando confirmou que a tinha seguido. Que ele estava detrás dela. Ela riu, o som viajou no vento cortante e o sol matutino, envolvendo seu redor enquanto retornou sua atenção à corrida.

Deu rédea solta a seu cavalo, cedendo o controle à besta.

Ele a ultrapassou em questão de segundos, a partir do amplo arco que seguiu ao longo de uma área arborizada do Parque, levava através da pradaria à curva do lago Serpentine. Entregou-se ao movimento de maneira em que o mundo passava, deixando nada mais que homem e cavalo.

Ela estava certa.

Era maravilhoso.

Olhou para trás, incapaz de conter-se e olhá-la, a vários lances e a observou enquanto se desdobrava, guiando sua égua fora do caminho que tinha escolhido, logo desacelerando enquanto desaparecia no espesso bosque mais à frente.

Onde condenadamente se dirigia?

Puxou as rédeas, o cavalo desdobrou suas patas dianteiras para executar a ordem, volteando-se quase no ar. E logo se foi, perseguindo pelos bosques, atrás dela.

O sol da manhã não tinha alcançado além da copa das árvores, mas a falta de luz não impediu que Simon atravessasse por esse difícil atalho pouco iluminado, que tinha estado apenas visível da pradaria. A emoção subiu por sua garganta, parte fúria, parte medo, enquanto o caminho se retorcia e rodava, burlando-se dele, com lampejos de Juliana à frente.

Seguiu uma curva particularmente pronunciada e se deteve na parte superior de uma longa e sombria reta, onde ela urgia sua égua para frente, para uma enorme árvore destruída que bloqueava o caminho.

Com uma claridade aterradora viu seu propósito. Ela ia saltar.

Chamou-a por seu nome em um grito áspero, mas ela não freou, não virou.

É obvio que ela não o fez.

Seu coração se deteve quando égua e amazona tomaram ar em forma perfeita, saltando a barreira com altura de sobra. Aterrissaram e começaram contornando para um canto, do outro lado da árvore, Simon xingou alto e zangado, e se apoiou em seu cavalo, desesperado por chegar a ela.

Alguém tinha que controlar a garota.

Saltou o tronco da árvore, sem preocupação, perguntando-se quanto tempo o ia manter nesta perseguição, cada longa pernada do cavalo debaixo dele o punha mais e mais furioso.

Ao dobrar a curva, puxou com força as rédeas.

Ali, no meio do caminho, estava a égua de Juliana, tranquila e serena.

E sem ela.

Ele saltou de seu cavalo antes que o animal tivesse acabado de parar, gritando seu nome imediatamente ao ar da manhã antes que a visse, apoiada contra uma árvore a um lado do caminho, com as mãos sobre os joelhos enquanto recuperava o fôlego, as faces vermelhas pelo esforço e o frio, os olhos brilhantes de emoção e algo que ele não tinha a paciência de identificar.

Ele avançou para ela.

— Você mulher imprudente! — Trovejou. — Poderia haver se matado!

Ela não se alterou ante sua ira, mas sim sorriu.

— Tolices. Lucrecia já saltou muito mais alto, e muitos mais obstáculos traiçoeiros.

Deteve-se a uns poucos metros dela, com os punhos apertados.

— Não me importa se ela for o corcel do diabo. Poderia haver se ferido.

Ela descruzou os braços, estendendo ao longo do corpo.

— Mas eu estou sã e salva.

As palavras não fizeram nada para acalmá-lo. Em seu lugar, punha-o mais irritado.

— Posso ver isso.

Um lado de sua boca se moveu para cima em uma expressão que muitos teriam encontrado íntimo. Resultava incomodo.

— Estou mais que sã e salva. Estou muito entusiasmada. Não te disse que tinha doze vidas?

— Não pode sobreviver a doze escândalos, e, entretanto, está bem nesse caminho. Qualquer pessoa poderia havê-la encontrado. — Ouviu o mau humor em seu tom. Odiou-se por isso.

Ela riu. O som brilhante nas sombras do bosque.

— Já se passaram dois minutos.

— Se não tivesse te seguido, poderia ter sido atacada pelos ladrões.

— Tão cedo?

— Pode ser que seja tarde para eles.

Ela sacudiu a cabeça lentamente, dando um passo para ele.

— Mas me seguiu.

— Mas não sabia que o faria. — Não sabia por que lhe importava.

Mas o fez.

Ela se aproximou com cautela, como se fosse um animal selvagem.

Ele se sentia como um animal. Fora de controle.

Simon tomou uma respiração profunda e se inundou com seu aroma.

— É obvio que ia me seguir.

— Por que pensa isso?

Ela levantou um ombro em um gesto elegante.

— Porque você queria.

Ela estava o suficientemente perto para tocá-lo, e seus dedos flexionados a seu lado, com vontade de aproximar-se dela, para puxá-la para ele e lhe provar que tinha razão.

— Equivoca-se. Segui para evitar que se meta em mais problemas. — Ela estava olhando-o com seus olhos brilhantes e seus lábios carnudos, curvados em um sorriso que prometia um sem-fim de segredos.

— Segui, porque sua impulsividade é um perigo para si mesma e para outros.

— Está seguro?

Toda a conversa lhe estava saindo de controle.

— É obvio que sim — disse, jogando sobre ela uma prova. — Não tenho tempo para seus joguinhos, senhorita Fiori. Tenho que me encontrar com o pai de Lady Penélope hoje.

Seu olhar piscou longe pelo mais breve dos instantes antes de retornar ao seu.

— Será melhor que me afaste, então. Você não quererá perder um encontro tão importante.

Leu o atrevimento em seus olhos.

Vá embora.

Ele queria.

Ele ia.

Um fio de cabelo longo e negro se soltou de sua boina, e ele o alcançou instintivamente. Deveria havê-lo afastado de seu rosto - não deveria fazê-lo, para começar, mas uma vez que o teve em suas mãos, não podia deixar de envolvê-lo uma vez, duas vezes ao redor de seu punho, vendo que se abriu caminho através do couro suave de sua luva de equitação, desejando poder sentir o fio de seda sobre sua pele.

Sua respiração se acelerou, e seu olhar posou na subida e descida de seu peito por debaixo de seu casaco. A roupa masculina deveria ter renovado sua fúria, mas em seu lugar enviou uma rajada grande de desejo através dele. Um simples punhado de botões o impediam, botões que poderiam ser facilmente despachados, deixando-a em nada mais que o tecido de sua camisa e que poderia libertar-se das calças, proporcionando acesso para uma suave pele feminina.

Seu olhar se voltou para ela, e foi então que viu. Tinham desaparecido o desafio audaz e a satisfação presumida, substituídos com algo puro e potente, imediatamente identificável.

Desejo.

De repente viu como podia retomar o controle do momento. De si mesmo.

— Acredito que queria que eu a seguisse.

— Eu... — A voz lhe falhou, e se deteve. Sentiu o triunfo embriagador de um caçador que tinha reconhecido a sua primeira presa.

— Não me importa.

— Mentiroso — A palavra foi sussurrada, baixa e escura no pesado ar matutino. Puxou a mecha de cabelo, puxando-o para ela, até que escassos centímetros os separavam.

Sua boca se abriu em uma ingestão rápida da respiração, lhe roubando sua atenção.

E quando viu que os lábios cheios exuberantes quase se separaram, rogando por ele, ele não resistiu. Nem sequer tentou.

Ela tinha sabor da primavera.

O pensamento estalou através dele enquanto acomodava seus lábios sobre os dela, levantando as mãos para segurar suas faces, inclinou-a para ele, para que lhe permitisse obter um melhor acesso. Podia jurar que ofegou seu nome... O suave e entrecortado som era embriagador como o inferno. Puxou-a com mais força, pressionando-a contra ele. Ela veio de boa vontade, movendo-se para ele como se soubesse o que queria antes que ele.

E talvez ela o fizesse.

Passou a língua pelo lábio inferior completamente, e quando ela ofegou ante a sensação, ele não esperou, capturando sua boca outra vez, acariciando-a profundamente, pensando em nada mais que nela. E então lhe estava devolvendo o beijo, igualando seus movimentos, e ele se perdeu em sua sensação. A sensação de suas mãos movendo-se com uma lentidão tortuosa ao longo de seus braços até que finalmente, finalmente chegou a seu pescoço, seus dedos enfiando em seus cabelos, a suavidade de seus lábios, e os enlouquecedores e maravilhosos pequenos sons que fez na parte posterior de sua garganta enquanto ele a tomava.

E ela foi tomada, primitiva e maliciosamente.

Apertou-se mais a ele, a curva de seus seios pressionando no alto de seu torso, e se acendeu o prazer. Aprofundou o beijo, passando suas mãos por suas costas para puxá-la contra ele, onde ele mais a queria. As calças lhe outorgavam uma liberdade de movimento que as saias jamais poderiam dar e ele tomou uma de suas coxas longas e formosas, enganchando sua perna até que embalava sua longitude vibrante contra seu núcleo quente.

Rompeu o beijo em um suave gemido enquanto se balançava em seu contrário em um ritmo que lhe pôs em chamas.

— É uma feiticeira. — Nesse momento, ele era um moço inocente, perseguindo a sua primeira saia, o desejo e a excitação e o início de algo muito mais profundo colidiu em um tumulto de sensações.

Ele a queria nua justo ali, no caminho de terra no centro do Hyde Park, e não lhe importava que os vissem.

Ele tomou o lóbulo de sua orelha que era suave entre os dentes, fazendo com que ela gritasse alto e claro:

— Simon!

O som de seu primeiro nome particularizando o amanhecer tranquilo o trouxe de volta à realidade. Retirou-se, deixando cair sua perna como se o queimasse. Afastou-se, respirando com dificuldade, vendo como a confusão se misturava com o desejo em seu rosto.

Ela cambaleou no instante que perdeu seu apoio, incapaz de suportar seu próprio peso com tampouco equilíbrio. Estirou a mão para agarrá-la, para sustentá-la.

Quando ela recuperou seu equilíbrio, tirou o braço dele e deu um longo passo para trás. Cravando o olhar, com suas emoções esfriando-se e quis beijá-la de novo, para que o desejo voltasse.

Ela se separou dele antes que pudesse agir levada pelo desejo, em direção a sua égua, ainda no centro da trilha. Contemplou-a, imóvel, enquanto se elevou na sela com a facilidade da prática. Ela o olhou de cima com toda a graça de uma rainha.

Ele deveria desculpar-se.

Tinha-a atacado em meio do Hyde Park. Se alguém tivesse passado nesse momento...

Ela deteve seu pensamento com suas palavras.

— Parece que não é tão imune à paixão como você pensa Sua Graça.

E com um movimento do pulso ela saiu como um tiro, sua égua tropejando pelo atalho pelo que tinham chegado.

Viu-a desaparecer, escutando o som dos cascos enquanto pulava a árvore caída, uma vez mais...

Esperando que o fugaz silêncio afogasse o eco de seu título em seus lábios.

CAPÍTULO 5



A gente nunca sabe onde os rufiões espreitam.

As damas elegantes não devem sair de suas casas sozinhas.

Um tratado da mais refinada das damas.

Notável, não é mesmo, as decisões que se pode tomar sobre um rifle ainda fumegante?

A Folha do Escândalo, outubro 1823.

O marquês de Needham e Dolby apontou cuidadosamente para uma perdiz vermelha e apertou o gatilho de seu rifle. O tiro soou forte e zangado no ar da tarde.

— Maldição! Perdi-a — Simon se absteve de assinalar que o marquês tinha perdido cinco das criaturas às que ele tinha apontado desde que lhe sugeriu que conversassem fora, como homens. O aristocrata corpulento apontou e disparou uma vez mais. O som levou um arrepio de irritação através de Simon. Ninguém caça de tarde. Certamente, ninguém que fosse um mau atirador deveria estar tão interessado em caçar pela tarde.

— Que maravilha! — Outro erro. Simon tinha começado a temer por seu próprio bem-estar. Se o ancião queria disparar até os jardins de sua grande propriedade nas margens do Tamisa, longe de Simon dissuadi-lo da atividade, mas não podia deixar de lamentar sua proximidade a tanta incompetência. Parecia inclusive que o marquês tinha seus limites. Com uma maldição que murmurou baixinho, passou o rifle a um laçao próximo e, pondo as mãos com firmeza nas suas costas, começou um caminho longo e sinuoso longe da casa.

— Muito bem, Leighton, pode ser que também cheguemos a algo. Você quer casar-se com minha filha.

Mau atirador ou não, o marquês não era nenhum idiota.

— Eu acredito que essa união beneficiaria ambas as famílias — disse, fazendo coincidir a passada com a do homem mais velho.

— Sem dúvida, sem dúvida. — Eles caminharam em silêncio por uns instantes antes que o marquês continuasse. — Penélope será uma duquesa muito boa. Ela não tem cara de cavalo, e conhece seu lugar. Não fará exigências irracionais.

Eram as palavras que Simon queria escutar. Realçaram sua seleção da senhora para o papel de sua futura esposa. Assim por que tanto lhe perturbavam? O marquês continuou:

— Uma garota bem preparada, sensível a cumprir com seu dever. De excelentes valores ingleses. Não deveria ter nenhuma dificuldade para a reprodução. Não se faz ilusões sobre o matrimônio ou as outras coisas fantasiosas que algumas jovens pensam que merecem.

Como paixão.

Uma visão brilhou, despercebida, não desejada, de Juliana Fiori, sorrindo em torno de suas palavras.

Nem sequer um gélido duque pode viver sem calor.

Tolices. Ficou com sua declaração da noite anterior: *A paixão não tinha lugar em um bom matrimônio Inglês.* E parecia que Lady Penélope estava de acordo. O qual a tornava a candidata ideal para que fosse sua esposa.

Ela era totalmente adequada. Precisamente o que necessitava.

Todos necessitam paixão.

As palavras foram um sussurro na parte posterior de sua mente, o tom de brincadeira, cadenciado com um acento italiano. Apertou os dentes. Ela não tinha ideia do que necessitava.

Com um gesto brusco, Simon disse:

— Estou contente de saber que você aprova esta união.

— É obvio que sim. É um bom matrimônio. Duas linhas superiores da aristocracia britânica. Iguais na reputação e na ação — disse o marquês,

removendo sua mão direita da luva e estendendo a Simon. Enquanto Simon estreitava a mão de seu futuro sogro, perguntou-se se o marquês se sentiria de maneira diferente uma vez que os segredos de Leighton House se difundissem. As ações de Leighton não teriam uma reputação imaculada, então.

Simon somente esperava que o matrimônio emprestasse peso suficiente para que todos eles pudessem sobreviver ao escândalo.

Voltaram-se de novo para a Casa Dolby, e Simon lançou um suspiro longo e lento.

Um passo mais perto.

Tudo o que tinha que fazer era declarar-se à dama, e ele estaria tão preparado como pudesse.

O marquês lhe interrompeu com um olhar.

— Penélope está em casa, você é bem-vindo a falar com ela agora. — Simon entendeu o significado atrás das palavras. O marquês queria que a união fosse anunciada e completada. Não todos os dias que um duque ia procurar uma esposa.

Ele considerou a possibilidade. Não havia, depois de tudo, nenhuma razão para postergar o inevitável.

Dois semanas. Ele tinha dado a ela duas semanas.

Tinha sido uma coisa ridícula de sua parte fazê-lo, ele poderia usar essas semanas, poderia ter estado planejando um casamento durante seu curso. Poderia estar casado antes do final delas se tivesse insistido nisso. E em troca, tinha seguido com o jogo tolo de Juliana. Como se tivesse tempo para seus jogos e comportamento imprudente e vestimenta inadequada

E seus abraços irresistíveis.

Não. Esta manhã tinha sido um engano. Um que não se repetiria. Independentemente de quanto o desejava repetir.

Ele negou com a cabeça.

— Você não está de acordo?

As palavras do marquês tiraram Simon de seu sonho. Ele esclareceu sua garganta.

— Eu gostaria de cortejá-la corretamente, se você o permitir.

— Não há necessidade para isso, já sabe. Não é como se fosse um matrimônio por amor.

Extremamente entretido pela ideia, o marquês riu estrondosa e descaradamente das profundidades de seu proeminente abdômen. Simon fez todo o possível para manter sua irritação à raia. Quando a gargalhada se acalmou, seu futuro sogro, disse:

— Só estou dizendo que todo mundo sabe que você não é dos que está para emoções tolas. Penélope não espera ser cortejada.

Simon inclinou a cabeça.

— Entretanto...

— Não faz nenhuma diferença para mim como o faça, Leighton — disse o homem mais velho, passando suas mãos sobre toda a amplitude de sua barriga. — Meu único conselho é que você comece a demonstrar que vai adiante com ela. As esposas são muito mais fáceis de dirigir se souberem o que esperar de um bom matrimônio.

A marquesa de Needham e Dolby era uma mulher afortunada de fato, Simon pensou com ironia.

— Vou ter isso em consideração.

O marquês assentiu com a cabeça.

— Vamos tomar uma taça de conhaque? Bebida de uma excelente safra?
— Havia poucas coisas que Simon queria fazer menos que passar mais tempo com seu futuro sogro. Mas ele sabia que não devia desprezar o convite. Já não podia permitir o luxo de passar por cima desse esforço em particular. Ele nunca seria capaz de voltar. Depois de uma pausa, disse:

— Eu gostaria muito de desfrutar disto.

Duas horas mais tarde, Simon estava de volta a sua casa da cidade, em sua cadeira favorita, com seu cão a seus pés, sentindo-se muito menos triunfal do que ele tivesse esperado estar. A reunião não poderia ter sido melhor. Ele tinha se aliado a uma família de grande respeito e reputação impecável. Não tinha visto Lady Penélope, não tinha querido vê-la, francamente, mas tudo

estava bem, e ele imaginava que era só questão de obter um acordo com a dama antes que fossem comprometidos oficialmente.

— Suponho que o resultado de sua visita foi satisfatório. — Ficou tenso para ouvir as palavras, virando-se para encontrar-se com os frios olhos cinza de sua mãe.

Ele não a tinha ouvido entrar. Levantou-se.

— Foi.

Ela não se moveu.

— O marquês deu seu consentimento. — Ele se moveu para o aparador.

— Ele o tem feito.

— É cedo para beber, Leighton — Ele virou-se, com um copo de uísque na mão.

— Tenha em conta que é uma celebração.

Ela não falava, nem seu olhar o deixava ver nada. Perguntou-se o que pensava. Não é que ele nunca tivesse entendido o que se escondia debaixo da parte exterior de gelo desta mulher que lhe tinha dado a vida.

— Logo, você será uma sogra. — fez uma pausa. — E uma duquesa viúva. — Ela não caiu ante sua isca. Ela nunca o fazia. Em troca, lhe fez um só gesto brusco, como se tudo estivesse resolvido. Como se tudo fosse singelo.

— Quando planeja a aquisição de uma licença especial?

Dois semanas.

Fechou os olhos contra esse pensamento, tomou um gole para cobrir sua vacilação.

— Não acredita que deveria primeiro falar com Lady Penélope?

A duquesa respirou pelo nariz, como se pensar nessa pergunta insultasse seus sentimentos.

— Não é como se os duques em idade de casar fossem uma ocorrência comum, Leighton. Ela está a ponto de fazer a maior união em anos. Só tem que fazê-lo.

E ali estava no tom frio e drástico das palavras de sua mãe. Só o faça. A exigência... A esperança de que um homem como Simon faria o que fosse

necessário para garantir a segurança e a honra de seu nome. Ele retornou a sua cadeira e deliberadamente se relaxou sobre ela, uma façanha de força tendo em conta sua frustração tomando uma minúscula quantidade de prazer na rigidez de sua mãe ante sua calma exterior.

— Não preciso me comportar como um animal, mãe. Vou cortejar a moça. Ela merece um pouco de emoção, não te parece?

Ela não moveu seu olhar frio, não mostrou nada de seus pensamentos, e Simon se deu conta de que nenhuma só vez tinha sido o destinatário dos elogios de sua mãe. Perguntou-se, fugazmente, se ela tinha a capacidade de elogiar. Provavelmente não. Há pouca necessidade para a emoção na aristocracia. Menos ainda quando seus filhos estavam em questão.

A emoção era para as massas.

Ele nunca a tinha visto em um estado de emoção. Nunca alegre, triste, jamais zangada, nunca entretida com nada. Em uma ocasião lhe tinha ouvido dizer que as diversões são para aqueles com menos pedigree que o deles. Quando Georgiana era criança, era toda risadas e bom caráter, e a duquesa tinha sido capaz de tolerá-la.

— Tente não ser tão comum, menina. — Havia dito, os lábios logo que curvados para cima com uma careta próxima à repugnância em seu rosto. — Seu pai é o Duque de Leighton.

Georgiana crescera séria então, uma parte de sua exuberância tinha desaparecido para sempre. Ficou rígido ao recordar algo tão enterrado. Não era de estranhar que sua irmã tivesse fugido quando descobriu sua situação. Sua mãe não mostrou nenhum sinal de amor maternal nem no melhor dos dias. Ele não tinha sido muito melhor.

— *Você é a irmã do duque de Leighton!*

— *Simon... Foi um engano.*

Ele mal tinha notado seu sussurro.

— *Nós não cometemos enganos!* — E ele a tinha deixado ali, nos bosques de Yorkshire. Sozinha. Quando havia dito a sua mãe sobre o escândalo que se levantou, ela não se moveu nem sua respiração tinha mudado. Em troca, lhe olhou com esses frios e oniscientes olhos, e disse:

— *Você deve casar-se.* — E nunca falaram de Georgiana de novo.

O arrependimento aflorou. Ele o ignorou.

— *Mais cedo que tarde, Leighton* — disse a duquesa. — *Antes.*

Alguém com menos compreensão da duquesa poderia pensar que não tinha podido completar o pensamento. Simon a conhecia melhor. Sua mãe não usava palavras estranhas. E ele entendeu perfeitamente o que queria dizer. Ela não esperou sua resposta, intuindo que sua exigência seria atendida. Nesse momento, ela virou sobre seus calcanhares e deixou a sala, o conteúdo de sua preocupação indo antes que a porta da biblioteca se fechasse atrás dela. Confiando em que Leighton faria o que se precisava fazer.

— *Antes.*

Antes que seus segredos fossem descobertos. Antes que seu nome fosse arrastado pela lama. Antes que sua reputação se visse arruinada. Se lhe houvessem dito a quatro meses que ele estaria correndo para o matrimônio para sustentar a reputação da família, ele teria rido, muito e imperiosamente, e expulso ao informante. É obvio, a quatro meses, as coisas tivessem sido diferentes. A quatro meses, Simon tinha sido o solteiro mais solicitado da Grã-Bretanha, sem expectativas de uma mudança em seu estado. Quatro meses atrás, nada poderia tê-lo tocado. Xingou baixo e feio, e apoiou a cabeça contra sua cadeira enquanto a porta da biblioteca se abriu uma vez mais. Manteve os olhos fechados. Ele não queria ver sua cara outra vez. Não a ela, não o que ela representava. Houve um delicado pigarro.

— Sua Graça? — Simon se endireitou imediatamente.

— Sim, Boggs? — O mordomo cruzou a habitação, estendendo a bandeja de prata em sua mão para Simon.

— Peço desculpas pela intrusão. Entretanto, uma mensagem urgente chegou para o senhor. — Simon pegou o envelope selado pesado. Virou-o em sua mão. Viu o selo de Ralston. Uma onda de tensão disparou através dele. Só havia uma razão para que Ralston que lhe enviasse uma nota urgente.

Georgiana.

Talvez não houvesse mais tempo pela frente.

— Deixe-me — Esperou que Boggs saísse da sala, até que escutou o som suave e detestável da porta contra o batente. Só então deslizou um dedo por debaixo do selo, sentindo o peso do momento no mais profundo de suas entranhas. Tirou a folha de papel e a desdobrou com resignação. Leu as duas linhas de texto ali. E expeliu o fôlego que não sabia que tinha estado contendo em uma curta rajada, zangado, esmagando à única página entre seu punho forte.

Serpentine às cinco.

Vou vestir-me corretamente desta vez.

— *Exspecto, Exspectas, Exspectat..*

Ela sussurrou as palavras latinas enquanto punha a saltar pedras sobre a superfície do lago Serpentine, tratando de ignorar o sol, pondo-se no horizonte. Ela não deveria ter enviado a nota.

— *Exspectamus e Exspectatis e Exspectant..*

Eram bem passado das cinco. Se ele tivesse planejado vir, já teria chegado. Sua companheira e criada, Carla, fez um som delicado de mal-estar desde sua posição sobre uma manta de lã a vários metros de distância.

— *Espero, esperas, espera..*

Se a entregou a Ralston... Ela nunca mais poderia voltar a sair de sua casa de novo. Não sem um batalhão de serventes e acompanhantes e, muito provavelmente, do próprio Ralston.

— *Esperamos, espera-se, esperam.*

Jogou outra pedra e errou o alvo, estremecendo ao ouvir o som oco que a pedra fez quando se afundou até o fundo do lago.

— *Ele não ia vir.*

Ela se voltou dizendo essas palavras italianas, plainas e cheias de verdade, e se encontrou com o profundo olhar marrom da Carla. A outra mulher se agarrava a um xale de lã contra seu peito, preparando-se contra o vento de outono.

— Você só diz isso porque quer voltar para casa. — Carla levantou um ombro e fez um gesto desinteressado. — Não diga essas palavras a menos que esteja certa.

Juliana franziu o cenho.

— Você não está obrigada a ficar.

— Eu estou obrigada a fazer exatamente isso, na verdade. — Ela se sentou debaixo de uma árvore corpulenta. — E não me importaria se este país não fosse tão insuportavelmente frio. Não é estranho que seu duque esteja tão necessitado que urgentemente o degelem — Para acentuar as palavras, o vento voltou a subir, ameaçando jogar o boné da cabeça de Juliana. Ela o puxou para baixo, sentindo seus laços e adornos de renda presos à cara. Era um milagre que um pedaço de objeto para a cabeça pudesse ser tão molesto e inútil para tudo de uma vez. O vento diminuiu, e Juliana se sentiu segura de soltar o chapéu.

— Não é meu duque.

— Ah, sim? Então por que estamos aqui de pé com este vento gelado, esperando por ele? — O olhar de Juliana se reduziu a jovem.

— Sabe, disseram-me que as criadas das damas inglesas são muito mais dóceis. Estou pensando em fazer uma mudança.

— Eu recomendo. Logo poderei voltar para a civilização. A civilização quente. — Juliana se inclinou e agarrou outra pedra.

— Dez minutos mais.

Carla suspirou longa e dramaticamente, e Juliana sentiu um puxão de sorriso nos lábios. Do contra e inabalável como era, Juliana se reconfortava com sua presença. Ela era um pedaço de sua casa neste mundo novo e estranho. Este estranho mundo que estava cheio de irmãos e irmãs e normas e regulamentos e bailes e chapéus e homens incríveis, enfurecidos homens. Homens aos quais não se enviava notas coquetes e acolhedoras no meio do dia, em papel com cabeçalho de um irmão. Ela fechou os olhos enquanto uma onda de vergonha a percorria.

Tinha sido o pior tipo de ideia, o tipo que chegava no meio de uma onda de triunfo grande que converteu todo pensamento em um golpe de brilhantismo. Ela tinha retornado a sua habitação pela manhã antes que o

resto de Ralston House se levantasse, ébria de entusiasmo e energia atrás de seu encontro com Leighton, encantada de que ela tivesse sacudido a esse homem enorme, inabalável até a medula.

Ele a tinha beijado.

E não tinha sido nada parecido a esses suaves e simples beijos dos moços de sorriso tolo que tinha conhecido na Itália, beijos roubados, enquanto eles brincavam quando levantavam o casco do navio mercante de seu pai no cais de pedra.

Não... este beijo tinha sido o beijo de um homem. O beijo de um homem que sabia o que queria. Um homem que nunca tinha tido que pedir o que queria. Ele tinha provado tal como o tinha feito todos estes meses atrás, sua força e poder, e um pouco de uma vez insuportável e irresistível... Paixão.

Não tinha obrigado-o a descobrir a emoção, mas não estava preparada para descobri-la ela mesma. Tinha tomado toda sua energia montar seu cavalo e deixá-lo ali, sozinho, à luz da manhã. Ela tinha desejado mais.

Tal e como sempre lhe acontecia no que concernia a ele.

E quando voltou para casa, embriagada com o êxito de sua primeira interação e a plena aplicação dos conhecimentos que lhe tinha sacudido até a medula, tal como o tinha prometido, ela não tinha sido capaz de resistir a fazer alarde de seu êxito. Antes de Ralston se levantar, deslizou-se em seu escritório e escreveu uma mensagem para Leighton, um atrevido convite.

Uma rajada de vento soprou duramente toda a pradaria, enviando nítidas ondulações brancas sobre a superfície do lago. Carla protestou coloridamente enquanto Juliana deu as costas à força bruta do vento, agarrando as pontas de seu manto muito juntas.

Não deveria ter enviado essa nota.

Ela pôs a saltar uma pedra na água...

Tinha sido uma terrível ideia.

Outra pedra.

O que lhe tinha feito acreditar que ele viria? Ele não era tolo.

Outra pedra.

Por que não veio?

— Suficiente *idiota*. Ele não vai vir porque tem um cérebro em sua cabeça. Diferente de você. — Ela murmurou essas palavras em voz alta ao lago.

Já estava farta de esperar por ele. Estava congelando-se e a luz mingando assim ela ia para casa. Imediatamente.

Amanhã ela reconsideraria seu próximo curso de ação — que não era absolutamente dar-se por vencida. E ela tinha uma semana e cinco dias para fazer todo o possível para que o arrogante homem caísse.

O fato de que tinha ignorado o encontro só serviria para torná-la mais insistente. Com um compromisso renovado, Juliana deu a volta e se dirigiu para a árvore onde estava sentada sua acompanhante.

— *Andiamo*. Vamos a casa.

— Ah, *finalmente!* — disse a moça em um arranque pouco feliz enquanto saltava sobre seus pés. — Pensei que nunca se renderia.

Dar-se por vencida.

As palavras a irritaram. Ela não se dava por vencida. Ela se limitava a assegurar-se que tinha todos os dedos das mãos e pés para a seguinte batalha. Como se os elementos da natureza houvessem sentido sua convicção, o vento soprou de novo, duro e zangado, alcançando Juliana que tratou de assegurar seu chapéu ao tempo que ele saiu voando de sua cabeça. Com um leve gemido, voltou-se para vê-lo voar para o lago, dando tombos pela água como uma das pedras que Juliana tinha posto a saltar antes. Aterrissou, incrivelmente, no extremo de um tronco amplo caído, as longas tiras flutuando no lago escuro e frio, rindo dela. Carla soltou uma risada, e Juliana se voltou a olhar à criada de brilhantes olhos marrons.

— Tem sorte de que não te envie a resgatá-lo.

Uma das escuras sobrancelhas da Carla se levantou.

— Diverte-me a sugestão de que eu poderia fazer tal coisa.

Juliana ignorou o comentário impertinente e voltou a concentrar-se no chapéu. Ela não permitiria que um pedaço de chapéu tomasse o melhor dela. Algo devia sair direito esta tarde. Inclusive se tivesse que partir para o centro do lago Serpentine para obtê-lo. Tirando sua capa, Juliana se dirigiu

para o lugar, subindo ao tronco e estirando seus braços para manter o equilíbrio tentando alcançar o chapéu a vários metros de distância.

— *Estato atenta*— Carla alertou, e Juliana ignorou a urgência de suas palavras, particularmente centrada no chapéu. O vento começou a remontar, jogando com o azul dos volantes no chapéu, e murmurando entre dentes Juliana esperou para ver se o chapéu se afastava dela. O vento diminuiu. O chapéu se manteve. Bom. Como sua cunhada, Isabel, diria, *agora era que começava a coisa*. Juliana seguiu seu caminho antes que o chapéu fosse sacrificado aos deuses do Serpentine.

Só uns poucos passos.

E então ela teria o chapéu na mão e poderia retornar a casa.

Agachou-se lentamente, trocando o equilíbrio ao chegar perto do objeto. As pontas de seus dedos tocaram uma fita de cetim azul.

E então o chapéu saiu voando fora do caminho, e em um momento de frustração Juliana esqueceu sua posição precária e se lançou no lago.

As águas do Serpentine estavam tão frias como pareciam.

Mais geladas.

E mais profundas.

Ela emergiu cuspiendo e xingando como um trabalhador portuário Veronês para ouvir as gargalhadas da Carla. Instintivamente, ela voltou seu corpo para alcançar a borda do lago, só para encontrar suas saias enredadas nas pernas, atrapalhando sua saída. A confusão se acendeu e ela chutou com força para fora, rompendo a superfície de novo, brevemente, respirando com dificuldade e sem entender tudo o que estava acontecendo.

Algo não estava bem.

Ela era uma perita nadadora, por que não podia flutuar?

Chutou uma vez mais, suas pernas apanhadas em uma massa de musselina e sarja, e se deu conta de que as pesadas saias estavam afundando-a. Ela não pôde sair de novo à superfície. O pânico instalou-se.

Ela estendeu seus braços outra vez, golpeando grosseiramente em um último intento desesperado por tomar ar.

Em vão.

Seus pulmões estavam em chamas, esforçando-se sob a carga de tratar de sustentar o último de seu prezado ar... O ar que ela sabia que estava a ponto de...

Ela exalou, o som das borbulhas de ar subiram à superfície do lago, marcando seu destino.

Vou me afogar.

As palavras flutuavam em sua mente, estranhamente tranquila.

E então algo forte e quente agarrou uma de suas mãos estendidas, sacudindo seus braços para cima... Até que pôde...

Graças a Deus. Ela pôde respirar.

Ela se derrubou sobre seu salvador, envolvendo seus braços ao redor de um ambiente quente, o pescoço - uma rocha solida em um mar de incerteza.

Tomou uns minutos para que voltasse a pensar e a tempo de escutar os lamentos de Carla como uma avó da Sicília a beira do lago.

Ao sentir a mordida do vento frio na face e nos ombros, registrou o movimento de seu salvador, enquanto a sustentava, com o peito profundo na água, ela estremeceu, ou pelo frio ou o medo ou ambas as coisas. As mãos dele a acariciaram ao longo de suas costas, e lhe sussurrou palavras doces e suaves em seu cabelo. Em italiano.

— Só respira... Já te tenho... Agora está a salvo...

Tudo está bem.

E de algum jeito, as palavras a convenceram. Ele a tinha. Ela estava a salvo. Tudo ia estar bem. Ela sentiu que seu peito subia e baixava contra o dela enquanto tomava uma respiração profunda, uma que acalmava.

— Está segura — repetiu. — Você, pequena parva... — Sussurrou, o tom tão suave como sempre —... Tenho-te agora — Suas mãos acariciavam ritmicamente por seus braços até sua coluna vertebral.

— Que demônios estava fazendo no lago? O que teria passado se eu não tivesse estado aqui? Shh... Tenho-te agora. *Sei ao sicura*. Agora está a salvo.

Tomou um momento para reconhecer o tom, e quando o fez, ela voltou sua atenção a ele, olhando-o com olhos limpos pela primeira vez. Ficou sem fôlego na garganta.

Simon.

Despenteado e empapado até os ossos, o cabelo loiro escurecido com a água que escorria por seu rosto, o duque perfeito que ela tinha chegado a esperar que ele fosse. Via-se empapado e despenteado e sem fôlego...

E maravilhoso.

Ela disse a primeira coisa que chegou a sua mente.

— Você veio!

E a tinha salvado.

— Bem a tempo, conforme parece — ele replicou em italiano, entendendo que ela não estava pronta ainda para o inglês.

Um ataque de tosse se apoderou dela, e ela não pôde fazer nada, só segurar-se a ele durante vários minutos. Quando ela voltou a ser capaz de respirar, encontrou-se com seu olhar fixo, os olhos da cor do conhaque.

Ele a tinha salvado.

Um calafrio a percorreu ante tal pensamento, e o tremor a impulsionou à ação.

— Você está frio.

Ele a levantou em seus braços e a levou fora da água até a beira do lago, onde Carla estava perto da histeria. A criada lançou uma corrente de italiano.

— Madonna! Pensei que se foi! Afogada! Eu gritava e gritava! Estava desesperada por ajuda — Para Simon, ainda em italiano, disse — Amaldiçoou o fato de que não posso nadar! Se tão somente pudesse voltar para minha juventude e aprender...

Logo depois de volta a Juliana, obstinada a seu peito.

— Minha Julianinha! Se o tivesse sabido... Eu nunca teria deixado que fosse nesse tronco! Por que, a coisa é, obviamente, o carvalho que o mesmo diabo deixou atrás...

Logo, de volta a Simon:

— Oh! Graças aos céus que estava aqui — O fluxo das palavras se deteve bruscamente. — *Tarde.*

Se Juliana não estivesse tão fria, ela teria rido com o escárnio revestido na última das palavras da criada. É certo que tinha chegado tarde. Mas ele tinha chegado. E se ele não o tivesse feito... Mas o tinha feito. Jogou uma olhada a ele.

Ele não perdeu a insinuação de Carla que se ele tivesse chegado a tempo, tudo isto poderia haver-se evitado. Ele ficou quieto, sua firme face sem mover-se, como a de uma estátua romana. Sua roupa estava grudada a ele, não tinha tirado o casaco antes de entrar no lago, e a capa que levava parecia mesclar-se. De algum jeito, a roupa empapada lhe fazia parecer maior, mais perigoso, imóvel. Viu uma gota de água deslizar por sua face, e morria de vontades de tira-la, estava a só um beijo de distância.

A só um beijo de distância.

Ela ignorou o pensamento, com a certeza de que era o produto de seu encontro próximo com a morte e nada mais, e reorientou o olhar para sua boca, que estava em uma séria linha reta. E imediatamente quis beijar esse lugar também.

Um músculo dele tremeu na comissura dos lábios, o único sinal de sua irritação.

Mais que irritação.

Ira.

Possivelmente fúria.

Juliana estremeceu e disse-se que era pelo vento e a água e não pelo homem que se elevava sobre ela.

Envolveu seus braços ao redor de si mesma para proteger-se do frio, e agradeceu a Carla em voz baixa quando a criada se apressou a recolher o manto que tinha descartado antes de sua aventura e o colocou sobre seus ombros.

O objeto não fez nada para atenuar o ar frio ou o olhar frio que Leighton lhe tinha lançado, e ela estremeceu de novo, aconchegando-se entre a sarja fina. De todos os homens em toda Londres, por que tinha que ser ele quem chegasse para salvá-la?

Voltando sua atenção a uma área perto, viu um punhado de pessoas que se agrupavam, observando. Não podia distinguir seus rostos, mas estava

segura de que sabia exatamente quais eram. A história estaria em toda Londres pela manhã. Ela se encheu de angústia... O esgotamento, o medo, a vergonha, a gratidão e a base de algo mais que se retorcia dentro dela e a fez sentir como se ela pudesse estar doente, também ao ver ele, sempre perfeito, com suas botas arruinadas.

Quão único queria era estar sozinha. Começou a baixar-se tiritando, encontrou-se com seu olhar uma vez mais, e lhe disse:

— Gr-Obrigado, Ss-Sua Graça.

Impressionou-a mais que estar perto de ter morrido por afogamento, que fosse capaz de obter uma cortesia fria. Em inglês ao menos. Ficou de pé com a ajuda de Carla, e disse as palavras que queria desesperadamente não dizer.

— Estou em dívida com você. — Ela se voltou sobre seus pés, pensando só em um banheiro quente e em sua cama cálida se dirigiu à entrada do Parque. As palavras, pronunciadas em um perfeito italiano, detiveram-na em seco.

— Não me agradeça ainda. Eu nunca em minha vida estive tão furioso.

CAPÍTULO 6



A água é para ferver e para limpar, mas nunca para a diversão.

As damas refinadas devem tomar cuidado de não salpicar durante seu banho.

Um tratado da mais refinada das damas.

Diz-nos de algumas descobertas interessantes em nosso próprio Serpentine...

A Folha do Escândalo, outubro 1823.

Simon ignorou a espessura de seu tom, pela cólera que apenas podia conter. A jovem esteve a ponto de suicidar-se, e ela pensava que isto era tudo? Era muito razoável que tivesse algum tipo de choque pelo frio e o cansaço, mas estava mais louca do que imaginava, se acreditava que lhe permitisse correr a sua casa, sem uma só explicação para seu comportamento irracional, irracional e mortal.

Viu a combinação de medo e desespero em seu olhar. Bem. Talvez pensasse duas vezes antes de repetir as ações de hoje.

— Não vai contar nada a Ralston, verdade?

— É obvio que vou dizer a Ralston.

Deu um passo para ele, trocando ao inglês. Ela era muito hábil suplicando em sua segunda língua.

— Mas por quê? Só se incomodará.

Desnecessariamente.

A incredulidade lhe tirou o fôlego.

— Desnecessariamente? Pelo contrário, senhorita Fiori. Seu irmão, sem dúvida deve saber que necessita um acompanhante que lhe impeça de comportar-se com imprudente abandono.

Ela elevou as mãos.

— Eu não estava me comportando imprudentemente!

Ela estava louca.

— Oooh, não? Como descreveria então?

Fez-se silêncio, e Juliana examinou a pergunta. Ela mordeu a comissura de seu lábio inferior enquanto pensava e, contra sua vontade, sentiu-se atraído por esse movimento. Observou a forma em que seus lábios apertavam, a ponta de seus brancos dentes pressionando a carne rosa suave. O desejo se estrelou através dele duro e rápido, e ficou rígido ao sentir essa emoção cegadora.

Ele não a queria. Ela era uma louca.

Uma deusa impressionante, mas uma louca. Ele limpou garganta.

— Entretanto.

— Foi toda uma conduta razoável.

Ele piscou.

— Você saltou de um tronco de árvore — fez uma pausa, já que a irritação lhe queimava de novo com essas palavras. Ela era incapaz de tirar seu olhar do tronco da árvore em questão.

— Parecia perfeitamente resistente.

— Você caiu em um lago — Ouviu a fúria em sua voz.

— Não esperava que fosse tão profundo!

— Não, imagino que você não o fez.

Ela agarrou-se a sua defesa.

— Quero dizer, que não parecia ser como qualquer lago que encontrei.

— Isso é porque não é como qualquer lago que tenha encontrado. —
Devolveu o olhar.

— Não é?

— Não — Ele disse apenas capaz de conter sua irritação. — Não é um lago real. É feito pelo homem.

Seus olhos se abriram.

— Por que?

Importava?

— Como eu não estava vivo para o evento, não poderia aventurar uma resposta.

— Deixa só na parte em que os ingleses fabricaram um lago, — disse Carla por cima do ombro, quem soltou uma risada. — E deixam aos italianos a cair nela! — Eu estava recuperando meu chapéu!

— Ah... O que faz tudo muito mais lógico. Sabe nadar?

— Se sei nadar? — perguntou ela a sua vez, a ele agradou vê-la ofender-se. — Eu me criei as margens do Adige! O que resulta ser um verdadeiro rio.

— Impressionante — disse ele, não de tudo impressionado. — E me diga, alguma vez *nadou* no dito Rio?

— Certamente! Mas não estava vestida — ela moveu uma mão para indicar seu vestido — Com dezesseis capas de tecido!

— Por que não?

— Porque ninguém nada com dezesseis capa de tecido!

— Não?

— Não!

— Por que não? — *Ele a tinha agora.*

— Porque me afogaria!

— Ah! — disse ele, balançando-se em seus pés. — Muito bem, ao menos aprendemos algo hoje.

Seus olhos se estreitaram, e tinha a clara impressão de que queria lhe dar uma bofetada. Bem. Saber que ela estava furiosa lhe fez sentir um pouco mais estável.

Querido Deus. Ela quase se afogou.

Nunca esteve tão aterrorizado em toda sua vida, como quando veio ao cume — repreendendo a si mesmo por permitir que esta ardente e

emocional italiana dirigisse sua tarde, sabendo que ele deveria estar em casa, vivendo sua ordenada vida — e viu o quadro horrível a seguir: a criada, gritando em busca de ajuda; as ondas inconfundíveis na superfície do lago, e as ondas de tecido de safira que marcavam o lugar onde Juliana estava afundando. Tinha estado seguro de que era muito tarde.

— Eu lhe disse — Suas palavras detiveram a direção de seus pensamentos. — Eu tinha toda a razão para ir ali. Se não fosse pelo vento e as roupas pesadas, eu estaria bem. — Para sublinhar seu ponto de vista, o vento se levantou então, e seus dentes começaram a tocar castanholas. Ela envolveu seus braços ao redor dela e de repente se via tão... pequena. E frágil. O oposto absoluto da forma em que pensava nela, brilhante e audaz e indestrutível. E nesse momento, sua irritação foi totalmente dominada por um impulso básico, primitivo para envolver-se ao redor dela e abraçá-la até que se esquentasse de novo.

Certamente, ele não podia fazê-lo.

Eles tinham público e a fofoca já era suficientemente grave para acrescentar mais combustível a este fogo.

Ele amaldiçoou brandamente, e o som se perdeu no vento enquanto se movia para ela, incapaz de frear a si mesmo, aproximou-se dela de tal forma que pudesse capturar toda a força da tormenta, protegendo-a da rajada de vento frio.

Se ele só pudesse proteger a si mesmo dela.

Quando ele falou, sabia que as palavras eram muito duras. Sabia que iriam doer.

— Por que você constantemente me põe a prova?

— Me importa, já sabe. Importa-me o que você pense.

— Então, por que?

— Porque você espera que eu falhe. Espera que me saia mal. Espera ver que seja imprudente. Espera ver minha ruína.

— Por que não trabalha em demonstrar que estou equivocado?

— Mas, não vê? Estou demonstrando que está equivocado. Se optar pela imprudência, onde está o enguiço? Se a escolher por mim mesma, você não pode forçá-la sobre mim. — Houve uma longa pausa.

— Perversamente, isso tem sentido.

Ela sorriu triste.

— Se tão somente eu em realidade desejasse que fosse desta maneira. — As palavras se detiveram, e uma centena de perguntas corriam através de sua mente antes que ela estremecesse em seus braços.

— Está gelada. — Ela o olhou, e ele ficou sem fôlego ante seus brilhantes olhos azuis.

— Como é que vo-você não?

Ele não estava nem sequer perto do frio. Ele estava em chamas. A roupa dela estava empapada e em ruínas, seu cabelo se soltou de suas fixações, e ela deveria estar parecido com um menino desalinhado. Em troca, ela se via espetacular. A roupa se moldava a seu corpo bem formado, deixando ao descoberto suas exuberantes curvas, a água só fazendo insistência em suas impressionantes características, maçãs do rosto altas, longas pestanas emoldurando uns enormes olhos azuis, pele de porcelana. Ele seguiu o caminho de uma gota de água na curva de seu pescoço até o oco da clavícula, e tinha um intenso desejo de saborear a gota na língua.

Ela estava viva.

E ele a desejava.

Por sorte, ela estremeceu de novo antes que pudesse atuar pelo desejo inaceitável. Tinha que chegar a sua casa antes que ela pegasse uma pneumonia. Ou antes que ele se voltasse louco. Voltou-se para sua donzela.

— Vieram em carruagem? — perguntou em italiano rápido.

— Não, Sua Graça.

— Será mais rápido se levar sua senhora em minha carruagem. Una-se a nós em Ralston House — Apertou o cotovelo de Juliana e começou a avançar para um lugar próximo.

— Você acaba de supor q-que ela vai seguir suas ordens? — Juliana lhe perguntou, seu tom de voz sugerindo que a ideia era ridícula. Ele a ignorou, em lugar disso procurou com o olhar à criada.

— Sim, Excelência — Deixou-se cair em uma reverência e se afastou rapidamente. Voltou sua atenção a Juliana, que franzira o cenho. A irritação

dela retornou um pouco de seu sentido comum. E algo de sua ira. Ontem de noite e esta manhã, com seu comportamento impulsivo tinha arriscado sua reputação. Esta tarde, tinha arriscado sua vida.

E ele não a teria.

Caminharam vários metros em silencio antes de falar.

— Poderia ter morrido. — Ela deu uma muito breve hesitação, e ele pensou que talvez fosse pedir desculpas de novo. Não seria totalmente injustificada. Ele sentiu a tensão em seus ombros, o endireitar da coluna.

— Mas não o fiz — Ela tentou um sorriso. Não pôde. — Doze vidas, recorda? — As palavras estavam cheias com o desafio a ele e à natureza, ao destino em si. E se não estivesse tão furioso, poderia ter encontrado espaço para admirar sua tenacidade de espírito. Em troca, queria sacudi-la.

Resistiu ao impulso. Apenas.

Chegaram a sua carruagem, e ele a levantou, tremendo, no veículo, logo subiu a seu lado.

— Vou arruinar seu assento.

Suas palavras, tão ridículas à luz de tudo o que tinha acontecido nos últimos minutos, puseram em marcha. Deteve-se no ato de levantar as rédeas e se voltou com um olhar incrédulo para ela.

— É uma maravilha que seja capaz de preocupar-se por minha tapeçaria quando parece que se preocupa muito pouco com as coisas que me importam muito mais. — Suas sobrancelhas escuras se arquearam perfeitamente.

— Por exemplo?

— Tais como sua pessoa. — Ela espirrou, e ele amaldiçoou — E agora vai adoecer se não se aquecer, mulher tola. — Colocou a mão detrás deles para tirar uma manta de viagem e a passou a ela. Ela tomou e se cobriu.

— Obrigada — disse com firmeza, antes de apartar o olhar e pôr o olhar fixo à frente. Pôs a carruagem em movimento depois de um longo momento, desejando ter sido menos contundente. Mais cortês. Não se sentia de tudo cortês. Não pensava que fosse capaz de ser cortês. Saíram do Hyde Park antes que ela falasse, e apenas a escutou sobre o som dos cascos contra a pavimentação.

— Você não precisa me falar como se eu fosse meio espirituosa.

Ele não pôde resistir.

— Acredito que refere a ser meio tola.

Ela se virou, e ele escutou uma maldição irritada italiana sobre o vento. Depois de um longo momento, ela disse:

— Eu não tinha intenção de me afogar. — Não havia mau humor em sua voz, e sentiu uma ligeira pontada de compaixão por ela. Talvez não devesse ser tão duro com ela. Mas, maldição se podia parar.

— Plano ou não, se eu não tivesse vindo ao lago, teria se afogado.

— Você veio. — ela disse simplesmente, e ele recordou que enquanto a tirava da água tremendo, aliviado por havê-la resgatado, ela sussurrou as mesmas palavras.

Você veio.

Ele tinha tentado não fazê-lo.

Tinha jogado sua imprudente missiva - a letra disfarçada que tinha enganado a todos a pensar que o marquês de Ralston tinha enviado a correspondência, em um cesto de papéis em seu escritório. Ele tinha fingido que não estava ali ao ler o resto de sua correspondência.

E ainda enquanto discutia um punhado de assuntos pendentes com seu agente de negócios.

E mesmo quando ele abriu o pacote que chegou de sua mãe menos de uma hora depois de que ela o tinha deixado, o pacote que continha a safira Leighton, o anel de compromisso que tinha sido usado por gerações de duquesas de Leighton.

Inclusive então, enquanto ele colocava o anel sobre a mesa, à vista, esse pedaço de papel enrugado ria dele, Juliana estendendo-se por toda sua ordenada e disciplinada casa.

Em todas as partes a via, via sua missiva, e ele se perguntou o que faria ela se ele não respondesse. Tinha imaginado que ela não pensaria duas vezes na hora de assumir um curso de ação mais escandaloso - e logo seus rabiscos ousados - o negro tinha sido substituído por seus cachos negros e audazes, e seus cintilantes olhos azuis. E até tinha estado em seu quarto...

Mandou trazer sua carruagem e se dirigiu totalmente impulsionado, muito veloz para um homem que estava decidido a evitá-la.

E quase tinha chegado muito tarde.

Suas mãos apertaram as rédeas e os cavalos se moveram inquietos sob a tensão. Obrigou-se a relaxar.

— E não é uma sorte que cheguei a tempo? Quase não o faço. Enviar-me tal mensagem foi de uma vez indecente e infantil — Não lhe deu a oportunidade de responder, suas seguintes palavras explodiram em uma onda de irritação. — O que a possuiu para que se inundasse em um lago gelado?

— Eu não me inundei — assinalou. — Caí. Foi um engano. Embora suponha que não sabe nada disso. Bom.

Nem todos podemos ser tão perfeitos como você.

Ela estava trocando de assunto, e ele não ia permitir.

— Você não respondeu minha pergunta.

— Havia uma investigação oculta em todo esse julgamento? Não me dava conta.

Ele se encontrou confortado pelo fogo nela.

— O lago. Por que estava ali, em primeiro lugar? — Ele disse.

— Segui o meu chapéu.

— Seu chapéu.

— Eu gostava desse chapéu. Eu não queria perdê-lo.

— Seu irmão poderia comprar um chapéu novo. Eu te compraria uma dúzia se tivesse me impedido de ter... — deteve-se.

De ter que ver sua quase morte.

— Eu queria esse — disse, em voz baixa. — E eu lamento que tivesse que me resgatar... ou que você tenha que substituir esta tapeçaria... ou comprar botas novas... ou o que seja outro problema que minha situação lhe tenha causado.

— Eu não lhe disse isso.

— Não, porque você é muito educado para terminar a frase, mas é isso o que ia dizer, não? Que você me compraria uma dúzia de chapéus se isso garantisse que eu não tenha que me manter em problemas outra vez? — Ela voltou a espirrar. E o som esteve a só umas polegadas dele.

Esteve a ponto de parar a carruagem e puxa-la para ele e lhe dar a surra que merecia por rir dele... e logo por aterrorizá-lo. Mas não o fez. Em seu lugar, estacionou a carruagem em frente de Ralston House com todo decoro, apesar da ira e a frustração turbulenta em seu interior.

— E agora que chegamos — disse mal-humorada — a sua posição como salvador chateado pode passar a outro.

Ele soltou as rédeas e desceu da carruagem, mordendo a língua, negando-se a corrigir seu ponto de vista desta situação, negando-se a permitir-se ser atirado ainda mais pelo torvelinho de emoções que esta mulher parecia chamar a sua existência cada vez que se aproximava. Ontem de noite, ela o qualificou de carente de emoções. A ideia parecia totalmente ridícula no dia de hoje.

No momento em que chegou a seu lado da carruagem, ela já tinha descido e se dirigia para a porta. Mulher obstinada.

Ela apertou os dentes, e se voltou de novo do degrau mais alto, olhando-o com toda a confiança em si mesma de uma rainha apesar de estar empapada, com a roupa suja e seu cabelo desfeito a seu redor.

— Sinto que eu o tenha incomodado no que só posso imaginar era um dia perfeitamente planejado para você.

Farei meu melhor esforço para evitá-lo no futuro.

Ela pensava que ele estava incomodado?

Ele tinha sentido muitas coisas pela tarde, mas *incomodado* não era uma delas. A palavra morna não se aproximava de como se sentia.

Furioso, apavorado, e desequilibrado por completo, sim.

Mas nem sequer perto de incomodado.

Toda a tarde teve vontade de bater em algo. Muito fortemente.

E imaginou que a conversa que ia ter com seu irmão faria muito pouco para combater esse impulso. Mas seria condenado se queria ver isso.

— Vejo que você o faz — disse ele em seu tom mais magistral enquanto ficava em marcha pelas escadas atrás dela, rechaçando o impulso de deixá-la ali, parada em sua porta, e ir tão longe dela como pudesse. Ele estava disposto a vê-la dentro. E só então poderia ir-se tão longe dela como pudesse.

— Como lhe disse ontem, não tenho tempo para seus jogos.

Simon estava aqui. Na casa. Com seu irmão.

Isso levava perto de três quartos de hora.

E ainda não a tinham mandado chamar.

Juliana espreitava o perímetro da biblioteca de Ralston House, as anáguas da saia de ametista batiam sobre suas pernas. Não podia acreditar que nenhum deles sequer tinha pensado em que talvez gostasse de ser parte da discussão de sua aventura dessa tarde.

Com um pouco de desgosto, dirigiu-se à janela da biblioteca, que dava a Park Lane e mais à frente à escuridão do Hyde Park.

É obvio que eles não tinham chamado por ela. Eram homens imperiosos, enfurecidos, dois dos mais irritantes dos quais se podiam encontrar em toda a Europa. Uma enorme carruagem estacionada fora da casa, esperando seu dono. O Brasão de Leighton estava estampado na porta do meio de transporte negro, com um malvado falcão - de aparência completa com plumas em suas garras - despojos da batalha, sem dúvida. Juliana riscou o escudo no vidro. Que apropriado que Leighton estivesse representado por um falcão.

Um frio animal solitário, e brilhante. Calculista e sem paixão.

Ele apenas se preocupava que ela estivesse a ponto de morrer, em vez de salvá-la com seu frio cálculo e trazê-la a sua casa sem um momento de pausa para o que poderia ter sido um sucesso mais trágico.

Isso não era exatamente certo.

Produziu-se um momento no Parque durante o qual parecia que ele se preocupou por seu bem-estar.

Só por um momento.

E então ele simplesmente tinha parecido querer livrar-se dela. E o problema que ela causou. Depositando-a sem cerimônias no vestíbulo de Ralston House e deixando-a ter que enfrentar seu irmão sozinha. Ele lhe havia dito com toda calma:

— Diga a Ralston que voltarei esta noite.

Seco.

Tinha retornado, é obvio. Leighton era nada se não fiel a sua palavra e ela apostaria que os dois homens estavam rindo a custa dela, inclusive agora no escritório de Ralston, o consumo de brandy ou uísque ou qualquer outra bebida exasperante, que tomassem os nobres. Gostaria de jogar um tanque desse licor sobre suas cabeças.

Ela olhou seu vestido com desgosto. Tinha-o escolhido para ele, sabendo que ela se via preciosa de roxo.

Queria que ele visse isso.

Queria que ele se fixasse nela.

E não por sua aposta.

Esta vez, ela tinha querido que lamentasse as coisas que havia dito dela.

Não tenho tempo para seus jogos.

Tinha sido um jogo no começo - a carta, o descarado convite - mas, uma vez que tinha caído no lago, uma vez que a tinha resgatado, qualquer jogo tinha desaparecido junto com seu chapéu, perdidos no fundo do lago

Serpentine.

E quando ele a tinha tido em seus braços quentes e fortes e lhe sussurrou palavras suaves em italiano isso se tornou mais sério que qualquer outra coisa que jamais houvesse sentido antes.

Mas ele a tinha repreendido, então, todo fresco e firme, como se todo o episódio tivesse sido um colossal desperdício de seu tempo e energia.

Como se ela fosse nada mais que problemas.

E ela não havia sentido mais gosto em jogar esses jogos por mais tempo.

É obvio, nunca lhe diria isso. Para que serviria, salvo para pôr um sorriso de satisfação em seu rosto e reconhecê-lo, como um ser superior mais do que o normal. E ela não podia suportar isso, tão pouco.

Em troca, ela estava esperando pacientemente na biblioteca, resistindo a tentação de baixar correndo ao escritório de seu irmão e descobrir o muito que de sua conduta imprudente Leighton tinha contado e o muito que estava em problemas.

Lá embaixo, o chofer se moveu, saltando de seu assento para baixo, e se apressava a abrir a porta da carruagem para seu amo. Sabia que devia sair da janela, mas então apareceu Leighton, seus cachos dourados brilhando brevemente na luz antes de desaparecer debaixo de seu chapéu.

Deteve-se ante a porta aberta e ela não podia apartar o olhar, a espionagem era uma tentação irresistível. Voltou a falar com o chofer, enquadrando os ombros contra o vento que formava redemoinhos as folhas do parque a seus pés e açoitava seu casaco. Um homem menos frio teria mostrado algum tipo de resposta a essa rajada, uma violenta careta, um coice, mas não o grande duque de Leighton. Nem sequer a natureza podia distraí-lo de seu curso.

Observou o movimento de seus lábios enquanto falava, e se perguntou o que estava dizendo, aonde ia. Inclinou-se para diante, com a testa quase tocando o vidro manchado, como se ela pudesse ser capaz de ouvi-lo se estivesse uma polegada mais perto.

O chofer assentiu com a cabeça uma vez e baixou a cabeça, dando um passo para trás para sustentar a porta.

Ele estava saindo

O Duque não precisou usar um degrau para entrar em sua grande carruagem negra, ele era alto e suficientemente forte sem um, e ela olhava enquanto ele se impulsionava para cima, ela desejou, que justo por uma vez, ele pudesse errar seu objetivo, ou tropeçar, ou procurar algo que o fizesse menos perfeito.

Ele se deteve e ela conteve o fôlego. Possivelmente a ação não era tão fácil depois de tudo. Ele virou sua cabeça. E olhou diretamente para ela.

Ela afogou um grito e se separou da janela imediatamente, o calor da vergonha banhando-a e atravessando-a por ter sido apanhada, seguida imediatamente pela irritação ao ter ficado envergonhada.

Era ele quem deveria estar envergonhado, não ela.

Era ele quem a tinha insultado pela tarde, era ele quem tinha vindo falar com seu irmão essa noite e não pediu para vê-la ou falar com ela.

Ela poderia ter estado doente. Acaso não lhe importava seu bem-estar?

Ao que parece, não.

Não o deixaria amedronta-la.

Era sua casa, depois de tudo. Ela tinha todo o direito de olhar pela janela. Olhar às janelas era grosseiro.

E, além disso, ela tinha uma aposta por ganhar.

Ela respirou fundo e voltou para seu lugar. Ele seguia olhando para ela.

Quando ela se encontrou com seu olhar cálido, âmbar, brilhante à luz da casa, ele levantou uma sobrancelha imperiosa, de ouro, para cantar vitória em sua batalha silenciosa.

A resistência queimava, quente e potente. Não lhe permitiria ganhar. Ela cruzou de braços com firmeza sobre o peito de uma maneira totalmente inadequada para uma mulher e arqueou uma sobrancelha, com a esperança de lhe dar uma surpresa, disposta a permanecer ali toda a noite, até que ele voltasse atrás.

Não era surpresa a que ela encontrou quando o olhou, entretanto. Havia algum alívio nas linhas firmes, e no ângulo de seu rosto enquanto a olhava - algo vagamente parecido ao humor, antes que ele se voltasse e, com uma precisão perfeita, entrasse em sua carruagem.

Ela não vacilou enquanto o chofer fechava a porta, ocultando o duque de sua vista.

Secretamente esperava que ele a estivesse olhando detrás das escuras janelas do transporte enquanto ela lançava uma estrondosa gargalhada.

Já seja que ele o tivesse permitido ou não, ela tinha ganhado. E era uma sensação maravilhosa.

— Juliana? Posso entrar? — Sua risada se viu interrompida quando sua cunhada entrou, com a cabeça aparecendo pelo vão da porta.

Juliana virou para sua visitante, deixando cair seus braços e caindo rapidamente para sentar-se no banco amplo debaixo da janela.

— É obvio. Eu estava...

Ela agitou uma mão no ar.

— Não tem importância. O que é?

Callie se aproximou, com um meio sorriso em seu rosto, para unir-se a Juliana.

— Vim confirmar se sente-se bem, e vejo que está recuperada de sua aventura. Estou muito feliz de que esteja a salvo — acrescentou, tomando a mão de Juliana. — Nunca pensei que diria, mas graças a Deus pelo duque de Leighton. — Juliana não perdeu a segura no tom de sua cunhada

— Você não gosta dele? — disse Juliana

— O duque? — Callie se sentou junto à Juliana, com os olhos entrecerrados. — Não sei. Em realidade não.

Juliana reconheceu a evasão.

— Mas... ?

Callie considerou suas palavras durante um bom momento antes de falar.

— Vou dizer que ele, e sua mãe, para o caso, sempre me pareceu arrogante, imperiosa, e rígida de uma maneira que lhe faz parecer indiferente. Que eu saiba, ele tem um interesse em uma só coisa: sua reputação. Nunca me importaram as pessoas com opiniões tão rígidas — Fez uma pausa, e logo confessou: — Não. Eu não gostava dele, até hoje. Agora que ele te resgatou, acredito que vou ter que reavaliar minha opinião sobre o duque.

O coração de Juliana pulsava com força, enquanto considerava as palavras de sua cunhada.

Ele tinha interesse em uma só coisa: sua reputação.

— Acredito que vou organizar um jantar — O silêncio reinou com o pronunciamento, até que Callie cravou: — Quer saber por que estou organizando uma janta-festa?

Juliana foi tirada de seus pensamentos.

— Deve ter uma razão distinta a que isto é Londres, e temos uma sala de jantar?

— Vai pagar por isso. — Callie sorriu. — Acredito que devemos agradecer ao duque por seu resgate. E ampliarmos a lista de convidados para incluir um punhado de senhores elegíveis.

Juliana se queixou, ao ver os planos de sua cunhada.

— Oh, Callie, por favor... que vergonha.

Callie agitou uma mão.

Tolices. A história é provável que já esteja correndo através de Londres neste momento, se queremos mitigar qualquer exagero, devemos tomar posse da verdade. Além disso, acredito que é importante para nós estender um pouco de gratidão por sua vida, não?

— Terá que fazê-lo diante da metade de Londres?

Callie riu.

— “Meia Londres”, realmente, Juliana. Não será mais que uma dúzia deles.

Juliana conhecia o suficiente a Callie para saber que não tinha sentido discutir.

— Como um benefício adicional, não doerá ter ao duque de Leighton de nosso lado, você sabe. Sua amizade só te fará mais atrativa ante os outros homens da Alta Sociedade.

— E se não desejar ser mais atrativa ante os outros homens da Alta Sociedade?

Callie sorriu.

— Está dizendo que deseja atrair ao Duque?

Era um mal-entendido deliberado, Juliana sabia. Mas não obstante, ela sentiu o rubor nas faces. Com a esperança de escapar à atenção, deu a sua cunhada um olhar longo de sofrimento.

— Não.

Callie tomou uma respiração profunda.

— Juliana, não é como se estivéssemos pensando em te obrigar ao matrimônio, mas não estaria de mais se pudesse conhecer um homem ou dois. Alguém que você goste. Companhia com que possa se divertir.

— Esteve tentando durante meses. Em vão.

— Em algum momento, encontrar-te-á com alguém por quem se sinta atraída.

— Talvez. Mas é provável que não esteja atraído por mim. Ele é provável que me encontre irritante.

— É obvio que se sentirão atraídos por você. É formosa, divertida e maravilhosa. Estou convidando Benedict também. — O conde de Allendale era o irmão mais velho de Callie. Juliana permitiu mostrar sua surpresa.

— Por que diz isso de tal maneira?

O sorriso de Callie era muito brilhante.

— Não há nenhuma razão. Você não gosta dele?

Eu... — O olhar de Juliana se estreitou. — Callie, por favor, não se faça de casamenteira. Eu não sou correta para homens como Benedict. Ou qualquer dos outros tão pouco.

— Não sou casamenteira — O protesto foi forte. E falso. — Eu simplesmente pensei que você gostaria de uma cara familiar. Ou duas.

— Suponho que não seria tão mau.

Callie se voltou preocupada.

— Juliana, alguém foi grosseiro contigo?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Todos são extraordinariamente corteses. Muito gentis. Impecavelmente britânicos. Mas também deixam mais que claro que não sou... o que procuram. Em uma acompanhante.

— Em uma mulher — Callie corrigiu rapidamente. — Uma acompanhante é uma coisa totalmente diferente.

Acompanhante era provavelmente o papel preciso que todos os de Londres, salvo sua família, estava esperando que ela assumisse. Consideravam-na muito escandalosa para ser uma esposa. E a Juliana não gostava da palavra, de todos os modos. Ela sacudiu a cabeça.

— Callie, tenho dito desde o começo... desde o dia que cheguei aqui, a Inglaterra... o matrimônio não é para mim.

E não o era.

— Tolices. — disse Callie, desprezando a ideia. — Por que pensa tal coisa?

Devido que a filha da marquesa de Ralston não é precisamente a esposa com quem todo homem sonha.

É obvio, não podia dizer isso. Ela se salvou de ter que responder pela abertura da porta da biblioteca. Ralston entrou com os olhos à busca sobre o assento da janela, e Juliana viu como bebia a sua esposa, seus traços se abrandaram, pelo amor claro.

Ela não negava que devia ser maravilhoso ter tal coisa.

Mas ela simplesmente não gastaria seu tempo desejando-o.

Ralston se aproximou, tomando a mão de Callie na sua levantando os dedos aos lábios para um beijo breve.

Estive te buscando — Voltou-se para Juliana. — Às duas. — Callie olhou Ralston.

— Diga a sua irmã que é formosa.

Pareceu surpreso.

— É obvio que é formosa. Se só fosse um pouco mais alta, seria perfeita.

Ela riu fracamente da brincadeira. Era mais alta que a metade dos homens em Londres.

— Uma queixa comum.

— Gabriel, diga a sério — Callie não ia deixar de tentar ajudar. — Ela pensa que não pode conseguir um marido.

As sobrancelhas de seu irmão se juntaram.

— Por que não? — perguntou a sua esposa.

— Não sei! Devido à obstinação que corre em seu sangue?

Ele fingiu considerá-lo em estado frustrado.

— É possível. Não estou seguro de que poderia conseguir um marido tão pouco. — Juliana sorriu. — É porque é muito alta.

Um dos lados de sua boca se torceu para cima.

— É muito provável. — Callie deu um pequeno som agravado. — É tão impossível! Tenho um jantar para fiscalizar. Você — assinalou com um dedo a seu marido, a seguir indicou Juliana — faça-a entrar em razão. — Quando a porta se fechou detrás de Callie, Ralston se voltou para Juliana.

— Por favor, não me faça falar disso.

Ele assentiu com a cabeça.

— Dá-se conta de que ela vai ser implacável a respeito? Vai ter que idear uma excelente razão pela qual não quer se casar, ou vai estar tendo esta conversa pelo resto de sua vida.

— Tenho uma boa razão.

— Sem dúvida, isso é o que acredita.

Ela franziu o cenho ante a insinuação de que ela em realidade não tinha uma boa razão para não casar-se.

— Estará feliz de saber que decidi não te encerrar no apartamento de cobertura para o resto de seus dias para lhe guardar de mais aventuras — disse, trocando de tema. — Mas você não está muito longe desse destino. Deve ter mais cuidado, Juliana — Sua covinha brilhou. — Parece-me que eu gosto bastante de ter uma irmã. — Suas palavras a esquentaram. Gostava muito ter um irmão.

— Não quero criar problemas. — Ele arqueou uma sobrancelha. — Não todo o tempo. Não esta tarde — Exceto ela tinha tido intenção de causar problemas. Simplesmente não a classe de coisas que ele precisava saber.

— Não do tipo que termina no fundo de um lago — ela corrigiu.

Ele se trasladou a um aparador e se serviu um uísque e se sentou junto à chaminé indicando que deveria reunir-se com ele. Quando ela tomou a cadeira frente a ele, disse:

— Não, você se refere a realizar o tipo de problemas que termina fazendo cair até a metade da sociedade londrina. — Ela abriu a boca para refutar o ponto, e ele continuou. — Não serve de nada em me dizer o contrário, Juliana. Acredita que é só o cabelo escuro e os olhos azuis o que nos faz irmãos? Acha que não sei o que é ter a todos vendo todos seus movimentos? Tê-los esperando para que demonstre que é cada centímetro o que esperam que seja?

— Houve uma longa pausa.

— É diferente.

— Não é.

— Eles não pensaram que fosse ser como ela. — Ele não pretendeu entender mau.

— Você não tem nada que ver com ela. — Como podia saber isso? Ele se inclinou para diante, os cotovelos sobre seus joelhos, seus olhos azuis inquebráveis. — Sei. Eu sei como era. Ela era indiferente. Despreocupada. Ela fez um cornudo de seu marido. Deixou a seus filhos... duas vezes.

Isso não é você.

Ela queria lhe acreditar.

— Ela também era escandalosa.

Deu um pouco de aborrecimento sua risada.

— Não é o mesmo absolutamente. É inesperada, emocionante e encantadora. Sim. É voluntariosa e irritante como o inferno quando o quer ser, mas ainda não é um escândalo.

Ela tinha estado no Hyde Park pela manhã. Ela tinha estado no balcão a noite anterior. Se Ralston sabia que ela tinha apostado duas semanas de paixão com o duque, teria um ataque. Sim, era um escândalo. Seu irmão, simplesmente não sabia.

— Caí no lago Serpentine hoje.

— Sim, bom, isso não está acostumado a ocorrer às mulheres em Londres. Mas não se trata tanto de um escândalo, já que é uma provocação. E se não te deteve quase consegue que te mate... — interrompeu-se, e o silêncio se estendeu entre eles.

— Ela era um verdadeiro escândalo. O tipo do que as famílias não se recuperam. Não é como ela. Não, absolutamente.

— Leighton acredita que o sou. — Os olhos de Ralston se obscureceram.

— Leighton comparou-te com nossa mãe?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não com tantas palavras. Mas ele pensa que sou um perigo para a reputação dos que me rodeiam.

Ralston agitou uma mão.

— Em primeiro lugar, Leighton é um asno, e o foi desde que estava em calças curtas — Juliana não pôde evitar sua risada, e Ralston sorriu ao ouvir o som. — Em segundo lugar, é muito conservador. Ele sempre o foi. E em terceiro lugar — deu um sorriso irônico. — Eu sofri mais que minha parte justa os golpes a minha reputação, e ainda estamos convidados às festas, não?

— Talvez todo mundo esteja esperando que provoquemos uma cena. — Ele se acomodou em sua cadeira.

— É possível.

— Por que ele é tão cauteloso?

A pergunta saiu antes que pudesse detê-la, e ela imediatamente se arrependeu. Ela não queria que Ralston detectasse seu interesse pelo duque.

Não é que fosse algo mais que um interesse passageiro.

Não, absolutamente.

Ralston não pareceu dar-se conta.

— Sempre foi assim. Desde que fomos meninos. Na escola, não podia dizer uma frase sem mencionar que ele era o herdeiro de um ducado. Sempre rígido e correto e tudo sobre o título. Sempre pensei que seu comportamento era ridículo. Por que assumir as responsabilidades de um título se não estar disposto a desfrutar dos benefícios?

Ele encontrou seus olhos, honestamente confundido pela ideia de sentir-se responsável por um título, e Juliana não pôde evitar sorrir. Seu irmão tinha um libertino em seu interior. A um manso, agora que ele estava

casado, mas, entretanto, um libertino. Fez-se o silêncio, e Juliana teve que morder a língua para não pressionar seu irmão por mais.

— Callie quer dar um jantar. Para lhe agradecer.

Publicamente.

Ele pensou por um momento.

— Isso parece soar lógico.

— Junto com uma meia dúzia de solteiros elegíveis. — Lhe ofereceu um olhar compassivo.

— Realmente não crê que possa fazê-la trocar de ideia?

— Não, suponho que não o fará — Fez uma pausa. — Ela acredita que a proximidade ao duque ajudará a minha reputação.

— É provável que tenha razão. Não posso dizer que eu gosto do homem, mas sim mantém certa influência sobre a sociedade — Um dos lados de sua boca se elevou em um meio sorriso. — Uma característica que nunca fui capaz de reclamar. — Fez-se o silêncio, e ambos estiveram perdidos em seus pensamentos. Finalmente, Ralston disse: — Não vou fingir que suas opiniões não importam Juliana. Queria um inferno que não o fizessem; é obvio que sim. Mas lhe prometo isso. Você não é nada como ela. — Fechou os olhos contra suas palavras. — Quero que acredite. Mas você se inclina a acreditar neles.

O olhar dela se ampliou.

Como sabia ele isso?

Um sorriso irônico cruzou seu rosto.

— Esquece irmã que estive em sua posição. Quis mostrar a todos que eu estava por cima deles, todo o tempo por temor a que eu fosse precisamente o que eles pensavam. — Isso foi tudo. Isso era o que ela sentia.

— É diferente para você. — disse Juliana, e odiava o amuo em sua voz.

Ele bebeu um gole.

— Também é agora.

Porque ele era o marquês.

Devido a que era inglês.

Porque ele era um homem.

— Porque você é um deles.

— Morda a língua — disse. — Isso é um insulto! — Ela não o encontrou divertido. Resultava exasperante. — Ah, Juliana. É diferente para mim porque agora sei o que é ter a alguém que espera que eu seja mais do que sou. Agora sei o que é querer ser mais.

O significado de suas palavras se afundou em seu coração.

— Callie.

Ele assentiu com a cabeça.

— Eu já não me enfoco na satisfação das expectativas da Alta Sociedade, porque estou muito centrado em superar as de Callie.

Ela não pôde evitar sorrir.

— O marquês malvado de Ralston, libertino impenitente, abatido pelo amor.

Encontrou-se com seu olhar, com toda seriedade.

— Não estou dizendo que deve se casar Juliana. Pelo contrário, se preferir uma vida livre de matrimônio, Deus sabe que tem suficiente dinheiro para viver. Entretanto, deve se perguntar o que acredita que sua vida deve ser.

Ela abriu a boca para lhe responder, só para dar-se conta de que ela não tinha resposta. Ela nunca tinha pensado muito nisso; já que seu pai tinha morrido e tudo tinha mudado. Na Itália, o matrimônio e a família não estavam fora de questão, supõe-se... mas estavam tão longe que ela em realidade nunca se deu a pensar muito nisso. Mas aqui, na Inglaterra...

Quem a quereria?

Sem dar-se conta de seus pensamentos, Ralston ficou de pé, e terminou a conversa com um pensamento final.

— Nunca pensei que diria, mas o amor não é tão mau como pensei que seria. Em caso de que venha por você, espero que não o afaste das mãos.

Ela sacudiu a cabeça.

— Espero que não venha me buscar.

Um sorriso brilhou.

— Ouvi dizer isso antes, você sabe. Eu disse... Nick disse... mas, —
advertisiu. — Os St. Johns não parecem ser capazes de evitá-lo.

Mas eu não sou uma St. John. Em realidade não era.

Mas ela não disse as palavras.

Gostava da ilusão.

CAPÍTULO 7



A diversão se expressa com sorrisos delicados. A risada é muito forte para uma dama elegante.

Um tratado da mais refinada das damas.

A velha pergunta é respondida: Na batalha, o mármore de ouro triunfa.

A Folha do Escândalo, outubro 1823.

Juliana olhou por cima da borda do camarote do Duque de Rivington no Royale Theatre, tendo em conta a massa de seda e o cetim de baixo. A metade da alta sociedade parecia estar assistindo a esta apresentação especial de La Dama do Livorno, e a outra metade sem dúvida por que não pôde conseguir um ingresso.

— Minha palavra — disse Mariana, unindo-se a ela para ver o quadro que se estendia ante elas — pensava que estariam para o outono em suas casas de campo e viagens de caça!

— Sim, bom, alguém esqueceu dizer à sociedade de Londres deste ano.

— Isto é o que acontece quando o Parlamento se reúne em sessões extraordinárias. Todos se voltam loucos no ar outonal. É isso trigo no cabelo da Lady Davis? — Levantando Mariana inspecionou o infeliz desafortunado com um movimento de sua cabeça, antes de inspecionar o resto dos camarotes no teatro, antes que a função se iniciasse e se visse obrigada a fingir que não lhe importava o público tanto como para a companhia de atores. — Ah. Densmore está aqui com uma mulher que nunca vi antes. Qualquer um poderia assumir que ela é uma cortesã.

— Mari — Ela não teria estado em Londres por muito tempo, mas inclusive Juliana sabia que a discussão das cortesãs não era uma conversa

adequada para o teatro.

Mariana olhou para cima, em um abrir e fechar de olhos.

— Bom, é verdade!

— O que é verdade? — O duque de Rivington fazia seu caminho através da multidão de visitantes em busca de um momento do tempo de sua esposa, e passou o dorso de um dedo pelo braço de sua esposa. Juliana sentiu uma pontada de inveja pelo carinho distraído, mal percebido pelo marido ou esposa, e a ignorou. Mariana se voltou para seu Duque com um sorriso brilhante, feliz.

— Só estava dizendo que Densmore deve estar aqui com uma dama da noite. Nunca a vi antes.

Mariana olhou por cima do ombro de Rivington ao casal em questão, um par um pouco sério, cada um com os lábios e a mandíbula apertados. Pondo os olhos em branco, entregou seus binóculos a Juliana.

— Olhe que mais pode descobrir enquanto estou fora. Espero um relatório completo quando retornar. — Ela tinha ido a seguir, através de uma multidão, para cumprir com seu dever como esposa de um dos homens mais respeitados no reino.

Juliana observou atônita como sua amiga se aproximou da baronesa, ela e a mulher participaram da conversa. Em questão de segundos, Lady Allen estava sorrindo a Mariana, obviamente satisfeita com sua companhia.

Por muito que as pessoas falassem sobre o matrimônio de Mariana como a mais estranha das coisas, o amor de ambas as partes era inegável, e a relação era tanto uma associação política brilhante como um grande romance. Mariana era a melhor das esposas ducais, que seu duque resultasse estar louco por ela foi uma feliz coincidência.

O amor duradouro não era algo com o que Juliana estava familiarizada. Ela era o produto de um encontro criado a partir de uma teimosia fugaz. Sua mãe tinha enfeitiçado a seu pai, isso Juliana sabia, e os tinha abandonado quando ela se cansou da vida doméstica.

O pai de Juliana não se tornou a casar, apesar de que tinha tido várias oportunidades de fazê-lo, ela sempre tinha pensado que tinha tomado a decisão mais sensata. Depois de tudo, por que correr o risco de voltar a amar

quando a história sugere que tal comportamento acabaria só em dor, ira e a perda?

Nos últimos meses, ela tinha podido ver que o amor não era um mito. Ela estava muito feliz que seus meios irmãos o tivessem encontrado.

O amor de Gabriel e Callie floresceu quando Juliana chegou a Inglaterra, e tinha observado como resistiram a este, *inutilmente*.

Quando tinham sucumbido à emoção, toda Londres se surpreendeu, e Juliana só tinha a esperança de que seu amor não acabasse na tristeza.

Em questão de meses, Nick tinha encontrado a sua Isabel, e foi impossível negar sua devoção um ao outro. Mas o amor começava desta maneira, feroso, apaixonado e devoto. O que acontecia quando o fogo se desvanecia e a devoção se convertia em aborrecimento? Ela viu como Callie se estirava para sussurrar algo ao ouvido de Ralston no lado oposto do camarote. Seu irmão sorriu, algo que estranha vez fazia quando Juliana tinha chegado na passada primavera; pôs sua mão na parte baixa das costas de sua esposa e se inclinou para responder. Pela leve cor rosa que se estendeu pelas faces de Callie, Juliana imaginou que as palavras de seu irmão não fossem de tudo aptas para o teatro.

Algo no fundo de Juliana girou em espiral... algo que ela podia identificar como inveja se ela passasse muito tempo considerando-o. Mas sabia que não devia sentir inveja de seu amor. O amor era uma emoção vaga e efêmera que, dentro de meses e anos, se a gente tiver sorte, finalmente se desvaneceria.

E logo o que?

Não, Juliana não queria amor.

Mas a paixão... do tipo que fazia seu irmão dizer coisas malvadas a sua esposa no teatro... isso era outra coisa completamente distinta.

Não lhe importaria ter isso.

Pensou de novo na manhã, dois dias atrás, no momento em Hyde Park quando o duque de Leighton tinha saltado de seu cavalo, com os olhos brilhantes de ira e frustração, e a beijou.

A fundo.

Com paixão.

E fazia desejar-lo, maldito fosse.

Ela queria mais daquilo do que lhe tinha dado a provar.

Desejo.

Luxúria.

Sensualidade.

Inclusive o conflito era convincente. Mas não ele. Negava-se a querê-lo. Ela levantou os binóculos e examinou o teatro, em busca de algo que servisse para reorientar sua atenção. A vários camarotes de distância, o visconde Densmore parecia estar olhando de esguelha pelo alarmante decote de sua acompanhante, parecia que Mari estava certa a respeito dela.

Uns metros mais à frente, Lady Davis e a Senhora Sparrow estavam em risco de cair de seu camarote, já que esticavam o pescoço para um ponto distante antes de encolherem-se atrás de seus leques ondeando-os, na posição universal para uma conversa escandalosa. Enquanto que Juliana não tinha amor por qualquer dessas mulheres horríveis, teve que admitir que eram peritas intrigantes.

Seguindo sua linha de visão, ela esperava uma bem-vinda distração. Quando chegou à razão de seus sussurros frenéticos. Ali, no quadro em frente, encontrava-se o duque de Leighton e a *uva*, em uma conversa privada e tranquila. À vista de meia Londres. Vários metros de distância do perfeito casal, mas lá, completando o retrato de felicidade aristocrática, estava a duquesa de Leighton e uma dama gordinha e um cavalheiro corpulento que Juliana só podia imaginar eram os pais da *uva*. *Lady Penelope*.

Era melhor que ela começasse a pensar nela como Lady Penelope.

Por quê? Logo ela seria a Duquesa de Leighton.

Ela ignorou a onda de desgosto que fluía através dela ante tal pensamento.

Que importava a ela com quem se casasse ele?

Ela não devia olhar.

Por que lhe importava que ele selecionasse a alguém que era tudo o que Juliana não era?

O ponto da perfeição, absolutamente sem nenhum problema, nem sequer um pouco escandalosa?

Ela não devia olhar.

Não? Então por que não baixava os binóculos?

Podia deixar os binóculos em qualquer momento que ela quisesse.

Causou esmagar os binóculos.

Ele levantou a vista e a olhou fixamente aos olhos. Se tivessem estalado em chamas, ela não poderia ter baixado os binóculos mais rapidamente. Ou com mais descuido. Os binóculos atingiram a balaustrada de mármore com um estalo malvado e o ocular de ouro caiu ao piso acarpetado. Tudo ficou terrivelmente silencioso de repente no camarote, enquanto os visitantes e familiares reunidos se voltavam ante o som, encontrando Juliana boquiaberta, olhando o longo cabo de esmalte que permanecia em sua mão.

Uma enorme onda de vergonha corria por ela, e Juliana tomou a primeira via de escapamento que teve, caindo de joelhos no piso do camarote muito escuro e totalmente não o suficientemente escuro para recuperar as lentes que... o diabo os leve... deviam ter ricocheteado em uma cadeira, porque não estavam por nenhum lado.

Procurando às cegas debaixo das cadeiras, tomou um momento para dar-se conta de que se arrastando no piso do Duque de Rivington no camarote do teatro, acabava de ficar em uma situação muito, muito pior.

As damas Sparrow e Davis estavam muito provavelmente observando-a agora, esperando para ver como ia sair desta mortificante situação.

E ela nem sequer devia pensar nele.

Certamente, ele tinha visto tudo.

E ela o imaginava levantando uma sobrancelha dourada imperiosa, em sua direção como se fosse dizer: *Graças a Deus é Ralston quem deve fazer frente a você e não eu.*

Amaldiçoou em voz baixa, ao decidir que esta situação particular não podia ser agravada com umas palavras em italiano. Seus dedos roçaram algo afresco e suave, e ela agarrou as lentes. Ela levantou a cabeça, para encontrar-se olhando às mãos do irmão de Callie, o conde de Allendale.

Um cavalheiro do mais alto calibre, Benedict estava quase com toda segurança ali para ajudá-la a levantar-se. Ela não estava preparada. Ele pareceu dar-se conta, e em lugar disso se agachou a seu lado.

— Vou fingir ajudar na busca até que esteja pronta para enfrentá-los — sussurrou, e a diversão em seu tom alegre contribuiu para estabilizar seu pulso. Ela olhou aos olhos cor marrom clara, iguais aos de Callie, e igualou seu sussurro com o seu.

— Acredita que eu poderia ficar aqui, mylord?

— Por quanto tempo?

— Para sempre é muito longo, verdade?

Ele fingiu examinar a questão.

— Bom, como um cavalheiro, eu estaria obrigado a permanecer a seu lado... e eu estava esperando ver a atuação — brincou ele. Ao sorrir, ofereceu uma mão e alguns conselhos de tranquilidade.

— Segue sorrindo. Se virem que sente vergonha, irão piorar a situação.

Com uma respiração profunda, lhe permitiu levantá-la sobre seus pés. Podia sentir centenas de olhos sobre ela, mas se negou a olhá-los. Negou-se a comprovar para ver se um conjunto daqueles olhos pertencia ao duque arrogante frente a eles.

Através de um sorriso forçado, disse:

— Causei uma cena, não?

Um dos lados da boca de lorde Allendale se elevou com diversão.

— Sim. Mas é um teatro. Assim pode consolar-se com o fato de que você não é primeira em fazê-lo.

— A primeira em fazê-lo desde tão longe por cima do set, entretanto. — Ele se inclinou muito perto, como se fosse compartilhar um segredo.

— Tolices. Uma vez vi uma viscondessa perder a peruca porque estava muito inclinada sobre a borda — Fez um simulado de tremor. — Espantoso.

Ela riu o som a divertiu a partes iguais e a aliviou. Benedict era bonito e encantador, e, portanto mais amável que...

Que ninguém.

— Primeiro o Serpentine e agora isto.

— É uma aventureira, ao parecer — burlou-se ele. — Pelo menos neste caso, não está em perigo.

— Sério? Por que se sente muito mais aterrador? — Benedict sorriu.

— Você gostaria de lhes fazer uma reverência por sua atuação?

Seus olhos se abriram.

— Eu não poderia!

— Não?

— Serio.

— Seria uma noite muito mais interessante, é certo.

E Leighton a odiaria.

O pensamento trouxe um sorriso a sua cara. Um real. Ela sacudiu a cabeça.

— Acredito que causei muitos problemas por uma noite — disse ao conde, voltando-se para o resto do camarote. Ela elevou as lentes triunfante, anunciando: — Encontrei-as!

Mariana se pôs a rir, aplaudindo duas vezes em um sinal de que se entretinha a fundo. O sorriso de Ralston indicou que sua irritação por sua cena era vencida por seu orgulho em que ela não ia encolher-se de medo ante o resto da alta sociedade. Seu irmão nunca se preocupou muito pela sociedade, e Juliana tinha que estar agradecida por isso. Quanto aos visitantes do camarote, eles pareciam tratando de recordar a etiqueta adequada para o momento em que a irmã de um marquês reaparecesse depois de passar muito tempo engatinhando no piso de um camarote de um teatro.

Não é que Juliana acreditasse que havia uma quantidade adequada de tempo, para estar no piso de um camarote quando as luzes começaram a apagar-se, e era hora de que a obra real começasse.

Graças a Deus.

Juliana muito em breve esteve sentada ao final da primeira fila de assentos, ao lado de Mariana, que não tinha nenhuma dúvida, retornou ao

seu lado para protegê-la da vergonha adicional. As luzes se acenderam no cenário, e começou a peça.

Era impossível para Juliana centrar-se na cena.

Era uma farsa, e uma muito boa se a risada da audiência fosse uma indicação, mas ela estava lutando com os nervos residuais, um impulso persistente de fugir do teatro, e um desejo insuportável de ver o duque de Leighton.

Um desejo insuportável que, ao final da primeira cena, resultou irresistível.

Ela jogou um olhar pela extremidade do olho e o viu. Olhando a peça com ávido interesse. Seus dedos se fecharam ao redor dos binóculos de ouro em suas mãos delicadas, lhe recordando sua existência.

Pela facilidade com que ela poderia vê-lo com clareza. Era totalmente razoável que ela verificasse o estado do componente mais importante do teatro: os binóculos, raciocinou. Sem dúvida seria uma tragédia se as lentes estivessem arruinadas. É óbvio que poria a prova os binóculos. Era de se esperar que os comprovasse.

Ela levantou o olhar e olhou pelo cenário. Com as não quebradas lentes Juliana pôde ver o cetim escarlate brilhante da atriz principal, quase podia distinguir as linhas individuais do espesso bigode negro que levava o ator principal.

Perfeito funcionamento.

Mas não havia nenhuma garantia de que as lentes não tinham se quebrado de alguma outra forma. Talvez fossem afetados agora pela luz?

Também era possível. Ela faria bem em averiguar.

Girou os binóculos com tanta naturalidade como era possível em um amplo arco do cenário, detendo-se só quando se encontrou com seus brilhantes cachos dourados.

Algo no cenário fez rir ao público. Ele não riu... nem sequer sorria, até que a *uva* se voltou para ele, para comprovar se estava se divertindo. Juliana observou enquanto ele com um sorriso forçado, aproximava-se dela para falar em voz baixa a seu ouvido. O sorriso dela se fez mais amplo, mais natural, e de repente não parecia tão em forma de *uva*.

Pareceu muito bonita.

Juliana se sentiu mal.

— Vê algo interessante? — Ela respirou fundo, quase deixando cair os binóculos à pergunta em voz baixa. Virou-se para encontrar-se com o olhar de Mariana.

— Eu... eu só estava provando os binóculos. Queria estar segura de que eles estavam em condições de trabalhar.

— Ah — Um pequeno sorriso se desenhcou nos lábios de sua amiga. — Porque eu teria jurado que estava olhando ao duque de Leighton.

— Por que haveria eu de fazer isso? — Juliana disse, e a questão saiu em um tom quase desumano. Colocou os binóculos no colo de Mariana. — Aqui. Funcionam.

Mariana levantou-os, sem fazer absolutamente nenhum intento de ocultar que estava procurando o duque de Leighton.

— Pergunto-me por que ele está com Penélope Marbury.

— Vai casar-se com ela — Juliana se queixou. Mariana deu um rápido olhar de surpresa a Juliana.

— Sério? Bom. Ela tem feito a pesca de toda a vida.

O bacalhau servido no almoço deve ter caído mau. Era a única razão pela que sentiria tantas... náuseas.

Mariana voltou para sua inspeção.

— Callie me disse que teve vários encontros com ele.

Juliana negou com a cabeça, e lhe sussurrou:

— Não sei o que ela estará dizendo. Nós não combinamos absolutamente. Houve um acidente a cavalo, mas eu não acreditava que Callie sabia... — Deixou de falar enquanto ela observou que Mariana tinha baixado os binóculos e a olhava em estado de choque. — Acredito que entendi mal.

Mariana se recuperou e lhe disse com um sorriso triunfal.

— Em realidade tem feito. Como eu adoro que ainda não domina as frases em inglês!

Juliana tomou a mão de sua amiga.

— Mari! Não deve repeti-lo!

— Oh, não o farei. Com uma condição.

Juliana olhou ao teto pedindo salvação.

— O que?

— Tem que me contar tudo! "Acidente do cavalo" soa tão escandaloso! — Juliana não respondeu, em lugar disso virou decididamente para o cenário. Tratou de prestar atenção à ação no cenário, mas a história de dois amantes tratando de evitar o descobrimento de sua relação clandestina era algo muito familiar. Ela se encontrava em meio de sua própria farsa... binóculos quebrados na ópera e reuniões escandalosas e tudo, e ela acabava de ser descoberta. E não lhe fez graça.

— Ele está te olhando — sussurrou Mariana.

— Não está olhando — respondeu ela por fora da comissura de sua boca. Mas não pôde evitar virar a cabeça.

Ele não estava olhando-a.

— Estava te olhando.

— Bom, eu não o estou olhando.

E ela não o fez mais.

Não olhou durante todo o primeiro ato, enquanto os amantes se estrelavam dentro e fora das portas e o público uivava de risada, não enquanto o pano de fundo caiu sobre eles em um abraço apaixonado, à vista de seu marido e sua irmã... Que por alguma razão lhes importava muito pouco as saias que seu irmão estava perseguindo.

Ela não olhou enquanto as luzes eram acesas em torno do teatro, lançando a sociedade de Londres de novo à vista, e não enquanto o fluxo de visitantes ao camarote de Rivington começou a chegar uma vez mais, e teve a oportunidade de olhar.

Não olhou, enquanto o conde de Allendale a entretinha durante o intervalo, nem quando Mariana sugeriu que fossem ao salão das damas reparar-se, ardil velado para conseguir que Juliana falasse, nem depois de que ela declarou que não, ela não tinha razão para ir ao salão, e Mariana se viu obrigada a ir sozinha.

Ela não olhou até que as luzes se desvaneceram uma vez mais e o público se acomodava no segundo ato.

E logo desejou não havê-lo feito.

Porque ele estava guiando à *uva* em seu assento, sua mão grande persistente a seu lado deslizava-se por seu braço enquanto tomava o assento a seu lado. E descobriu que não podia apartar o olhar. A carícia foi rápida, embora parecesse a Juliana que se estendia interminavelmente, e Lady Penélope, impassível, voltou para o cenário, imediatamente absorta no seguinte ato.

O duque, entretanto, olhou Juliana, satisfazendo plenamente seu olhar. A distância e as luzes tênues que a tinham convertido em algo incerto, mas, não... ele estava olhando-a. Não havia outra explicação para o estremecimento de consciência que se disparou por suas costas. Ele sabia que ela tinha visto a carícia.

Queria que ela a visse.

E de repente não havia suficiente ar no camarote.

Ela se levantou abruptamente, chamando a atenção de Ralston enquanto se encaminhava à saída. Ela se inclinou um pouco para lhe falar baixinho em seu ouvido.

— Tenho um pouco de dor de cabeça. Sairei ao corredor para procurar um pouco de ar. Ele a escrutinou com o olhar — Deseja retornar a casa?

— Não, não... Estarei bem. Só sairei fora do camarote. — Ela sorriu fracamente. — Retornarei antes que pense que desapareci.

Ralston duvidou, debatendo-se se deveria lhe permitir sair.

— Não se afaste. Não desejo que vague através do teatro.

Ela assentiu com a cabeça.

— Certamente que não.

Ele deteve seu movimento com uma mão firme no pulso.

— Digo a sério, irmã. Sou muito consciente dos problemas que pode encontrar em um teatro durante uma atuação. — Ela levantou uma sobrancelha em um gesto que compartilhavam.

— Espero com interesse escutar mais sobre isto logo.

Seus dentes brancos brilharam na escuridão.

— Terá que perguntar a Callie.

Ela sorriu.

— Pode estar seguro de que o farei.

E então ela estava no corredor, que estava vazio exceto por um punhado de lacaios e ela pôde respirar uma vez mais. Havia uma brisa fresca que soprava através do corredor, e se dirigiu instintivamente para sua fonte, uma grande janela na parte de trás do teatro, onde o corredor terminava abruptamente por cima do que deveria ser o cenário. A janela tinha ficado aberta na noite de outubro, havia uma cadeira debaixo dela, como esperando sua chegada. Estava provavelmente muito longe do camarote para o gosto de Ralston, mas era um lugar perfeitamente público, não obstante.

Ela estava sentada, apoiada no batente e olhando para os telhados de Londres. A luz piscava nas janelas dos edifícios abaixo, e ela podia ver uma jovem costurando vários pisos abaixo. Juliana se perguntava, fugazmente, se a menina tinha assistido alguma vez ao teatro... Se alguma vez teria sonhado com o teatro.

Juliana certamente não o fez... Não assim, com uma família de aristocratas que ela nunca tinha sabido existiam. Não com as joias e as sedas e os cetins e marqueses e condes e... *Os duques*.

Os duques que a enfureciam e consumiam seus pensamentos e a beijavam como se fosse a última mulher sobre a terra.

Ela suspirou, olhando como a luz da lua crescente se refletia nos tetos de telhas, ainda molhados por uma chuva breve que caiu na tarde. Ela tinha começado algo que não podia terminar. Ela tinha querido tentá-lo com a paixão, para castigar sua arrogância e levá-lo a seus joelhos, mas depois do episódio vergonhoso no lago, quando lhe disse que ela era a última coisa que jamais encontraria tentadora...

Ficavam dez dias para que terminasse seu contrato, e ele estava cortejando Lady Penélope, o planejamento de toda uma vida de matrimônio adequado, perfeito com uma mulher que tinha sido criada para ser uma duquesa.

A aposta se supunha que devia terminar com seu triunfo pondo Leighton abaixo, assim por que se sentia como se fosse Juliana a perdedora?

— Por que não está em seu assento? — Ela deu um pequeno pulo ao ouvir as palavras, mescladas com irritação. Ele a tinha seguido.

Não deveria lhe importar que ele a tivesse procurado.

É obvio, o fez.

Virou-se, tratando de aparentar serenidade.

— Por que não está você em seu assento?

Ele franziu o cenho ante isso.

— Vi-a abandonar o camarote sem escolta.

— Meu irmão sabe onde estou.

— Seu irmão nunca aceitou em sua vida um pingo de responsabilidade.

— Aproximou-se mais a ela. — Algo pode acontecer aqui.

Juliana fez um intento de olhar pelo corredor longo e tranquilo.

— Sim. É muito ameaçador.

— Alguém deve estar olhando por sua reputação. Você poderia ser assediada.

— Por quem?

Ele se deteve nisso.

— Por qualquer um! Por um ator! Ou um laçao!

— *Ou um duque?*

Franziu o cenho, e fez uma pausa.

— Suponho que eu mereço isso. — Ele não o merecia.

Em realidade não.

Ela se voltou para a janela.

— Eu não lhe pedi que viesse atrás de mim.

Houve um longo momento de silêncio, e ela esperava que se fosse quando ele disse, em voz baixa:

— Não. Você não o fez.

Ela assentiu com a cabeça com tal admissão.

— Então, por que está aqui?

Ele passou uma mão por seus cachos dourados e os olhos de Juliana se abriram ante o movimento, pela não controlada e, estranho nele, sinal de inquietação.

— Foi um engano.

A decepção se acendeu, e ela fez todo o possível para ocultá-la, em seu lugar fez uma ampla extensão do corredor com uma mão.

— Podemos corrigir isso facilmente, Sua Graça. Acredito que seu camarote está no lado oposto do teatro. Devo pedir um laçao para lhe escoltar de volta? Ou tem medo de ser assediado?

Seus lábios apertados em uma linha reta, a única indicação de que tinha registrado o sarcasmo em suas palavras.

— Não pretendia vir atrás de você, embora Deus saiba que foi provavelmente um engano também, embora seja uma consequência inevitável de uma... — Deteve-se, sopesando suas seguintes palavras. — Refiro-me a tudo. A aposta, as duas semanas, pela manhã no Hyde Park...

— De tarde no Hyde Park — acrescentou ela em voz baixa, e seu olhar voou ao seu.

— Eu tivesse preferido não ter dado às más línguas algo que discutir, mas é obvio não me arrependo de havê-la salvado — Havia algo nas palavras, a irritação mesclada com uma emoção que Juliana não pôde identificar, mas tinha ido quando, continuou, com frieza:

— O resto, entretanto, não pode continuar. Nunca devia ter aceitado isso, para começar. Esse foi o engano. Estou começando a ver que você é virtualmente incapaz de comportar-se com decoro. Nunca devia lhe haver seguido na corrida.

Seguido a corrida com ela.

O significado das palavras ecoou, inclusive enquanto ele dançava em torno do que realmente estava tratando de dizer.

Ela não era o suficientemente boa para ele.

Ela nunca o tinha sido.

E ela nunca seria o suficientemente boa para o mundo em que ele vivia.

Tanto como ela jurou que ele ia trocar seu ponto de vista dela, ia demonstrar que estava equivocado e fazer que lhe pedisse perdão... Por sua atenção... A determinação em seu tom lhe deu uma pausa.

Ela se negou a deixar-se ferir por ele, isso lhe daria muito poder sobre ela.

Daria a todos muito poder sobre ela.

Havia outras pessoas que não acreditavam nela de jeito algum porque ela tinha nascido na Itália, porque ela tinha nascido comum, porque ela lutava contra as regras e restrições deste novo mundo.

Ela não deveria sentir-se ferida.

Ela deveria estar zangada.

A ira, pelo menos, era uma emoção que podia dominar. E enquanto ela estivesse zangada, ele não ia ganhar.

— Ficou satisfeito? — perguntou ela, de pé e virou de maneira que estivessem cara a cara. — Você pode estar acostumado a que outros simplesmente aceitem seu ponto de vista em uma situação, Sua Graça, mas eu não sou um de seus subordinados admiradores. — A mandíbula dele se endureceu ante as palavras, e ela seguiu adiante. — Você não parecia estar simplesmente satisfeito quando você concordou com as duas semanas, e definitivamente não se limitou a me seguir na corrida pela manhã no Hyde Park há várias manhãs atrás.

Seu queixo levantado, iluminada e firme com uma mescla de raiva e convicção.

— Você me deu duas semanas. Segundo minha conta, ainda falta dez dias. — Ela deu um passo mais perto dele, até que quase se tocaram, e escutou a mudança em sua respiração, a tensão que teria sido imperceptível, se ela não estivesse tão próxima.

Ela já não estava tão zangada.

Acaso não se sentia tão atraída por ele.

— E eu vou usá-los — sussurrou ela, sabendo que estava tentando sua sorte e que, com uma palavra de rechaço, ele poderia acabar com tudo.

O momento se estendeu por uma eternidade, até que já não podia sustentar seu olhar indecifrável. Ela baixou a atenção a seus lábios, a seus

firmes e sólidos lábios.. Um engano. De repente, a janela aberta não fez nada para frear o ar sufocante no teatro. A lembrança de seus beijos foi enjoativa no corredor escuro... O desejo de mais afligia todo o resto. Seus olhos se deslizaram de volta a ele, a seu ambarino e escuros olhos cor carvalho.

Ele a desejava, também.

A ideia fez que um calafrio de fogo a atravessasse. Ele deu um passo mais perto. Eles estavam se tocando agora, apenas a curva de seus seios roçando seu amplo peito. Ela conteve o fôlego.

— Você não me necessita para seus escândalos. Quando tem um conde na palma de sua mão.

A confusão de suas palavras a queimava e aturdiu com sua proximidade.

— Um conde?

— Vi-a com Allendale, sorridente e... Acolhedora — A última palavra saiu como cascalho.

— Allendale — Repetiu como uma imbecil e procurou em sua mente o significado. Do que estava falando? A luz da compreensão apareceu.

— Oh. Benedict. — Algo não de todo seguro brilhou nos olhos dele.

— Você não deveria referir-se a ele com tanta familiaridade.

Um fio de emoção teceu seu caminho através dela.

Parecia zangado. Não... Furioso. Parecia ciumento.

O olhar se foi antes que pudesse degustá-lo, fechou-se detrás de seu olhar atento, mas a coragem aumentou, entretanto, e lhe deu um pequeno sorriso, zombadora.

— Quer dizer que não devo me referir a ele por seu nome?

— Não com esse nome.

— Você não seguiu a tais normas quando nos conhecemos... Simon — Ela disse seu nome em um sussurro, e o fôlego dela se enroscou entre eles, como a tentação. Ele respirou fundo.

— Deveria havê-lo feito.

— Mas você queria que eu pensasse algo que você não era.

— Acredito que os dois fomos culpados de ocultar nossas verdadeiras identidades. — A tristeza se acendeu, mesclada com a ira.

— Eu não me escondi.

— Não? Então por que eu acreditei que você era...

Mais.

Ela ouviu a palavra em sua mente. Detestando-a.

— Você parecia pensar que eu era *suficiente* então. — Ela levantou seu queixo, seus lábios ficaram a um fio de distância dos seus. O desejo estava saindo dele em ondas.

Ele podia não querer, mas a desejava. Ela podia sentir.

Ele se inclinou, e ela conteve o fôlego, esperando pela sensação desses implacáveis lábios, desejando-os com um desespero mais do que ela jamais admitiria. O mundo se desvaneceu, e não havia nada mais neste momento, que os dois em uma escuridão tranquila, seu olhar dourado sobre a seu, seu calor a consumindo. Sua boca se abatia sobre a dela, podia sentir sua respiração suave na sua pele e ela queria gritar com a antecipação...

— Você é um escândalo a ponto de acontecer. — As palavras fossem como um beijo com a sua respiração, o sentimento contrariando. E então ele se foi, dando um passo atrás, deixando-a só e totalmente insatisfeita e desejosa. — Um que eu não posso me dar o luxo — adicionou.

— Você me deseja — Ela fez uma careta por ouvir o desespero na acusação: desejava, imediatamente, isso que ela poderia tomar novamente. Ele era de pedra.

— Claro que te desejo. Eu teria que estar morto para não te desejar. É brilhante e formosa, e responde de uma maneira que me dá vontade de te jogar ao chão e te dobrar à minha vontade — Deteve-se, olhando seus olhos muito abertos. — Entretanto, as ações têm consequências, senhorita Fiori. Um fato que faria bem em recordar antes de atirar-se de cabeça em seus jogos infantis. — Ela entrefechou os olhos.

— Não sou uma criança.

— Não? Você não tem ideia do que está fazendo. O que acontece depois que você me ensinasse a respeito de sua preciosa paixão Juliana? O que seguiria então? E depois? — A pergunta chicoteou através dela. Ela não

tinha nenhuma resposta. — Você alguma vez em sua vida considerou o futuro, de verdade? Você nunca imaginou o que vem depois, depois de algo que esteja experimentando aqui e agora — Ele fez uma pausa, logo cortou mais profundo. — Se isso não diz de sua infantilidade, nada o faz.

Ela o odiou então. Odiou a forma em que a deixou desabrigada. A forma em que conhecia suas falhas antes que as conhecesse por ela mesma.

Ele continuou:

— Estou me retirando de nossa aposta. Eu nunca deveria ter aceitado em primeiro lugar. Você é um perigo para você mesma. E para mim. E não posso me dar ao luxo de lhe ensinar a lição que merece.

Ela sabia que tinha que assentir. Sabia que devia liberá-lo, liberá-los deste acordo estúpido, que ameaçava danificar sua reputação, seus sentimentos, sua razão. Mas ele a pôs tão furiosa, que não podia deixá-lo ganhar.

— Você diz que está se retirando, eu digo que está falhando — A palavra era uma brincadeira.

Um músculo de sua mandíbula estremeceu.

— Eu deveria dizer tudo a Ralston.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— E você pensa que ajudará a sua causa — Eles se enfrentaram no corredor pouco iluminado, e Juliana podia sentir a fúria que saía dele. Deleitava-se nela, era tão estranho vê-lo mostrar alguma emoção. Ela não pôde resistir a empurrar ao leão.

— Tenha coragem, eu deveria não necessitar tanto tempo para leva-lo de joelhos. — Seus olhos se abriram imediatamente escuros, e ela soube que tinha ido muito longe. Pensou por um momento que ele a sacudiria, reconheceu a raiva logo que controlada em seus músculos.

— Superei ameaças muito piores a minha reputação que a sua senhorita Fiori. Não pense nem por um momento que vai prevalecer. A tentação não é rival para a reputação — Fez uma pausa. — Você quer seus dez dias? Mantenha-os. Faça seu melhor esforço.

—Tenho a intenção de fazê-lo.

— Não espere de mim que facilite.

Ela deveria ter sentido prazer pela forma em que ele se voltou sobre seus pés e partiu, na forma em que tinha prejudicado sua fachada fria. Mas enquanto o via retornar ao camarote e a sua perfeita noiva inglesa que tinha escolhido, não era o triunfo o que sentia. Era algo suspeito parecido à *nostalgia*.

CAPÍTULO 8



A grosseria é a última prova da perfeição. Uma dama delicada segura sua língua.

Um tratado da mais refinada das damas.

Os achados mais emocionantes na costureira não são as peças de seda, a não ser os sussurros de escândalo.

A Folha do Escândalo, Outubro 1823.

— As mulheres inglesas gastam mais tempo comprando roupas que qualquer outra em toda Europa.

Juliana se recostou no sofá na sala de provas da costureira. Tinha passado mais horas do que queria admitir nesse móvel em particular, estofado em brocado escarlate bastante caro e só o suficientemente audaz para fazer par com a proprietária da loja

— Você nunca deve ter visto uma loja francesa — a senhora Hebert disse secamente enquanto habilmente cravava a encantadora sarja cor de mirtilo que estava ajustando à cintura Callie.

Mariana riu enquanto inspecionava uma peça de veludo verde.

— Bom, não podemos permitir que os franceses sejam melhores que nós em uma atividade tão importante, podemos? — Hebert respondeu com um grunhido, e Mariana se apressou a tranquilizá-la. — Depois de tudo, já ganhamos a melhor costureira para nosso lado do Canal.

Juliana sorriu enquanto sua amiga evitava um desastre diplomático.

— E, além disso — continuou Mariana — Callie passou muito tempo com uma roupa horrível. Ela tem muito para compensar. Acabamos de

começar a aventura... — Fez uma pausa. — E talvez uma capa de inverno neste verde?

— Sua Graça ficaria maravilhosa neste veludo — Hebert não levantou a vista de seu trabalho. — Posso sugerir um vestido novo em “Dupioni” combinando? Parecerá uma rainha no baile de inverno.

Os olhos de Mariana se iluminaram enquanto Valerie tirava a impressionante e pesado seda verde que refletia com uma dúzia de diferentes tons verdes brilhava através dele.

— Oh, sim... — Sussurrou.

— É obvio que pode fazer tal sugestão. — Juliana riu da reverência no tom de sua amiga. — E com isso, ficaremos aqui outra hora — anunciou, enquanto Mariana se dirigia para trás de um biombo próximo para ser medida.

— Não muito apertado — Callie disse em voz baixa à costureira antes de sorrir a Juliana.

— Se o outono segue sendo tão movimentado como está, não posso imaginar o que virá com o inverno. Você também vai necessitar novos vestidos, já sabe. De fato, não discutimos o que vestirá no seu jantar.

— Não é meu jantar — Juliana riu. — E estou segura de que tenho um bastante adequado.

— Callie selecionou uma excelente safra dos Lordes de Londres, Juliana — Mariana cantou desde detrás da tela. — Cada um deles mais elegível que o anterior.

— Assim escutei.

Callie inspecionou a cintura de seu vestido no espelho.

— Entretanto, Leighton ainda não aceitou — Ela olhou nos olhos de Juliana pelo espelho. — Incluindo Benedict. — Juliana fez pouco caso da referência ao conde de Allendale, sabendo que não devia pressionar Callie sobre o evento.

— No entanto... Leighton não vem?

Callie sacudiu a cabeça.

— Não está certo. Ele simplesmente não respondeu.

Juliana mordeu a língua, sabendo que ela não devia pressionar mais sobre o tema. Se ele não queria comparecer ao jantar, para que estavam fazendo este jantar?

— Estou tratando de encontrar algo de bom nele... Mas não é fácil. Ah, bem. Teremos um tempo maravilhoso sem ele.

— Quer que Valerie lhe mostre alguns tecidos, senhorita Fiori? — Hebert perguntou como uma excelente costureira que era.

— Não — Juliana negou com a cabeça. — Tenho um montão de vestidos. Meu irmão não tem que falir por minha culpa hoje.

Callie se encontrou com o olhar de Juliana

— Acha que não sei a respeito de seus presentinhos secretos com Gabriel? Sabe que ele adora comprar roupa e tudo o que queira. E eu sei de onde todos seus livros novos e peças de música vêm.

Juliana sorriu. Quando ela veio para a Inglaterra, sentindo-se totalmente desconectada deste novo mundo e de sua nova família, tinha estado convencida de que seus meios irmãos a odiariam por tudo o que ela representava da mãe que os tinha abandonado sem olhar para trás quando eram apenas uns meninos. Não importava que essa mesma mãe abandonasse Juliana, também. Exceto que tinha importado.

Gabriel e Nick a tinham aceitado. Sem lugar a dúvidas. E embora sua relação como irmãos continuasse evoluindo, Juliana soube o mais importante, o que era ser uma irmã. E como parte dessa lição extremamente prazenteira, ela e seu irmão tinham começado um costume, o intercâmbio de presentes com frequência. Ela sorriu para sua cunhada, que tinha sido tão importante na construção da relação entre seu irmão e ela, e lhe disse:

— Sem presentes hoje. Ainda estou tendo a esperança de que a temporada chegará a seu fim antes que precise de um guarda-roupa de inverno.

— Não diga essas coisas — disse Mariana desde detrás do biombo. — Eu quero uma razão para usar este vestido!

Todas riram, e Juliana viu a senhora Hebert engenhosamente drapejando parte do tecido do vestido de

Callie.

Callie observou as dobras do tecido no espelho antes de dizer:

— É perfeito. — E assim era. Callie se via preciosa.

Gabriel não seria capaz de tirar seus olhos dela, Juliana pensou com ironia.

— Não muito apertado — disse Callie. Era a segunda vez que lhe tinha sussurrado as palavras.

Seu significado aflorou.

— Callie — Juliana disse, com um olhar inocente a sua cunhada no espelho. Juliana inclinou a cabeça em uma pergunta silenciosa e o grande e encantador sorriso de Callie, foi a resposta que necessitava. Callie estava grávida. Juliana pulou de seu assento, a alegria transbordando dela.

— *Meraviglioso* — Aproximou-se da outra mulher e puxou-a em um grande abraço. — Não é de estranhar que não está mais comprando vestidos! — Sua risada compartilhada atraiu a atenção de Mariana desde detrás da tela de separação.

— O que é *meraviglioso*? — Apareceu a cabeça loira por todo a borda da divisão. — Por que ri? — Ela entrefechou os olhos para Juliana. — Por que está chorando? — Ela desapareceu por um instante, e logo saiu mancando, puxando uma longa peça de cetim verde com ela, a pobre Valerie seguia atrás. — O que perdi? — Ela fez uma careta. — Eu sempre perco tudo!

Callie e Juliana riram de novo para Mariana, e Juliana disse:

— Bem, deve dizer.

— Dizer o que?

As faces de Callie estavam em chamas, e foi sem dúvida desejando que não se encontrassem no centro de uma sala provas com uma das melhores costureiras de Londres, e Juliana não pôde conter-se.

— Parece que meu irmão cumpriu com seu dever.

— Juliana — sussurrou Callie, escandalizada.

— O que? É verdade — disse Juliana, simplesmente, com um encolhimento de ombros. Callie sorriu.

— Você está igual a ele, já sabe. — Havia piores insultos que os que vinham de uma mulher que amava com loucura ao homem em questão.

Mariana seguia sem saber de nada.

— Oh! Oh Deus! Oh, Callie — Ela começou a pular de emoção, e atrapalhadamente Valerie tinha que correr com um lenço para proteger a seda das lágrimas de Mariana.

Hebert saiu da sala, fosse para escapar da asfixia de um abraço esfuziante ou de ser apanhada na batalha emocional, as duas irmãs se agarraram uma à outra e riam e choravam, riam e conversavam e riam e choravam.

Juliana sorriu diante da imagem que as irmãs Hartwell faziam, agora cada uma tinha um matrimônio feliz e estavam tão profundamente conectadas entre si, inclusive quando se deu conta de que não havia lugar para ela neste momento de celebração. Não lhes invejou sua felicidade ou sua conexão. Ela simplesmente queria ter também esse desenfreado, indiscutível sentido de pertencer.

Levantou-se da sala de provas para a sala da frente da loja, para onde a senhora Hebert tinha escapado momentos antes. A francesa estava de pé na entrada da antecâmara, bloqueando a vista a outro cliente. Juliana se dirigiu a um dos balcões de botões e fitas, babados e rendas. Ela passou seus dedos ao longo do armarinho, um botão de ouro escovado suave aqui, um cordão lá, consumida pelas notícias de Callie. Haveria duas novas incorporações à família, já que a esposa do gêmeo, Nick, Isabel, também esperava um filho.

Seus irmãos tinham superado seu passado e seus medos de repetir os pecados de seu pai, e tinham dado esse desconhecido salto de casar-se por amor. E agora tinham suas famílias. Mães e pais e meninos que envelheceriam em um conjunto feliz, protegido.

Você alguma vez considerou em sua vida o futuro, de verdade? Alguma vez imaginou o que viria depois?

As palavras que Leighton lhe disse no teatro ecoaram em sua mente. Juliana notou um vulto estranho na garganta. Não podia se dar ao luxo de pensar em seu futuro. Seu pai tinha morrido e seu mundo se pôs de pernas para o ar, enviada a Inglaterra e entregue a uma família estranha e de uma cultura estranha que nunca a aceitaria. Não havia futuro para ela na Inglaterra. E era mais fácil, menos doloroso, não enganar-se ou imaginar um. Mas quando viu Callie e Mariana olhando felizmente para seu futuro idílio, cheio de amor e de meninos, família e amigos, era impossível que não

as invejasse. Tinham o que ela nunca poderia ter. O que nunca lhe ofereceriam.

Eles pertenciam a este mundo aristocrático, onde o dinheiro, o título, a história e a reprodução eram mais importantes que qualquer outra coisa.

Ela levantou uma longa pluma de um recipiente, que devia ter sido tingida, ela nunca tinha visto uma tão grande. Não podia imaginar que algum pássaro produzisse tal coisa. Mas à medida que passou os dedos por sua suavidade, a pluma captou a luz do sol entrando na loja, e ela soube imediatamente que era natural.

Era impressionante. Na luz da tarde brilhante, a pluma não era negra totalmente. Era uma massa brilhante de azuis e morados e vermelhos tão escuros que só davam a ilusão de escuridão. Era cheia de cor.

— *Aigrette.*

A palavra da costureira trouxe Juliana de seu devaneio.

— Desculpe?

Madame Hebert arqueou uma sobancelha negra.

— Tão amáveis os britânicos — disse, continuando quando Juliana lhe deu um meio sorriso. — A pluma que você tem. É de uma garça.

Juliana negou com a cabeça.

— As garças são de cor branca, pensei...

— Não as negras.

Juliana olhou a pluma.

— As cores são impressionantes.

— As coisas raras tendem ser dessa maneira — a costureira respondeu, levantando um grande marco de madeira cheio de rendas. — Com licença. Tenho uma duquesa que quer ver uma renda — O desagrado em seu tom surpreendeu Juliana. Sem dúvida, a francesa não falaria mal de Mariana na frente dela...

— Talvez se os franceses se movessem com maior rapidez, Napoleão tivesse ganhado a guerra — O desprezo gotejou através da loja, e Juliana se voltou rapidamente para a voz.

A duquesa de Leighton a encarava a menos de dez metros dela.

Era difícil acreditar que esta mulher, miúda e pálida, tinha dado a luz ao enorme e dourado Leighton. Juliana teve problemas para encontrar algo dele em sua mãe. Não era nem em sua coloração pálida, nem em sua pele tão fina como um pergaminho quase transparente, nem estava nos olhos, cor de um mar no inverno.

Mas esses olhos pareciam tudo ver. Juliana conteve o fôlego enquanto o olhar frio da duquesa a olhava dos pés à cabeça. Ela resistiu à tentação de se incomodar com seu exame em silêncio, negou-se a permitir que o julgamento claro da mulher a confundisse.

É obvio, a tinha confundido.

E de repente, viu as semelhanças com uma claridade cristalina. O queixo rígido, a postura altiva, a leitura fria, a capacidade de agitar a uma pessoa desde seu núcleo.

Ela era sua mãe, era ele nas piores formas.

Mas ela não tinha seu calor.

Não havia nada nela, mais que um estoicismo inquebrantável que falava de toda uma vida de direito e falta de emoção.

O que teria convertido a essa mulher em uma pedra?

Não é de estranhar que não acreditasse na paixão.

A duquesa estava esperando que Juliana olhasse para outro lado. Igual seu filho, ela queria demonstrar que seu antigo nome e seu nariz reto a faziam melhor que todos os outros. Certamente, o olhar firme parecia dizer que a fazia melhor que Juliana. Fazendo caso omissos de seus nervos, Juliana se manteve firme.

— Sua Graça — disse a senhora Herbert, sem dar-se conta da batalha de vontades que tinha lugar na sala da frente, — minhas desculpas pelo atraso. Gostaria de ver a renda agora? — A duquesa não apartava o olhar de Juliana.

— Não nos apresentaram — disse as palavras fortes e desdenhadas para assustar. Era um corte direto, com o objetivo de recordar a Juliana de sua rabugice. Por sua vez, Juliana não respondeu. Não se moveu. Negou-se a olhar para outro lado.

— Sua Graça — a senhora Herbert olhou Juliana e à duquesa, e vice versa. Quando continuou, havia incerteza em sua voz. — Posso lhe apresentar a

senhorita Fiori?

Houve uma longa pausa, o que poderia ter sido segundos ou horas, então a duquesa falou.

— Você não pode — O ar parecia ter saído da sala com essa declaração imperiosa. — Ela continuou sem tirar o olhar de Juliana. — Admito que esteja um pouco surpresa, Hebert. Houve um tempo em que você tinha uma...

Clientela... Muito menos... Comum...

Comum.

Se a pressão em seus ouvidos não tivesse sido tão forte, Juliana teria admirado a precisão da mulher mais velha. Ela tinha escolhido a palavra perfeita que proporcionasse o conjunto mais rápido e mais violento para humilhá-la. *Comum.* O pior dos insultos de alguém que vivia a vida ao alto. A palavra ecoou em sua cabeça, em repetição, Juliana não ouviu a duquesa de Leighton. Ouviu seu filho. E ela não pôde deixar de responder.

— E eu sempre pensei que ela servia pessoas muito mais civilizada — As palavras saíram antes que pudesse deter, e ela resistiu ao impulso de dar uma palmada sobre sua boca para não dizer nada mais. Como fosse possível, a coluna vertebral da duquesa se fez ainda mais reta, e a ponta de seu nariz ainda mais alto. Quando falou, as palavras gotejaram com aborrecimento, como se Juliana estivesse muito abaixo dela para merecer uma resposta.

— Então, é certo o que dizem. O sangue fala mais alto. — A duquesa de Leighton saiu da loja, levando o ar com ela enquanto a porta fechava a campainha soando feliz ironicamente.

— Essa mulher é uma harpia. — Juliana levantou a vista para ver Mariana que vinha em sua direção, a preocupação e a ira refletidas em seu rosto. Ela sacudiu a cabeça. — Acredita que as duquesas podem comportar-se como quiserem.

— Não me importa se ela for a rainha. Ela não tem direito de falar dessa maneira.

— E se ela fosse a rainha, então poderia realmente me falar como quisesse — disse Juliana, ignorando o tremor em sua voz. O que tinha pensado ao incitar à duquesa depois de tudo?

Esse foi o problema, é óbvio. Ela não estava pensando na duquesa absolutamente. Tinha estado pensando em uns olhos de cor âmbar intermitente e um halo de cachos dourados e em uma mandíbula quadrada e um rosto intocável que desesperadamente queria que se movesse. E ela disse o primeiro que veio a sua cabeça.

— Não deveria ter falado com ela dessa maneira. Se ficarem sabendo disso... Seria um escândalo.

Mariana sacudiu a cabeça e abriu a boca para responder, quase com toda certeza, com palavras tranquilizadoras, mas Juliana continuou com um pequeno sorriso.

— Está errado que eu sinta que ela merecia? — Mariana sorriu.

— Não, absolutamente! Ela merecia! E muito mais! Odeio essa mulher. Não é de estranhar que Leighton seja tão rígido. Imagine ser criado por ela.

— Deve ter sido horrível.

Em lugar de sentir-se melhor, Juliana sentiu um novo impulso. A duquesa de Leighton poderia pensar que estava por cima de Juliana e do resto do mundo conhecido, mas ela não o estava. E enquanto que Juliana não tinha interesse em demonstrar nada à odiosa mulher, ela se encontrou pensando em como mostrar ao duque precisamente o que realmente faltava em sua vida de frio Disdain.

— Juliana — Mariana interrompeu seus pensamentos. Está bem?

Ela ficaria.

Juliana empurrou esse pensamento para longe, dirigindo-se à costureira normalmente imperturbável, que tinha observado a cena em estado de choque e de horror, e lhe ofereceu uma desculpa.

— Sinto muito, senhora Hebert. Parece-me que perdeu um cliente importante.

Isso foi honesto. Juliana sabia que Hebert não teria mais remédio que tentar voltar a ganhar o favor da duquesa de Leighton. Um não se limitava a fazer-se a um lado enquanto uma das mulheres mais poderosas de Londres levava seu dinheiro a outra parte. As repercussões deste tipo de briga poderiam pôr fim à costureira, se não se dirigissem adequadamente.

— Talvez Sua Graça — indicou à Mariana — E à marquesa — e lhe indicou com uma mão na direção da sala de provas a Callie — poderiam ajudar a reparar o dano que fiz.

— Há! — Mariana seguia furiosa. — Como se fosse me rebaixar a conversar com essa mulher — Fez uma pausa, e voltou a suas boas maneiras. — Mas, é obvio senhora, com muito gosto lhe ajudarei.

A costureira falou.

— Não há nenhuma necessidade de reparação. Tenho um montão de trabalho, e não acredito que pela duquesa de Leighton vá perder minha clientela — Juliana piscou, e a costureira continuou. — Tenho à duquesa de Rivington em minha loja, assim como à esposa do marquês de Ralston. Para que necessito à anciã? — Baixou a voz até um sussurro cúmplice. — Ela morrerá logo. O que é um punhado de anos sem ela em meu negócio?

O pronunciamento foi tão descarado, tanto pelo teor do dito como pelo sentido que tinha. Mariana sorriu amplamente, e Juliana soltou uma risada incrédula.

— Mencionei o muito que eu adoro os franceses?

A costureira lhe piscou um olho.

— Nós, os estrangeiros, devemos estar juntos, não?

Juliana sorriu.

— Oui.

— Bon — Hebert assentiu com a cabeça. — E o que passa com o duque?

Juliana fingiu não entender.

— O duque? — Mariana lhe dirigiu um longo olhar de sofrimento.

— Oh, por favor. Você é terrível no jogo de timidez.

— Que lhe salvou a vida, senhorita — disse a costureira, com acento zombador em sua voz. — Ele é um desafio, não?

Juliana voltou o olhar à pluma de garça na mão, vendo como as cores brilhantes e ocultas se revelaram antes de encontrar-se com o olhar da costureira.

Oui. Mas não na forma que você pensa. Não estou atrás dele. Simplesmente quero...

Sacudi-lo até a medula.

Bom, certamente não podia dizer isso. Madame Hebert tinha tirado a pluma da mão de Juliana. Virou-se à parede de tecidos em um lado da loja e se inclinou para baixo para retirar um rolo de tecido. Assim que estirou vários metros do extravagante tecido, olhou para Juliana.

— Acredito que deve permitir que seu irmão lhe compre um vestido novo. — A costureira pôs a pluma para baixo no cetim glorioso. Era escandaloso e apaixonado e Mariana riu por sobre seu ombro, baixo e perversamente.

— Oh, é perfeito. — Juliana encontrou com o olhar da costureira. Isto o deixará de joelhos. — Em quanto tempo o posso ter?

A costureira a olhou intrigada.

— Com que rapidez o necessita?

— Ele virá jantar dentro de duas noites.

Mariana se aprumou, sacudindo a cabeça.

— Mas Callie disse que ainda não aceitou o convite.

Juliana encontrou os olhos de sua cunhada, vendo seguro seu caminho mais que nunca antes.

— Ele vai.

— Não é que não queira que nossas forças armadas não sejam financiadas, Leighton, simplesmente estou dizendo que este debate poderia ter esperado para o próximo período de sessões. Tenho uma colheita para fiscalizar. — Simon lançou uma carta e voltou um olhar preguiçoso sobre seu oponente, que levava um charuto entre os dentes em um gesto eloquente de um pretendente a perdedor.

— Imagino que é menos pela colheita e mais pela caça da raposa que está tão resistente em perder, Fallon.

Sim, não vou negar. Tenho coisas melhores que fazer que passar todo o outono em Londres — O conde de Fallon descartou suas cartas, irritado.

— Você não pode querer ficar também.

— O que quero não está em questão — disse Simon. Era uma mentira. O que queria antes de tudo era a questão. Aprovar-se-ia uma sessão especial do Parlamento para discutir as leis que regem a cartografia e assim manteria aos visitantes fosse da porta de sua casa de campo e evitaria que descobrissem seus segredos. Pôs suas cartas sobre a mesa, viradas para cima.

— Parece que você deveria gastar mais tempo em suas cartas que na busca de maneiras de fugir das suas obrigações como um ponto. — Simon recolheu seus lucros, levantou-se da mesa, e fez caso omissivo da maldição do conde enquanto saía da pequena sala mais à frente no corredor. A noite se estendia ante ele, junto com os convites para o teatro e mais de meia dúzia de bailes, e ele sabia que devia retornar a sua casa na cidade, banhar-se, vestir-se e sair, a cada noite devia ser visto como o retrato da riqueza e elegância, cada noite devia contribuir para garantir o nome de Leighton. Não importava que ele estivesse cansado de assistir aos rituais da sociedade. Assim é como tinha de ser.

— Leighton. — O marquês de Needham e Dolby vinha bufando pela longa escada da parte baixa do clube, só conseguindo recuperar o fôlego quando chegou ao degrau mais alto. Deteve-se, com uma mão no corrimão de madeira de carvalho, e inclinou a cabeça para trás, empurrando seu torso o suficiente para tomar um grande fôlego. Os botões do colete amarelo do marquês estirados sob o peso de sua circunferência, e Simon se perguntou se o homem de mais idade necessitaria um médico. — Justo o homem que estava esperando ver — o marquês anunciou uma vez que se recuperou. — Me diga, quando vai falar com minha filha? — Simon se reprimiu, tendo em conta seus arredores. Era um lugar totalmente inadequado para uma conversa que gostaria de manter em privado.

— Talvez gostasse de unir-se a mim em uma sala de estar, Needham?

O marquês não se deu por iludido.

Tolices. Não há necessidade de manter o tema em um lugar mais tranquilo!

— Temo que não esteja de acordo. — disse Simon, desejando que os músculos da mandíbula se relaxassem. — Até que a dama esteja de acordo.

— Tolices — gritou o marquês bastante alto.

— Asseguro, Needham, que não há muitos que consideram uma tolice meu pensamento. Eu gostaria que mantivesse isto em silêncio até que eu tenha tido a oportunidade de falar diretamente com lady Penélope. — O olhar de Needham se estreitou.

— Então será melhor que o consiga, Leighton — Os dentes de Simon se apertaram reprimindo as palavras. Não gostava de receber ordens. Sobre tudo por um estúpido marquês que era um mau atirador. E, entretanto, parecia que não tinha muitas opções. Ele fez um gesto acenando.

— Precisamente.

— É um bom homem. Bom homem.

— Fallon — o marquês chamava da porta da sala de jogo e esta se abriu e o rival do Simon saiu ao corredor. — Você não vai a nenhuma parte, rapaz! Tenho a intenção de aliviar seus bolsos! — A porta se fechou atrás do corpulento marquês, e Simon deu uma oração em silêncio desejando que ele fosse tão ruim no jogo como o era no tiro. Não havia nenhuma razão para que Needham tivesse uma boa tarde, depois de tanto tentar arruinar à de Simon.

Na enorme janela que marcava o centro da escada do White que dava à rua, Simon se deteve ante a luz da tarde para ver as carruagens passar por abaixo nos paralelepípedos e considerar seu próximo movimento. Devia dirigir-se diretamente a casa de Dolby e falar com Lady Penélope. Cada dia que passava, simplesmente prolongava o inevitável. Não era como se ele não tivesse planejado casar-se com o tempo, era o curso natural dos acontecimentos. Um meio para um fim. Ele necessitava herdeiros. E uma anfitriã. Mas lhe incomodava ter que casar-se agora. Incomodava a razão. Um toque de cor lhe chamou a atenção no lado oposto da rua, uma brilhante cor escarlate olhando através da massa de cores apagadas que cobriam os outros pedestres na Rua St. James. Estava tão deslocado, Simon se aproximou da janela para confirmar o que havia visto, uma capa de uma cor vermelha brilhante e o chapéu combinando, uma lady em um mundo de homens. Na rua de um homem. Em sua rua. Ao seu clube.

Que mulher ficaria com uma capa vermelha em plena luz do dia em St. James? A resposta brilhou um instante antes da multidão se limpar e ver seu rosto. E ao levantar o olhar para a janela, ela não podia vê-lo, não podia saber que estava ali, estava desequilibrado pela onda de incredulidade que corria através dele. Por que tal comportamento audaz, temerário? Não lhe tinha dado uma lição de infantilidade ontem à noite mesmo? E as consequências? Justo antes que lhe houvesse dito que desse o melhor de si para ganhar sua aposta. Este foi seu próximo movimento. Ele não podia acreditar. A mulher merecia ser posta nos joelhos de alguém e receber uma surra. E ele era o homem para fazê-lo. Foi imediatamente atrás desse movimento, correndo pelas escadas e fazendo caso omissos das saudações dos outros membros do clube, apenas se obrigou a esperar por sua capa, chapéu e as luvas antes de sair pela porta para apanhá-la, que saísse de cena antes que manchasse sua reputação. Só que ela não estava na rua. Ela estava esperando, muito pacientemente, através da rua, com sua criada italiana, a quem Simon desejou enviar no próximo navio de volta a Itália, como se toda a situação fosse perfeitamente normal. Como se não se rompessem onze diferentes regras de etiqueta ao fazê-lo. Dirigiu-se diretamente a ela, sem saber ao certo o que ia fazer quando ele a alcançasse.

Ela deu a volta justo quando ele chegou.

— Você realmente deve ter mais cuidado ao cruzar a rua, Sua Graça. Os acidentes de carruagem não são desconhecidos. — As palavras eram tranquilas e falava como se estivessem em uma sala de pinturas ao invés de uma Rua de Londres, onde estavam todos os melhores clubes de homens.

— O que está fazendo aqui? — Ele esperava que ela mentisse. Que dissesse que tinha estado de compras e tomou um caminho equivocado, ou que ela tinha querido ver o palácio de St. James e simplesmente estava passando, ou que ela estava procurando uma carruagem de aluguel.

— Esperando por você, é óbvio. — A verdade o espantou.

— Por mim. — Ela sorriu, e se perguntou se alguém no clube o havia drogado. Certamente isto não estava acontecendo.

— Precisamente.

— Você tem alguma ideia de quão inadequado é para você estar aqui? Esperando por mim? Na rua? — Não pôde evitar a incredulidade de seu

tom. Odiava que tivesse mexido com a sua emoção.

Ela inclinou a cabeça, e viu o brilho em seus olhos malvados.

— Seria mais ou menos inadequado eu ter batido na porta do clube e lhe solicitar uma audiência? — Ela estava brincando. Tinha de estar. E, entretanto, ele sentia que devia responder a sua pergunta. No caso.

— Mais. É obvio. — Seu sorriso se converteu em uma gargalhada.

— Ah, então prefere este.

— Não prefiro — Ele explodiu. Depois percebendo que estavam na rua frente a seu clube, ele a puxou pelo braço e rumou em direção à casa de seu irmão.

— Ande.

— Por quê?

— Porque não podemos permanecer de pé aqui. Isso não se faz. — Ela sacudiu a cabeça.

Ela começou a caminhar, sua criada atrás. Resistiu ao impulso de estrangulá-la, tomou uma respiração profunda.

— Como sabia que eu estava aqui?

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Não é como se os aristocratas tenham muito que fazer, Sua Graça. Tenho algo que discutir com você.

— Você não pode simplesmente decidir discutir algo comigo e fazê-lo assim mesmo — Talvez se lhe falasse como se fosse uma tola, acalmaria a sua raiva.

— Por que não?

Talvez não.

— Porque não se faz! — deu um pequeno sorriso.

— Pensei que tinha decidido que pouco se importa o que eu faço — Ele não respondeu. Não confiava em si mesmo para fazê-lo. — Além disso, se você decidir que quer falar comigo, é bem-vindo para me procurar.

— É obvio que sou bem-vindo para procurá-la.

— Porque você é um duque?

— Não. Porque sou um homem.

— Ah — disse — Uma razão muito melhor. — Era sarcasmo em sua voz? Não importava. Ele só queria chegar a sua casa.

— Bom você tampouco estava planejando encontrar-se comigo. — condenadamente certo.

— Não. Eu não estava.

— E assim tive que tomar o assunto em meus próprios punhos. — Não deveria ser divertido ver seus encantadores fracassos na linguagem. Era um escândalo ambulante. E de alguma maneira, ele tinha se convertido em sua escolta.

Não necessitava isso.

— Mãos — corrigiu-a.

— Precisamente. — Ele a ajudou a cruzar a rua em Park Lane para a casa de Ralston antes de perguntar, rápido e irritado.

— Tenho melhores coisas que fazer hoje que brincar de babá, Juliana. O que é que você quer? — Ela se deteve, o som de seu nome pendurando entre eles. — Senhorita Fiori. — Ele corrigiu a si mesmo muito tarde. Ela sorriu. Seus olhos azuis se acenderam com mais conhecimento do que uma mulher de vinte anos deveria ter.

— Não, Sua Graça. Você não pode voltar atrás. — Sua voz foi grave e cadenciosa, apenas a notou antes que fosse levada pelo vento, mas ele a ouviu, e à promessa que levava — uma promessa que ela certamente não sabia como dispor. As palavras se dirigiram diretamente a seu núcleo, e o desejo se disparou através dele, rápido e intenso. Baixou a aba de seu chapéu e caminhou em direção ao vento, com o desejo de que as folhas de outono soprassem em sua direção e levasse esse momento.

— O que quer de mim?

— Que coisas você tem de fazer?

Nada que realmente deseje fazer.

Ele trouxe esse pensamento.

— Isso não é de sua incumbência.

— Não, mas tenho curiosidade. O que é isso tão urgente que um aristocrata tem que fazer que não possa me acompanhar a minha casa?

Não gostava da implicação que lhe dava à frase, sugerindo que ele vivia uma vida de ócio.

— Nós realmente temos propósitos, sabe?

— Seriamente?

Ele a cortou com uma olhada. Sorria.

— Você está me provocando.

— Talvez. — Ela era formosa. Irritante, mas formosa. — Assim? O que é o que tem que fazer hoje? — Algo nele resistiu a lhe dizer que tinha planejado visitar lady Penélope. Preparado a propor matrimônio. Em troca, ofereceu um olhar irônico.

— Nada importante.

Ela riu, com um som quente e acolhedor.

Ele não ia ver lady Penélope hoje também.

Caminharam em silêncio por uns demorados momentos antes de chegar à casa de seu irmão, e ele se voltou para ela, finalmente, percorrendo-a com o olhar. Ela estava vibrante e formosa, sua face rosadas e os olhos brilhantes, sua capa vermelha e o chapéu inclinado eram justamente o contrário de uma perfeita dama inglesa. Tinha estado fora, caminhando audazmente através do ar fresco de outono, em lugar de estar dentro aquecendo-se junto ao fogo, bordando e tomando chá. Como era provável que Penélope estivesse fazendo nesse momento. Mas Juliana era diferente de tudo o que ele tinha conhecido. Tudo o que sempre tinha querido. Tudo o que ele tinha estado procurando alguma vez. Ela era um perigo para si mesmo... Mas sobre tudo, era um perigo para ele. Um perigo formoso, tentador que ele encontrava cada vez mais irresistível.

— O que é o que deseja? — Perguntou, as palavras saíram mais suaves do que lhe teria gostado.

— Desejo ganhar nossa aposta. — respondeu ela simplesmente.

A única coisa que não podia lhe dar. Não se podia dar o luxo de dar.

— Isso não vai acontecer.

Ela levantou um ombro em um gesto pouco elegante.

— Talvez não. Especialmente se não nos vemos.

— Eu lhe disse que não ia facilitar as coisas.

— Difícil é uma coisa, Sua Graça. Mas eu não esperava que você se escondesse de mim.

Seus olhos se abriram ante suas insultantes palavras.

— Me ocultar de você?

— Você foi convidado para jantar. E é a única pessoa que ainda não respondeu. Por que não?

— Certamente não porque esteja me escondendo de você.

— Então, por que não responde?

Porque não posso correr o risco.

— Você tem alguma ideia de todo os convites que recebo? Não posso aceitar todos.

Ela sorriu de novo, e não gostou do reconhecimento que viu na curva de seus lábios.

— Então, você recusa?

Não.

— Não decidi.

— É depois de amanhã — disse como se fosse uma menina pequena. — Eu não teria pensado que você fosse tão insensível com sua correspondência, tendo em vista sua obsessão por sua reputação. Está seguro de que não está se escondendo de mim?

Ele estreitou seu olhar.

— Não estou me escondendo de você.

— Não teme que eu possa ganhar nossa aposta, depois de tudo?

— Não, absolutamente.

— Então você vai vir?

— É obvio. *Não!*

Ela sorriu.

— Excelente. Direi à lady Ralston que o espere — Ela começou a subir as escadas da casa, deixando-o ali, à luz minguante.

Ele a viu afastar-se, de pé na rua até que a porta se fechou atrás dela com firmeza, e se consumiu de fúria com o conhecimento de que tinha sido superado por uma irritante sereia italiana.

CAPÍTULO 9



A hora em um convite serve a um propósito.

Uma dama refinada nunca chega atrasada.

Um tratado da mais refinada das damas.

Sem dúvida, nenhuma refeição é mais suntuosa que a servida com um matrimônio em mente...

A Folha do Escândalo, Outubro 1823.

Ele era o último a chegar ao jantar. Deliberadamente.

Simon saltou de sua carruagem e se dirigiu para as escadas da Casa Ralston, sabendo que estava cometendo uma grave violação à etiqueta. Mas ele ainda se sentia totalmente manipulado em assistir ao jantar, por isso sentiu um prazer perverso em saber que ele chegava vários minutos atrasado. Ele, é obvio, devia dar suas desculpas, e Juliana saberia imediatamente que ele não tinha nenhum interesse em ser manipulado por uma mulher impetuosa.

Ele era o duque de Leighton. Que não se esquecesse.

Não pôde evitar a onda de triunfo que correu por ele quando a porta se abriu, revelando a entrada grande e vazia da casa Ralston, o que demonstrava que já tinha começado o jantar e que tinham começado sem ele.

Entrando na casa, entregou seu chapéu, capa e luvas a um lacaio próximo antes de dirigir-se à ampla escada central que dava lugar ao segundo piso e a sala de jantar. A conversa tranquila que vinha escada acima se fez mais forte ao aproximar-se, finalmente, girou pelo longo corredor, iluminado e entrou

na grande sala de jantar, onde os comensais estavam esperando para começar o jantar.

Tinham celebrado esse jantar em sua honra.

Isso o fez sentir-se como um asno.

É obvio ninguém parecia estar particularmente interessado em esperá-lo. De fato, todo mundo parecia estar muito bem, especialmente o grupo de cavalheiros elegíveis que estavam em um círculo apertado ao redor de Juliana, e o único que Simon que podia ver dela eram os cachos de ébano brilhante empilhados na parte superior de sua cabeça.

Imediatamente, o motivo do jantar se fez evidente.

Lady Ralston estava brincando de casamenteira.

O pensamento foi interrompido por uma rajada forte de risada que provinha do grupo, sua forte e encantadora, e feminina risada se distinguia das outras - baixas e muito masculinas. A coleção de sons levou Simon ao limite. Não esperava isto.

E se deu conta de que não gostava.

— Felizmente decidiu se reunir a nós, Leighton?

As palavras sarcásticas de Ralston tiraram Simon de seu delírio. Fez pouco caso do marquês e voltou sua atenção à Lady Ralston.

— Peço desculpas, minha senhora.

A marquesa era toda bondade.

— Não tem importância, Sua Graça. De fato, o tempo extra ofereceu a todos a oportunidade de conversar.

O grupo de homens que rodeavam implacavelmente Juliana voltou sua atenção para ela, e se viu, cuidadosamente ocultando seus pensamentos, como um primeiro homem, e logo os seguintes se separavam do grupo para sentar-se deixando em última instância só o conde de Allendale oferecendo seu braço a Juliana.

Vestida com o traje mais magnífico que Simon jamais viu.

Não era de estranhar que os outros estivessem tão extasiados.

O vestido era um escândalo em si mesmo, de seda da cor da meia-noite que brilhava ao seu redor sob a luz das velas, lhe dando a ilusão de estar

envolto no céu noturno. Era uma combinação dos mais escuros vermelhos e azuis e roxos que davam a impressão de que levava as mais ricas cores e ao mesmo tempo não tinha nenhuma cor absolutamente. A parte de cima estava talhado muito baixo, mostrando uma ampla extensão de sua pele de cor branca cremosa, pálida e tentadora, que o fazia desejar que se aproximasse. Para poder tocá-la.

Usava o vestido com uma audaz confiança como nenhuma outra mulher na sala, nem em toda Londres, teria sido capaz de usar.

Ela sabia que vestir de negro poderia causar uma cena. Sabia que ia fazer que a olhassem como uma deusa. Sabia que podia dirigir a um homem, manipulá-lo, levá-lo a desejar nada mais que despojá-la desse glorioso vestido e toma-la.

Simon sacudiu esse pensamento incorreto de sua cabeça e foi invadido por um intenso impulso de tirar o casaco e ficar entre ela como um escudo aos olhares ambiciosos dos outros homens.

Certamente Ralston sabia que este vestido era totalmente inadequado. Certamente sabia que sua irmã estava incentivando o pior tipo de atenção. Simon passeou um olhar sobre o frio marquês, sentado à cabeceira da mesa, com a aparência de saber tal coisa.

E logo, Juliana foi passando a seu lado, com um sussurro de seda e groselhas vermelhas, acompanhada pelo marques de Allendale, para tomar seu próprio assento ao centro do banquete extenso e pródigo, sorrindo aos cavalheiros congregados na mesa, os quais imediatamente dirigiram sua atenção para ela.

Queria agarrar a cada um dos homens e desafiá-los por seus olhares impróprios.

Eu deveria ter recusado o convite.

A cada momento que estava com esta mulher impetuosa, e impossível, sentia que seu controle esmorecia.

Ele não se preocupou com essa sensação.

Ele se sentou ao lado da marquesa de Ralston, no lugar de honra reservado para ele como o duque convidado que não era familiar. Passou os três primeiros pratos em uma conversa cortês, com lady Ralston, Rivington,

e sua irmã, lady Margaret Talbott. Enquanto comiam, Simon tentou fazer pouco caso da atividade no centro da mesa, onde um grupo de cavalheiros, que superavam em número às mulheres no jantar, tentava chamar a atenção de

Juliana.

Era impossível para ele fazer caso omissivo de Juliana, entretanto, enquanto ela ria e brincava com os outros homens ao redor da mesa, lhes dando de presente seu amplo sorriso, e sua bem-vinda com os olhos brilhantes. Ao contrário, enquanto que a metade participava da conversa junto a ele, Simon seguia em silêncio a todos seus movimentos. Ela se inclinou para os homens à frente dela na mesa: Longwood, Brearley, e West, cada um sem título e feitos por si mesmos, cada um deles procurando mais que o outro obter sua atenção.

West, o editor da Gazeta, a estava entretendo com uma história estúpida sobre um jornalista e um carnaval na rua.

— “Vou dizer isto, ao menos, lhe devolveu o chapéu”!

— O chapéu do repórter? — Longwood lhe perguntou, como se os dois estivessem em um espetáculo ambulante.

— *A boina do urso!* Juliana gargalhou junto com o resto do tolo grupo.

Simon voltou a concentrar-se em seu prato.

Não podiam nem encontrar aristocratas com quem reuni-la? Ela não precisava descer tão baixo para casar-se com um plebeu.

Durante a quarta parte da conversa no jantar, a atenção de Juliana se centrou quase em sua totalidade em Lorde Stanhope, o qual seria um partido horrível, conhecido por seus amores gêmeos: os jogos de azar e as mulheres. Para ser justo, ele sempre ganhava no jogo, mas seguro que Ralston não queria que sua irmã se casasse com um libertino contumaz.

Jogando um olhar de soslaio ao marquês, parecia estar igualmente entretido por Stanhope, Simon se deu conta do problema com sua lógica. Os libertinos desfrutavam da companhia de outros libertinos. Ele fez todo o possível para concentrar-se na carne de vitela durante todo o curso do quinto prato, fingindo não dar-se conta do longo e gracioso pescoço de Juliana e de seu queixo.

Sumariamente fazendo pouco caso do desejo de pôr seus lábios no lugar onde se unia seu pescoço com o ombro, esse lugar que cheiraria a ela, cálida e suave e implorando por sua língua.

Sabia que não deveria sentir isso, mas tudo nela o atraía. Ela era uma sereia. Se não tomasse cuidado, iria afogar-se nela.

Uma explosão de risadas o trouxe de volta até o presente, para o evento. A conversa se deslocou da temporada de outono, à política, à arte e a música, os cavalheiros absorvidos em cada palavra melodiosa que dizia Juliana. O conde de Allendale estava entretendo a corte, deleitando a toda a mesa com os contos do namoro de lorde e lady Ralston. Juliana escutava com grande atenção, seu olhar brilhante não se separava de Allendale, e uma pontada de mal-estar instalou-se profundo nas entranhas de Simon.

Como se sentiria sendo a fonte de tal atenção?

Ser o homem que provocava uma resposta tão vibrante?

Tal aprovação?

— Bastante dizer que eu nunca tinha visto duas pessoas tão destinadas uma a outra — Allendale disse, seu olhar se deslizando como um suave toque prolongando-se demais sobre Juliana de maneira que Simon notou que lhe importava.

Juliana sorriu.

— É uma lástima que meu irmão precisou de tanto tempo para dar-se conta disso.

O marques se uniu em seu sorriso enquanto o resto da mesa pôs-se a rir. Era a segunda vez que Simon tinha visto Allendale dar especial atenção a Juliana, e não lhe escapou que o tema era apropriadamente romântico para qualquer aproximação florescente entre os dois.

Simon se recostou em sua cadeira.

Ela era uma escolha equivocada para Allendale. Ele tinha muito bom caráter. Era muito genial. Ela o atropelaria antes que ele percebesse o que o havia golpeado.

Ele não era o suficientemente homem para ela.

Simon olhou Ralston, com a esperança de que o marquês tivesse visto a mudança duvidosa de relação entre sua irmã e seu cunhado, mas Ralston só tinha olhos para sua esposa. Levantou sua taça e brindou por sua esposa.

— Estou tratando de compensá-la por isso.

Simon olhou para outro lado, incômodo com o afeto evidente entre o marquês e a marquesa.

Sua atenção se voltou para Juliana, seus olhos azuis se abrandaram quando viu esse momento íntimo.

Um momento muito íntimo.

Ele não pertencia a este lugar. Não com ela. Não com sua família e a forma em que todos se sentiam tão à vontade de falar livremente, inclusive em um jantar formal, de algum modo faziam que todos os participantes se sentissem muito cômodos.

Muito diferente de sua própria família.

Tão atraente.

Não era para ele.

Com um rubor nas faces, a marquesa levantou seu próprio copo.

— Já que todos estão brindando, acredito que é justo brindar por Sua Graça e por seu papel no resgate de nossa Juliana, não lhe parece, mylord?

— As palavras, dirigidas a seu marido, tomaram por surpresa Simon, antes de seu matrimônio, Lady Calpurnia Hartwell tinha sido um “vaso” de primeira classe que nunca chamava a atenção. Agora ela tinha encontrado sua voz.

Ralston levantou a taça.

— Uma ideia maravilhosa, meu amor. Por Leighton. Com meu profundo agradecimento.

Ao redor da mesa, os cavalheiros levantaram as taças e beberam em honra a Simon, e ele se debatia entre o respeito pela forma em que esta família manipulava a sociedade, agradecendo totalmente em público e a aventura de Juliana eliminando efetivamente o sopro das más línguas, e uma irritação florescendo porque ele tinha sido tão bem utilizado.

A duquesa de Rivington se inclinou para ele com um sorriso de cumplicidade, interrompendo seus pensamentos.

— Considere-se bem advertido, Sua Graça. Agora que você salvou a vida de um de nós, não poderá de escapar!

Todos riram. Todos, exceto Simon, que forçou um sorriso amável e tomou um gole.

— Admito que sinto por Sua Graça — interveio Juliana, uma leveza em seu tom de voz que ele não estava disposto a acreditar em nada. — imagino que ele tinha a esperança de que seu heroísmo ganharia algo mais que nossa companhia constante.

Odiava esta conversa.

Com um olhar afetado de aborrecimento ducal, disse:

— Não houve nada de heroico.

— Sua modéstia deixa ao resto de nós envergonhados, Leighton — Stanhope gritou jovialmente. — O resto de nós adoraria aceitar o reconhecimento de uma bela dama.

Uma bandeja foi posta em frente a ele, e ele fez um intento de cortar uma parte de cordeiro, fazendo pouco caso de Stanhope.

— Conte-nos a história — disse West.

— Eu preferiria que não fizéssemos um mito dela, Sr. West — disse, forçando um sorriso. — Em particular, não a um jornalista. Já tive suficiente de contos, para mim mesmo.

A declaração foi recebida com uma onda de dissidência pelo resto dos comensais, cada um pedindo a Simon que contasse, mas que permaneceu em silêncio.

— Estou de acordo com Sua Graça. — O bate-papo ruidoso ao redor da mesa se acalmou com a declaração suave, em sotaque italiano, e Simon, surpreso, levantou seu olhar para reunir-se com o de Juliana. — Não há muito mais que isso, ele me salvou a vida. E sem ele... — Fez uma pausa.

Ele não queria que ela terminasse a frase.

Ela objetou com um sorriso.

— Bom... É suficiente dizer que estou muito agradecida que você chegasse ao parque naquela tarde — ela voltou a concentrar-se no resto do grupo com um olhar — ainda mais agradecida de que ele soubesse nadar.

A mesa inteira explodiu em uma risada coletiva ante suas palavras, mas ele mal ouviu. Nesse momento, não havia nada que não desse para estar a sós com ela, um fato que o sacudiu até a medula.

— Ouçam, ouçam — disse Allendale, levantando sua taça. — Pelo duque de Leighton. — ao redor da mesa, as taças se levantaram, e ele evitou os olhos de Juliana por medo de delatar muito do seu pensamento.

— Apesar de que terei que reconsiderar minha opinião sobre você, Leighton. — Ralston disse ironicamente. — Obrigado.

— E agora, viu-se obrigado a aceitar não só nosso convite para jantar, mas também nossa gratidão. — Juliana disse do outro lado da mesa.

Todo mundo se pôs a rir para romper a seriedade do momento. Todos, à exceção de Juliana, que rompeu o contato com seus olhos, olhando para baixo em seu prato.

Ele considerou o passado entre eles, as coisas que se haviam dito, as formas em que eles tinham avançado um contra o outro, esperando arranhar e não machucar para criar cicatrizes. Ele lembrou suas palavras, a forma cortante com que tinha falado com ela, a forma em que a tinha empurrado em um canto até que ela não tivesse mais remédio que ajoelhar-se ou atacar.

Ela tinha lutado orgulhosa e magnífica.

E de repente, ele quis dizer.

Ele queria que ela soubesse que não lhe parecia comum, ou infantil, ou problemática.

Encontrava-a bastante notável.

E queria recomeçar.

Se não por outra razão, só porque ela não merecia sua crítica.

Mas possivelmente era mais que isso.

Se só fosse tão fácil.

A porta da sala de jantar se abriu e um velho servente entrou, discretamente, movendo-se para Ralston. Inclinou-se para baixo e lhe sussurrou algo ao ouvido de seu amo, e Ralston congelou, deixando cair seu garfo audivelmente. A conversa se deteve. Qualquer que fosse a notícia do criado, não era boa.

O marquês estava lívido. Lady Ralston ficou imediatamente de pé, rodeando a mesa para seu marido, sem preocupar-se com seus convidados.

Muito perto de fazer uma cena. Juliana disse, com preocupação em sua voz.

— O que é? É Nick?

— Gabriel? — As cabeças se voltaram todas juntas para a porta, para a mulher que tinha falado o nome de Ralston.

— Deus — O sussurro de Juliana era apenas audível, mas ele o escutou.

— Quem é ela? — Simon não registrou quem fez a pergunta. Ele estava muito centrado no rosto de Juliana, no medo, na ira e na incredulidade.

Apenas focado em sua resposta, sussurrada em italiano.

— Ela é nossa mãe. — Ela tinha o mesmo aspecto. Alta, esbelta e intocável, como tinha sido a última vez que Juliana a tinha visto. Imediatamente, Juliana teve de novo dez anos menos, coberta de chocolate enquanto descarregavam a carga na doca, perseguindo seu gato através da cidade velha e em casa, chamando seu pai do pátio central, com a luz do sol espalhando-se a sua volta. Uma porta se abriu, e sua mãe saindo ao terraço superior, o retrato do desinteresse.

— Silencio Juliana. As damas não gritam.

— Sinto muito, mamãe.

— Deve sentir mesmo — Louisa Fiori se inclinou sobre a beirada do balcão.

— Está muito suja. É como se eu tivesse um filho em lugar de uma filha — Agitou uma mão preguiçosamente para a porta. — Volte ao rio e lave-se antes de entrar em casa. — virou e a prega de seu vestido rosa pálido desapareceu pelas portas duplas além da casa.

Foi a última vez que Juliana tinha visto sua mãe.

Até agora.

— Gabriel — sua mãe repetiu, entrando na habitação com serenidade absoluta, como se não tivessem passado vinte e cinco anos desde que ela tinha organizado seus próprios jantares nesta mesa. Como se não estivessem sendo observados por uma sala cheia de gente.

Não é que tal coisa a tivesse detido. Ela sempre tinha adorado ter a atenção. Quanto mais escandalosa, melhor. E isto seria um escândalo. Ninguém se lembraria do Serpentine amanhã.

Ela levantou as mãos.

— Gabriel. — não havia satisfação em sua voz. — Que homem se tornou! O marquês! — Ela estava atrás de Juliana, e não se deu conta que sua filha também estava na sala. Houve um rugido nos ouvidos de Juliana, e ela fechou os olhos para evitá-lo. É obvio que sua mãe não a tinha notado.

Por que ela esperaria tal coisa?

Se o tivesse feito, teria procurado Juliana. Ela teria dito algo. Ela teria querido ver sua filha. Não é certo?

— Oh! Parece que interrompi uma espécie de comemoração! Suponho que deveria ter esperado até amanhã, mas eu simplesmente não podia suportar estar longe de casa um pouco mais.

Casa.

Juliana estremeceu ante essas palavras. Os homens ao redor da mesa se levantaram, suas maneiras chegaram tarde, mas chegaram.

— Oh, por favor, não se levantem por mim — a voz chegou de novo, implacável, jorrando inglês puro e matizado com um quê de algo mais, o som da astúcia feminina. — Limitar-me-ei a ir a uma sala de estar até que Gabriel tenha tempo para mim. — A declaração terminava com uma cadência de divertimento e Juliana abriu os olhos ante o rangido, voltando a cabeça só um pouco para ver seu irmão, a mandíbula tencionada, e gelo em seu olhar azul. À sua esquerda estava Callie, com os punhos apertados, furiosa. Se Juliana não estivesse a ponto de converter-se em uma total desequilibrada, teria sido divertido ver sua cunhada disposta a matar dragões por seu marido.

Sua mãe era um dragão, se alguma vez existiu um.

Houve uma pausa enorme, o silêncio gritando na habitação até que Callie falou.

— Bennett — disse, com uma calma sem precedentes — Acompanhe a senhora Fiori à sala verde? Estou segura de que o marquês irá a um momento. — O velho mordomo, pelo menos, parecia entender que tinha sido o mensageiro do que estava seguro ia ser o maior escândalo de Londres que se viu até então... Bom, desde a última vez que Londres tinha visto Louisa Hathbourne St. John Fiori.

— A senhora Fiori — disse sua mãe com um sorriso tão brilhante como Juliana lembrava. — Ninguém me chamou assim desde que saí da Itália. Sigo sendo a marquesa de Ralston, ou não?

— Você não é. — A voz de Ralston era frágil, com ira contida.

— Está casado? Que maravilha! Simplesmente terei que ser a marquesa viúva, então! — E com essa simples frase, Juliana não conseguia respirar. Sua mãe acabava de renunciar a uma década de matrimônio, um marido, uma vida na Itália. E a sua própria filha. Frente a uma dúzia de pessoas que não duvidariam em contar o caso. Juliana fechou os olhos, desejando a si mesma permanecer calma. Concentrando-se na respiração, mais pelo fato de que sua legitimidade, com umas poucas palavras de uma mulher esquecida faz muito tempo, tinha sido posta em dúvida.

Quando voltou a abrir seus olhos, encontrou-se com o olhar que ela não desejava ver.

O duque de Leighton não estava olhando a sua mãe. Estava olhando Juliana. E odiava o que via em seus normalmente frios olhos de cor âmbar ilegíveis.

Pena.

A vergonha corria por ela, endireitando as costas e com suas faces ardendo. Sentiu-se doente. Ela não podia permanecer na sala um instante mais. Ela tinha que abandonar este lugar. Antes que fizesse algo totalmente inaceitável.

Ficou de pé, empurrando sua cadeira para trás, sem se importar que as damas não saíssem na metade da refeição, sem se importar que ela estivesse

quebrando todas as regras da ridícula etiqueta deste ridículo país.

E fugiu.

O jantar acabou quase imediatamente à chegada da marquesa viúva ou senhora Fiori, ou quem quer que fosse, e o resto dos participantes se retiraram apressados, aparentemente para dar tempo à família e espaço para fazer frente àquela chegada devastadora. Mas muito mais provavelmente com a esperança de começar a difusão de seus relatos em primeira pessoa da dramaturgia desta noite.

Simon só podia pensar em Juliana: no seu rosto enquanto escutava a estridente risada de sua mãe, em seus olhos enormes e expressivos, enquanto a má mulher tinha feito o escandaloso pronunciamento de que ela não era uma Fiori, nenhuma St. John, da forma em que tinha deixado a habitação, com seus ombros estirados e a coluna vertebral reta, com um orgulho impressionante, notável.

Viu como os meios de transporte dos convidados rodavam pela rua, escutando pela metade como o duque e a duquesa de Rivington discutiam se deviam ou não permanecer ou deixar a sua família em paz.

Enquanto eles subiam a sua carruagem, Simon ouviu a duquesa perguntar em voz baixa se ao menos deveria ir ver Juliana.

— Deixe-a esta noite, amor — foi a resposta idiota de Rivington antes de fechar a porta e a carruagem partisse na direção de sua casa.

Simon apertou os dentes.

É obvio que deveriam ter procurado Juliana. Alguém tinha que assegurar-se de que a jovem não estava planejando uma volta à Itália no meio da noite.

Não seria ele, é obvio. Subiu em sua própria carruagem com a memória cheia dela em mais uma noite escandalosa.

Ela não era sua preocupação.

Ele não podia se permitir um escândalo. Ele tinha sua própria família com que preocupar-se. Juliana estava bem. Deveria estar pelo menos.

A mulher tinha que ser impermeável à vergonha por agora.

E se ela não fosse?

Com uma maldição, golpeou o teto da carruagem e pediu ao chofer que desse a volta. Nem sequer se perguntou onde estaria.

Ela estaria nos estábulos.

Havia vários cavaliços descansando, e se levantaram imediatamente à vista do duque de Leighton. Ele lhes devolveu a saudação e entrou no prédio, sem pensar em outra coisa que não fosse encontrá-la. Não ocultou seus passos enquanto abria caminho pela longa fila de cocheiras onde estava depois de ouvir os sussurros em italiano e o barulho suave da roupa. Deteve-se justo à beira da porta do estábulo, transfixado por ela.

Estava de costas para ele, e enquanto escovava o cavalo com uma escova de cerdas duras, com golpes curtos e fortes dava um pequeno suspiro. Periodicamente, a égua se voltava e se inclinava para sua senhora, virando a cabeça para pedir atenção extra. Quando Juliana acariciou o focinho branco e longo do animal, o cavalo não pôde conter seu prazer, acariciando o ombro de Juliana com um bufo. Simon não podia culpar ao animal por regozijar com afeto.

— Ela nem sequer se deu conta que eu estava ali - Juliana sussurrou em italiano enquanto ela escovava seu caminho pelas longas costas da égua. — E se eu não tivesse aparecido, se eu nunca tivesse vindo aqui, não teria nem reconhecido seu tempo comigo absolutamente. — Houve uma pausa, o único som que ouviu foi o roce de seu vestido de seda negra, contra seu sussurro suave, e triste, e seu coração estava com ela. Uma coisa era ser abandonada por uma mãe, mas o golpe mais duro devia ser ter que ouvir que sua mãe renegava a vida que tinham compartilhado.

O som da escova se desacelerou.

— Não é que me importe se ela me reconhece absolutamente. — Ouviu a mentira nas palavras, e um pouco mais profundo que oprimiu o peito, dificultando a respiração.

— Talvez agora possamos voltar para a Itália, Lucrecia — Ela pôs sua testa no ombro negro e alto do cavalo. —

Talvez agora Gabriel saiba que minha estadia aqui foi uma ideia terrível. — As palavras sussurradas, de maneira honesta tão cheia de dor e pesar, estiveram perto de arruiná-lo. Do momento em que ele a tinha conhecido, tinha pensado que gostava do escândalo e que o seguia a todas as partes.

Pensava que ao abraçá-lo o convidava. Mas, enquanto estava de pé neste estábulo escuro, olhando-a escovar o enorme cavalo, vestida com um traje incrivelmente formoso e desesperada por escapar de alguma forma dos acontecimentos da noite, Simon foi superado com um só conhecimento.

O escândalo não era sua escolha. Era sua carga.

Suas palavras irônicas e sua cara valente não eram confirmações de prazer, a não ser um instinto de conservação. Ela era tão vítima das circunstâncias como ele. A consciência lhe golpeou como um soco no estômago. Mas isso não mudava nada.

— Eu não apostaria que seu irmão a deixaria partir. — disse em italiano.

Juliana se virou para ele, e ele viu o medo e o nervosismo em seus grandes olhos azuis um instante, antes de desaparecerem, substituídos pela irritação.

Seu fogo não se foi.

— Há quanto tempo está aqui? — perguntou em inglês, dando um passo atrás, e apertando-se contra o lado do cavalo, que evitou uma vez e deu um relincho angustiado. Ele ficou quieto, como que se aproximando-se a assustaria.

— O suficiente.

Seu olhar se precipitou ao redor do lugar, como se estivesse procurando um modo de escapar. Como se estivesse aterrorizada dele. E então pareceu recordar que ela não estava de nada aterrorizada. Seus olhos se estreitaram sobre ele, em um azul formoso.

— A espionagem é um hábito terrível. — apoiou-se no batente da porta, lhe dando espaço.

— Pode acrescentá-lo a minha lista de defeitos desagradáveis.

— Não há suficiente papel na Inglaterra para mencionar todas.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Você me feriu.

Ela franziu o cenho, voltando-se para o cavalo.

— Oxalá fosse assim. Não tem um lugar onde deveria estar?

Pelo visto, ia ser deste jeito. Ela não queria falar dos acontecimentos da noite. Ele a observou enquanto ela recomeçou os movimentos longos e firmes nos flancos do cavalo.

— Fui convidado a um jantar, mas terminou cedo.

— Isso soa terrivelmente aborrecido — disse, com a voz seca como areia.
— Não deveria você estar em seu clube? Relatando o golpe devastador a nossa reputação para outros aristocratas arrogantes em uma nuvem de fumaça de charuto, bebendo uísque roubado no norte do país?

— O que sabe você sobre a fumaça de charuto? — Lançou um olhar por cima do ombro.

— Não temos essas normas restritivas na Itália.

Era sua vez de segura.

— Sério? Não o tinha notado.

— Eu digo bastante a sério. Seguro que tem algo melhor que fazer que estar nas cavaliças e ver-me limpar minha égua.

— Em um vestido de noite. — O vestido mais incrível que jamais tinha visto.

Ela fez um pequeno encolhimento de ombros.

— Não me diga que há uma regra sobre isso, também.

— Uma regra sobre as damas que têm vestidos de noite para limpar aos cavalos?

— Sim.

— Não com tantas palavras, não.

— Excelente — Ela não deteve seus movimentos. — Dito isto, devo dizer que nunca vi a uma dama tão bem vestida preparar a um cavalo.

— Ainda não. — Ele fez uma pausa. — Desculpe?

— Ainda não viu uma dama fazê-lo. Acredito que esta noite ficou bem claro que não sou uma dama, não é assim? — Ela se inclinou e tocou a mecha de cabelo da égua, logo inspecionou um casco. — Eu não tenho a bagagem necessária para merecer essa honra.

E com isso, a conversa mudou e o ar da habitação se voltou pesado.

Ela se voltou para ele, olhando-o com seriedade.

— Por que veio me procurar? — Que o crucificassem se sabia. — Acredita que agora que nossa mãe está de volta, você pode vir para mim nos estábulos, e eu me comportarei da maneira em que ela sempre o fez.

As palavras ficaram flutuando entre eles, insolentes e desagradáveis, e Simon quis sacudi-la por pronunciá-las. Para diminuir sua preocupação. Por sugerir que ela não era nada melhor de que sua mãe tinha sido.

Ela seguiu adiante.

— Ou talvez não pudesse resistir a oportunidade de enumerar as outras maneiras de como sou mercadoria danificada depois desta noite? Asseguro, não há nada que possa dizer que eu mesma não tenha considerado.

Ele merecia, ele supunha, mas não podia deixar de defender a si mesmo. Realmente pensava que ele ia aproveitar esta oportunidade, está noite para ir contra ela?

— Juliana, eu... — Deu um passo para ela, e ela levantou uma mão para deter seu movimento.

— Não me diga que isto mudou tudo, Leighton. — Nunca o tinha chamado assim.

Sua Graça, com esse tom zombador que o punha imediatamente na borda. Ou Simon. Mas agora, com toda seriedade, ela usou seu título. A mudança o inquietava. Ela riu, o som frio e quebradiço, completamente indiferente.

— É obvio que não. Isto não fez mais que reforçar o que já sabe. Tudo o que você soube desde o começo. Como é que diz? Eu sou um escândalo iminente — Ela inclinou a cabeça, fingindo uma profunda reflexão. — Talvez já tenha acontecido. Mas, se houvesse alguma dúvida, a mulher que estava naquela sala de jantar foi mais que suficiente, não é certo? — Houve um longo silêncio antes de acrescentar, em italiano, em voz tão baixa que não estava certo de ter ouvido: — Ela arruinou tudo. Uma vez mais. — Havia uma tristeza devastadora nas palavras, uma tristeza que se ecoou a seu redor até que não pôde suportá-lo.

— Ela não é você. — disse em sua língua, como se falar em italiano pudesse fazer que ela acreditasse. Ela não acreditaria, é obvio. Não o fez.

— *Sciocchezze*— Seus olhos brilhavam com lágrimas de raiva, enquanto ela resistia a suas palavras, qualificando-as de tolices enquanto se afastava, dando as costas. Esteve a ponto de não escutar o resto do que disse perdido no silvo duro da escova. — Ela é de onde venho. Ela é o que serei não é assim que acontece? — As palavras o atravessaram, fazendo-o sentir-se furioso com ela apenas por pensar nelas, e se aproximou, incapaz de parar. Ela se voltou para ele e o olhou nos olhos.

— Por que diz isso? — Ouviu a aspereza em sua voz.

Tratou de suavizar. Mas não pôde. — Por que pensa isso?

Ela riu o som áspero e sem humor.

— Não sou a única. Não é isso o que você acredita? Não são essas as palavras com as quais os aristocratas como você vivem? Vamos, Sua Graça. Conheci a sua mãe.

Logo, em inglês:

— O sangue fala mais alto, não é assim? — Deteve-se. Eram palavras que tinha escutado inumeráveis vezes, nas frases favoritas de sua mãe.

— Ela te disse isso?

— Você também me disse isso. — Ela levantou o queixo, orgulhosa e desafiante.

— Não.

Um dos lados de sua boca arquearam para cima.

— Não com tantas palavras. Mas eram certas para você, não? Olhando para baixo aos seres inferiores e você no alto. O sangue fala mais alto é o lema do Duque do Disdain.

O Duque do Disdain.

Tinha-o ouvido antes, é obvio, o epíteto que se murmurava a sua passagem. Nunca simplesmente havia pensado muito nisso. Nunca se deu conta do quão acertado era o título. Nunca se deu conta da verdade disso. A emoção era para as massas. Sempre tinha sido mais fácil ser o *duque do Disdain* que deixá-los ver o resto dele. A parte que não era tão desdenhosa. Odiava que Juliana soubesse o apelido. Odiava que ela pensasse nele dessa maneira. Encontrou-se com seu olhar azul brilhante e viu sua raiva e atitude

defensiva ali. Podia fazer frente às respostas dela. Mas não à sua tristeza. Não podia suportar sua tristeza. Leu seus pensamentos e seus olhos brilharam de fúria.

— Não. Não se atreva a compadecer-se de mim. Eu não o quero. — Tratou de livrar-se de seu controle. — Prefiro ter seu desinteresse. — Surpreendeu ouvir dizer essas palavras.

— Meu desinteresse?

— Isso é o que é não? Aborrecimento? Indiferença?

Já tinha tido suficiente.

— Acredita que meus sentimentos para você são apáticos? — Sua voz tremeu e avançou para ela. — Acredita que me aborrece? — Ela piscou sob o calor de suas palavras, deu um passo atrás para um lado da cabine.

— Não o faz?

Ele moveu a cabeça lentamente, caminhando para ela, espreitando-a no pequeno espaço.

— Não.

Ela abriu a boca e logo a fechou, sem saber o que dizer.

— Deus sabe que você é exasperante... — O nervosismo queimou nos olhos dela. — E impulsiva... — Suas costas se chocaram contra a parede, e ela deu um pequeno chiado, inclusive à medida que ele avançava. — E totalmente enlouquecedora... — Pôs uma mão em sua mandíbula, levantando cuidadosamente seu rosto para o seu, sentindo o pulsar de seu pulso nos dedos. — E completamente embriagadora... — O último saiu como um grunhido, enquanto seus lábios se abriam, suaves, rosados e perfeitos.

Ele se aproximou mais, seus lábios a uma fração dos dela.

— Não... Você não é aborrecida.

CAPÍTULO 10



Os estábulos e os cavalos fazem um perfume desagradável (eau de toilette).

Os estábulos não são lugares para uma dama refinada.

Um tratado pela mais refinada das damas

Ao longo de nossa grande nação, os vigários pregam insistentes sobre a volta do filho pródigo...

A folha do escândalo, Outubro 1823.

Juliana se sentiu cativada por ele enquanto o via cruzar o recinto, à espreita até que ela não pôde ir mais longe, enjaulando-a com seus longos braços e tocando-a, lhe dando o contato que ela não sabia que desejava até esse momento. E sua voz, um som profundo e aveludado, com um ligeiro aroma de uísque, subia por seus pensamentos, fazendo-a esquecer de por que estava ali, neste estábulo escuro para começar.

Seu hálito rondando-a, esperando por ela. Esperando por ela, como se pudesse deter-se ali durante horas, durante dias, enquanto que ela considerava suas opções, enquanto ela decidia o que devia fazer a seguir.

Mas ela não tinha necessidade de esperar dias ou horas.

Eram necessários apenas uns segundos.

Ela não sabia o que ocorreria mais tarde essa noite, ou amanhã ou a semana que vem. Ela não sabia o que queria que acontecesse. Exceto isto. Ela o queria. Ela queria este momento, nos estábulos escuros. Ela desejava este instante de paixão para recordar ao que estava por acontecer.

Ele era enorme, seus ombros bloqueando a tênue luz da lanterna na parede do estábulo, e lançando uma sombra dura, malvada. Ela não podia

ver seus olhos, mas imaginou suas profundidades âmbar intermitentes com paixão apenas contida.

Possivelmente não era o caso... Mas ela preferia acreditar que ele não estava farto dela.

Ela pôs suas mãos sobre ele, seguindo seu caminho até seus braços, deleitando-se na forma em que seus músculos se agitavam por debaixo da sua jaqueta de lã, desejando que houvesse menos tecido entre eles. Seus dedos traçaram além de seus enormes ombros, para seu tencionado pescoço, onde finalmente, finalmente entraram em contato com sua pele quente e suave. Ele inclinou a cabeça enquanto ela enredava suas mãos em seus cachos suaves e dourados, para permitir um acesso melhor ou porque ele já não tinha força para resistir a ela.

Encantava-a esta última ideia.

Seus lábios estavam sobre sua orelha agora, sua respiração vinha em rajadas irregulares, e encantou-a esse som, tão contrário a seu rosto normal e impávido.

— Você não parece aborrecido.

Ele soltou uma gargalhada áspera e a torturou com um sussurro em seu ouvido.

— Se eu tivesse cem anos para descrever como me sinto agora mesmo, *aborrecido* não apareceria.

Voltou a cabeça para ouvir essas palavras, seu olhar se chocou com o seu.

— Tome cuidado, Simon. Poderia fazer com que eu goste de você. E então, onde estaríamos?

Ele não respondeu, e ela esperava que ele diminuísse a distância entre eles. Maravilhou-se com seu controle quando ele não o fez. Seu controle sem fim, inquebrantável.

Ela não podia igualá-lo. Não o tentaria.

Ela apertou os lábios contra os seus e abandonou-se em seus beijos.

No momento em que seus lábios se tocaram, Simon se moveu. Respirou fundo e envolveu seus braços ao redor dela, envolvendo-a em seu calor e sua força e em seu fresco aroma a limão e tabaco.

Ele a atraiu para mais perto, em um aperto forte e poderoso, com suas mãos deixando-a em chamas. Havia algo diferente neste beijo daquele que tinham compartilhado aquela manhã no Hyde Park... Aquele tinha sido um beijo movido pela frustração, fúria, medo e ira.

Este beijo era uma exploração.

Procurando e encontrando, perseguindo e capturando. Era um beijo que sugeria que tinham uma eternidade para aprender um do outro, e quando sua língua percorreu áspera e suavemente, pelo seu lábio inferior, enviando ondas de sensações vertiginosas uma atrás da outra através dela, ela desejava que tivessem uma eternidade. Sem dúvida, levaria esse tempo para cansar-se disto. Dele. Ela abriu a boca ao sentir o contato dele, tão poderoso, tão perverso.

Ele levantou a cabeça para ouvir o som, com os olhos entreabertos olhando-a.

— Isto é...

Seus dedos espalharam-se sobre seus suaves cachos dourados, puxando-os para ela.

— É perfeito.

Ele grunhiu sua satisfação pela resposta, movendo as mãos e emoldurando sua face entre as palmas das mãos, inclinando a cabeça no ângulo perfeito, e tomando sua boca em um beijo que a reclamava fortemente, um beijo que a deixou sem fôlego. À medida que a atormentava com beijos profundos e luxuriosos, foi impossível pensar ou falar ou fazer outra coisa que sentir.

Suas pernas se converteram em líquido, e ele a pegou, levantando-a no ar, como se não pesasse absolutamente nada. Ela percebeu sua força junto com seu próprio desespero, e tratou de enrolar-se ao redor dele, mas suas pernas estavam embrulhadas em seda e algodão. Ela tentou desvencilhar-se, e quase o golpeia na tíbia. Ele levantou a boca e a olhou com curiosidade.

— Há muito tecido nestes malditos trajes. — disse frustrada.

Ele baixou-a ao chão e uma mão forte e cálida acariciava seu pescoço pela ampla extensão de pele descoberta ali.

— Parece-me que é a quantidade correta em certos lugares. — Ele deslizou um dedo pela borda de seu vestido, pondo sua pele em chamas. — Este vestido é o mais lindo que já vi.

Ela apertou-se contra ele, incapaz de conter-se. Sabendo que era um comportamento absolutamente devasso.

— Eu o mandei confeccionar para você. — Ela o beijou outra vez, mordendo seu lábio inferior antes de adicionar: — Pensei que poderia gostar de... Pensei que não seria capaz de resistir ao...

— Pensou bem. Mas, eu vou corrigir seu ponto. Realmente há muito tecido. — E logo baixou a borda da seda, revelando a ponta de um mamilo.

— Sim, tão lindo. — O sussurro era baixo e aveludado, e ela viu como ele passava um só dedo fazendo um círculo ali uma vez, duas vezes. Logo, o dedo se moveu inclinando o queixo para cima para encontrar com seu olhar escuro. — Sim ou não?

Foi uma pergunta imperiosa, dita como se estivesse lhe dando de presente um momento fugaz para decidir o que queria antes que ele assumisse o controle de vez e ela se deixou levar, de cabeça, nesse mundo em que ele era o amo.

— Sim — sussurrou ela, enfiando os dedos em seu cabelo e puxando-o para ela. — Sim, Simon.

Algo escuro brilhou em seus olhos, e ele baixou a cabeça, tomando seus lábios em um beijo ardente antes que seguisse com seus lábios por sua garganta sobre a pálida pele de seu peito. Os dedos dela enrolados entre seus cachos.

Sim, Simon.

Ele tinha o controle.

Ele a estava arruinando para todos os outros.

E ela não se importava.

Sua língua roçou devastadoramente a pele sensível da ponta de seu seio, e ela mordeu o lábio, arqueando-se.

Consentindo.

— Juliana?

Se o estábulo tivesse ardido em chamas, não poderia ter ficado mais surpreendida do que estava pelo som da voz de seu irmão gritando seu nome.

Simon ficou rígido imediatamente, endireitando-se e restaurando imediatamente a borda de seu vestido em seu lugar. Enquanto o fazia, ela se apressou a afastar-se dele, puxando as saias, andando em um círculo enquanto tratava de se orientar. Em seguida ela respondeu:

— Estou aqui, Gabriel. — Ela agarrou a escova de cerdas duras, e disse, em voz alta: — E acima de tudo o que ela mais gosta é quando lhe escovo os flancos com firmeza.

— Estive te procurando por toda parte, o que está fazendo nos estábulos sozinha no meio da noite? — Ralston entrou no recinto e ficou imóvel, olhando primeiro Simon, e logo Juliana. Não levou muito tempo para dar-se conta da situação.

Corretamente.

Quando se moveu, foi como um relâmpago.

Fazendo caso omissos do grito de Juliana, saltou e agarrou as lapelas da capa superior de Simon, puxando-o longe da parede onde se inclinou, tratando de parecer casual. Ralston voltou para o duque, lançando-o à porta do estábulo e na parede em frente, a agitação fez com que os cavalos do corredor relinçassem nervosos.

— Gabriel — gritava ela, seguindo-os pelo corredor a tempo para ver seu irmão pegar a gravata de Simon com uma mão e lhe dar um golpe forte na mandíbula com a outra.

— Quero fazer isto há vinte anos, bastardo arrogante.

— grunhiu Ralston.

Por que Simon não estava lutando?

— Gabriel, pare!

Seu irmão não fez caso.

— Levante!

Simon ficou de pé, esfregando a mandíbula com uma mão.

— Recebi o primeiro de forma gratuita, Ralston.

Os ombros de Ralston se esticaram, seus punhos levantados e preparados para a batalha. Se ele sentiu um pouco como sentiu Juliana quando saiu da casa, estava certa de que ele não pararia até que um ou ambos estivessem inconscientes, tendo em conta os olhos brilhantes de Leighton e seus músculos tensos, Juliana imaginou que seria quando os dois estivessem.

— Vou pagar o preço com imenso prazer. — arremeteu Ralston contra o duque de novo, dando um golpe rápido antes que Leighton bloqueasse o seguinte golpe, e enviasse a cabeça de Ralston para trás com um demolidor gancho.

Juliana estremeceu ao ouvir o som da carne contra a carne e, sem pensá-lo, interveio.

— Não! Ninguém está pagando nenhuma cota! Agora não, não, jamais!
— Juliana empurrava entre eles, com as duas mãos acima como um árbitro em um combate perverso de boxe.

— Juliana, sai da frente. — As palavras de Leighton eram suaves e baixas.

— Fale com ela com tanta familiaridade novamente e te verei de madrugada — disse Ralston, furioso. — De fato, não vejo a razão para não fazê-lo agora mesmo.

— Não tivemos suficiente escândalo por uma noite, Gabriel? — respondeu Juliana. — Eu creio que sim.

E assim, o espírito de luta o abandonou.

Ela não baixou as mãos até que ele as abaixou. Mas quando o fez, ela disse:

— Nada aconteceu.

Ralston soltou uma gargalhada sem senso de humor, olhando Leighton por sobre sua cabeça. Viu o brilho assassino em seus olhos.

— Você se esqueça de que não estou há muito tempo sendo um homem casado, irmã. Sei quando *não aconteceu nada*. As damas não se parecem como você quando não aconteceu nada. Homens como Leighton não recebem golpes alegremente, *quando não aconteceu nada*.

Ela sentia o rubor em suas faces aumentando, mas se manteve firme.

— Está equivocado. Não aconteceu nada.

Salvo que algo tinha acontecido, uma pequena voz lhe sussurrou burlando-se dela em um canto escuro de sua mente. Algo maravilhoso.

Ela o ignorou.

— Diga, Sua Graça.

Simon não disse nada, e ela o olhou por cima do ombro.

— Diga. — repetiu.

Era como se ela não estivesse ali. Ele estava olhando diretamente sobre sua cabeça, direto aos olhos de Ralston.

— E se fosse sua irmã, Leighton — disse Ralston brandamente desde atrás dela. — Seria *nada* então?

Algo brilhou no olhar de Simon. Raiva. Não.

Frustração. Não, era algo mais. Algo mais complicado.

E ela viu o que ia fazer um momento antes que ele o fizesse.

Ela teve que detê-lo.

— Não! NÃO!

Mas foi muito tarde.

— Vou me casar com ela.

Ela viu as palavras mais que as ouvir, viu como seus lábios perfeitos formavam as sílabas apesar de que o som fosse mascarado pelo estrondo em seus ouvidos.

Ela se voltou imediatamente para seu irmão.

— Não. Não vai se casar comigo.

O silêncio se estendia longo e tenso, enchendo o celeiro até as vigas. A incerteza relanceando, e olhou Simon de novo. Seu rosto era frio e imóvel, os olhos fixos em Ralston, como se estivesse esperando um pronunciamento de morte.

E assim foi.

Ele não queria casar-se com ela. Ela não era sua bonita noiva inglesa, que provavelmente dormia profundamente longe do escândalo. Mas o faria, porque isso era o que ele fazia. Porque ele era o tipo de homem que fazia o que se esperava dele, sem argumentar. Sem lutar.

Iria casar-se com ela não porque a quisesse... Mas sim porque era o que devia fazer.

Não que ela gostaria que ele a quisesse.

Mentirosa. Que a crucificassem se ela ia sofrer por sua nobreza deslocada. Ralston não a olhava aos olhos, não desviava sua atenção do duque.

Olhou Leighton, vigiando seus olhos cor âmbar. E assentiu com a cabeça.

— Oh, por... — Voltou-se para Gabriel. — Me escute, irmão. Não vou me casar com ele. Não passou nada.

— Não, não vai se casar com ele.

Um calafrio a percorreu.

— Não o farei?

— Não. O duque parece ter esquecido que ele já está prometido.

Sua boca se abriu.

Não podia ser certo.

— O que?

— Vamos, Leighton. Diga que é verdade — disse Ralston, com fúria em suas palavras. — Diga que não é tão perfeito depois de tudo.

A ira se acendeu nos olhos de Simon.

— Ainda não propus nada à dama.

— Só ao seu pai. — disse Ralston, com presunção.

Ela queria que Simon refutasse o ponto, mas viu a verdade em seus olhos.

Ele estava comprometido.

Ele estava *comprometido* e a tinha estado beijando. Nos estábulos. Como se ela não fosse nada mais que uma perdida.

Como se ela fosse igual a sua mãe.

Apesar de que lhe havia dito que não se parecia em nada a sua mãe.

Ela se voltou para ele, sem esconder a acusação nos olhos, e então ele tratou de falar.

— Juliana...

Ela simplesmente não queria ouvi-lo.

— Não. Não há nada que dizer.

Ela olhou a longa coluna de sua garganta trabalhar, pensando que talvez ele estivesse procurando algo correto para dizer, já que se tratava de Leighton, que sempre sabia o que dizer.

À exceção de quando claramente não tinha feito a coisa certa.

Ralston entrou, então, pondo fim ao momento.

— Se te vir novamente a três pés de minha irmã, Leighton, será melhor que tenha seu segundo escolhido.

Houve um momento longo e tenso antes que

Leighton, dissesse:

— Não será um problema me manter afastado dela. Isto não teria acontecido se a tivesse sob seu cuidado, mantenha uma rédea curta em torno dela.

E com essas frias e insensíveis palavras, o duque do Disdain deixou os estábulos.

Sua mãe tinha retornado.

— *Redeo, Redis, REDIT...*

Sua mãe tinha retornado Deus sabia por quê.

— *Redimus, Reditis, Redeunt...*

Sua mãe tinha retornado sabia Deus por que razão, e Juliana quase levou a si mesma à ruína nos estábulos.

— *Eu retorno, ele retorna, ela retorna...*

Sua mãe tinha retornado Deus sabia por qual razão e Juliana levou quase a si mesmo à ruína nos estábulos....

Pelo duque de Leighton.

E o tinha desfrutado.

Não a parte onde a mãe retornava a outra parte.

Essa parte foi bastante... *Maravilhosa.*

Até que tinha descoberto que ele estava comprometido. E alegremente lhe tinha dado as costas e saída de sua vida.

Deixando-a para lutar com sua mãe.

Que tinha retornado.

Ela suspirou, golpeando as palmas das mãos na fria colcha de brocado da cama.

Era de se estranhar que não pudesse dormir?

Não era exatamente como se tivesse tido a mais fácil das noites.

Ele tinha ido embora. Bom, também lhe tinha proposto matrimônio.

Depois de lhe fazer sentir maravilhosamente.

Depois de propor matrimônio a outra mulher.

Algo se retorceu em seu interior. Algo facilmente identificável.

Desejo. Ela nem sequer o entendia. Era um homem horrível, arrogante e orgulhoso, frio e insensível. À exceção de quando ele não era nenhuma dessas coisas. À exceção de quando ele provocava com charme e cheio de fogo.

Com paixão.

Fechou os olhos, tratando de ignorar a dor no peito.

Ele tinha feito que ela o desejasse. E então se foi.

— Eu vou, ele vai.

A conjugação dos verbos não a estavam ajudando.

Frustrada, pulou da cama, atirando-se à porta tomando rumo pelo corredor longo e escuro de Ralston House, correndo com as pontas de seus dedos ao longo da parede, contando as portas até que chegou à escada central da casa. Do patamar das escadas, viu uma tênue luz vinda do escritório de seu irmão.

Ela entrou sem chamar. Ralston estava em frente às enormes janelas de seu escritório, com uma mão brincando distraidamente com uma esfera de cristal que tinha lhe comprado há vários meses, enquanto olhava para o grande abismo negro em frente. Seu cabelo escuro estava revoltado, e tinha tirado a jaqueta, o colete e a gravata.

Juliana fez uma careta quando viu o hematoma em sua mandíbula, onde Simon tinha lhe golpeado.

E o único que ela tinha feito, era lhe causar problemas.

Se as posições se invertessem, teria se jogado sobre suas orelhas meses atrás.

Ele olhou por cima quando Juliana entrou, mas não a repreendeu por sua invasão. Ela se sentou de frente a sua escrivaninha e pôs seus pés descalços por debaixo de sua bata enquanto ele dava as costas à janela.

Nenhum dos dois irmãos falou durante um bom momento, e o silêncio se prolongou de uma maneira cômoda entre eles. Juliana tomou uma respiração profunda.

— Eu gostaria de *limpeza do ar*.

Ralston fez uma careta.

— *Limpar o ar*. — corrigiu-a.

Isso tinha mais sentido. Ela entrecerrou os olhos.

— Estou a ponto de pedir desculpas, e você ri de mim?

Ele sorriu pela metade.

— Continue.

— Obrigada. — ela fez uma pausa. — Sinto muito.

— Por quê? — Olhou-a sinceramente confundido.

Ela deixou escapar um risinho.

— Não era muito, não? — Pensou por um momento. — Suponho que lamento todos os problemas que cometi até agora.

Ele não respondeu.

— Onde está ela?

A esfera de cristal rodava entre seus dedos.

— Foi-se.

Juliana fez uma pausa, uma ondulação de emoção disparou através dela. Não se deteve considerar. Ainda não estava segura do que ela mesma queria.

— Para sempre?

Ele inclinou a cabeça, e lhe pareceu ouvi-lo rir.

— Não. Se fosse assim fácil. Só que não a quero nesta casa.

Ela o olhava, seu irmão forte e grande, que parecia ser capaz de levar o peso do mundo sobre seus ombros.

— Onde a enviou?

Ele se virou para ela então, com a bola rodando.

— Ela não sabia que você estava aqui, sabe. Ela não a esperava. É por isso que não te buscou na sala. No jantar.

Ela assentiu com a cabeça. Isso não a fazia sentir melhor.

— Ela sabe que estou aqui agora?

— Eu disse. — As palavras eram suaves, mescladas com algo que poderia ter sido uma desculpa. Ela assentiu com a cabeça, e o silêncio caiu de novo. Retornou à mesa e se sentou frente a ela. — Você é minha irmã. Tem prioridade.

Estava recordando a ela ou a ele mesmo?

Ela o olhou aos olhos.

— O que quer?

Ele se inclinou para frente apoiando-se nos cotovelos.

— Ela diz que não quer nada.

— Só sua posição como marquesa viúva. — Juliana não pôde evitar o sarcasmo em seu tom.

— Ela nunca terá isso.

Ela não podia. A alta sociedade não a aceitaria. As más línguas se alimentavam deste escândalo fazia anos. Quando Juliana tinha chegado a Londres há seis meses, apinharam-se, e a sórdida história da deserção de sua mãe tinha sido dragada para o fundo do grande rio do drama que a sociedade alimenta. Inclusive agora, face às conexões com algumas das famílias mais poderosas de Londres, Juliana existia à margem da sociedade educada, aceita só por sua associação com eles, em lugar de pôr seu próprio mérito.

Tudo começava de novo. E muito pior que antes.

— Você não acreditou verdade? — Perguntou. — Isso de que ela não quer nada.

— Não.

— Então, o que?

Ele negou com a cabeça.

— Dinheiro, família...

— *O perdão?*

Ele pensou durante um longo momento, logo levantou um ombro em um leve encolhimento como todos eles utilizavam quando não tinham uma resposta.

— É um grande motivador. Quem sabe?

Uma onda de calor a inundou e se inclinou para diante, sacudindo a cabeça.

— Ela não o pode ter. Não pode... O que fez a você... A Nick... A nossos pais...

Um dos lados de sua boca se elevou de maneira quase imperceptível.

— A você.

A mim.

Ele se recostou em sua cadeira, trocando o peso do objeto de cristal de um lado a outro.

— Nunca pensei que fosse voltar.

Ela sacudiu a cabeça.

— As pessoas pensariam que o escândalo por si só a teria afastado.

Ele deixou escapar uma risada ante isso.

— Se esquece de que ela é nossa mãe, uma mulher que viveu sempre como se o escândalo fosse dos outros. E, para ser justos, sempre o foi.

Nossa mãe.

Juliana se lembrou da conversa nos estábulos com Simon. Quanto desta mulher estava em Juliana? Quanto de sua falta de cuidado e completo desprezo pelos outros se escondia no profundo de sua filha?

Juliana ficou tensa.

— Você não é como ela. — Sua atenção se voltou para seu irmão, seu olhar de fogo azul firmemente sobre ela.

As lágrimas lhe ardiam por sua honestidade.

— Como sabe isso?

— Sei. E algum dia, você também.

As palavras eram tão simples, tão seguras de seus sentimentos, que Juliana queria gritar. Como podia ele saber? Como podia estar tão seguro de que não era precisamente uma mulher igual a sua mãe? Isso, junto com sua estatura, seu cabelo e seus olhos azuis, como saber que ela não tinha herdado uma indiferença total e absoluta pelos que a rodeavam a quem se supõe que devia amar?

O sangue fala mais alto.

Em troca, ela disse:

— O escândalo... Quando se inteirarem... Que ela está de volta.

— Vai ser enorme. — Ela se encontrou com seu olhar sério azul. — No meu modo de ver, temos duas opções. Ou, pegar as malas e abandonar o país, com ela nas costas, e esperar que se desvaneçam as intrigas.

Se desejar que seja assim...

Ela enrugou o nariz.

— Ou?

— Ou podemos endireitar os ombros e enfrentamos.

Não era uma escolha. Não para ela. Nem para ele tampouco.

Um dos lados da boca dele se elevou em um meio sorriso.

— Bom que não se diga que Ralston House não mantém Londres feliz com todas as intrigas.

Houve uma pausa e pôs-se a rir, um ruído surdo que provinha do profundo de seu peito. E logo, ela ria também.

Porque nesse momento, era rir ou chorar.

Quando a risada morreu, Ralston se reclinou em seu assento e olhou ao teto.

— Nick deve ser informado.

É obvio. Seu irmão e sua nova esposa viviam em Yorkshire, mas esta era uma notícia que tinham que escutar o mais breve possível. Ela assentiu com a cabeça.

— Ele virá?

Suas sobrancelhas se levantaram, como se ele não tivesse considerado essa possibilidade.

— Eu não sei. Nick e ela... Eles... — Ele se levantou e ficaram em silêncio outra vez, cada um perdido em seus pensamentos.

Ela estava de volta.

E com ela, décadas de perguntas por muito tempo enterradas.

Encontrou-se com o olhar de seu irmão.

— Gabriel — sussurrou. — O que acontece se ela está aqui para ficar?

Algo queimou em seus olhos azuis, uma combinação de irritação e preocupação. Ele respirou fundo, como se recolhesse seus pensamentos.

— Não imagino nem por um momento que ela estará aqui para sempre, Juliana. Se há uma coisa que sei dessa mulher, é que ela é incapaz de suportar a rotina. Ela quer algo. E quando o obtiver, irá embora. — Deixou a esfera de cristal sobre a mesa. — Ela irá e tudo voltará para a normalidade.

Nos seis meses desde que tinha chegado a Londres, Juliana tinha tido muitas oportunidades de ver o homem sob o marquês do diabo, sob a fachada de poder de Ralston. O suficiente para saber que ele não acreditava em suas palavras.

Não podiam acreditar nelas.

Era um eufemismo dizer que a volta de sua mãe mudava tudo. Não era simplesmente que tiraria à luz um escândalo acontecido fazia vinte e cinco anos. Não era simplesmente que parecia que ela não se preocupava com o impacto que tinha sobre a sociedade e menos ainda remorso por suas ações. Não era simplesmente como se nunca tivesse saído de Ralston House.

Inclusive se tudo isso pudesse ser apagado. Se Gabriel a pegasse e a enviasse longe para o exterior, para nunca mais saber dela, nada voltaria a ser o mesmo.

Porque, antes de esta noite, eles tinham pretendido que ela tinha ido para sempre. Certamente, Juliana sempre se perguntou se sua mãe ainda vivia, onde estava, o que estava fazendo, com quem estava. Mas em algum lugar, em uma parte profunda, e tranquila dela, sempre tinha assumido que sua mãe tinha ido para sempre.

E ela tinha começado a aceitar quando chegou a Londres, e se encontrou com seus irmãos, que lhe tinham dado a oportunidade de uma nova vida. Uma vida na qual o fantasma de sua mãe era menos pesado e ameaçador que nunca.

Já não.

— Realmente não acredito nisso — disse.

Houve uma longa pausa, e logo:

— Ela quer falar com você.

Ela notou a mudança no tema, mas não fez nada para corrigi-lo. Agarrou uma peça invisível de penugem da manga de sua bata.

— Estou certa disso. — disse com ironia.

— Você pode tratar com ela se o desejar.

Ela o observou com atenção.

— O que acredita que devo fazer?

— Acredito que deve tomar a decisão por si mesma.

Levou os joelhos até o queixo de novo, acomodando seus calcanhares no assento de couro suave.

— Eu acho que não quero falar com ela. Ainda não.

Algum dia, talvez. Sim. Mas não agora.

Ele assentiu com a cabeça.

— Justo. — Fez-se o silêncio e organizou várias pilhas de correspondência, o hematoma na mandíbula brilhando na luz das velas.

— Dói?

Uma mão se foi ao lado de seu rosto, explorando a lesão levemente com os dedos.

— Leighton sempre foi hábil ao dar golpes. É um bônus adicional que seja enorme.

Um dos lados da boca de Juliana se levantou. Seu irmão não tinha respondido à pergunta. Imaginou que devia doer muito.

— Sinto por isso, também.

Encontrou com seu olhar, os olhos azuis brilhantes de ira.

— Não sei quanto tempo os dois...

— Nós...

Cortou uma mão no ar, cortando suas palavras.

— E, francamente, não quero saber. — Suspirou profundamente e cansado. — Entretanto, fique afastada dele, Juliana. Quando dissemos que queríamos te encontrar um bom par, Leighton não era o que tínhamos em mente.

Inclusive seu irmão pensava que Simon era muito bom para ela.

— Porque é um duque

— O que? Não. — disse Ralston, verdadeiramente perplexo por sua imediata resposta defensiva. — Porque é um asno.

Ela sorriu. Ela não pôde evitá-lo.

— Por que pensa isso?

— Basta dizer que o duque e eu tivemos nossa justa parte de brigas. É totalmente arrogante e altivo e impossível. Ele toma seu nome muito a sério e seu título é mais importante que isso. Eu não o suporto, francamente, e eu deveria tê-lo recordado nestas últimas semanas, mas ele me parecia tão preocupado por sua reputação que eu estava disposto a ignorar meus preconceitos. — Deu um olhar irônico. — Agora vejo que deveria ter agido diferente.

— Não foi o único que foi enganado — disse, mais para si que para ele.

Ficou de pé.

— Vendo pelo lado positivo, estive esperando golpeá-lo durante vinte anos. Assim que isso foi uma coisa que foi bem hoje. — Ele flexionou sua mão. — Crê que ele tenha uma contusão que coincida com minha mão?

O orgulho masculino em seu tom de voz a fez rir, e ficou de pé, também.

— Estou segura de que é muito maior. E mais feio. E muito mais doloroso. Espero que sim, pelo menos.

Ele deu a volta ao escritório e lhe puxou o queixo suavemente.

— Resposta correta.

— Eu aprendo rápido.

Ele riu esta vez.

— Uma lição rápida.

Ela inclinou a cabeça.

— De verdade?

— De verdade. Agora. Um favor?

— Sim?

— Fique o mais longe possível dele.

A dor no peito voltou ante essas palavras. Ela a ignorou.

— Não quero ter nada que ver com esse homem.

— Excelente. — Ele acreditou.

Agora, simplesmente ela tinha que acreditar também.

CAPÍTULO 11



Inclusive nos bailes, terá que tomar cuidado com o vulgar.

As senhoras elegantes devem afastar-se dos cantos escuros.

Um tratado da mais refinada das damas.

Pardais revoando e seus acompanhantes recentemente receberam seu castigo...

O Escândalo da Folha, outubro 1823.

Os degraus que conduziam a Dolby House estavam cobertos de vegetação.

A marquesa de Needham e Dolby tinha levado seu baile da colheita muito a sério, cobrindo a frente da casa com cebolas, batatas, e o que pareciam vários tipos diferentes de trigo, e abóboras de todos os tamanhos imagináveis e cores. Um caminho foi feito para os convidados, e não era um caminho reto, era cheio de curvas flanqueadas com o espólio da colheita que para que sete passos se convertessem em setenta, fazendo com que se sentisse ridículo perfazendo-o.

Juliana desembarcou da carruagem e olhou à abóbora e o trigo semeado na via com ceticismo. Callie estava em baixo e deu uma pequena gargalhada ante esta exposição. — Oh, Meu Deus.

Ralston puxou o braço de sua esposa e foi abrindo caminho através do extravagante labirinto.

— Isto é tudo o que vai fazer, já sabe — sussurrou ao seu ouvido, e Juliana ouviu o humor em seu tom. — Espero que esteja feliz.

Callie se pôs a rir.

— Nunca tive a oportunidade de perambular por uma horta, mylord — brincou. — Então sim, estou bastante contente.

Ralston olhou para o céu.

— Vamos terminar logo com isto. — Voltou-se para a Juliana, lhe indicando que ela devia precedê-los ao subir as escadas. — Irmã?

Juliana pregou um brilhante sorriso em seu rosto e se aproximou do seu lado. Inclinou-se, e disse em voz baixa:

— Mantém o sorriso em sua cara, e eles não saberão o que fazer.

Não havia dúvida de que a esta altura, depois de um dia da volta de sua mãe, a alta sociedade teria incrementado a notícia. Tinha havido uma breve discussão de tarde para não virem a este baile especialmente porque teria lugar na casa de Lady Penélope, a futura duquesa de Leighton, mas Callie tinha insistido em que se fossem resistir a esta tormenta, teriam de assistir aos eventos que foram convidados, não importando se Leighton ia estar presente ou não. Logo, depois de tudo, não haveria muitos que aceitar.

E esta noite, ao menos, o relato completo dos eventos da noite anterior em Ralston House seria confuso no melhor dos casos.

Ela aumentou o brilho de seu sorriso e caminhou entre os nabos e as abóboras, pepinos e abobrinhas, no que estava destinado a ser uma das noites mais longas de sua vida.

Uma vez despida de seu manto, Juliana se voltou para o poço de víboras que esperavam no interior do salão de baile de Dolby House.

O primeiro que notou foram os olhares. A entrada ao salão de baile era em cima, por um curto lance de escadas quase com toda segurança desenhado para uma entrada mais ou menos segura. À medida que se subia à parte superior das escadas, Juliana sentiu os olhares começando a incomodá-la. Olhando através da sala, ela se negou a permitir que seu sorriso desaparecesse, inclusive quando viu os primeiros sinais da fofoca: as cabeças inclinadas, os sussurros dos convidados, e os olhos iluminados, ansiosos por dar uma olhada ao que poderia acontecer neste sórdido drama.

Callie se voltou para ela, e ela reconheceu um sorriso similar, muito luminoso na cara de sua cunhada.

— Está indo muito bem. Uma vez que estejamos dentro da aglomeração, tudo vai se resolver.

Queria acreditar que as palavras eram certas. Ela olhou por cima das pessoas, tentando parecer como se algo tivesse capturado sua atenção. E então algo o fez.

Simon.

Ela conteve a respiração enquanto a escaldante memória vinha à sua cabeça.

Estava de pé no outro extremo do salão de baile, alto e bonito, em um traje de noite perfeito e uma gravata de linho com linhas tão nítidas que poderiam ter sido feitas na manteiga. Por cima de uma bochecha percebeu um avermelhado, parecia que ao menos um dos golpes de Ralston a noite anterior tinham tido consequências, mas essa única marca fazia ver Simon ainda mais bonito. Mais devastador.

Só fazia que ela o desejasse mais.

Ele não a tinha visto ainda e ela lutava simultaneamente em afofar suas saias e dar a volta e correr para a saída. Ao invés disso, centrou-se em descer à pista de baile, onde ela não podia vê-lo.

Talvez se ela não podia vê-lo, deixaria de pensar tanto nele, em seus beijos e seus fortes braços, e a forma em que seus lábios se sentiram sobre sua pele nua.

E a forma em que havia proposto a lady Penélope antes que tivesse vindo por Juliana nos estábulos.

Lady Penélope, em cuja casa estava Juliana.

Empurrou os pensamentos a um lado enquanto seu irmão se aproximava dela e tomando-a do cotovelo lhe disse em forma baixa ao ouvido:

— Recorda o que conversamos.

Ela assentiu com a cabeça.

— Vou ser a rainha da festa.

Ele sorriu.

— Como sempre.

Ela soprou um riso, e adicionou:

— Bom, pelo menos tentarei fazer o que for possível. Eu vivo para fazer sua vontade, mylord. — Ele soltou uma breve risada.

— Como se isso fosse certo. — Seu olhar ficou sério. — Trata de divertir-se. Dance tanto quanto possa. — Ela assentiu com a cabeça. Isso se alguém lhe pedisse.

— Senhorita Fiori? — A chamada era profunda e cálida detrás dela, e ela se voltou para ficar de frente ao irmão de Callie, o conde de Allendale. Ele sorriu, com a bondade em seus olhos castanhos. Estendeu uma mão. — Daria a honra? — Isto estava planejado, ela sabia. Previsto para que ela tivesse com quem dançar no momento em que entrasse no salão de baile. Previsto que esse alguém fosse um conde. Ela aceitou, e dançaram uma animada quadrilha, e Benedict era um perfeito cavalheiro, passeando com ela ao redor do perímetro da sala depois da dança, sem afastar-se de seu lado.

— Você não tem que me cuidar tanto, sabe. — Disse ela finalmente, em voz baixa. — Eles não podem me fazer muito em um salão de baile.

Deu um meio sorriso.

— Eles podem lhe fazer muito em um salão de baile. E, além disso, não tenho nada melhor que fazer. — Chegaram a um lugar tranquilo num canto da habitação e ficaram em silêncio, observando aos outros bailarinos na sala.

— Não tem outras mulheres que cortejar? — Brincou ela.

Ele negou com a cabeça com fingida tristeza.

— Nenhuma só. Sinto-me aliviado de meus deveres como conde solteiro esta noite.

- Ah! — disse — Então algo de bom aconteceu devido aos problemas em Ralston House. — Dedicou um sorriso. — Para mim, ao menos.

Ficaram de novo vendo os bailarinos durante um tempo antes que Benedict dissesse em voz baixa:

— Tudo ficará bem, já verá.

Ela não o olhou por temer que perdesse sua máscara de serenidade.

— Não sei, mas muito obrigado por dizê-lo.

— Ralston fará o que for necessário para que vá bem. Terá todo o apoio de Rivington e meu... E dezenas de outros.

Mas não é o homem que eu esperava que se unisse a nós.

Virou-se ao sentir a suavidade do tom quente, encontrando com seus olhos bondosos e pensando, fugazmente, por que não podia ser este homem o que a pusesse em chamas.

— Eu não sei por que vocês vão arriscar tanto. — Deu um pequeno som negativo.

— Risco? — disse ele, como se tratasse de uma palavra tola. — Não é um risco para nós. Somos jovens aristocratas, bonitos, com um montão de terra e um montão de dinheiro. Que risco?

Ela se mostrou surpreendida por sua franqueza.

— Nem todos vocês parecem pensar tão levemente dos danos que uma associação conosco pode fazer a sua reputação.

— Bom, nós, Rivington e eu não temos muitas opções, já que estamos aparentados, se você recordar. — Ela escutou a brincadeira em seu tom, mas não o encontrou divertido. Houve um compasso de silêncio. — Suponho que se refere a Leighton.

Ela ficou rígida. Não pôde evitá-lo.

— Entre outros.

— Eu vi a forma em que a olhava ontem à noite. Acredito que Leighton se alinhará com você mais rápido do que imagina.

As palavras tinham uma lógica um pouco torcida, com uma pitada de curiosidade, ela sacudiu a cabeça.

— Equivoca-se.

Benedict podia pensar ter visto alguma forma de apoio de Leighton ontem de noite, mas ele tinha entendido mal a emoção. Tinha visto a frustração, irritação, o desejo, talvez. Mas não a preocupação.

Pelo contrário, se Benedict tivesse visto a tormenta que armou o duque nos estábulos mais tarde naquela noite, depois que revelou que estava comprometido, não pensaria em tais coisas absolutamente.

Simon ia se casar.

As palavras sussurravam por sua mente, e como se tivesse conjurado a que ia ser sua prometida, Juliana teve uma visão da *uva* através da multidão, enquanto se dirigia ao salão das damas.

E ela não pôde resistir à tentação.

— Já volto — sussurrou ela, começando a andar.

Ela sabia, mesmo enquanto se dirigia à sala que não devia seguir à lady Penélope, que qualquer conversa que pudessem ter seria mais dolorosa que qualquer outra conversa, mas ela não pôde evitá-lo. A *uva* tinha feito algo que Juliana não pôde, ficou com Simon. E havia uma parte perversa de Juliana que simplesmente tinha que saber quem era esta perfeita e ideal dama *inglesa*.

O que tinha ela que levou ao intocável Duque de Leighton escolhê-la como sua duquesa.

Como ainda era cedo o salão estava vazio, salvo por um punhado de serventes, e Juliana cruzou a sala principal a uma câmara pequena, onde se encontrou com Penélope vertendo água em um pequeno lavabo, e depois colocando as mãos na água, e respirando profundamente.

A *uva* parecia doente.

— Você não tem dinheiro em suas contas, verdade?

Penélope virou para ela, a surpresa em seus olhos cheios de confusão.

— Efetivo em minhas contas?

— É pode ser que eu tenha me equivocado. — Juliana moveu a mão balançando-a ligeiramente. — Parece estar doente. Em italiano, diz-se *vomitare*. — Os olhos da *uva* aumentaram ante o entendimento antes que uma cor rosa acendesse suas faces. — Ah. Vejo que você entende.

- Sim. Eu entendo. — Lady Penélope sacudiu a cabeça. — Não. Não levo bem minhas contas. Ao menos, eu não acredito.

Juliana assentiu com a cabeça.

— *Bene*. — Indicou uma cadeira perto do lavabo. — Posso entrar?

A *uva* franziu o cenho. Evidentemente, não eram todos os dias que ela tinha uma conversa como esta.

Mas se queria recusar, era muito educada para fazê-lo.

— Por favor.

Juliana se sentou, agitando uma mão.

— Você não tem que deixar de fazer o que fosse que estava fazendo. —
Fez uma pausa. — O que é que estava fazendo?

Penélope olhou o lavabo antes de encontrar-se com o olhar curioso de Juliana.

— É algo que faço para me acalmar.

— Lavar as mãos?

Um dos lados da boca de Penélope se levantou em um sorriso de desaprovação de si mesma.

— É uma tolice.

Juliana negou com a cabeça.

— Eu conjugo verbos.

— Em italiano?

— Em Latim. E em inglês.

Penélope pareceu considerar a ideia.

— E funciona?

Quase sempre, menos com Leighton.

— A maioria das vezes.

— Terei que tentar.

— Por que precisa se acalmar?

Penélope pegou uma toalha para secar as mãos.

— Não há nenhuma razão.

Juliana riu um pouco da óbvia mentira.

— Não quero ofendê-la, Lady Penélope, mas não é muito boa em ocultar seus sentimentos.

Penélope encontrou com o olhar de Juliana.

— Você sempre diz o que pensa, não?

Juliana encolheu os ombros.

- Quando as pessoas têm uma reputação como a minha, há pouca necessidade de medir as palavras. É o baile o que a põe nervosa?

Penélope afastou o olhar, para encontrar seu reflexo em um espelho próximo.

— Entre outras coisas.

— Bom isso eu posso entender. São horríveis, estes bailes. Não entendo por que alguém se preocupa com eles. Todos os tortuosos rumores e essas danças tolas.

Penélope encontrou com o olhar de Juliana no espelho.

— O baile desta noite será para ser lembrado.

— Você se refere aos rumores sobre minha mãe?

— Meu compromisso se anunciará esta noite.

As palavras não deviam ter sido uma surpresa, e, entretanto, chocaram-se através de Juliana.

Ele anunciaria seu compromisso esta noite.

— Seu compromisso com quem? — Ela sabia que não devia perguntar. Mas não pôde deixar de fazê-lo. De algum jeito perverso, tinha que escutar as palavras desta mulher, de sua futura esposa.

— Com o duque de Leighton.

Juliana conhecia aquelas palavras, que não obstante, rasgavam seu ser.

— Você vai se casar com o duque de Leighton. — ela fez uma pausa — Ele propôs a você?

Penélope assentiu com a cabeça, perdida em seus próprios pensamentos, seus cachos dourados flutuando igual ao cabelo de uma das bonecas da infância de Juliana. — Esta manhã.

Juliana engoliu o nó na garganta. Era evidente que tinha deixado Ralston House a noite anterior com a resolução feita, ele escapou por pouco de ter que casar-se com um péssimo partido como Juliana... Felizmente tinha conseguido assegurar um bom...

Alguém mais.

E em uma horrível volta do destino, Juliana estava assistindo a seu baile de compromisso.

Tudo isso enquanto a reputação de sua família se rasgava em pedaços.

Tardiamente, lembrou-se de suas maneiras.

- Quão... Feliz... Você deve estar!

— Sim. Suponho que devo estar feliz.

Ela não parecia feliz.

De fato, os olhos de Penélope se viam brilhantes, e parecia muito perto das lágrimas.

E, de repente, Juliana sentiu pena pela outra mulher.

Esta mulher, que ia casar-se com Simon.

— Você não deseja casar-se com ele?

Houve uma longa pausa enquanto Penélope parecia acalmar-se. Juliana olhava com assombro como as lágrimas dos olhos da outra mulher se limpavam, voltando para sua cor azul pálida de porcelana, e um sorriso branco e brilhante aparecia em seu rosto. Ela tomou uma respiração profunda.

— O duque de Leighton é um bom homem. É um bom partido.

Não passou despercebido para Juliana que Penélope não tinha respondido à pergunta. Juliana arqueou uma sobrancelha.

— Parece como um deles.

As sobrancelhas de Penélope se uniram.

— Eles?

Juliana fez um gesto com a mão ao salão exterior e mais à frente no salão de baile.

— Os ingleses.

Penélope piscou.

— Eu sou uma inglesa.

— Suponho que seja. — Juliana olhou Penélope durante um bom momento. — Ele é um bom homem.

— Ele vai ser um bom marido para mim.

Juliana virou os olhos em branco.

— Eu não iria tão longe ao dizer isso. É arrogante e altivo, e ele deseja tudo a sua maneira fria e calculista.

Ela devia parar agora. Simon ia casar se com lady Penélope. E não era o lugar de Juliana meter-se.

Houve uma longa pausa enquanto Penélope considerava as palavras, no que Juliana começou a arrepender-se de suas palavras. Justo quando estava a ponto de pedir desculpas, Penélope disse:

— Assim é como é o matrimônio.

A simples declaração, era como se fosse um fato irrefutável, era a ruína de Juliana. Levantou-se de sua cadeira, já que não tinha mais remédio que fazê-lo.

— O que acontece com você os ingleses? Vocês falam do matrimônio como se fosse um acordo de negócios.

— Trata-se de um acordo comercial — disse Penélope, simplesmente.

— E o amor?

— Estou segura de que isso... Com o tempo... Vamos desenvolver um determinado... Afeto um pelo outro.

Juliana não podia deixar de rir.

— Desenvolvi uma afeição pelos bolos de maçã, mas eu não quero um matrimônio com eles. — Penélope não sorriu. — E a paixão?

Penélope negou com a cabeça.

— Não há espaço para a paixão em um bom matrimônio inglês.

Juliana ficou imóvel ante as palavras, um eco de outro baile. Dito por outro aristocrata.

— Ele disse isso?

— Não, mas é... A maneira de fazer as coisas.

A sala lhe pareceu imediatamente menor, mais enjoativa e Juliana desejavam tomar ar. Penélope era perfeita para Simon. Não deveria desafiá-lo, devia deixá-lo com sua formosa inglesa, ter filhos de cabelos dourados, e ser anfitrião de festa jantares enquanto ele vivia sua vida tranquila, livre de escândalos, sem complicações pela paixão.

Juliana nunca teve uma oportunidade com ele.

E só agora, quando a verdade em espiral rodava através dela, deu-se conta do muito que tinha querido uma.

Não há espaço para a paixão em um matrimônio inglês.

Voltou-se para a porta.

— Bom, ao menos nisso, vocês fazem um excelente casal.

Enquanto Juliana alcançava a porta de entrada para a sala maior, a *uva* puxou seu braço.

— Não é fácil, sabe. Acredita que as damas inglesas não crescem sonhando com o amor? É claro que sim. Entretanto, não nos criam para o amor. Fomos criadas para guardar a reputação. Por lealdade. Estamos criadas para dar as costas à paixão e tomar a mão à segurança. É o material das novelas? Não. Nós gostamos? Não importa. É nosso dever.

Juliana sobrepesou essas palavras. Dever. Reputação. Segurança. Ela nunca entenderia este mundo, esta cultura. Ela nunca seria um deles. E seria isso o que sempre a distinguiria. Sempre seria digna de seus sussurros.

Nunca seria digna dele.

Não na forma em que esta elegante inglesa o era.

A dor voltou, e antes que pudesse dar suas desculpas, Penélope ofereceu um pequeno e tranquilo sorriso.

— Nós deixamos o amor para os italianos.

— Não estou segura de que o queiramos. — A conversa tinha terminado.

— Minhas felicitações, Lady Penélope.

Ela se foi deixando Penélope em seu lavabo e seu futuro e seu passado através da sala principal, ignorando o grupo de mulheres reunidas ali, com a cabeça inclinada absortas no prazer da essência mais pura dos bailes, as intrigas e a moda.

— Ouvi que está de volta e jurando que nunca esteve na Itália. — As palavras se elevavam por cima dos sussurros secretos, destinadas a serem ouvidas. Com a intenção de feri-la e incitá-la.

E Juliana não pôde conter-se.

Voltou-se para ver lady Sparrow no grupo, por cima de suas asseclas. Ela fez uma careta, e olhando Juliana, disse, sem rodeios:

— Isso significa que alguém não é quem diz ser.

Houve um suspiro coletivo ante tal sugestão. Sugerir a ilegitimidade de uma pessoa era a mais alta forma de insulto. E mais se o fazia, enquanto que a pessoa em questão estava no ambiente...

Não faria nenhum drama esta noite. A família não o necessitava.

Lady Sparrow deveria ter sido chamada Abutre. Ela dava voltas como se tivesse espionado alguma carniça.

— Porque não me surpreenderia se ela simplesmente tivesse ouvido que havia dinheiro e que estávamos em plena temporada aqui. Quero dizer, não sabemos nada dela. Ela poderia não ser italiana absolutamente. Poderia ser algo completamente diferente.

Juliana queria dar a volta e demonstrar o que era ser italiana. Em pequenas e viciosas palavras que queimassem a pele das orelhas da velha Sparrow.

Mas isso mudaria algo?

Não obteria sua aceitação. Não faria esta noite, ou qualquer outra por vir, mais fácil. Não tiraria o escândalo de seu nome, nem a faria digna aos seus olhos.

A seus olhos.

Ela resistiu à ideia. Não se tratava dele.

Ou era?

Não era ele um deles? Não a tinha julgado da mesma maneira que eles o faziam? Não esperava ele que ela armasse um escândalo onde quer que fosse?

Acaso não tinha lhe demonstrado ele que tinha razão?

— Algo mais?

— Uma cigana?

— Uma espanhola?

Se não estivesse tão zangada, Juliana teria rido da forma que haviam dito essas palavras, como se fossem sinônimos de bruxa. O que tinha que mau com os espanhóis?

— Poderíamos lhe perguntar nós mesmas — disse Lady Sparrow e o grupo de mulheres se voltou para olhá-la. Cada cara sorrindo com um sorriso mais perverso que a outra.

Esta era a forma como seria de agora em diante.

Era assim que era ter o escândalo ao seu redor, um escândalo real, não um rele ponto negro em sua reputação, porque era italiana, ou sem meias palavras, ou torpe, ou porque resistisse a suas regras tolas.

Isto era o que ela temia.

E enquanto via seus sorrisos malvados, lendo a maldade em seus olhos, não pôde jogar a culpa em Simon.

Se fosse ela, também se casaria com a *uva*.

Um dilúvio de raiva e vergonha a inundou, e Juliana quis gritar e destrambelhar e atirar coisas a essas mulheres horríveis. Seus músculos se esticaram com um desejo insuportável de avançar contra alguém. Mas tinha estado em Londres durante oito meses, e já sabia que havia coisas mais dolorosas que os golpes físicos.

E já tinha tido suficiente.

Ao invés disso, voltou-se e olhou seu reflexo no espelho, fazendo intenção de colocar um novo cacho em seu penteado, antes de voltar sua atenção para elas, com afetado aborrecimento tanto como pôde lhes disse:

— Você sabe tão bem como eu, Senhora Sparrow, que eu sou o que você e seu... — ela fez um gesto com a mão preguiçosamente, em direção do grupo — grupo de harpias decidam fazer de mim. Italiana, espanhola, cigana, usurpadora. Dou boas-vindas a qualquer cidadania que vocês escolham... Sempre e quando não me acusarem de ser inglesa.

Ela pôde ver como a compreensão apareceu em suas caras desencaixadas.

— Porque certamente não há nada pior que ser uma de vocês.

Ele tinha fingido não ver sua chegada.

Do mesmo modo que tinha fingido que não lhe importou quando ela riu e dançou nos braços do conde de Allendale.

Do mesmo modo que tinha fingido não contar os minutos que passou no salão das damas.

Em seu lugar, tinha fingido um interesse enorme na conversa em torno dele, nas opiniões dos homens que estavam dispostos a compartilhar suas ideias sobre o projeto de lei do gasto militar, e de obter o respeito e o apoio do duque de Leighton.

Mas quando ela saiu em silêncio do salão de baile, tomando um corredor longo e escuro para a parte posterior da casa, onde só Deus sabia quem ou o que poderia estar esperando por ela, não pôde fingir por mais tempo.

E assim, cruzou o salão de baile, educadamente despedindo-se daqueles que pensavam que os deixava em meio da conversa, e seguiu Juliana nas curvas da casa ancestral da mulher a qual estava prometido.

A segunda mulher a quem tinha proposto matrimônio nas últimas vinte e quatro horas.

A única que aceitou sua oferta.

Juliana lhe tinha recusado.

Sua cabeça ainda não era capaz de parar de rodar à ridícula verdade.

Ela nem sequer tinha considerado a possibilidade de casar-se com ele.

Ela simplesmente se virou para seu irmão, e em um tom que a maioria das pessoas reservavam aos meninos e aos serventes, que Simon Pearson, décimo primeiro Duque de Leighton, não sabia o que estava dizendo.

Como se ele mesmo pedisse em casamento a qualquer pessoa que encontrasse.

Ele devia estar agradecido com esta reviravolta dos acontecimentos... Depois de tudo, tudo continuava conforme o planejado. Ia se casar com a impecável Lady Penélope, e, em questão de pouco tempo, uniriam suas duas famílias, oficialmente escorando suas defesas em preparação para os ataques que viriam quando o escândalo saísse à luz.

Passou várias portas fechadas antes de chegar ao corredor curvo à direita, e em completa escuridão, esperando que seus olhos se acostumassem à falta de luz. Uma vez que ele passou pelas portas na longa sala reta, continuou.

Ele deveria se sentir o mais afortunado dos homens porque tinha conseguido evitar um terrível enlace com Juliana Fiori.

Ele deveria estar de joelhos, dando graças a seu Criador por havê-lo salvo desse enorme engano.

Em troca, ele a estava seguindo na escuridão.

Não gostou da metáfora.

Ela era uma bruxa.

Ela tinha parecido tão frágil naquele pequeno estábulo, escovando o cavalo, falando consigo mesma em suaves tons de auto depreciação.

Que homem poderia resistir a semelhante imagem?

Ralston poderia ter pensado que Leighton era um predador, um cavalheiro uns anos mais velho aproveitando-se de uma jovem de vinte anos de idade. Certamente, Simon tinha feito esse papel... E tinha aceitado os murros e as acusações, e tinha proposto matrimônio.

E por muito que tratasse de convencer a si mesmo que o fez por um sentido do que era correto, a verdade é que nesse momento, o fez porque ele a tinha querido. Desejou marcá-la como dele e terminar o que tinham começado.

O beijo foi mais do que jamais tinha experimentado. A suavidade de sua pele, o tato de seus dedos em seu cabelo, a forma em que o levou com um pequeno suspiro, a forma em que ele endureceu e a dor que ainda sentia com a simples lembrança da maneira que ela sussurrou seu nome, a forma em que lhe pediu que provasse esses suaves, rosados...

Abriu uma porta, olhando dentro de um quarto escuro. Fez uma pausa e escutou. Ela não estava ali. Fechou a porta com uma maldição. Nunca havia se sentido assim. Nunca tinha sido tão consumido pela frustração ou o desejo. Ou...

Paixão.

Ficou imóvel com a palavra, sacudindo a cabeça.

O que estava fazendo?

Este era o momento final antes que seu compromisso com lady Penélope se fizesse público... Antes que as portas se fechassem travando para todos os outros caminhos que não fosse sua futura duquesa e sua vida juntos. E ele ia atrás de outra mulher por um corredor escuro.

Já era hora de recordar quem era.

Penélope seria uma esposa de renome. E seria uma duquesa excelente.

Uma visão brilhou em sua mente. Não era Penélope. Não era nada parecida a Penélope. Cachos de ébano e olhos da cor do mar Egeu. Lábios carnudos e amadurecidos que sussurravam seu nome como uma oração. Uma risada que o vento levava enquanto Juliana se afastava dele no Hyde Park, como quando ria dele no jantar, nas ruas de Londres, em seus estábulos.

Ela vivia com paixão. E adorava também isso nela.

Fez pouco caso do pensamento.

Ela não era para ele.

Virou-se resolvido. Viu a luz na escuridão, marcando o corredor para retornar à sala de baile. Tomou a direção da mesma.

Então ela falou das sombras.

— Simon?

Seu nome de batismo, em seu melodioso italiano, entrecortado pela surpresa, era o chamado de uma sereia.

Voltou-se para ela.

— O que faz aqui?

Ele a agarrou pelos ombros puxou-a para dentro da primeira sala que encontrou, e fechou a porta detrás deles, de forma rápida, fechando-os dentro de uma sala de música.

Ela retrocedeu, para a grande janela e por onde a prateada luz da lua a banhava agarrou-a antes que ela tropeçasse com um violoncelo. Ela amaldiçoou em voz rouca em italiano algo muito forte inclusive para ser um sussurro, enquanto ela evitava estatelar-se contra o chão.

Se não estivesse tão furioso com ela por intrometer-se em seu espaço e em seus pensamentos e em sua vida, ele teria rido.

Mas ele tinha estado muito ocupado preocupando-se de que o irmão dela estaria muito contente em tirar as vísceras, ao que, se fossem descobertos, nunca poderia acreditar-se como uma posição comprometedora de coincidência.

A mulher era impossível.

E ele estava encantado de que ela estava ali.

Um problema, isso sim.

— O que está fazendo atrás de mim por um corredor escuro? — Sussurrou ela.

— O que está fazendo você por um corredor escuro?

— Eu estava tratando de encontrar um pouco de paz! — deu a volta pondo distância, dirigiu-se à janela, murmurando em italiano. — Em toda esta cidade, existe um único lugar que não esteja infestado de companhia?

Simon não se moveu, sentindo um prazer perverso com sua agitação. Ele não devia ser o único que estava sem quietude.

— É você quem não deveria estar aqui, não eu.

— Por que não vai procurar sua noiva? — Espetou antes de mudar ao inglês. — E como é que fala tão bem o italiano?

— Eu acho que não vale a pena fazer algo se não o fizer bem.

Ofereceu um olhar sofrido.

— É obvio você só poderia dizer isso.

Houve um longo silencio.

— Dante.

— O que tem ele?

Um dos lados de sua boca se elevou de mau humor.

— Tenho uma admiração por ele. E assim, aprendi italiano.

Ela se voltou para ele, seu cabelo negro brilhante pela lua prateada, a longa coluna de porcelana de sua garganta sob a luz da lua.

— Você aprendeu italiano por Dante.

— Sim.

Ela voltou sua atenção aos jardins além da janela.

— Suponho que não deveria me surpreender. Às vezes penso que a alta sociedade é uma das camadas do inferno.

Ele começou a rir. Não podia evitá-lo. Ela era magnífica às vezes. Quando não lhe exasperava.

— Não deveria estar por aí, em vez de aqui, farejando com mau humor na escuridão?

— Acredito que quer dizer “*rondando*”. — Ela não precisava saber o perto que estava da verdade, em seu engano.

Ela pôs a partitura no estrado, em um ataque de irritação.

— Está bem. *Farejadora*. É uma palavra tola, de todos os modos.

Era uma palavra tola, mas pensou em como gostava da forma em que o disse.

Gostava da forma em que ela dizia muitas coisas.

Não é que tivesse algum direito a fazê-lo.

- O que está fazendo aqui? — perguntou ele.

Ela se sentou na banquetta do piano, entreabrindo os olhos na escuridão, tratando de vê-lo.

— Eu queria estar sozinha.

Ele se surpreendeu por sua honestidade.

— Por quê?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não é importante.

De repente, nada no mundo parecia tão importante.

Ficou de pé, sabendo que não devia aproximar-se dela.

Aproximou-se dela de todos os modos.

— As intrigas — disse. É obvio que se referia às fofocas. Ela era sem dúvida a mais afetada por elas.

Ela soltou uma pequena gargalhada, deixando espaço para ele na banqueta do piano. O movimento foi tão natural como se não tivesse pensado nem por um momento.

Como se ele pertencesse a esse lugar.

Sentou-se, sabendo que era uma ideia terrível.

Sabendo que nada de bom podia sair ao estar tão perto dela.

— Aparentemente não sou sua filha, mas sim uma cigana ardilosa, que colocou uma lâ nos olhos deles. — Ela sorriu ante as palavras, por fim se uniu em seu olhar.

Ela poderia ter sido uma cigana nesse momento, com os raios de prata da luz da lua sobre seu cabelo, e um sorriso suave e triste em seus formosos olhos azuis que se viam negros com a escuridão. Ela era uma bruxa.

Engoliu saliva.

— Linho.

Ela estava confundida.

— Linho?

— Posto um lenço nos olhos — corrigiu ele, com os dedos ardendo de vontades de tocá-la, para suavizar de novo um cacho que se soltou de seu coque. — Você disse lâ.

Ela inclinou a cabeça, a coluna de sua garganta alongada enquanto considerava as palavras.

— Na Itália, é lâ. Eu me confundi.

— Sei. — ele mesmo se sentia confundido.

Ela suspirou.

- Nunca serei um de vocês.

- Porque não pode saber a diferença entre o linho e a lâ? — Brincou. Ele não queria que estivesse triste. Não agora. Não neste momento de tranquilidade antes de tudo mudar.

Ela sorriu.

— Entre outras coisas. — Seus olhares se uniram durante um bom momento e ele se armou de valor contra o desejo de tocá-la. De passar os

dedos por sua pele suave e puxa-la para si e terminar o que tinham começado a noite anterior. Ela deve tê-lo percebido, porque rompeu a conexão, dando as costas.

— Então está noivo.

Não queria falar disso. Não queria que fosse real. Não aqui.

— Estou.

— E fará o anúncio esta noite.

— Farei.

Sustentou o olhar.

— Terá seu perfeito casamento inglês depois de tudo.

Virou-se para trás, estirando suas longas pernas diante dele.

— Está surpreendida?

Ela levantou um ombro em um gesto elegante. Ele percebeu que ao encolher os ombros já dizia tudo.

— Este jogo nunca foi um que eu pudesse ganhar.

Ele se surpreendeu.

— Está admitindo sua derrota?

— Suponho que sim. Você está livre da aposta.

Foi precisamente o que tinha esperado que fizesse. O que ele tinha querido que fizesse.

— Isso não soa como a guerreira que cheguei a conhecer.

Deu um pequeno sorriso irônico.

— Não sou mais uma guerreira.

Suas sobrancelhas se levantaram.

— Por que não?

— Eu... — Ela se deteve.

Teria dado toda sua fortuna para escutar o resto da frase.

— Você...? — Solicitou.

- Comecei a me preocupar muito pelo resultado.

Ficou imóvel, olhando-a, vendo a forma em que a garganta trabalhava enquanto engolia a forma em que brincava ajustando uma peça de seu vestido cor rosa.

— O que significa isso?

— Nada. — Ela não o olhou. Em seu lugar, sacudiu a cabeça uma vez mais. — Lamento que tenha sentido como se devesse cuidar de mim. Lamento que Gabriel tenha te golpeado. Sinto que tenha chegado a ser algo que você... Lamente.

Lamente.

A palavra foi um golpe mais doloroso que qualquer outro que Ralston lhe tivesse dado.

Ele havia sentido muitas coisas por ela na última semana... Nos últimos meses. Entretanto, lamento nunca tinha sido um deles.

— Juliana... — Seu nome saiu como cascalho quando se aproximou dela, sabendo que quando a tivesse em seus braços, talvez não a deixasse ir.

Ela ficou de pé antes que pudesse tocá-la.

— Seria um problema se nos descobrissem. Devo ir.

Ele ficou de pé, também.

— Juliana. Espera.

Ela deu a volta, dando um passo atrás, na escuridão, ficando fora de seu alcance.

— Não podemos falar. Não podemos nos ver — ela se sacudiu, como se as palavras pudessem construir um muro entre eles. — É muito tarde para isso. — Deu um passo para ela. Ela deu um passo atrás. — Ralston deve estar me procurando.

Ele avançou.

— Ralston pode esperar.

Ela correu para trás.

— E você tem uma noiva que pedir.

— Ela pode esperar também.

Ela se deteve, procurando sua força.

— Não, ela não pode.

Ele não queria falar de Penélope.

Ele a conhecia dedo a dedo.

— Explique-se. — O sussurro era baixo e escuro.

- Eu... — Ela olhou para baixo, lhe mostrando a parte superior da cabeça. Ele queria enterrar sua cara nesses cachos, no cheiro e sensação dela.

Mas em primeiro lugar, ela devia explicar-se.

Ela não falou logo. Ele pensou que ela não ia falar. E logo ela respirou fundo e disse:

— Eu disse que não me fizesse gostar de você. — As palavras estavam cheias de derrota.

— Você gosta de mim? — Ela olhou para cima, seus olhos azuis refletiram a luz da janela detrás dele, e ele ficou sem fôlego por sua beleza. Levantou a mão, e correu o dorso de seus dedos por sua face. Ela fechou os olhos com a carícia.

— Sim. — Foi um suave sussurro lamentoso, apenas audível. — Eu não sei por que. É um homem horrível. — Ela se apoiou nele. — É arrogante e irritante, e mal humorado.

— Eu não sou mal humorado — disse, levantando o rosto, para que pudesse olhá-lo. Ela abriu os olhos e lhe deu um olhar de incredulidade, e se corrigiu: — Só quando estou à sua volta.

— Acha que é o homem mais importante de toda a Inglaterra — continuou sua voz um fio na escuridão, enquanto seus dedos se perdiam ao longo da linha de sua mandíbula. — Acredita que tem razão todo o tempo. Que sabe tudo.

Sua pele era tão suave.

Ele devia sair da sala. Foi um engano para ele estar aqui com ela. Se fossem apanhados, estaria arruinado, e não teria mais remédio que deixá-la arruinada. Ele tinha se comprometido fazia só umas poucas horas.

Isto estava errado.

Ele devia sair.

Um cavalheiro sairia.

— Você cobre tudo com “arrogância”. — Ele traçou a coluna de seu pescoço.

— Eu... — Ela abriu a boca quando lhe deu um beijo suave na base de sua garganta. — Acredito que é possível que necessite mais explicações.

— Mmm — falou sobre a pele de seu ombro. — Um excelente ponto. Continue.

Ela respirou fundo, enquanto os lábios e a língua brincavam ao lado de seu pescoço.

— Do que estávamos falando?

Sorriu em seu ouvido antes que pegasse o suave e aveludado lóbulo entre os dentes.

— Dizia-me todas as razões pelas que não deveria gostar de mim.

— Oh... — A palavra se converteu em um pequeno gemido quando ele lambeu a sensível pele da orelha. Agarrou-se a seus antebraços com a sensação. — Sim. Bom. Essas são as razões mais importantes.

— E, entretanto, você gosta de todo jeito. — Ele moveu-se, dando beijos suaves com ao passar da beirada de seu vestido, o que foi fácil devido à extensão lisa de pele existente ali, seu peito subia e baixava ofegando para recuperar o fôlego. Ela não respondeu por um longo tempo, e ele deslizou um dedo por debaixo da seda, acariciando, procurando, até que encontrou o que procurava duro e preparado para ele. — Juliana?

— Sim, maldição, eu gosto.

Ele a recompensou puxando para baixo o vestido deixando descoberta a ponta rosa do seio à luz da lua.

— Há algo que tem de saber — sussurrou, as palavras vinham de longe.

— Sim?

Soprou uma grande quantidade de ar frio através de seu mamilo enrugado, pedindo que o apertasse mais, rogando por sua boca.

Ele o provaria esta noite.

Uma vez, antes de retornar a sua existência formal e respeitável.

Só uma vez.

Uma quebra de onda de prazer passou através dele, e ficou duro e pesado com o pensamento.

— Simon — suspirou — está me torturando.

Ele empalmou um de seus seios perfeitos, rodando o polegar através de sua ponta, deleitando-se com a forma em que ela se entregava à sensação.

— O que é? — Perguntou ela, com sua voz rouca pelo prazer.

— O que é? — Repetiu.

- O que devo saber?

Ele sorriu pela pergunta, arrastando os olhos para encontrar com os dela, suas pálpebras pesadas e totalmente bela.

Uma provada dela. Uma última provada.

— Eu também gosto de você.

CAPÍTULO 12



A música é o som dos deuses. As damas refinadas tocam o piano à perfeição.

Um tratado sobre a mais refinada das damas

Estamos seguros de que ainda há tempo para as bodas da temporada...

A Folha do escândalo de outubro 1823.

Ele a levantou em seus braços deu meia volta e a levou de novo à banquetta do piano. Colocando-a sobre o duro assento de madeira, ele ficou de joelhos ante ela, espalmando seu rosto e inclinando-o para que ela recebesse seus beijos.

Suas mãos alcançaram seus seios, levantou-os, descobriu-os, acariciou seus picos, beliscou-os brandamente até que ela ficou sem fôlego, e o recompensou com um gemido, dando tudo o que ela não sabia que queria. Ela sussurrou seu nome enquanto lambia a ponta dura de um seio, enviando uma grande quantidade de sensações através dela. Ela afundou os dedos em seus cachos dourados, abraçando-o até o lugar onde lhe causou estragos a sua pele e a suas emoções.

Ele gemeu ao sentir o contato de suas mãos em seu cabelo, e o som a regozijou de prazer. Sabia que não deveria permiti-lo.

Sabia que corria o risco de perder tudo.

Não lhe importou.

Tampouco ele se deteve.

Ele a estreitou contra si, adorando-a com os lábios e a língua e em uma sugestão malvada com os dentes, as mãos acariciavam ao longo dela, pressionando-a cada vez mais perto dele, até que poderiam tornar-se um.

— Simon... — Sussurrou seu nome e ele se deteve, levantou a cabeça, seus olhos brilhavam pelo calor.

— Deus, Juliana — ele levantou uma mão, e lhe acariciou a face, e ela voltou a cabeça de maneira impulsiva, e depositou um beijo quente e suave na ponta de seu dedo polegar, riscando um círculo com a língua antes de morder sua carne suave.

Ele grunhiu ante a sensação, atraindo-a para ele e lhe dando um beijo que não fazia mais que pedir por suas carícias. Quando terminou, os dois estavam respirando pesadamente, e as mãos dela tinham encontrado seu caminho dentro de seu casaco sobre seu peito amplo e firme.

— Eu quero... — Começou as palavras se perdendo enquanto ele retornava sua atenção a seus seios, tomando um mamilo entre os lábios, pondo o bico estreito entre a língua e os dentes até que ela não podia pensar.

Quando a soltou, dedicou um sorriso de lobo, e ela não pôde evitar aproximar-se dele, deixando que seus dedos brincassem em seus lábios, como se tocando seu esquivo sorriso pudesse gravá-lo em sua memória. Ele tomou a ponta de um dedo em sua boca, chupando-o até que ela ficou sem fôlego.

— O que quer amor?

O carinho se entrelaçava entre eles, e ela se sentiu golpeada por uma pontada de nostalgia... Ela o queria. Para mais que um momento roubado neste lugar escuro, privado... Para mais que duas semanas...

Quero que me queira.

Que me escolha.

— Vem. — Ela abriu as pernas, sabendo que estava sendo insensata. Sabendo de que se fossem apanhados, ela estaria em ruínas, e ele iria para ficar com sua futura esposa. Mas não lhe importava. Queria senti-lo contra ela. Não lhe importava que houvesse camadas de tecidos entre eles. Não lhe importou que nunca pudessem estar tão perto como ela desejava.

Os olhos dele se fecharam brevemente, como se estivesse fortalecendo a ele mesmo contra ela, e ela pensou por um momento que poderia negar-se. Mas quando os abriu, viu brilhos de desejo nas impressionantes

profundidades âmbar, e logo ele estremeceu de prazer e lhe deu o que ela queria, pressionando-a mais perto.

— Você é minha sereia — disse, deslizando as mãos para baixo por suas coxas e panturrilhas, sentindo a forma sob a seda de seu vestido que os separavam mais do que queriam. — Minha tentação... Minha feiticeira... Não posso resistir, não importa quanto o tente. Ameaça me enviando ao abismo.

Suas mãos alcançaram os tornozelos, e ela estremeceu imediatamente de intenso prazer por seu tato.

Seus olhos se abriram.

— Simon, eu não...

— Shh — disse ele, enquanto suas mãos entravam lentamente pelo interior de suas pernas, deixando-a em chamas. — Vou te mostrar o que quero dizer.

As pontas de seus dedos chegaram à borda da renda, enfeitando a meia na coxa, e os dois gemeram ao sentir o contato da pele sobre a pele. Ela fechou as pernas, prendendo suas mãos entre suas coxas quentes.

Ela não podia.

Ele não deveria.

Inclinou-se para diante e pôs seu rosto sobre o dela.

— Juliana, deixa que te toque.

Como podia resistir a essa tentação?

Relaxou, abrindo suas coxas, sabendo que ela era uma libertina.

Sem lhe importar.

Ele sorriu, com as mãos subindo mais e mais alto.

— Não está usando roupa interior.

Ela sacudiu a cabeça, apenas capaz de falar através da antecipação.

— Eu não gosto. Nós não as usamos na Itália.

Puxou sua boca em um beijo malvado.

— Mencionei como adoro aos italianos?

O sentimento, se contar todos os argumentos que tinha tido em seu contrário, a fez rir. Então seus dedos chegaram a seu núcleo, tocando o suave cabelo ali, partindo, procurando, e enviando um amontoado de sensações através dela. E sua risada se converteu em um gemido.

Tinha a boca na sua orelha, e lhe sussurrou coisas más enquanto seus dedos procuravam. Encontravam. Ela não sabia o que queria. Só que...

— Simon... — Sussurrou.

Ele deslizou um dedo profundamente em seu centro, e ela fechou os olhos ante a carícia, inclinando-se para trás pela sensação, as teclas do piano suspirando por debaixo de seu movimento.

— Sim — sussurrou ela, envergonhada e audaz de uma só vez.

— Sim — repetiu ele, enquanto um segundo dedo se unia ao primeiro, e seu dedo polegar fazia coisas más, maravilhosas, rodeando as dobras secretas dela.

Ela mordeu seu lábio.

— Pare... Não, não pare.

Seu sorriso era amplo e mau.

— Qual dos dois?

Ele acariciou profundo, e ela o puxou pelo braço com força, sussurrando.

— Não. Não pare.

Ele negou com a cabeça, olhando-a.

— Não poderia mesmo que quisesse. — Disse sustentando o olhar, ele a trabalhou ao mesmo tempo junto com o movimento de seus quadris, com o suave tinido dissonante das teclas do piano debaixo dela. Tudo se desvaneceu, exceto a sensação dele, os fortes e delineados músculos dos braços, a maneira maravilhosa que ele a tocou, levando-a mais e mais rápido em direção a algo que ela não entendia e não confiava inteiramente.

Ela se ergueu, e ele estava ali, a seu lado tomando seu rosto, tomando seus lábios.

— Estou aqui — sussurrou contra eles.

Estava de verdade?

Ela ficou rígida, sacudindo a cabeça, disparada pelo prazer.

— Não. Simon...

— Toma-o, Juliana. — A demanda explodiu contra ela, tão imperiosa que não pôde seguir. Ela abriu a boca pelo prazer, e ele chegou a seus lábios outra vez, alimentando seu desejo insuportável de mais, para ele, onde lhe doía e onde ela necessitava mais do que nunca imaginou, seu formoso olhar âmbar era sua âncora na tormenta.

Quando viu o sinal do último arrebatamento de prazer dela, deu um beijo suave no arco alto de uma bochecha e recompôs suas saias, atraindo-a para ele enquanto ela recuperava suas forças. Ele a abraçou quieta e imóvel durante longos minutos. Cinco. Talvez mais.

Antes que ela recordasse onde estavam.

E por que.

Ela o empurrou para trás, longe dela.

— Tenho que voltar. — Ela se levantou, perguntando-se quanto tempo mais seria capaz de sofrer nesta noite interminável.

O pior estava ainda por chegar.

— Juliana — disse, e ouviu a súplica em sua voz, por que, ela não sabia. Ela esperou ansiosa de que ele dissesse algo que pudesse fazê-la sentir-se melhor. Que faria ficar certo.

Quando não o fez, ela falou.

— Você vai se casar.

Ele levantou as mãos. Fez uma pausa. E se deixou cair na frustração.

— Sinto muito. Eu não deveria... Eu tenho...

Ela estremeceu ao ouvir as palavras, ela não podia ajudar.

— Não. — sussurrou. — Não se desculpe. — Ela andou para a porta, tinha uma mão na maçaneta quando ele voltou a falar.

— Juliana. Eu não posso... — Deteve-se. Repensando. — Vou casar com lady Penélope. Não tenho outra opção.

Aí estava de novo, seu magistral tom frio.

Deixou que sua testa descansasse no frio mogno da porta, tão perto que podia cheirar as ricas manchas na madeira.

Falou de novo.

— Há coisas que você não pode entender. Tenho de fazê-lo.

Ela pôs a palma da mão contra a porta, resistindo a horrível tentação de jogar-se em seus pés e lhe rogar que escolhesse a ela. Não. Ela tinha mais orgulho que isso. Só havia uma maneira de sobreviver a isto. Com a dignidade intacta.

— É obvio que deve fazê-lo — sussurrou.

— Não entende.

— Tem razão. Eu não entendo. Entretanto, não é importante. Obrigado pela lição.

— A lição

Esta era sua oportunidade de ter a última palavra.

Para sentir ao menos que ela tinha ganhado.

— *A paixão não é tudo, verdade?* — Ela estava orgulhosa da leveza de seu tom, a forma em que atirou as palavras que lhe havia dito tempo atrás, como se não lhe importasse. Como se não tivesse convulsionado todo seu mundo.

Uma vez mais.

Mas ela não confiava em si mesma para olhá-lo. Isso era um papel muito difícil de desempenhar.

Em troca, ela abriu a porta e se meteu no corredor, não sentia como se tivesse ganho.

Sentia que tinha perdido muitíssimo.

Havia, depois de tudo, quebrado a mais importante de suas regras. Desejar mais do que podia ter.

Ela o desejava, e mais... Agora que sabia que ele também a desejava.

Em nome de algo maior que a tradição, mais audaz que a reputação, mais importante que um tolo título.

Ela pairava na entrada do salão de baile, olhando aos redemoinhos de seda, a forma em que os homens caminhavam, dançavam, falavam com o

inegável sentido do direito e o propósito, as linhas longas e elegantes das mulheres, que sabiam sem lugar a dúvidas que pertenciam ali.

Neste caso, nada mais importava que a santa trindade da tradição, a reputação, e o título. E para alguém como ela, que não tinha nenhum dos três, estava totalmente, e sem lugar a dúvidas, fora de seu alcance. E ela se equivocou ao pretender, inclusive chegar a ele.

Não o podia ter.

Ela tomou uma respiração profunda, uma pausa para acalmar-se.

Não o podia ter.

— Ah, bom. Encontrei-te. Temos que falar — sussurrou Mariana pegando-a por seu cotovelo, onde ela se materializou. — Parece que a nossa não é a única intriga que se ventilou hoje.

Juliana piscou.

— Nossa intriga?

Mariana lhe cortou com um rápido olhar, irritada.

— Em realidade, Juliana. Tem que esquecer essa ideia de que é a proprietária de todos os problemas em nossa família. Somos uma família. É nossa carga para carregar também. — Juliana não tinha tempo para apreciar o sentimento que Mariana estava expressando. — Ao que parece, há outro grande evento que tem lugar esta noite. Um que não vai gostar. Leighton vai se...

— Já sei. — Cortou Juliana a sua amiga. Ela achava que não poderia suportar ouvir de novo. Nem sequer de Mariana.

— Como sabe?

— Ele me disse.

Mariana levantou as sobrancelhas.

— Quando?

Ela deu de ombros, com a esperança de que seria suficiente para a irmã de sua cunhada. Parecia que não.

— Juliana Fiori! Quando lhe disse isso? — Ela deveria haver dito que o disse Ralston. Ou que o tinha escutado no salão das damas. Usualmente, isso seria mais rápido. Usualmente, não acabava de ter o coração quebrado.

Seu coração não estava quebrado, estava?

Sem dúvida se sentia dessa maneira.

— Antes.

— Antes, quando?

— No começo da noite. — Mariana sacudia a cabeça. De fato chiou. Juliana deu um pulo. Ela deveria haver dito que foi a noite anterior. Juliana se voltou para olhá-la.

— Por favor, não faça disto um problema.

— Por que estava com Leighton mais cedo esta noite?

Não havia nenhuma razão, só que estive muito perto de me arruinar no conservatório que pertence a sua futura esposa.

Ela deu de ombros outra vez.

— Juliana, sabe que esse muito bem poderia ser o hábito mais desagradável que tem.

— Sério? Tenho tantos.

— Está bem?

— Quer dizer do ombro? Sim. Estou bem.

Os olhos de Mariana se estreitaram.

— Está sendo deliberadamente difícil.

— Possivelmente. — Mariana a olhou a seguir. Realmente a olhou. E imediatamente Juliana ficou nervosa. O olhar da jovem duquesa se suavizou quase imediatamente.

— Oh, Juliana — sussurrou. -Não está de todo bem, verdade?

As palavras suaves e amáveis resultaram ser a ruína de Juliana. De repente teve dificuldade para respirar, dificuldade para engolir, toda sua energia imediatamente decidida a resistir à tentação de jogar-se nos braços de sua amiga e chorar. O qual é obvio, ela não podia fazer.

— Tenho de ir.

— Irei contigo.

— Não! — Ela escutou o pânico em sua voz. Tomou uma pausa, tratou de evitar elevar a voz de novo. — Não. Eu estou... Tem que ficar. — Mariana

não gostava que lhe dissessem o que fazer. Juliana a viu vacilar, olhou-a considerando negar-se. — Por favor, Mari.

— Está bem. Mas leve nossa carruagem. — Juliana considerou um momento, tendo isso em conta.

— Eu... sim. Está bem. Vou levar sua carruagem. Mari! — Ela ouviu o estalo de sua voz. Detestava-o. — Tenho de ir. Agora. Antes de... — Antes que ela tivesse de ver o anúncio oficial em um quadro horrível e perverso.

Mariana assentiu com a cabeça.

— É claro. Vou vê-la fora. Obviamente não se sente bem. Claro, tem uma dor de cabeça. — Juliana teria rido se tivesse sido absolutamente divertido.

Mariana começou a empurrar através da multidão para o canto do salão de baile, Juliana a seguia de perto. Tinham dado apenas uma dúzia de passos quando a orquestra deixou de tocar, e houve uma comoção no estrado onde estavam sentados. A conversa se deteve quando o marquês de Needham e Dolby, um homem corpulento que, obviamente, gostava da bebida, gritou:

— Atenção!

Juliana cometeu o engano de olhar para o estrado. Viu Simon, alto, insuportavelmente lindo. O duque perfeito. O marido perfeito. Perfeito. Mariana se voltou para ela com os olhos muito abertos e Juliana lhe apertou a mão.

— Mais rápido.

— Não podemos ir... — Mariana sacudiu a cabeça. — Todo mundo irá ver.

O pânico a tomou, e no horrível salão de baile sentiu uma onda de náuseas atravessá-la. É obvio que não podia sair. Escapar faria delas um tema a mais das fofocas. Não agora. Não quando o compromisso estava tomando toda a atenção fora do seu escândalo. Odiava sua mãe nesse momento, mais que nunca. Juliana fechou os olhos, sabendo o que estava por vir. Sem saber como ia sobreviver.

Voltou-se para o estrado, e Mariana tomou sua mão, apertando-a fortemente, uma rocha em um turbilhão de terror. E Juliana escutou em silêncio como o único homem que tinha querido mais que a ninguém para si mesma, comprometer-se com outra.

Tudo tinha terminado felizmente com rapidez, os lacaios passavam champanha entre os convidados, que levantavam as taças e uniam suas vozes brindando pelo feliz casal. Ninguém se deu conta de que Mariana e Juliana cortesmente rechaçaram a bebida, nem elas tampouco se deram conta do momento em que o duque de Leighton levantou a mão de sua futura duquesa e a levou aos lábios, as duas se dirigiam à saída. Passou uma eternidade até que subiu correndo os degraus da pista de baile, uma vez ali, Juliana cometeu o engano de olhar para atrás e dar um último olhar a Simon e a sua futura esposa.

Ele estava olhando para ela. E não pôde resistir vendo seus cachos dourados, a mandíbula forte, e seus lábios carnudos, e como seu grave olhar âmbar fazia-a sentir como se fosse a única mulher no mundo.

É obvio que não o era.

Porque sua futura esposa estava a seu lado.

Deu meia volta e fugiu para o vestíbulo, temerosa de que adoeceria se ficasse nessa miserável casa por mais tempo. Felizmente, os serventes de Dolby House eram os melhores dos melhores, e um laçao já estava abrindo a porta enquanto ela se precipitava sobre ela, as lágrimas embaçando sua visão, Mariana pisando os calcanhares. Sentiu o ar fresco da noite de outubro e fez uma pequena oração de agradecimento. Ela estava a salvo.

Ou poderia havê-lo estado... Se só tivesse recordado as verduras. Muito tarde se deu conta de que a escada estava atulhada em frutos da colheita, e então já era muito tarde para deter-se. Ela já tinha posto uma sapatilha dentro de uma grande abóbora redonda, derrubando toda a pirâmide. Ela escutou Mariana chamar seu nome alarmada enquanto ela caía, uma onda de abóboras e cebolas rodando com ela pela meia dúzia de degraus mais ou menos que faltavam para a base, caindo em um montão. Quando abriu os olhos para assegurar-se de que tinha sobrevivido à queda, viu-se rodeada de verduras, muitas delas abertas e esmagadas, suas vísceras espalhadas por toda a rua de paralelepípedos. Juliana viu como um nabo, do tamanho de seu punho, rodou passando por ela e parou debaixo de uma carruagem esperando, como um soldado caído no massacre dela.

— Oh, Me... — Ela levantou a vista para encontrar Mariana na parte superior das escadas, olhando para ela embaixo, com os olhos muito

abertos, com uma mão na boca aberta. Dois lacaios ficaram justo atrás dela, olhando completamente incertos do protocolo nesta situação em particular. Juliana não pôde se conter. Começou a rir. Não de forma suave ou baixa, tampouco. A risada estridente e enérgica, que não podia conter ameaçava sua capacidade de respirar. A risada continha toda sua tristeza e frustração, a ira e a irritação.

Limpou uma lágrima da bochecha, olhou para Mariana e viu que os ombros de sua amiga estavam tremendo de riso também. E os lacaios, também não podiam evitá-lo. Suas risadas enviaram uma nova onda de emoção através dela.

Ela limpou um espaço para poder se levantar, e seus movimentos sacudiram os outros... Todos eles abriram caminho pelas escadas, um lacaio se flexionou para ajudar Juliana a ficar de pé e ver a extensão dos danos. Ela tinha destruído a peça central da Senhora de Needham.

As escadas tinham sido limpas antes que alguém saísse do baile. E a preciosa seda rosa de Juliana estava coberta pelas sementes e emplastos de massa e polpas completamente arruinadas. Ficou de pé, agradecendo ao lacaio e encarou Mariana, que ainda estava rindo, mas tudo certamente era muito mais terrível que divertido.

— Você tem... — Ela sacudiu a cabeça e agitou uma mão para indicar todo o corpo de Juliana. — Em todas as partes. — Juliana tirou um longo pedaço de trigo de seus cabelos.

— Suponho que seria muito pedir que uma destas carruagens seja a sua? Mariana inspecionou os veículos que esperavam.

— Em realidade, não o é absolutamente. Essa é a nossa.

Juliana se dirigiu para ela.

— Finalmente, algo dá certo.

Mariana abriu sua bolsa e extraiu umas quantas moedas de ouro para os lacaios.

— Se vocês puderem esquecer quem, precisamente, destruiu a decoração de sua ama... — Ela pressionou as moedas nas palmas de suas mãos antes de sair correndo para o transporte depois de colocar Juliana em seu interior.

— Crê que vão permanecer em silêncio? — Perguntou Juliana enquanto o chofer colocava-se em marcha.

— Podemos esperar que tenham piedade de você.

Juliana suspirou, apoiando sua cabeça sobre o estofado negro e liso. Deixou o movimento da carruagem acalmá-la durante longos minutos antes que ela dissesse:

— Bom, tem que me dar um pouco de crédito.

Mariana riu.

— Por quê?

— Não pode me acusar de sair silenciosamente na noite.

CAPÍTULO 13



A infelicidade é para aqueles que carecem de cultura.

A dama refinada enfrenta todos os obstáculos com graça.

Um tratado sobre a mais refinada das damas.

A colheita é surpreendentemente escassa este ano...

A Folha do escândalo, outubro 1823.

Sua horrenda noite, não tinha terminado. Bennett, o antigo mordomo que tinha servido aos marqueses de Ralston no que Juliana suspeitava desde sempre, estava acordado quando chegou a casa, uma ocorrência estranha que ele estivesse resistindo a espera quando havia um montão de jovens lacaios que eram mais que capazes de esperar que o dono da casa retornasse.

Anos de experiência manteve Bennett de perguntar pelo estado de Juliana, sem sua capa, que ela tinha deixado em sua pressa por escapar do baile, que teria que encontrar uma forma de recuperar em algum momento, supunha coberta até o forro de vísceras, entre outras coisas. De fato, lhe fez uma pequena reverência quando ela entrou na casa; uma que lhe teria incomodado se não estivesse tão esgotada e desesperada por um banho e uma cama.

— Bennett, por favor, mande que me preparem um banho. Como pode ver, necessito-o — disse ela, passando diretamente à escada de mármore do centro da ampla casa da cidade.

— Senhorita Fiori, com licença, por favor. — ele vacilou e ela se virou para encará-lo, esperando. — Tem uma visita.

A emoção eclodiu rápida e impressionante, já que seu pensamento imediato foi que Simon tinha vindo. Mas, não... Não havia maneira de que

ele a tivesse seguido até a Casa de Ralston. Não, a menos que tivesse fugido da cena do anúncio de seu compromisso. Era algo que sabia que era melhor nem pensar. Simon nunca faria nada tão escandaloso. Ela ignorou o fato de que mais cedo essa noite, tinha participado de um interlúdio o mais escandalosamente escandaloso.

— Um visitante? Para mim?

O rosto do mordomo se obscureceu, traindo uma emoção que a Juliana não gostava.

— Sim, senhora. Sua mãe.

Um pavor pesado e frio se deslizou por ela. Juliana negou com a cabeça.

— Não. Estou muito cansada para lhe enfrentar esta noite. Ela pode esperar Gabriel.

— Ela diz que ela está aqui para vê-la.

— Bom, eu não estou recebendo. Ela terá que tentar de novo.

— Estou impressionada. Cresceu até se converter em uma jovem dama com bastante força de vontade.

Juliana congelou com as palavras, pronunciadas em perfeito e calmo italiano, atrás dela. Encontrou-se com o olhar de Bennett, cheio de pesar, e indicou que se fosse com o que esperava fosse um sorriso tranquilizador antes de voltar-se para sua mãe.

Com quem não tinha falado durante uma década.

O olhar de sua mãe a transpassou, olhando seu penteado destruído, o vestido em ruínas, e as manchas não identificáveis presas a ela, e Juliana se recordou imediatamente do que era ser a filha de Louisa Hathbourne, quando não se era destinatária de seu frio desinteresse, a gente era brindada com desgosto. Ela nunca tinha sido o suficientemente boa para sua mãe. Todas essas vezes que tinha tentado demonstrar que era digna do amor de Louisa... Do seu orgulho... Que nunca tinha recebido.

— Nem por um momento pensei que você teve algo que ver com meu caráter.

— Eu não sonho com isso, Juli. — O diminutivo, um dos favoritos de seu pai, causaram uma comoção de tristeza e ira através de Juliana.

— Não me chame assim.

Sua mãe se moveu da porta da sala de recepção, que estava a um braço a Juliana.

— Quer vir comigo? Eu gostaria de falar com você. Estive esperando por muito tempo.

— E como se sente ao ser quem espera que alguém retorne? Imagino que é uma novidade.

O sorriso de Louisa foi pequeno e secreto.

— Merecia isso.

E muito mais, asseguro isso.

Ela considerou fazer caso omissa da petição de sua mãe. Considerando ir para seu dormitório e deixar que permanecesse cozinhando na sala de recepção até que se aborrecesse e se fosse. Mas em algum lugar, no fundo, Juliana seguia sendo a menina de dez anos de idade. A que se apressava a fazer a vontade de sua mãe com a esperança de que, hoje, seria digna de sua atenção.

Odiou-se quando seguiu sua mãe à sala de recepção. Odiou-se a si mesma quando se sentou frente a ela. Odiou-se enquanto esperava que esta mulher que tinha tomado tanto dela, tomasse mais.

Tempo que ela não tinha querido dar.

— Lamento pelo Sergio. Eu não sabia que havia falecido.

Juliana quis gritar ao ouvir o nome de seu pai na língua desta víbora. Em troca, uniu-se à calma de sua mãe, e lhe disse:

— Como poderia? Nunca olhou para trás uma vez desde que se foi.

Louisa baixou a cabeça uma vez, reconhecendo o golpe.

— Tem razão, é claro.

Desculpas. Juliana pensou, as palavras gritavam em sua mente. Não se arrepende?

Sentaram-se em silêncio durante um bom momento, até que Juliana esteve pronta para ir-se. Se Louisa pensava que ia conduzir a conversa, estava muito equivocada. Estava a ponto de ficar de pé quando sua mãe voltou a falar.

— Estou feliz de que pôde encontrar Gabriel e Nick.

— Eu também.

— Ah, assim vejo, algo de bom por me ter como mãe. — Havia auto satisfação em suas palavras. É obvio que sim. Louisa nunca evitava assinalar as coisas boas a respeito dela mesma. Talvez porque havia muito poucas delas.

— É este o momento em que devo lhe dizer quão agradecida estou de que me deixasse? Que os deixasse? — Pelo menos ela sabia que não devia responder a isso.

— O que você gostaria que dissesse Juli? — Sua voz se converteu em aço.

— Em primeiro lugar, eu gostaria que deixasse de usar esse nome.

— Por quê? Eu tive uma parte em tua nomeação. Nós dois a chamávamos assim.

— Só um de vocês o merece.

Um olhar de aborrecimento cruzou o rosto de Louisa.

— Tolices. Dei a vida. Isso me dá tanto direito como qualquer um de te chamar como eu gosto. Mas, muito bem, Juliana, responderei à pergunta. — Mudou para inglês. — Que deseja de mim?

Quero que se explique. Quero que me diga por que me deixou. Por que nos deixou. Por que retornou. Juliana deixou escapar uma risadinha sem senso de humor, e logo respondeu em inglês.

— Só a ideia de que você me pergunte isso é ridículo.

— Quer que me desculpe?

— Seria um excelente começo. — o frio olhar azul de Louisa, igual ao seu, parecia olhar através dela.

— Vamos ficar aqui muito tempo se isso for o que quer.

Juliana encolheu um ombro.

— Excelente. Então terminamos. — Ela ficou de pé.

— Seu pai estava acostumado a fazer isso, também. Encolher os ombros. Estou surpreendida de que na Inglaterra não lhe tenham chamado a atenção por isso. Não é a mais amável das maneiras.

— A Inglaterra não tem poder sobre mim. — De repente, as palavras não pareceram tão certas.

— Não? O seu inglês é muito bom para alguém que não se preocupa com a cultura. Serei honesta, surpreendeu-me quando Gabriel disse que você estava aqui. Não posso imaginar que seja fácil para você sobreviver na alta sociedade. — Juliana permaneceu em silêncio, negando-se a dar a Louisa o prazer de saber que ela tinha razão. Sua mãe continuou. — Imagino que é tanto quanto foi para mim. Difícil. Veja filha, não somos tão diferentes.

Não somos tão diferentes. Eram as palavras que ela temia. As palavras que orou para que não fossem certas.

— Nós não somos parecidas.

— Pode dizer isso uma e outra vez. Isso não vai trocar a verdade. — Louisa se inclinou em seu assento. — Olhe para você. Acaba de voltar de um baile, talvez, mas coberta de algo que indica que não teve a mais respeitável das noites. O que esteve fazendo?

Juliana olhou a si mesma. Resistiu à tentação de jogar alguma coisa nela.

— Não é de seu interesse.

— Não importa. O ponto é que é incapaz de resistir à aventura. Não está disposta a se afastar do que te dê prazer em um dado momento. Meu gosto pela emoção esteve em você desde que deu seu primeiro fôlego. Pode resistir tudo o que queira, mas eu sou sua mãe. Eu estou em você. Quanto antes deixe de lutar contra isso, mais feliz será.

Não. Não era certo. Tinha passado uma década desde que Louisa tinha visto Juliana pela última vez... Dez anos nos quais Juliana tinha tido a oportunidade de crescer e mudar e resistir às partes de sua mãe que permaneciam latentes em seu interior. Ela não procurava a aventura, o escândalo ou a ruína. Havia realmente feito? Ela? Um algo brilhou em suas memórias: perseguida através de um jardim escuro, escondida em uma carruagem estranha, montando a cavalo através do Hyde Park, com roupa de homem, saltando de um tronco em busca de um chapéu substituível; derrubando uma pirâmide de verduras de colheita, esperando Simon sair de seu clube, beijando Simon nos estábulos, beijando Simon na sala de música da casa de sua noiva. Beijando Simon. Ela tinha estado virtualmente e à sua maneira, muito perto de causar um escândalo na última semana e antes

disso, desde que chegou a Londres, ela poderia não ter procurado a aventura, mas sem dúvida não tinha resistido na hora que foi chamada.

Querido Deus.

Ela olhou a sua mãe, encontrando-se com esses olhos azuis que eram iguais aos seus, os olhos que brilhavam com um conhecimento que Juliana havia uma vez temido e odiado.

Ela estava certa.

— O que quer de nós? — Ela escutou o tremor em sua voz. Tomara que não estivesse ali.

Louisa ficou calada por um longo tempo, imóvel, o olhar frio e depois de vários minutos, Juliana decidiu que já tinha tido suficiente.

— Passei muito tempo de minha vida esperando por você. — Ela ficou de pé. — Vou para a cama.

— Quero recuperar minha vida. — Não havia tristeza nas palavras, não havia arrependimento, tampouco. Não haveria. Isto era o mais próximo a qualquer dessas emoções a que sua mãe iria chegar. A pena era para as pessoas com capacidade de sentir. Incapaz de conter-se, Juliana se sentou uma vez mais, na beira da cadeira e lançou um demorado olhar à mulher que lhe tinha dado a vida. A beleza presente que tinha dado a seus três filhos estava mostrando sinais de sua idade. Havia fios de prata no cabelo de Louisa, seus olhos azuis embaçados por seus anos. Havia um punhado de linhas na face e no pescoço, uma mancha em seu pescoço. Os anos tinham sido amáveis com Louisa Hathbourne, mas em uma degradada, e envelhecida forma, que a faziam vê-la mais formosa que as mulheres que pensavam que já tinham perdido tudo. Não é que lhe desse a impressão de que se sentia dessa maneira.

— Você deve saber... — Disse Juliana —... Não se pode apagar o passado.

A irritação estalou no rosto de sua mãe.

— É obvio que sei. Não vim procurar meu título. Ou pela casa. Ou por Gabriel e Nicolas.

E certamente não por mim, Juliana pensou.

— Mas chega um momento em que já não é fácil viver a vida que vivi. — O entendimento a queimou

— E você acredita que Gabriel lhe ajudará a viver uma vida diferente.

— Ele foi criado para ser marquês. Criado para proteger sua família a todo custo. Por que acha que disse a seu pai que te mandasse aqui, se algo acontecia a ele?

Juliana negou com a cabeça.

— Você o abandonou.

— Sim.

Uma vez mais, ela foi golpeada pela falta de arrependimento na resposta.

— Ele nunca a apoiará.

— Veremos. — Havia algo em seus olhos, uma aguda consciência nascida de anos de auto interesse e manipulação. E logo tudo ficou claro. Esta era a sociedade de Londres, onde a reputação importava para todos, inclusive para o marquês de Ralston. Especialmente no caso do novo Marquês Ralston, que tinha uma esposa e uma irmã e um menino ainda não nascido para proteger. Juliana reduziu seu olhar.

— Você sabia. Você sabia que causaria um escândalo. Você sabia que ele ia fazer todo o necessário para mitigar o dano. Não o dano a você... O dano a nós. Acredita que ele vai lhe dar uma solução. Algo para conseguir viver da maneira em que você está acostumada.

Um dos lados da boca de sua mãe se levantou em um meio sorriso, e espanou uma bolinha de seu vestido, um desenho antigo de vários anos.

— Adivinhou minha estratégia com bastante rapidez. Como já tinha dito, não somos tão diferentes você e eu.

— Eu não estaria tão seguro disso, mãe. — Ralston falou da porta e Juliana centrou sua atenção nele e Callie, que se apressava para ela. — Que parte de “Não deve aproximar-se de Ralston House outra vez”. Tem dificuldade para entender?

Louisa o olhou com um sorriso.

— Bom, passou quase duas décadas desde que saí da Inglaterra, querido. Os significados são uns problemas às vezes. — Ela levantou uma mão para Callie. — Você deve ser a marquesa. Sinto muito, eu fui tão rapidamente escoltada da sala a última noite que não fomos apresentadas corretamente.

— Não. Vocês não foram — disse Ralston arrastando as palavras.

— Sabe por que ela está aqui? — Interrompeu Juliana, a indignação a empurrou a ficar em pé. — Sabe que quer dinheiro de você?

— Sim — disse Gabriel com naturalidade antes de dar-se conta do vestido de Juliana. — Que diabos aconteceu?

— Acredito que agora não é o momento para discuti-lo, Gabriel — interrompeu Callie.

— Não vai dar, verdade? — Perguntou Juliana em um chiado, fazendo caso omissivo de tudo, menos do assunto mais importante à mão.

— Não decidi ainda.

— Gabriel — Ela resistiu à tentação de chutar o chão.

Ele ignorou.

— Eu gostaria que se fosse mãe. Se você tiver necessidade de nós, pode nos enviar uma nota. Nick tem um pessoal excelente. Eles sabem como comunicar-se conosco.

— Ela está vivendo na casa da cidade de Nick? — Disse Juliana. — Ele ficará furioso quando se inteirar!

— Tolices. Nick sempre foi o menino que mais eu gostava — disse Louisa casualmente, levantando-se e dirigindo-se para a porta. — Pergunto-me se Bennett colocou fogo em minha capa. Esse homem sempre me odiou.

— Eu suspeitava que ele tivesse um gosto excelente — disse Juliana, incapaz de guardar silêncio.

— Tst-tst, Juliana, as pessoas poderiam pensar que ninguém te ensinou boas maneiras.

— Eu tive falta de uma influência feminina em minha juventude.

— Mmm. — Louisa deu uma longa inspeção ao vestido de Juliana. — Me diga... Acredita que se tivesse ficado na Itália, apesar disso não teria as sementes de trigo esta noite? — Ela se voltou e saiu da habitação.

Juliana ficou olhando-a, desejando ter tido um estilingue para atirar farpas na sua mãe. Quando Louisa tinha saído da sala, Callie se voltou para eles, e disse:

— É incrível que os dois resultassem tão normais com uma mãe como ela.

— Eu não sou tão normal. Eu não estou seguro a respeito de Juliana, tampouco.

Callie os olhou com um sorriso irônico.

— O grande mistério da noite foi resolvido, você quem derrubou o arranjo do centro da colheita de Needham?

Ralston se voltou para Juliana e levantou uma sobrancelha.

— Meu Deus. E saiu correndo como um filho fugido?

Juliana mordeu o lábio inferior.

— Talvez.

Ele franziu o cenho.

— O que foi que fez? Arruinou a noite para todos. — Ele suspirou, e logo cruzou para o aparador e se serviu um uísque. — Só uma vez, Juliana, eu gostaria que tratasse de não causar um escândalo. Não todo o tempo. Só uma vez.

— Gabriel — disse Callie em voz baixa. — Tenha cuidado.

— Bom, é certo. O que disse esta tarde antes de ir ao baile? Temos que fazer todo o necessário para nos comportar para pelo menos tentar manejar o tornado que é nossa mãe.

Juliana estremeceu ante a frustração em suas palavras.

— Não era minha intenção que isto ocorresse, Gabriel.

— É obvio que não o era. Não era sua intenção cair no lago Serpentine ou ser abordada em nossos jardins ou quase ser comprometida pelo Leighton supenho.

— Gabriel — Callie não estava tão tranquila esta vez.

A cor se apoderou das faces de Juliana.

— Não, não o fiz. Mas vejo que não acredita nisso.

— Terá que admitir que é bastante difícil, irmã.

Ela sabia que ele estava zangado. Sabia que se sentia encurralado pela chegada de sua mãe e suas petições e a ameaça que estava fazendo à

reputação da família, tão forte como o algodão de açúcar. Ela sabia que não devia levar sua crítica a sério. Sabia que estava atacando contra ela, porque ela o fez. Mas estava cansada de que todo mundo assinalasse seus defeitos. Sobre tudo quando estavam corretos.

— Eu não tive precisamente a mais fácil das noites. Além de cair por um lance de escadas e ter minha primeira conversa em uma década com minha mãe, discuti com vocês, arruinei o meu vestido, fugi de um baile, e olhei... — *O próprio Simon comprometer-se com outra pessoa.*

— Olhou?

De repente, ela se sentia muito cansada. Cansada do dia, da última semana, dos últimos sete meses. Cansada de Londres. Ela sacudiu a cabeça.

— Nada. — Houve uma longa pausa enquanto a olhava, e deliberadamente evitou seu olhar até que ele finalmente suspirou.

— Sim, bom, já tive bastante deste desastre por um dia, para mim mesmo. — Ele saiu da habitação. Callie o viu ir-se e deu um suspiro.

— Ele não queria dizer isso, já sabe. Ele é justo... Ela não é fácil para ele, tampouco. — Juliana encontrou os olhos de sua cunhada.

Callie sempre tinha sido uma calma às tormentas de Gabriel.

— Sei. Mas não está do todo mal. — sentaram-se durante longos minutos em amigável silêncio até que Juliana não pôde permanecer em silêncio.

— Leighton vai se casar.

Callie assentiu com a cabeça.

— Lady Penélope fez uma boa escolha.

— Ela não o ama.

Callie inclinou a cabeça.

— Não, imagino que não.

O silêncio se estendeu entre elas até que Juliana já não podia suportá-lo. Olhando para baixo em suas mãos, entrelaçadas com força juntas, ela disse em voz baixa:

— Quando se casarão? Disseram algo?

— Ouvi que em algum momento no fim de novembro.

Um mês. Juliana assentiu com a cabeça, apertando os lábios. Estava feito. Tinha acabado. Ela tomou uma respiração profunda.

— Acredito que vou embora de Londres.

Os olhos de Callie se abriram como pratos.

— Para sempre?

— Ao menos por agora

Simon necessitava um gole. Mais de um. Jogou seu chapéu e luvas para o lacaio que esperava sua volta a casa, o homem foi liberado de suas funções pelo resto da noite, e abriu a porta da biblioteca, e teve a satisfação perversa de abrir a grande porta de carvalho e batê-la contra a parede interior da sala. Ele era o único que ficou impressionado, parecia. Leopoldo levantou a cabeça e cheirou o ar uma vez, pensativo, antes de achar o evento indigno com total falta de emoção.

Simon foi ao aparador e se serviu um copo de uísque, imediatamente jogando para trás o líquido ardente. Ele estava noivo. Serviu-se outra dose. Ele estava comprometido, e esta noite, esteve a ponto de arruinar a uma mulher que não era sua futura esposa. Olhou a garrafa por um breve momento antes de pegá-la e ir para sua cadeira. Franzindo o cenho ao cão, ofereceu seu mais magistral:

— Desce. — O maldito animal bocejou e desceu da cadeira em um longo movimento, como se tivesse tomado a decisão de mover-se por si mesmo. Isto era no que ele tinha se transformado: um duque que não podia sequer assegurar a obediência de seu próprio cão.

Sentou-se na cadeira, fazendo pouco caso da forma do cão estendido em frente ao calor do fogo que ardia na lareira. Deixou escapar um longo suspiro, parecia que o estava levando dentro desde cedo na noite... Desde o momento em que o marquês de Needham e Dolby tinha anunciado estrondosamente o compromisso matrimonial de sua filha, e Simon tinha pegado a mão da Lady Penélope na sua, levou-a aos lábios, e cumpriu com seu dever. Ele havia sentido então, a carga. No momento já não era sua mãe e sua irmã e o ducado de que era responsável. Era responsável por Lady Penélope também. E mesmo então não tinha sido seu iminente matrimônio,

ou inclusive a ruína iminente de sua irmã, o que consumiu seus pensamentos.

Tinha sido Juliana.

Ele tinha estado muito consciente de sua partida, tinha visto pela extremidade do olho enquanto ela e a duquesa de Rivington faziam seu caminho através da multidão, entrando e saindo da multidão de farristas até chegar à saída. Ela estava se movendo rápido, ela estava correndo. Não que ele a culpasse. Teria gostado de poder ter corrido do salão de baile também. Assim foi-se tão rápido como pôde sem chamar a atenção sobre si mesma. E então ela virou e o olhou... Dentro dele. E havia algo em seus olhos que o tinha aterrorizado e tentado. Algo que lhe tinha roubado o fôlego e lhe deu vontade de correr atrás dela.

Bebeu de novo, fechando os olhos frente à noite. Mas fechar os olhos só serviu para aumentar a lembrança dela. Seu cabelo, seus olhos, sua pele, a forma em que se moveu contra ele como uma bruxa. Ele não tinha tido intenção de fazer as coisas piores. Se não tinha tido a tentação de tocá-la. Se não tinha querido levá-la mais perto da ruína do que já estava.

Ele não era esse homem, por amor de Deus! Ele não era um libertino. Sim, ele tinha mantido uma amante de vez em quando, e tinha tido suficiente cota de paqueras, mas nunca tinha arruinado a uma inocente.

Nunca sequer se aproximou de uma. Sempre se orgulhava de ser um cavalheiro. Até que ele tinha conhecido a mulher que lhe dava vontade de atirar o cavalheirismo ao vento e arrastá-la até o chão e ter sua relação com ela. Antes de anunciar seu compromisso com outra pessoa. No que se converteu? Ela tinha tido razão ao recusar sua proposta de ontem à noite. Ralston, também. Mas, por Deus, ele a queria.

E em outro momento, como outro homem, ele a teria tido. Sem dúvida. Como amante... Muito mais. Como esposa. Amaldiçoou feio e alto no silêncio, chamando a atenção do cão.

— Oh, sinto muito, estou perturbando seu descanso? — Leopold deu um longo suspiro de sofrimento e voltou a dormir. Simon se serviu outra taça.

— Não necessita disso. — Ele riu, o som soou irregular no silêncio da habitação. Sua mãe o tinha seguido até em casa. Ao que parecia, sua horrível noite, não tinha terminado.

— São duas da manhã.

Ela o ignorou.

— Deixou o baile cedo.

— Não é cedo. De fato, é muito tarde para você fazer visitas, não parece?

— Vim lhe dizer que fez o certo.

— Não, não fiz. Mas estou feliz de que pense assim. Não podia esperar uma hora mais razoável?

— Não. — Ela deslizou pela sala para postar-se na beirada da cadeira em frente a ele. Ela olhou sua cadeira com desaprovação. — Essa cadeira necessita estofamento.

— Vou levar sua opinião em consideração. — Sorveu a bebida, não dando atenção à sua aversão para a ação. Perguntou-se quanto tempo teria que ficar sentado aqui antes que ela se fosse.

— Leighton... — começou a dizer, e ele a interrompeu.

— Você nunca usa meu nome.

Franziu o cenho apenas, e ele tomou prazer perverso em sua capacidade de tirá-la do rumo.

— Como?

— Simon. Nunca me chamou por meu nome.

— Por que chamá-lo assim?

— É meu nome.

Ela sacudiu a cabeça.

— Você tem um título. Responsabilidades. É chamado pelo respeito que exige o mesmo.

— Você não me chamou de Simon nem quando eu era criança.

— Você também tinha um título então. Marquês de Hastings — acrescentou, como se ele fosse um imbecil. — O que é isso, Leighton? — Ouviu a irritação em sua voz.

— Nada.

— Bom. — Ela assentiu com a cabeça uma vez antes de trocar de tema.
— A marquesa e eu temos a intenção de iniciar os acertos para as bodas

amanhã. Você, é obvio, deve estar seguro de escoltar Lady Penélope em público tanto quanto seja possível durante no próximo mês. E não haverá mais convites à Casa Ralston. Eu realmente não sei o que te aconteceu, nunca antes foi associado com tais... Ações questionáveis, e agora que nosso nome deve permanecer impecável, fica brincando de correr ao redor de Ralston e sua... Família vulgar.

Seu olhar encontrou o dela.

- Ralston está casado com a irmã do conde de Allendale e a Duquesa de Rivington.

Sua mãe fez um gesto com a mão depreciativamente. — Nada disso importa agora que a mãe está de volta. E a irmã. — o lábio superior se levantou como se tivesse inalado algo ofensivo. — Ela é uma vergonha.

Ele ficou imóvel sob a onda de ira que corria por ele ao ouvir os termos depreciativos, e desdenhosos contra Juliana. Não havia nada vergonhoso a respeito de Juliana. Ela era formosa e brilhante e, sim, possivelmente muito audaz, às vezes, mas era maravilhosa. E quis brigar com sua mãe dizendo o contrário. Seus nódulos empalideceram em torno do copo de cristal.

— Não quero ouvir falar assim da dama.

Os olhos da duquesa se reduziram nele.

— Eu não sabia que tinha à senhorita Fiori em tão alta estima. — Não deixou de notar a correção ao título de Juliana. Quando ele ficou quieto, adicionou uma grande quantidade de fria intenção em seu tom: — Não me diga que você gosta da garota. — Ele não falava. Não olhou sua mãe. — Vejo que sim. — Houve uma longa pausa, e logo: — Ela não é ninguém, Leighton. Não tem nenhum nome, nem ascendências, nada que a recomende, salvo o pequeno ponto na relação com Ralston, que é apenas respeitável a si mesmo agora que sua mãe retornou escandalosamente. Meu Deus, nem sequer estamos seguros de que ela é quem diz ser! Os rumores começaram de novo que é ilegítima. Nem sequer uma conexão com Allendale e Rivington salvará a reputação da família agora... — A duquesa se inclinou para frente e com aço no tom de sua voz. — Ela está tão abaixo de você, que é boa o suficiente apenas para tê-la como amante.

A raiva corria por ele. Sim, houve um momento em que ele tinha sugerido que Juliana seria uma boa amante para ele mesmo, mas foi há

muito tempo, muito antes que ele tivesse começado a conhecê-la... A duquesa continuou com mais aborrecimento em seu tom.

— Busca outro lugar para esquentar sua cama, Leighton. Pode encontrar a alguém muito melhor... Que valha a pena. — As palavras destilavam seu ódio, que corriam sobre ele. E se deu conta de que nunca voltaria a encontrar alguém que valesse a pena, como Juliana. Ele nunca a teria. Mas, por Deus, não permitiria que fosse caluniada.

— Fora daqui. — As palavras eram frias, e ficou impressionado com seu controle.

Seus olhos se abriram.

— Como? — Havia um fio de indignação em seu tom.

— Já me ouviu.

Ela não se moveu.

— Leighton. Realmente. Não há necessidade de tal dramatismo. Desde quando ficou tão puritano?

— Não há nada de puritano nisso. Já tive suficiente desta noite, mamãe. Teve o que queria. Casarei com Lady Penélope, de impecável reputação e de valor imenso. Já tive mais que suficiente de suas intenções no momento.

A duquesa ficou de pé, estirando-se até sua altura máxima, estoica.

— Deve recordar que sou sua mãe, Leighton, e pelo respeito à idade.

— E você deve recordará que eu sou o duque, mãe, faz muito tempo desde que recebia ordens de você. Vá para casa, antes que diga algo de que se arrependerá. — Olharam-se o um ao outro durante um bom momento, nenhum deu marcha atrás até que houve um suave golpe na porta da biblioteca. Alguma vez esta noite chegaria a seu final? Simon virou longe de sua mãe.

— Maldição! O que?

Boggs entrou, com temor em seu rosto.

— Suas Graças, minhas desculpas. É uma mensagem urgente para o duque. De Yorkshire.

Simon ficou gelado, tomou a nota e se despediu do mordomo. Rompeu o selo de cera, e desdobrou o papel, sabendo que se tratava da nota que estava

temendo receber, a que mudaria tudo. Leu rapidamente, então voltou a dobra-la, pondo-a no bolso. Durante todo este tempo, esteve esperando... Preparando-se para a mensagem e, com isso, toda quantidade de emoções, ira, medo, nervosismo, irritação. Mas o que sentia agora era calma. Ficou de pé, e foi em direção à porta.

— Leighton... — chamou sua mãe, ele fez uma pausa e voltou-se para ela. Havia um tremor em sua voz? Ele olhou sobre seu ombro, dando conta da sua pele como um pergaminho, seus olhos cinza afundados na cara, o oco de suas faces. Via-se cansada. E se resignou.

— Tem notícias? — A notícia que estiveram esperando.

— Você já é avó.

CAPÍTULO 14



É no campo onde se ocultam os rumores. As senhoras refinadas não se banem.

Um tratado sobre a mais refinada das damas

Tragédia! Nosso tema favorito do Continente desapareceu...

A Folha do Escândalo, novembro 1823.

Depois de viajar durante cinco dias pelas estradas duras e implacáveis do campo inglês, Juliana nunca tinha se sentido tão feliz como enquanto se dirigia a Townsend Park.

Se apenas pudesse chegar até ali.

A carruagem parou assim que virou o caminho do correio e diante do longo caminho que levava à grande casa de pedra que se elevava, imponente e formosa contra os vastos campos de Yorkshire. Quando explicou aos dois enormes guardas que seu irmão era o dono da casa, e que ela estava aqui simplesmente para uma visita, um dos homens tinha saltado a um cavalo e saído como um tiro para a grande casa, presumivelmente para anunciar sua chegada.

Depois de um quarto de hora, Juliana tinha descido da carruagem para esticar as pernas ao lado da estrada enquanto esperava que fosse aprovada sua entrada na propriedade.

A segurança era um assunto sério neste pequeno rincão da Inglaterra.

Para todos, Townsend Park era a residência principal do conde de Reddich, fiscalizado pelo meio irmão de Juliana e gêmeo de Ralston, Lorde Nicholas St. John, e sua esposa Isabel, a irmã do conde. Mas a casa também era conhecida como Minerva House, um lugar seguro para as mulheres

jovens de toda a Inglaterra, que necessitavam um refúgio quando em circunstâncias difíceis. Até que Nick descobriu Isabel e a casa há vários meses, a segurança de seus habitantes esteve sob ameaça constante.

Não mais, pensou Juliana enquanto olhava o guarda maciço com o que se encontrou. Estes senhores pareciam estar dispostos a tudo o que se cruzasse em seu caminho.

Não podia negar que havia algo reconfortante saber que uma vez dentro dos limites do Parque, estaria protegida do mundo além de suas fronteiras.

Chutou uma pedra, vendo-a desaparecer nos juncos que cresciam na lateral da estrada, dourados com o resplendor do sol da tarde.

Talvez ela nunca retornasse.

Imaginou se alguém se daria conta. Imaginou se Simon se daria conta.

Ela sabia que não devia pensar nele, na última vez que o tinha visto, há pouco mais de uma semana, olhando cada centímetro do noivo feliz. Mas não podia evitar. Tinha passado cinco longos dias na carruagem desde Londres, com pouco que fazer nada mais que jogar Bríscola com Carla e pensar nele... E a forma que a tocou... A forma que pronunciou seu nome... A forma que seu olhar a aquecia quando a olhava, até que seus olhos ficavam da cor do mel diretamente do favo.

Ela tomou uma profunda respiração.

Ele não era para ela.

E já era hora que ela se desse conta e o tirasse fora de sua cabeça.

Quando retornasse a Londres, ele já estaria casado. E não teria mais remédio que fingir que seus encontros clandestinos nunca tinham acontecido. Não havia opção, a não ser parecer como se ela e o duque de Leighton não tinham nada mais que um conhecimento superficial.

Que ela não sabia a forma em que sua voz aveludada, se fazia mais profunda, logo antes de beijá-la.

Ela suspirou e se virou para a casa, para ver seu irmão, no alto de um cavalo, com um amplo sorriso em seu rosto, galopando para ela.

Respondendo a seu sorriso com um dos seus ela saudou-o e lhe gritou:

— Meu irmão mais bonito!

Ele apeou do seu cavalo antes que parasse de todo, levantando-a em um abraço exuberante com riso em sua voz.

— Direi a Gabriel o que disse, fique sabendo.

Agitou uma mão enquanto ele a deixava no chão.

— Como se fosse uma novidade! Ele empalidece terrivelmente se comparado com você. Ainda não estou segura de que sejam gêmeos mesmo.

Gabriel e Nick eram idênticos em todos os sentidos, salvo uma cicatriz horrível que se curvava para o lado da face de Nick, passando muito perto do olho. A cicatriz não fazia nada para estragar sua beleza, entretanto, em lugar de dar a seu semblante uma aparência aberta e amistosa dava um toque de mistério que atraía às mulheres como mariposas à luz.

Agradeceu ao guarda na porta e, a seguir indicando-lhe a carruagem.

— Vamos para casa?

Ela enrugou o nariz.

— Devo voltar para minha prisão? Não podemos caminhar ao invés disso?

Acenou com a mão enquanto a carruagem os passava, pegou as rédeas de seu cavalo e começaram a caminhada para a Mansão. Nick fez uma série de perguntas corteses a respeito de sua viagem antes que Juliana o parasse:

— Suponho que já ouviu a notícia.

Ele assentiu com a cabeça, os lábios marcados em uma linha firme.

— Gabriel enviou um mensageiro na mesma noite em que ela chegou. — Fez uma pausa. — Como está?

— A mesma.

Caminharam por um momento em silêncio antes que lhe perguntasse:

— E como está você?

Ela olhou para baixo a seus pés, observando suas botas.

— Eu estou... — Ela se voltou para ele, sustentando seu olhar azul claro cheio de interesse e preocupação, e logo olhou atrás dele a extensão de terra aberta que se estendia por milhas em todas as direções. — Estou feliz de estar aqui — disse. E era a verdade.

Ele sorriu e lhe ofereceu um braço, que ela tomou com muito prazer. Nick sempre tinha sido o mais fácil de seus irmãos. Onde o temperamento de Gabriel era esquentado, Nick era paciente e metuculoso. Ele não ia pressionar para falar de sua mãe, ou qualquer outra coisa. Entretanto, ele a escutaria quando estivesse pronta para falar.

Ela não estava preparada.

Ainda não.

— E como vão as coisas aqui? — Disse, trocando de tema. — Escreve tão poucas vezes que às vezes penso que não tenho um meio irmão por aqui.

Ele deixou escapar um risinho.

— Louco, mas bem, como de costume. Recebemos três garotas novas no último mês... Quatro se contarmos o bebê que chegou faz dez dias.

Seus olhos se abriram.

— Um bebê?

— Uma das garotas... — Ele disse arrastando as palavras.

Ele não tinha que terminar a frase. A história era antiga. Uma das garotas tinha cometido um engano e se encontrou sem casar-se e com um filho. Talvez um mês atrás, Juliana tivesse considerado que tal circunstância era o produto da ignorância ou irresponsabilidade. Mas agora...

Agora, ela sabia muito bem quão tentadores podiam ser os homens.

— Em qualquer caso, Isabel está trabalhando demais. — Nick interrompeu seus pensamentos.

Ela sorriu.

— Isabel sempre trabalha demais.

— Sim, mas agora que carrega meu filho, prefiro vê-la na cama comendo biscoitos. Talvez pudesse lhe dar um empurrãozinho nessa direção.

Juliana se pôs a rir. Isabel era tão suscetível a empurrãozinho como uma das estátuas de mármore que tanto gostava. Seu sorriso se tornou suave, e Juliana sentiu uma pontada de inveja pela emoção que viu ali.

— Vejo que pensa que não é um pedido razoável.

— Não é só pouco razoável. Simplesmente condenado ao fracasso.

Ele parou de rir quando o objeto de sua conversa se fez visível nos degraus superiores da Mansão. Juliana saudou sua cunhada, que lhe devolveu a saudação e começou a descer as escadas para eles.

Juliana correu ao encontro de Isabel, e as duas se abraçaram calorosamente antes de uma olhar à outra com os braços estendidos inspecionando.

— Como é que estive viajando durante cinco dias e ainda se vê tão bonita? — Isabel brincou. — Quase não posso descer as escadas de manhã sem arruinar um vestido!

Juliana sorriu a sua cunhada, agora grávida de cinco meses e que brilhava intensamente feliz.

— Tolices. Está magnífica! — Disse Juliana, pegando Isabel com o braço estendido, e olhando a suave curva de seu abdômen. — E a sorte que tenho de que logo terei duas sobrinhas formosas que carregar!

— Sobrinhas, acha que sim? — Brincou Nick.

Juliana sorriu.

— Nesta casa? Acredita que vai ter um filho?

— Um homem pode sonhar.

Isabel tomou o braço de Juliana, levando-a para a casa.

— Estou tão feliz que está aqui, e bem a tempo para o Bonfire Night!

— Isso é uma noite para o fogo?

Isabel fez um gesto com a mão.

— Já verá.

Juliana olhou sobre seu ombro a Nick.

— Devo ficar preocupada?

— Possivelmente. Trata-se da queima de católicos em forma de estatua.

Os olhos de Juliana se abriram como pratos, e Isabel riu.

— Nick. Basta já. Ela ainda não confia nos ingleses.

— E ao que parece, não devo mesmo! — Disse Juliana. — Eu deveria ter pensado melhor antes de vir para este país. Aparentemente é um perigo.

— Só um perigo para seu cotidiano — respondeu Isabel. — É terrivelmente aborrecido comparado com Londres.

— Pensei que odiava Londres — disse Nick.

— Continuo preocupada com o fogo — interveio Juliana.

— Eu não odeio Londres. Não mais — disse Isabel a Nick, logo se voltou imediatamente para Juliana. — Não se preocupe pelo fogo. Vai estar bem. Já verá amanhã. Agora conte-me tudo o que está acontecendo em Londres, o único que se consegue aqui são as notícias velhas da Revista Pérolas e Peliças!

Nick se queixou ante a referência à revista de senhoras que uma vez tinha colocado a todas as mulheres disponíveis de Londres atrás dele.

— Não sei por que ainda existe essa condenada revista.

— As garotas gostam — disse Isabel, em referência ao resto da população da Minerva House.

— Ahh! — brincou Juliana. — As garotas. Bom, desfrutarão muito da próxima edição, imagino. Nossa mãe uma vez mais nos fez a fofoca da cidade. — Fez uma pausa, e logo, incapaz de resistir, continuou. — Pelo menos, o fez antes que o duque de Leighton escolhesse a sua noiva.

Nick e Isabel compartilharam uma expressão de assombro.

— Leighton vai casar-se?

— Ele anunciou seu compromisso. Com Lady Penélope Marbury a semana passada. — Ela estava muito orgulhosa de si mesmo por manter seu tom de voz, sereno e impassível. — Está surpreso? Os Duques têm a obrigação de casar-se Nick.

Nick fez uma pausa, pensando na questão.

— É obvio que sim. Estou simplesmente surpreso de que ele não nos tenha dito nada.

Ela piscou.

— Eu não sabia que sua relação com o duque era o suficientemente próxima como para que ele te escrevesse sobre suas próximas núpcias.

— Oh, não é — interveio Isabel — Mas se poderia pensar que pudesse tê-lo incluído em algum momento da conversa.

Os sinos de alarme soaram, e Juliana deixou de caminhar.

— Da conversa? — Talvez ela tivesse entendido errado.

Seu inglês estava longe de ser perfeito.

— Sim. Leighton está aqui.

— Aqui? — Ela olhou Nick. Talvez estivesse entendendo mal a Isabel. — Por que estaria aqui?

Não podia estar aqui. Não agora. Não quando o único que precisava era estar o mais longe possível dele.

— Suponho que o averiguará muito em breve... — Disse Nick. — Ele veio logo que o bebê nasceu.

Uma onda de pânico a transpassou dela.

O bebê.

Ele tinha um filho.

Estava arrasada pela emoção, uma combinação de tristeza e choque e um pouco de ciúmes. Outra mulher tinha tido um filho dele. Uma mulher a quem tinha pertencido durante algum tempo.

De uma maneira que nunca pertenceria a Juliana.

O conhecimento foi devastador.

— Juliana? — a voz da Isabel soava de muito longe. — Você está pálida. Está se sentindo mal?

— Leighton... Ele está aqui agora?

— Sim. Juliana... Há algo errado? O duque foi grosseiro contigo? — Olhou para Nick. — É um milagre que o homem não tenha recebido uma surra decente em vinte anos.

Ao que parece, Isabel tampouco gostava de Simon. Ninguém de sua família gostava deste homem que tinha enviado uma mulher para Yorkshire para o nascimento de seu filho ilegítimo, enquanto que propunha casamento a outra.

E enquanto ele fazia coisas maravilhosas e indescritíveis a uma terceira em uma escura sala de música.

Sua família lhe pareceu de repente que tinha um muito bom julgamento de caráter.

— Gabriel lhe deu uma surra.

— Fez? Bom! — Disse Isabel.

— Fez? Quando? — perguntou Nick.

— A semana passada — disse Juliana, desejando não ter ido por esse caminho.

— Por quê?

— Não houve nenhuma razão.

Nenhuma necessidade de que Nick soubesse, pelo menos.

Nick levantou as sobrancelhas.

— De algum modo duvido. — Fez uma pausa. — Então, você conhece Leighton.

Ela se sentiu mal.

— Vagamente.

Isabel e Nick compartilharam um olhar antes que ele dissesse:

— Não parece absolutamente que seja vagamente. Na realidade, parece que o conhece suficientemente bem para estar perturbada pela ideia de que ele está aqui.

— Não, absolutamente.

Por que estaria perturbada pelo fato de que tinha escapado para Yorkshire para saber que a pessoa de quem estava fugindo já estava ali?

Com seu filho secreto.

Não era o primeiro segredo que lhe tinha escondido.

Simplesmente o mais importante.

— Portanto — disse ela, caminhando uma vez mais, com a esperança de soar casual. — O menino. Vai reconhecê-lo?

Isso não tinha absolutamente parecido casual. Tinha dito como se estivesse sendo estrangulada. Juliana estava começando a desejar que sua carruagem tivesse sido atacada por bandidos no caminho. Sim. Sequestrada nas mãos de delinquentes teria sido um destino melhor que isto.

— Não está certo ainda — disse Nick.

Deteve-se de novo, voltando-se para Nick.

— Peço que me desculpe. Disse que não está certo?

— Há uma série de coisas que deve considerar.

Sua ira começou a subir.

— Que tipo de coisas? Refere-se a sua futura esposa?

Nick parecia confundido.

— Entre outras coisas.

— Não acredita que ela merece saber? Isabel? Não teria gostado de saber antes que casasse com Nick?

Isabel pensou por um momento.

— Talvez...

Os olhos de Juliana se desviaram. Estavam todos loucos em sua família?

— Talvez? — Chiou ela.

Isabel a olhou surpreendida, e se apressou a corrigir a si mesma.

— Está bem, sim. Suponho que o teria feito. — Precisamente. — Juliana olhou Nick. — Vê?

Não podia acreditar que Nick inclusive estivesse disposto a aceitar menos que o reconhecimento de nascimento por parte de Leighton. Era seu filho. Legítimo ou não, que merecia saber de onde vinha.

Merecia saber que tinha uma família além de seu pequeno mundo.

Foi difícil para Juliana compreender a ideia de que Simon não pudesse reconhecer o seu filho. Talvez esta fosse a maneira que se fazia aqui, na aristocracia britânica, este universo perverso no qual as pessoas eram menos propensas a aceitar a um filho ilegítimo do que eram para aceitar um pai que admitia seus enganos.

Enganos.

Ela deu um pulo para ouvir a palavra.

O perfeito duque, que se atrevia a olhar com arrogância os fracassos de todos a seu redor, tinha cometido o pior erro.

Nunca teria imaginado que seria o tipo de homem que considerasse afastar-se de seu próprio filho.

Não deveria lhe importar.

De todas as formas, ela não tinha direito a ele. Ele estava comprometido com Lady Penélope. O que mudava as coisas se teve um filho ilegítimo no campo?

Tudo.

Ela sabia que era verdade antes inclusive que a palavra flutuasse em sua mente.

Ele era até pior que o Simon que ela conhecia. O tipo de homem que mandava embora uma mulher para dar à luz a seu filho não era o tipo de homem que ela acreditava que ele fosse.

Não era o tipo de homem que ela queria que ele fosse.

O tipo de homem que queria para ela. Juliana queria encontrá-lo e sacudi-lo.

— Onde está? Quero falar com ele.

Nick vacilou.

— Juliana. Há mais que isso. Não é tão simples. É um duque... E um muito respeitado. Tem opções que considerar. Uma família na qual pensar.

Seus olhos se estreitaram. Talvez começasse sacudindo a seu irmão.

— Bom, ele deveria ter pensado nisso antes de enviar ao bebê e a mãe a Yorkshire!

A mandíbula da Isabel caiu, e Juliana se deu conta que quase gritou as palavras. Ela deu um pequeno bufo de indignação. Se pensavam que ia pedir desculpas por ter ultrajado a horrível e típica arrogância, estavam absolutamente equivocados.

— Juliana — A voz de Nick foi baixa e calma.

— Não trate de me fazer mudar de opinião, Nick. A ilegitimidade é um tema delicado para mim neste momento, quando nossa mãe acaba de lançar a mim mesma para julgamento público. Não deixarei que esse... Homem impossível, simplesmente agite sua mão e envie a sua própria carne e sangue

a distância sem seu reconhecimento. É inaceitável. E se não tiverem a coragem de dizer eu o farei.

Ela se deteve, respirando com dificuldade depois de seu discurso, e encontrou com o olhar de Nick, vendo a frustração ali. Talvez não devesse ter sugerido que era um covarde.

— Obviamente, eu não queria dizer...

— Oh, acredito que queria dizer apesar de tudo, irmã, você tem sorte que sou o gêmeo bom — disse. — Se acha que deve opinar sobre isso, fale com Leighton. Não tenho nenhum interesse em incitar sua ira. Vai vê-lo no jantar.

Alguma coisa nessas palavras não soou nada bem a Juliana, mas ela ainda estava muito zangada e com vontade de enfrentar Simon para pensar duas vezes a respeito do que seu irmão dizia. Tinham chegado ao pé das longas escadas de pedra que conduziam à Mansão, e Juliana levantou a vista para a enorme porta na parte superior, que estava aberta, convidando a seu interior.

Ela não estava disposta a esperar por ele.

Ela já tinha tido o suficiente.

Quando Juliana o encontrou, Simon estava em pé ao final de uma comprida sala, olhando por uma janela, de costas à porta. Quase tinha sentido falta dele recortado por um céu azul brilhante que contrastava com a tormenta que se construía em seu coração.

Ela entrou na sala tomando nota de seu tamanho, alto e aprumado e devastadoramente lindo, e odiou que inclusive agora, em sua ira, ela se sentisse tão atraída por ele. Queria correr para ele e envolver a si mesma em torno dele e lhe pedir que fosse o homem que ela pensou que era.

Ele não era para ela.

Devia lembrar-se.

Dirigindo-se através do que parecia ser uma sala de estar, ela pouco reparou ao seu redor, já que estava muito ansiosa por falar com Simon e dizer exatamente o que pensava de sua última decisão ducal.

Ela se aproximou por trás e não ofereceu nenhuma exposição de motivos.

— Pensei que era diferente.

Ele se voltou só com a cabeça para ela, seus traços vagos nas sombras da tarde, por isso foi mais fácil para ela dizer o que pensava. Esperou um momento, mas ele não falou, não refutou seu ponto, e assim continuou deixando que sua ira crescesse.

— Pensei que fosse um cavalheiro do tipo que cumpria suas promessas e se preocupava muito com o que era correto no mundo. — Fez uma pausa. — Foi meu engano. Esqueci de que você só se preocupa realmente com uma coisa, não a honra ou a justiça, somente a reputação.

Ela começou a rir, ouvindo o tom de depreciação no som, o tremor em sua voz enquanto ela continuava.

— Suponho que pensei que inclusive à medida que ria de mim e me criticava por ter muita paixão ou ser muito imprudente ou não ter o cuidado suficiente por minha própria reputação, suponho que pensei que talvez... Que talvez...

Suponho que pensei que talvez fosse diferente.

Que talvez você tivesse mudado.

Que talvez eu tivesse mudado.

Ela não podia lhe dizer nada dessas coisas a ele.

Ela não tinha direito de dizer.

Ele virou para encará-la, e ela se deu conta de que estava carregando um bebê em seus braços.

O quarto entrou em relevo. Não era uma sala de estar. Era um berçário.

E ele estava ali, sustentando uma criança tão pequena dormindo e que cabia facilmente em suas mãos.

Tragou saliva, dando um passo mais perto, olhando em volta, a face vermelha e as bravatas desapareceram.

Já não queria gritar ou sacudi-lo. Ela já não se sentia justificada. Sentia-se... Perdida.

Em um mundo diferente, em outro tempo, eles poderiam ter estado num berçário similar. Poderiam ter tido um momento semelhante. Um momento mais feliz.

Sua voz falhou enquanto falava, olhando a criança e não o homem.

— Eu sei o que é crescer sabendo que um pai não te quer Simon — sussurrou. — Eu sei o que é ter todo mundo sabendo também. É devastador. Devastador quando se tem quatro, quando se tem dez anos, quando se tem... Vinte. Eu sei o que é ser ridicularizada e rejeitada por todos.

Sei o que é ser rejeitada por você.

De repente, a aceitação desta criança por ele era tudo para ela. Ela não sabia por que, só que era verdade.

— Deve reconhecê-la, Simon. — Houve um longo silêncio. — Tem que fazê-lo. Mesmo que seja um escândalo. Você pode resistir. Você pode. Eu... — Não. Não existe um eu. Ela não era nada para ele. — Nós... Estaremos ao seu lado.

Havia lágrimas em suas faces, e sabia que as deveria lamentar.

— Você está aqui por ela, Simon. Veio a seu encontro. Sem dúvida, isso significa algo. Pode querê-la. Você pode amá-la.

Ela ouviu a súplica em suas palavras, sabia que estava falando mais do que desta criança.

Ela deveria estar envergonhada, mas não pôde encontrar forças para importar-se.

O único que importava era ele.

Este homem que a tinha arruinado para todos os outros.

Desde o começo.

— Simon — Sussurrou ela, e no nome havia um oceano de emoções.

Ele era tudo o que sempre tinha jurado odiar... Um aristocrata arrogante que tinha arruinado a uma mulher inocente e tinha uma filha a quem não podia reconhecer.

Odiava por dar-se conta da força e perfeição dele.

Por querê-lo em lugar de desprezá-lo.

Ele deu um passo para ela, e ela deu um passo atrás, com medo de estar mais perto dele. Medo do que podia fazer. O que poderia permitir que ele fizesse.

— Juliana, você gostaria de conhecer minha sobrinha?

Sua sobrinha.

— Sua sobrinha?

— Caroline — A palavra era suave, cheia de algo que imediatamente invejou.

— Caroline — repetiu, dando um passo para ele, para o querubim em seus braços, com sua carinha redonda e sua pequena boca de casulo, e os redemoinhos de cabelo dourados iguais aos de seu tio.

Seu tio.

Deixou escapar um longo suspiro.

— É seu tio.

Um dos lados de sua boca se elevou em um apenas um sorriso.

— Pensou que eu era o pai?

— Sim.

— E não esperou que eu confirmasse antes de fazer tais acusações?

O calor alagou suas faces.

— Talvez devesse tê-lo feito.

Ela olhou ao bebê em seus braços, e algo se apertou no peito de Juliana, no retrato incongruente que fazia este homem enorme, a imagem da propriedade e a arrogância, e sua sobrinha bebê que cabia dentro de suas mãos.

— Caroline — sussurrou uma vez mais, e ela ouviu o assombro em sua voz. — Ela se parece com Georgiana. É igual a ela quando nasceu.

— Sua irmã.

Ele olhou aos olhos.

— Georgiana.

Nesse momento entendeu.

— Ela é o segredo. Que esteve tratando de proteger.

Ele assentiu com a cabeça.

— Não tinha outra opção. Tinha que proteger à família.

Tinha que proteger a ela.

Juliana assentiu com a cabeça.

— Que idade tem?

— Dezesete.

Nem sequer tinha sido apresentada.

— Não está casada? — Ela não tinha que fazer essa pergunta.

Ele assentiu com a cabeça, acariciando com um dedo ao longo da pequena mão de Caroline.

O bebê era a razão para tudo... De sua irritação pela imprudência de Juliana... Por sua insistência em que sua reputação era de suma importância... Por seu iminente matrimônio.

Um nó na garganta de Juliana dificultou respirar.

— Eu pensei que viria até aqui e a resposta seria clara. Pensei que ia ser fácil enviá-la longe. Mandar aos dois.

Ela foi transpassada por sua voz suave, branda, pela forma em que carregava o bebê, com tanto cuidado.

— Então encontrei com Caroline. — Em seu sonho, a menina agarrou a ponta de seu dedo com força, e ele sorriu, assombro e tristeza rompendo através da beleza de suas características — características que tão poucas vezes traíam as emoções dele. Ele deixou escapar um suspiro, e Juliana escutou o peso de sua responsabilidade nesse som.

As lágrimas floresceram e Juliana piscou.

Quando isto chegasse para ouvidos da sociedade, o escândalo seria insuportável. De verdade ele acreditava que poderia esconder deles para sempre? Sabia que tinha que ir com cuidado.

— Você enviou a sua irmã aqui para manter a ela... E à situação... Em segredo?

Ele negou com a cabeça.

— Não. Ela fugiu. Da família... De mim. Ela não pensava que eu a apoiaria. A elas. E tinha razão.

Ouviu a amargura em sua voz, viu como um dos lados de sua boca convertia-se em uma careta antes dele virar e cruzar a habitação para devolver o bebê a seu berço.

De onde ele a tinha levantado.

De repente, Juliana se deu conta da enormidade do momento em que se intrometeu; os homens aristocratas não ficavam nos berçários. Eles não carregavam os filhos. Entretanto, Simon estava aqui. Tinha sustentando esse bebê com todo o cuidado que se merecia.

Havia incerteza nele, neste homem que nunca duvidava de si mesmo. De quem ninguém duvidava. Ela sofria por ele.

— Ela vai perdoar.

— Não sei.

— Eu sim sei... — Ela fez uma pausa. Como não o perdoar? — Sei. Você veio atrás dela. Atrás das duas. Para cuidar delas.

— Não me converta em um herói, Juliana. Encontrei-a... Descobri sua situação... Ela não me disse quem era o pai... E eu estava furioso. Deixei-a aqui. Eu não queria ter nada que ver com ela.

Ela não podia acreditar. Não acreditava.

— Não... — Ela sacudiu a cabeça. — Não é certo. Você está aqui agora.

Ele se separou dela e voltou para a janela para olhar por sobre os campos. Ficou calado durante um bom momento.

— Mas por quanto tempo?

Ela se aproximou dele.

Ele falou antes que ela pudesse.

— Só vim para decidir o que fazer agora. Para fazer que me diga quem é o homem. Para fazer os acertos para esconder o bebe. Para ocultar a minha irmã. Ainda te pareço um herói?

Ela franziu o cenho.

— Ainda planeja fazer essas coisas?

Virou-se para ela.

— Eu não sei. Talvez. Isso foi sem dúvida uma opção quando eu estava a caminho... Mas agora...

Ele foi silenciando.

Ela não podia permanecer em silêncio.

— Agora?

— Eu não sei! — ecoou as palavras ao redor da sala, a frustração e a ira surpreendendo aos dois. Enfiou as duas mãos pelos cabelos. — Agora, meus planos bem traçados parecem completamente irracionais. Agora, minha irmã não fala comigo. Agora... Agora, que segurei o maldito bebê.

Estavam polegadas um do outro e quando ele a olhou, ela pôde ver a angústia em seus olhos. Elevou a mão para ela, os dorsos de seus dedos se arrastaram ao longo de sua bochecha, o movimento tão terno e doce que ela fechou os olhos contra esse sentimento.

— E agora tudo ficou mais complicado.

Seus olhos se abriram ante a acusação.

— Isso significa o que?

— Que quando está perto, me esqueço de tudo o que devo lembrar tudo o que devo ser. E tudo o que quero é isto.

Ele pôs seus lábios sobre os seus, a suavidade do beijo aumentou a dor que se estabeleceu no fundo de seu coração durante a conversa. Deixou que guiasse o caminho, movendo os lábios contra os seus desesperado e suave ao mesmo tempo. Sua língua roçou e ela se abriu para ele, permitindo a entrada, entregando-se à carícia.

Isto não foi um beijo de celebração, mas sim de devastação. Foi um beijo que os desnudou, e tinha sabor tanto de desgosto quanto de desejo. E assim como ela odiava a emoção ao mesmo tempo não podia resistir.

Não queria.

Seus braços o aproximaram, deslizou os dedos nos suaves cachos da sua nuca, e lhe devolveu o beijo com tudo o que havia dentro dela, a paixão, a emoção e a nostalgia. Ela o acariciava com a esperança de que de algum jeito pudesse convencê-lo, com o movimento em lugar de palavras, que as coisas podiam ser diferentes.

Que as coisas podiam mudar.

E logo o fizeram.

Ele rompeu o beijo com uma maldição, e ela esfriou inclusive antes que se separasse dela, pondo vários metros entre eles, que mais pareciam quilômetros. Ficou ali durante um bom momento no espaço com pouca luz, respirando entrecortadamente.

Passou o dorso de uma mão pela boca como se quisesse apagar a lembrança dela, e ela estremeceu ante o movimento.

— Tenho que proteger a minha família, Juliana. Tenho que fazer o que puder para proteger nosso nome. Para proteger a minha irmã. Deles.

— Entendo.

— Não. Não entende. — Uma emoção traiu em seus formosos olhos. Não podia apartar a vista da emoção que havia ali, tão estranha, tão tentadora — Não pode. Isto não pode acontecer. Eu sou o duque. É meu dever.

— Fala como se eu te pedisse para negar esse dever.

Ele fechou os olhos. Tomou uma respiração profunda.

— Não o faz.

— Não. — protestou ela. — Não o faço.

— Sei. Mas me faz desejar negá-lo. Faz-me desejar jogar tudo fora. Faz-me desejar pensar que tudo poderia ser diferente. Mas... — Ele se deteve.

Assim é como se fazem as coisas.

Ela ouviu as palavras apesar de que não as dissesse.

Ela queria apoiá-lo. Queria gritar que poderia ser diferente. Que ele poderia trocar a forma em que se faziam as coisas. Gritar que ele era um duque, e que o resto de seu tolo mundo lhe perdoaria, e queria lhe gritar que de todos os modos a quem lhe importava o que a horrível alta sociedade pensasse deles?

Mas ela sabia melhor que ele. Ela já havia dito a ele antes, em inumeráveis ocasiões. Que eles não significavam nada. Eles eram a névoa sobre o mármore frio.

Ele seguiu falando.

— Eu não sou livre para fazer o que quiser. Não posso simplesmente dar as costas a todo o mundo em que vivemos.

— O mundo em que vive Simon. — corrigiu ela. — E sim, acredito que é livre de fazer o que quiser. Você não é um deus, nem sequer um rei, só um homem, de carne e sangue como o resto de nós. — Ela sabia que devia parar, mas já tinha tomado esse caminho, e era incapaz de voltar atrás. — Não se trata de sua irmã ou sua sobrinha, ou o que é correto para elas. Isto é a respeito de você. E seus temores. Não está apanhado pela sociedade. Sua prisão é de sua própria criação.

Ele ficou rígido, e a emoção se foi imediatamente de seus olhos, substituídos pelos frios e distantes olhos do Duque de Leighton.

— Você não entende do que está falando.

Ela já esperava essa reação dele; entretanto, ficou magoada por suas palavras, e ela se separou dele, para o berço. Correu um dedo pela pele suave e rosada do bebê enquanto dormia.

— Algumas coisas são mais poderosas que o escândalo, Simon.

Ele não falou enquanto ela cruzava a sala, afastando-se dele para a porta, onde se voltou e lhe disse:

— Eu só espero que veja isso antes que seja muito tarde para arrependimentos.

Saiu do quarto, as costas retas, a cabeça alta, decidida a não mostrar o muito que lhe doía por ele. No momento em que a porta se fechou atrás dela, apoiou-se nela, a verdade a golpeava, forte, rápido e cruel.

Ela o amava.

Ele não tinha mudado nada. Ele se dedicava ainda a outros, seguia obcecado com o decoro e a reputação. Por isso era chamado, Duque do Disdain. Ela faria bem em recordar isso.

Talvez, se ela o recordasse, ela o amaria menos.

Porque não acreditava que pudesse amá-lo mais.

Tomou uma respiração profunda, um pequeno som ficou em sua garganta.

Eles mentiam, os que elogiavam as virtudes do amor, seus prazeres, seu sublimidade, os que lhe haviam dito que era formoso e que valia a pena.

Não havia nada de formoso a respeito.

Era horrível.

Uma batalha se debatia dentro dele, o decoro e a paixão. A reputação e a recompensa. E Juliana sabia agora, com uma claridade arrepiante, que era por esta batalha que ela o amava ainda mais.

Mas agora ele a estava machucando.

E ela não podia suportar.

Não podia suportar um momento mais de não ser suficientemente boa para ele.

E assim ficou ereta, caminhou pelo corredor, e fez a única coisa que podia fazer.

Afastou-se dele.

CAPÍTULO 15



Os serventes muito familiares são o pior tipo de ofensa.

Damas refinadas não toleram a intriga nas cozinhas.

Um tratado sobre a mais deliciosa das damas

Por fim, o atrativo do país retornou...

O escândalo da Folha, novembro 1823.

Simon queria dar um murro através da parede do berçário. Tinha viajado a Yorkshire no momento que tinha recebido notícias de que o bebê de Georgiana tinha nascido, havia-se dito que ia ver a sua irmã e sua sobrinha, e assegurar-se que os segredos da família ficassem nisso, em segredos.

E ele tinha vindo para essas coisas.

Mas ele também tinha vindo para escapar de Juliana. Ele deveria ter sabido que uma vez que chegasse aqui, a esta casa cheia de mulheres, tudo a ia recordar. Devia ter sabido que quando bebesse uísque com Nick, ia ver a Juliana nos olhos do Nick, também na forma em que sorria. Devia ter sabido que ao estar perto de sua família, pensaria nela constantemente.

Mas o que não esperava era no muito que pensava nela quando estava perto de sua própria família: quando sua mãe se foi da casa, com apenas uma palavra de despedida, quando sua irmã se negou a vê-lo na sua chegada a Townsend Park, quando ele levantou sua sobrinha em seus braços, impressionado por que seu peso leve podia parecer tão pesado.

Ele tinha pensado em Juliana em todos esses momentos. Ele a tinha querido a seu lado. Tinha querido sua força. Sua disposição a enfrentar a qualquer inimigo.

Seu compromisso com aqueles que lhe importava.

Por aqueles que amava.

Quando ela tinha irrompido no quarto das crianças para repreendê-lo, para defender Caroline a toda custa, isso tinha sido como se ele a tivesse conjurado. E de algum jeito, em seu discurso, tinha encontrado consolo pela primeira vez desde que chegou a Yorkshire.

Tinha enfrentado-o com um forte compromisso sobre o que ela acreditava que era correto. Ninguém havia jamais lutado contra ele da maneira que ela o fazia.

Da forma em que ela o fez.

Ninguém tinha lhe chamado a atenção da maneira que só ela podia fazê-lo. Ela tinha tudo o que ele nunca tinha tido: emoção, paixão e desejo.

Não lhe importava seu nome ou seu título ou sua reputação. Só lhe importava o homem que ele podia ser. Fazia dar vontade de ser esse homem. Mas era impossível. Tinha proposto matrimônio a Penélope, acreditando que isso podia salvar a todos, e só agora se dava conta de que, com esse ato final, ele tinha jogado tudo a perder.

Simon ficou olhando a porta pela qual Juliana tinha fugido, sabendo que o melhor que podia fazer por isso, por ambos era manter-se longe dela. Devia pelo menos isso. Ela merecia algo melhor que a ruína em suas mãos.

Uma onda de remorso corria por ele, pelo que tinha feito e pelo que nunca faria. Tratou de não pensar nisso quando um ruído lhe chegou do berço, alto, forte e bem-vindo, Caroline estava despertando. Ele se moveu instintivamente para ela, para carregar à pequena criatura que não sabia o suficiente dele para ver seus defeitos. Ele esteve a seu lado em questão de segundos, agradecido pela estranha ausência dos criados do Park.

Em qualquer outra casa, a sobrinha de um duque estaria rodeada de enfermeiras e babás, mas neste caso, estava sozinha, dando a seu tio uma oportunidade de estar perto dela sem audiência. Ele a levantou uma vez mais em seus braços, com a esperança de que o contato fosse suficiente para que se acalmasse e voltasse a dormir. Caroline tinha outros planos, seus gritinhos se fizeram cada vez mais fortes.

— Não chore amorzinho — disse no que ele esperava que fosse uma voz suave. — Não me obrigue a ter que encontrar uma criada... Ou a sua mãe.

Fiz mal as coisas com ela, também. — A menina não teve piedade dele, retorcia-se entre suas mãos. Ele a pôs contra seu peito, a cabeça sobre seu ombro, e estendeu sua grande mão sobre suas costas. — Eu não sou suficiente para te fazer feliz, verdade? É obvio, não há razão para acreditar que posso começar a fazer às mulheres de minha vida felizes agora.

— Poderia tentar um pouco mais forte. — Ele deu a volta ante as palavras. Sua irmã estava cruzando o berçário para ele com os braços estendidos. Entregou a bebê e observou como Georgiana embalava a sua filha. A menina imediatamente se acomodou nos braços de sua mãe, seus gritos convertidos em pequenos chiados.

— Ela te reconhece.

Georgiana lhe deu um pequeno sorriso, e não apartou o olhar do bebê.

— Tivemos vários meses para nos conhecer.

Vários meses durante os quais ele tinha estado ausente. Era um desgraçado.

— Ouvi que vai casar.

— As notícias viajam rápido nesta casa — disse Simon.

— É uma casa cheia em sua totalidade de mulheres. O que acha que acontece a informação? — Ela fez uma pausa. — Devo te felicitar?

— Lady Penélope será uma boa esposa. Sua família é muito antiga, sua reputação impecável.

— Como estava acostumado a ser a nossa?

— Como continua sendo. — Ela levantou o olhar para o seu, seus olhos de cor âmbar, tão parecidos com os seus, vendo mais do que ele queria.

— Não por muito tempo, acho.

Ele não queria falar de seu matrimônio com Penélope. Ele não queria falar de seu sobrenome, nem de sua reputação. Queria falar de sua irmã. Queria começar de novo. Se é que alguma vez seria possível.

— Georgiana... — Começou, detendo-se quando ela deu a volta, fazendo caso omisso dele e cruzando o espaço para uma mesa alta, onde pôs Caroline e começou a trocar suas fraldas.

— Imagino que não deseja ficar para esta tolice...

Ele franziu o cenho para ouvir as palavras, e se aproximou curioso.

— Por esta tolice? — Ele apareceu por cima do ombro de sua irmã, tomou nota de suas ações e imediatamente deu as costas à cena. — Oh! Sim. Ah, não. — Em toda sua formação ducal, ele nunca tinha sido treinado no cuidado... E a limpeza... Dos bebês. — Não há... — esclareceu a garganta. — Alguém que possa... Fazer isso... Por você?

Ele não estava seguro, mas lhe pareceu ouvir a risada de sua irmã.

— Os bebês não chegam com a enfermeira a reboque, Simon.

Não gostava da brincadeira em seu tom.

— Já sei. É óbvio que sei. Entretanto, você é... — Deteve-se. Havia uma dúzia de maneiras de acabar com essa frase. A filha de um duque... Minha irmã... Que acaba de deixar as fraldas ela mesma em minha mente...

— Sou uma mãe. — Ela deu a volta para olhá-lo, Caroline agora tranquila entre seus braços. Sua irmã, a quem sempre tinha considerado frágil, agora era calma e forte, com uma voz como o aço. — O que seja que estava a ponto de dizer. Não serve de nada e não importa. Eu sou sua mãe. E ela está acima de tudo. Não há nada que possa dizer que me faça mudar de opinião. — Sua irmã já não era uma menina frágil, era completamente desenvolvida e pronta para proteger à sua cria. Dele. Ele, que deveria estar protegendo-a, maldição.

— Não quero te fazer mudar de opinião.

Ela piscou.

— Não o fará?

— Não.

Era certo.

Ela deixou escapar um longo suspiro.

— Vai deixar que fique com Caroline. Não me faça brigar contra você.

Durante os últimos seis meses, ele esteve seguro de que separá-las seria o melhor. Inclusive na viagem para lá, ele tinha considerado essa possibilidade, repassava sobre os possíveis destinos em sua mente, disposto a considerar a esperança de que tudo poderia voltar para a normalidade.

Agora compreendia quão ridícula que tinha sido essa ideia. Não podia suportar a ideia de enviar para longe Caroline. *Eu sei o que é crescer sabendo que um pai não te quer Simon.* Tinha visto a tristeza nos olhos de Juliana enquanto pronunciava essas palavras. Ele desejou golpear as pessoas que a tinham feito sentir tal devastação. E ele nunca desejaria que sua sobrinha sentisse essa dor.

— É obvio, ficará com Caroline. — O alívio de Georgiana era claro.

— Obrigada, Simon.

Ele virou, menos que merecedor das palavras de agradecimento de sua irmã depois de seu mau trato durante os últimos meses. Merecia sua ira, sua fúria e seu ódio, não que lhe agradecesse. Porque, inclusive enquanto sustentava a sua filha em um abraço amoroso, pensava no dano que ocasionaria no nome da família. O escândalo que viria.

E eles iriam resistir.

Estava preparado.

Ou estaria uma vez que se casasse com lady Penélope.

— Vou me casar em um mês. Isto ajudará diminuir o interesse sobre sua situação.

Ela começou a rir, e o som não foi agradável.

— Simon, nem mesmo as bodas real poderá disfarçar o interesse sobre minha situação.

Ele ignorou suas palavras, foi em direção da porta, sem vontade de nada, mas sim de estar longe desta sala que antes tinha parecido muito acolhedora e que se tornou tão enjoativa. Georgiana falou antes que pudesse sair.

— Não tem que fazê-lo, já sabe. Em nenhuma parte está escrito que deve assumir a carga de nossa reputação. Não tem que casar com ela.

É obvio que sim.

Ele era o duque de Leighton, um dos homens mais poderosos da Inglaterra, nascido para suportar o peso de um dos títulos mais venerados da aristocracia. Passou toda sua vida preparando-se para este momento, quando a honra e o dever estivessem antes que nada.

Onde estava a honra no que tinha feito a Juliana? Nos estábulos? No parque? Nesta sala? A vergonha corria por ele, sua pele cada vez se sentia mais quente.

— Não é uma pergunta. Casarei com a dama. — Ele faria o que tinha que fazer.

Encontrou St. John no escritório do Conde de Reddich. A porta estava aberta, e chamou uma vez, com firmeza na ombreira, esperando que St. John lhe agitasse a mão e o convidasse a entrar na habitação antes de sentar-se na ampla poltrona de couro à frente da grande mesa de mogno.

— Quase se poderia pensar que você detém o título, pelo bem que te vê detrás dessa escrivantina — disse.

Nick terminou de anotar uma longa coluna de números no livro maior de bens e olhou para cima.

— Tendo em conta que o conde tem dez anos e está na escola, eu não acredito que se importará se esquento a cadeira até que esteja preparado para isso. — Ele se inclinou para trás. — É a proprietária da casa a que temos que nos preocupar. Ela se irrita quando utilizo sua mesa.

— Por que não tem a sua própria, então?

St. John sorriu.

— Desfruto muito quando ela está irritada.

Simon fingiu não ter ouvido o inapropriado comentário.

— Eu gostaria de falar de minha irmã.

— Excelente. Eu gostaria de falar da minha. — Simon congelou ante as palavras, e os olhos de St. John se reduziram imediatamente. — Isabel pensa que há algo entre vocês dois. E ela sempre tem a razão. É revoltante, de verdade.

— Não há nada entre nós.

— Não?

Sim.

— Não. — Ele tentou soar convincente. Esperava que tivesse conseguido.

— Mmm. — Nick tirou os óculos e os jogou sobre a mesa. — Bom, então. De todos os modos, vamos falar de Lady Georgiana. — O alívio de Simon saiu em uma onda de irritação.

— Estou feliz que alguém nesta casa, recorde o status de minha irmã.

Nick levantou as sobrancelhas.

— Eu teria mais cuidado se fosse você, Leighton — Simon xingou em voz baixa, com as mãos em punhos. — Tente de novo — disse Nick.

Nicolas St. John era, muito possivelmente, o mais antigo amigo de Simon, se é que podia lembrar-se de um. Os dois, junto com Ralston, tinham começado no mesmo ano em Eton, e Simon, jovem e com um título na sua idade, passava muito tempo recordando aos irmãos e ao resto da classe, que os filhos de Ralston House provinham de duvidosas fontes. Um dia, ele tinha pressionado ao limite o muito tolerante Nick e sofrido as consequências. Nick lhe tinha quebrado o nariz, e nesse momento sua amizade começou.

Aos poucos anos depois da sua saída da escola, Simon tinha se convertido no duque de Leighton, o chefe da família, um dos homens mais poderosos da Inglaterra, e Nick foi para o Continente, desaparecendo no Oriente quando a guerra começou. O dinheiro de Leighton tinha financiado as atividades de Nick, mas isso foi o mais perto que Simon tinha estado de seu amigo durante esses anos.

Quando Juliana chegou a Londres, Simon não fez nada para apoiar à casa de St. John. E, entretanto, quando Georgiana chegou à porta de Townsend Park, grávida e tudo mais, Nick e Isabel a tinham tomado sob seu amparo como se fosse sua própria família. E então quando Simon tinha avançado contra eles, ameaçando-os e pondo em perigo esta casa, seus nomes, e inclusive sua vida, Nick tinha se mantido firme, protegendo Georgiana a todo custo.

Um amigo.

Talvez seu único amigo.

E Simon lhe devia mais do que poderia lhe pagar um dia. E agora ia pedir mais.

— Ela quer ficar aqui. Com a menina.

Nick se recostou em sua cadeira.

— E você o que quer?

Queria-a a salvo em sua cama de sua casa de campo, preparando-se para sua apresentação em sociedade e para as férias de inverno. Ele queria ser livre da carga que tinha sido posta sobre seus ombros desde que tinha subido ao ducado... Antes disso até.

E queria Juliana.

Deteve-se no passado, sussurrando seu nome através de sua mente.

Mas em vez de sentir alívio, só serviu para estar mais frustrado.

Ele não podia tê-la.

Não agora, nem nunca.

E se perguntou o que era que ele podia ter.

— Quero que Georgiana esteja segura. E Caroline, a menina, eu quero que as duas estejam seguras.

Nick assentiu com a cabeça.

— Elas estão a salvo aqui.

— Me diga quanto necessita. Nick cortou uma mão no ar. — Não, Leighton. Você nos deu o suficiente nos últimos seis meses. Mais do que o necessário.

— Mais do que esperava.

— Bom, deve admitir... Que da maneira em que saiu daqui depois de descobrir a situação de sua irmã, eu não esperava que se convertesse em um benfeitor de Minerva House.

Tinha-o feito pela culpa.

Georgiana tinha tido medo de lhe dizer a verdade sobre sua situação, que estava grávida, sobre a identidade do pai, esse ainda seguia sendo seu segredo. Ela com lágrimas nos olhos, virtualmente suplicou que a perdoasse. Que a protegesse.

E ele se foi, zangado e abalado. Tinha retornado a Londres, desesperado por resguardar sua reputação. Fingindo que era um incômodo em lugar de sua irmã, o único membro de sua família com quem se havia sentido como uma família.

E por isso tinha feito a única coisa que podia fazer.

Ele tinha enviado dinheiro.

Uma grande parte dele.

— Elas são minhas responsabilidades. Vou seguir cuidando delas.

Nick o olhou durante um longo momento, e Simon sustentou o olhar de seu amigo. Não negaria isto, era a única maneira de que pudesse começar a retificar seus enganos.

Nick assentiu com a cabeça.

— Você fará o que acha que deve fazer.

— Você me avisará se houver algo... Se necessitar algo.

— Farei.

— É um bom amigo. — Foi a primeira vez que havia dito essas palavras. A Nick... Ou a qualquer um. A primeira vez que reconhecia uma amizade que ia além de uma taça no clube ou um combate de esgrima. Ele se surpreendeu com o sentimento.

Os olhos de Nick se abriram pelas palavras.

— Você faria o mesmo. — Diante desta simples verdade, Simon se abalou até a medula. Ele o faria. Agora.

Mas até recentemente, poderia não tê-lo feito.

O que tinha mudado?

A resposta era clara.

Mas não podia admiti-lo. Não para si mesmo. É obvio que não a Nick.

— Agora que isso está arrumado — disse Nick, alcançando uma garrafa de brandi e despejando duas doses do líquido — temos que voltar para o tema de Juliana?

Não. Ela já está demais em minha mente. Simon pegou o copo que lhe ofereceu, tratando de evitar trair seus pensamentos.

— Não há muito que dizer.

Nick bebeu, saboreando o líquido e desfrutando do momento.

— Vamos, Leighton. Esquece com quem está falando? Por que não me diz a verdade esta vez? Sei que meu irmão te golpeou. Sei que minha irmã

foi às nuvens quando pensava que poderia estar aqui com seu próprio filho. De verdade quer que tire minhas próprias conclusões?

Que não poderiam ser piores que a verdade.

Simon permaneceu em silêncio. Nick se recostou para trás, as mãos juntas por cima de seu colete azul marinho, um retrato de calma. Simon o odiava por isso. E logo seu amigo disse:

— Eu te direi o que penso. Acredito que está fora de si com o mal-estar pela situação em que sua irmã está. Acredito que propôs casamento a lady Penélope, com alguma louca crença de que seu matrimônio pode rebater o escândalo de Georgiana. Acredito que está se casando pelas razões equivocadas. E acredito que minha irmã está provando isso.

Simon teve um desejo momentâneo de lançar seu punho através de Nick, que percebeu este momento de ira com um sorriso irônico.

— Gostaria de me golpear, velho amigo, mas posso te dizer que não fará que isto seja mais fácil. Ou minhas palavras menos certas.

Simon deveria ter ficado impressionado pela astúcia de Nick, mas quando realmente o considerou, era tão difícil para ele ver a verdade?

Ele estava atordoado por ela. Ela tinha feito dele um tonto.

Ela fez mais que isso.

Ela fez que doesse. E desejasse.

E mais.

Não devia seguir essa linha de pensamento. Não iria.

Nick não tinha por que saber estas coisas. Ao invés disso, enfrentou seu amigo em silêncio, e ficou assim, imóvel, sem falar, por um longo momento, antes que um dos lados da boca de Nick se levantasse em um pequeno sorriso.

— Percebe que não será capaz de evitá-lo.

Simon fez uma simulação de escovar uma bolinha invisível na manga do casaco, fingindo estar aborrecido, parecendo como que não se importava, mesmo que sua mente e seu coração acelerassem.

— Evitar o que?

— Evitar a forma que te faz sentir.

— E quem é você, para dizer que ela me faz sentir algo, mais que irritação?

Nick começou a rir.

— O fato de que saiba exatamente do que estou falando é suficiente. E descobrirá que, nesta família, a irritação é um precursor dos sentimentos mais perigosos.

— Estou descobrindo muito a respeito *desta família*, de como é — disse, e desejou que os anos praticados de soberba encobrissem as outras emoções que se agitavam em seu interior.

— Pode interpretar o papel do duque do Disdain o quanto queira Leighton. Isso não vai mudar nada. — Nick depôs sua taça e se levantou, dirigindo-se para a porta, voltando-se antes de abri-la. — Suponho que é muito pedir que se mantenha afastado dela?

Sim.

A ideia de manter-se afastado de Juliana era incompreensível. E, entretanto, tinha que fazê-lo. Que verdadeiro asno era. Que tolo.

— Não, absolutamente.

Mentiroso.

Nick fez um som baixo que dizia muito.

— Não me acredita?

Não é que devesse fazê-lo. Lorde Nicholas St. John deveria tirá-lo da casa, pelo bem de sua irmã. Pelo bem até de Simon.

— Não, Leighton. Não acredito. Nem um pouco. — Nick abriu a porta.

— Se acha que sou um risco para ela, a sua reputação, porque deixa que fique aqui? — Nick se voltou para ele então, e Simon viu algo no azul dos olhos do homem. Olhos tão parecidos com os de Juliana. *Simpatia.*

— Você não é um risco para ela. — Nick não conhecia o desejo que corria através dele quando ela estava perto. Simon permaneceu em silêncio enquanto Nick continuou. — Você é muito cuidadoso, Leighton. Muito cauteloso. Juliana não é parte de sua vida perfeita, impecável. Ela está cheia de escândalos, igual a toda nossa família. Não é que lhe importe muito — acrescentou em um à parte — mas isso o impedirá de tocá-la. — Simon

queria discordar. Queria gritar à irresponsabilidade inerente de suas palavras. Sua própria irmã Georgiana estava escada acima, a prova vivente do que acontecia quando um homem perdia o controle. Quando se cometiam enganos. Mas antes que tivesse a oportunidade de falar, Nick acrescentou:

— Não a impeça da felicidade, Simon. Talvez não a queira para você, mas você sabe que ela merece. E ela pode conseguir um bom partido.

Com outra pessoa. Um ódio visceral correu por Simon só com esse pensamento.

— Fala como se já houvesse alguém disposto a propor-lhe. — Ele não queria que sentisse o desdém em sua voz. Nick o ouviu, entretanto, e viu um lampejo de ira nos olhos de seu amigo.

— Deveria te dar a briga que tão desesperadamente está a procura. Acha que só porque nunca se atreveria a manchar sua preciosa reputação com alguém como Juliana, não há outros que fazem fila para ter uma oportunidade com ela?

É obvio que havia. Era inteligente, muito artilosa, encantadora e absolutamente linda. Mas antes que pudesse admiti-lo, Nick saiu da sala, fechando a porta silenciosamente detrás dele com um suave clique, deixando Simon com seus pensamentos.

Ela não queria estar a sós com seus pensamentos, assim Juliana se consolava no lugar menos solitário de Townsend Park. As cozinhas. As cozinhas de Minerva House eram exatamente do jeito que Juliana pensava que as cozinhas deviam ser: barulhentas, desordenadas e cheias de risos, cheiros e pessoas. Eram o coração da casa, do lar em que a tinham convertido todas as mulheres que ali viviam. Quer dizer, a cozinha de Minerva House não era nada parecida às cozinhas de outras lindas casas senhoriais inglesas. O qual era excelente, já que Juliana tinha tido o suficiente das finas coisas inglesas por esse dia, fina educação Inglesa, fina arrogância Inglesa, finos duques Ingleses.

Ela queria algo real e honesto. Quando ela entrou pela porta, o grupo de mulheres reunidas ao redor da enorme mesa no centro da habitação levantaram os olhos e logo continuando a buliçosa conversa enquanto

Gwen, a cozinheira da mansão, deu uma olhada em Juliana e a pôs a trabalhar.

— Esta é Juliana — disse ela, enquanto as outras mulheres faziam lugar para ela em torno da longa e bonita mesa de carvalho, cheia de cicatrizes pelos anos guardando comidas e segredos.

— A irmã de Lorde Nicolas. — E com isso, foi aceita. Gwen enfarinhou o espaço em frente a Juliana e virou um recipiente de cobre ali, depositando uma grossa bola de massa que necessitava atenção. — A sovar — disse a pequena mulher, e Juliana não pensava em desobedecer. Havia meia dúzia de outras mulheres ao redor da mesa, cada uma com sua própria tarefa de partir, cortar, misturar, pesando, um batalhão de cozinha perfeitamente organizado, conversando. Juliana deu uma profunda respiração, inalando o conforto da habitação. Apertou a massa em um disco plano e redondo e escutou.

Esta era a distração que necessitava. Assim não teria que pensar em Simon.

—... Eu gostaria de dizer que é um dos mais bonitos visitantes que tivemos em muito tempo.

— Talvez nunca — acrescentou Gwen, e houve um murmúrio de aprovação ao redor da mesa. — Parece com um anjo.

— Um malvado... Caído do céu. Viu a forma em que chegou aqui e exigiu ver Georgina?

Juliana ficou gelada. Estavam falando de Simon. Parecia que ela não seria capaz de escapar dele, depois de tudo.

— O mais alto, também — adicionou uma mulher alta e magra que Juliana nunca tinha visto.

— Imagino se ele é tão grande em tudo — disse alguém, e as garotas se dissolveram em um ataque de risadas com a insinuação.

— É um hóspede! — Gwen atirou uma toalha em direção da mulher que tinha feito o sugestivo comentário, antes de sorrir abertamente. — Não é que eu mesma não tenha tido esse pensamento também.

— Por favor, me diga que não está falando de quem acredito que está falando. — A cabeça de Juliana se levantou igual a todas as outras, para a

mulher que ria enquanto falava, e todas abriram um espaço para a recém-chegada lady Georgiana. Tinha que ser ela. Era igual a ele, com os cabelos de ouro e os olhos âmbar. Entretanto, era pequena e encantadora, igual a uma boneca de porcelana, com a suave beleza arredondada de uma mulher que tinha acabado de dar à luz. Não parecia ter dezessete anos. De fato, parecia muito mais velha. Mais sábia.

— Se pensou que estávamos falando de seu bonito irmão, tem razão — Gwen brincou. — Está você com ânimo para cortar as maçãs? — Gwen não esperou uma resposta, e colocou um cesto cheio de brilhantes maçãs vermelhas frente a Georgiana. A jovem não protestou, em lugar disso, levantou uma pequena faca de cortar e começou a trabalhar. Um choque de surpresa passou por Juliana diante da cena, a irmã de um duque, feliz cortando maçãs nas cozinhas de Minerva House, mas ela não fez nenhum comentário.

— Meu irmão é bonito, verdade? — Disse Georgiana, levantando o olhar a Juliana com um sorriso. Juliana voltou imediatamente a trabalhar.

Dobrar, sovar, Dobrar, sovar.

— Tem que admitir que a aparência é agradável. — Juliana se fez de surda. Virar, mais farinha, dobrar, sovar.

— Muitas mulheres em Londres se atiram sobre ele. Não lhe deem esse prazer de uma recepção assim aqui.

Juliana fingiu não pensar em outras mulheres entre seus braços. De Penélope em seus braços. *Dobrar, sovar mais forte e mais vezes.*

— Não, homens como o duque são muito frios, de qualquer modo. — Adicionou a mulher alta. — Olhe o que fez, mandar você e Caroline para longe para evitar o escândalo.

— Ele não nos enviou exatamente para longe.

A mulher mais velha fez um gesto com a mão desdenhando.

— Não me importa o que aconteceu. Você está aqui conosco em vez de com ele, e isso é suficiente para mim. Eu gosto que meus homens tenham coração.

— Ele tem coração. — Juliana não percebeu que tinha falado em voz alta até que a conversa ao redor da mesa silenciou. — Ele tem, não é? — Ela

olhou para cima, com as faces queimando, e encontrou com os olhos curiosos de Georgiana, antes de retornar à massa. — Nós não fomos apresentadas.

— Esta é a irmã de lorde Nicholas — Gwen apressou-se a dizer.

— A senhorita Fiori, verdade?

Juliana levantou o olhar de novo, com as mãos na massa.

— Juliana.

Georgiana assentiu com a cabeça.

— E o que sabe você do coração de meu irmão, Juliana?

— Eu... Eu simplesmente quis dizer que ele deve ter um coração, não? — Quando nenhuma das mulheres respondeu, voltou para a massa. — Não sei.

Dobrar, virar, dobrar.

— Parece como se você soubesse algo.

— Não sei nada. — Tratou de soar mais convincente do que era.

— Juliana? — perguntou Georgiana de uma forma incisiva que lhe era muito familiar. — Você está... Apaixonada por meu irmão?

Ela não devia estar. Ele era tudo o que ela não queria. Tudo o que ela detestava da Inglaterra, dos aristocratas e dos homens.

Exceto as partes em que ele era tudo o que ela amava a respeito deles.

Mas suas coisas ruins superavam com acréscimo as boas que tinha. Acaso ele não tinha provado?

Juliana deu um soco na massa, e começou a estender a massa sobre a mesa.

— Eu não gosto do seu irmão. — Houve um longo silêncio antes que ela levantasse a vista para ver que Georgiana lhe sorria.

— Isso não é o que perguntei, entretanto.

— Não! — Estalou ela — Não há nada a respeito desse homem que deva gostar. — A boca de Georgiana se abriu enquanto ela continuava. — O único que importa é seu precioso ducado — Ela juntou a massa em uma bola com violência — E sua preciosa reputação. — Ela socou a bola, desfrutando da sensação da massa pressionando através de seus dedos.

Amassou de novo em um disco e repetiu a ação anterior antes de se dar conta que tinha insultado o irmão da dama. — E, é obvio você, minha senhora.

— Mas ele é bonito — interveio Gwen, tratando de aliviar o ambiente.

A Juliana não fez graça.

— Não me importa quão grande é ou bonito. Não, eu não gosto dele.

Não se surpreendeu do silêncio ao redor da mesa, e Juliana soprou uma mecha de cabelo onde tinha caído. Esfregou uma mão farinhenta na bochecha.

— É claro que não. — disse Georgiana com cuidado. Houve um coro de acordo ao redor da mesa, e Juliana se deu conta de quão tola devia parecer.

— Sinto muito.

— Tolices. É um homem muito difícil de gostar. Não tem que me dizer isso — disse Georgiana.

Gwen lhe arrebatou a massa das mãos de Juliana, devolvendo-o à tigela.

— Acredito que isto ficou muito bem amassado. Obrigada.

— De nada. — Ouviu muito bem o aço em seu tom. E não lhe importou.

— Ele não é tão bonito, tampouco — disse a mulher alta.

— Vi outros mais bonitos — interveio outra.

— De fato — disse Gwen, entregando a Juliana uma bolacha recém-assada, ainda quente do forno. Ela mordeu em um extremo, surpreendida de que este grupo de mulheres que ela não conhecia ignoravam seu comportamento louco, voltando uma por uma a suas tarefas. Em que idiota se converteu?

Ficou de pé ante esse pensamento, empurrando a cadeira para trás tão rápido que apenas se virou e se endireitou.

— Eu não devia ter... Não era minha intenção.

Só um dos dois princípios era verdade.

Ela amaldiçoou em voz baixa em italiano, e as mulheres se olharam umas às outras, em busca de um tradutor em meio delas. Não encontraram nenhum.

— Tenho que ir.

— Juliana — disse Georgiana, e ouviu a súplica na voz da menina. — Fique. Por favor.

Juliana congelou na porta, dando as costas a sala, sentindo imediatamente pesar por qualquer um que tenha sentido o mesmo que ela sentia nesse exato momento, a combinação de vergonha, tristeza e frustração, que lhe davam náuseas e vontade de meter-se na cama e nunca mais sair.

— Sinto muito — disse. — Não posso ficar. — Abriu a porta e correu para as escadas. Se só pudesse chegar à escada central da casa, se pudesse encontrar seu caminho para cima, as coisas estariam melhores. Ela estaria melhor. Ela aumentou seu ritmo, desejosa de escapar da vergonha que parecia persegui-la da cozinha.

— Juliana.

A vergonha a seguia, entretanto, na forma de Lady Georgiana. Virou-se, frente à mulher menor, desejando poder apagar os últimos minutos, a última hora, toda a viagem a Yorkshire.

— Por favor. — Georgiana sorriu, uma sombra de uma covinha na bochecha. — Quer dar um passeio comigo? Os jardins são bastante agradáveis.

— Eu...

— Por favor. Disseram que devo tomar ar depois de que tive o bebê. Eu gostaria de ter companhia — Ela fez impossível recusar.

Saíram através de uma sala de estar a um lado do corredor, com uma porta pequena e baixa que levava a um pequeno conjunto de escadas de pedra sobre o pomar a um lado da casa. Caminharam entre as fileiras de plantas perfeitamente organizadas, em silêncio um longo momento até que Juliana não pôde suportar por mais tempo.

— Arrependo-me do que disse na cozinha.

— Que parte?

— Tudo, suponho. Não era minha intenção criticar o seu irmão. — Georgiana sorriu, passando seus dedos por uma raminha de alecrim e levando-o ao nariz.

— Isso é lamentável. Eu gostaria que estivesse disposta a criticar meu irmão. Já que muito poucos o fazem. — Juliana abriu a boca para falar, logo a fechou, sem saber o que dizer.

— Suponho que ele faz muito por merecer suas críticas — disse, finalmente.

Georgiana lhe dedicou um olhar.

— E você?

A verdade era muito mais fácil de lidar do que dizer o correto. Deu um riso de autocrítica.

— Não totalmente, não.

— Bom. Ele é revoltante, não? — Os olhos de Juliana se abriram pela surpresa, e ela assentiu.

— Excessivamente.

Georgiana sorriu.

— Acredito que eu gosto de você.

— Fico feliz de ouvir. — aproximou-se um pouco mais. — Eu não dei meus parabéns. Pelo nascimento de sua filha.

— Caroline. Obrigada. — Houve uma longa pausa. — Suponho que sabe que sou um terrível escândalo em evolução.

Juliana lhe ofereceu um sorriso.

— Então, estamos destinadas a ser amigas, já que sou considerada por muitos como um terrível escândalo já realizado.

— Sério?

Juliana assentiu com a cabeça, tirando um raminho de tomilho de uma touceira próxima e aproximando-o do nariz, inalando profundamente.

— Sem dúvida. Tenho uma mãe, como estou segura que já sabe. Ela é uma lenda.

— Ouvi falar dela.

— Retornou à Inglaterra a semana passada.

Os olhos de Georgiana se abriram como pratos.

— Não.

— Sim. Seu irmão estava lá. — Juliana jogou a erva a um lado. — Todo mundo pensa que sou feita da mesma roupa que ela.

Georgiana inclinou a cabeça na forma como as pessoas faziam quando não estava compreendendo tudo.

Juliana reformulou a frase.

— Acreditam que sou como ela.

— Ah. Cortar pela mesma tesoura.

Isso era.

— Sim.

— E você é?

— Seu irmão acredita que sim.

— Essa não era a pergunta.

Juliana considerou as palavras. Ninguém nunca lhe perguntou se ela era como sua mãe. Ninguém tinha se preocupado em perguntar. As intrigas da alta sociedade a tinham condenado imediatamente por sua filiação, e Gabriel e Nick e o resto da família simplesmente tinham refutado a ideia. Entretanto, Georgiana ficou frente a ela neste caminho sinuoso do jardim e lhe fez a pergunta que ninguém nunca tinha feito. Portanto, Juliana lhe disse a verdade.

— Espero que não.

E isso foi suficiente para Georgiana. O caminho se bifurcava adiante delas, e ela pôs uma mão pelo braço de Juliana, para pegar o caminho de volta à casa.

— Não tema, Juliana. Quando minhas notícias saírem, vão se esquecer de tudo o que alguma vez pensaram de você e sua mãe. Os anjos caídos são intrigas excelentes.

— Mas você é a filha de um duque — protestou Juliana. — Simon vai se casar para te proteger.

Georgiana negou com a cabeça.

— Estou bem e verdadeiramente arruinada. Absolutamente irremediável. Talvez ele possa proteger nossa reputação, talvez possa sossegar os rumores, mas nunca vão desaparecer.

— Sinto muito — disse Juliana, porque não podia pensar em outra coisa. Georgiana lhe apertou a mão e sorriu.

— Eu senti, também, por um tempo. Mas agora estou aqui pelo tempo que Nick e Isabel me queiram, e Caroline está sã, e agora já não me importa. *Agora já não me importa.*

Em todo o tempo que tinha estado na Inglaterra, por todas as vezes que ela se debochou das palavras e as olhadas desdenhosas da alta sociedade, a Juliana nunca tinha deixado de importar.

Inclusive quando ela tinha feito todo o possível, tinha se importado. Ela tinha se preocupado pelo que Simon pensava.

Importava que ele nunca pudesse acreditar que ela fosse suficiente.

Apesar de que ela soubesse que era verdade. E invejava a esta mulher forte, enérgica, que enfrentava a um futuro incerto com tanta confiança.

— Talvez não seja adequado que o diga — disse Juliana — mas são uns idiotas ao coloca-la de lado. Os salões de baile de Londres poderiam beneficiar-se de uma mulher com seu espírito.

Os olhos de Georgiana brilharam com humor irônico.

— Não é absolutamente adequado que você o diga. Mas ambas sabemos que os salões de baile de Londres não podem suportar uma mulher com espírito. O que fariam com duas de nós juntas?

Juliana se pôs a rir.

— Quando decida voltar, milady, acredito que vamos fazer um caminho demorado e escandaloso juntas. Minha família tem um especial carinho aos meninos com paternidade duvidosa, já o vê — Interrompeu-se, dando-se conta de que tinha ido muito longe. — Sinto muito. Não quis dizer isso.

— Tolices — disse Georgiana, agitando uma mão no ar para evitar a desculpa. — Caroline é sem dúvida de paternidade questionável. — Ela sorriu. — Assim estou muito feliz de saber que há ao menos um salão, onde nos receberão.

— Posso perguntar?

Georgiana a olhou com admiração.

— Não se preocupa com o decoro, verdade, senhorita Fiori?

Juliana olhou ao longe com desgosto.

— É uma velha história, aborrecida, corriqueira e devastadora — disse Georgiana. — Pensei que ele me amava, e talvez o fizesse. Mas às vezes o amor não é suficiente, a maioria das vezes, eu acho. — Não havia tristeza no tom, não havia arrependimento. Juliana se encontrou com o olhar âmbar de Georgiana e viu a honestidade existente ali, uma claridade de critério que desmentia sua idade.

Às vezes o amor não é suficiente.

Caminharam em silêncio para casa, essas palavras ecoando uma e outra vez na mente de Juliana. As palavras que ela faria bem de lembrar.

CAPÍTULO 16



O companheirismo de toda uma vida começa com a suavidade e a temeridade.

As damas refinadas não falam livremente com os cavalheiros.

Um tratado sobre a mais refinada das damas

O tipo não é o único com um temperamento fogoso este outono...

A folha do escândalo, novembro 1823.

A maioria dos dias do ano, o povoado de Duncroft era um lugar tranquilo, a vida idílica interrompida por um touro solto de vez em quando ou por um transporte fora de controle, mas no geral nas pequenas cidades inglesas, havia muito pouco no povoado digno de se notar. Não era assim em Bonfire Night. Todos em Duncroft tinham saído para as festividades, era o que parecia. Logo depois do pôr do sol, a praça do povoado se encheu das armadilhas com as lanternas para a celebração que se acenderam em todo o perímetro da grama, banhando as tendas que se alinhavam na parte exterior do espaço com um precioso brilho dourado.

Juliana desceu do coche e foi abordada imediatamente pelos aromas e os sons do ambiente de carnaval. Havia centenas de pessoas na grama, todos desfrutando de uma parte da feira e um ou outro menino com máscaras de papel enrodilhando-se entre os pés dos mais velhos, antes de dispararem aos espetáculos de marionetes improvisados ou sorrindo para as meninas com bandejas de maçãs caramelada.

Havia um porco assando a vários metros de distância, e Juliana viu como um grupo de jovens próximos brincava e dançava. Ela riu da cena que fizeram em sua palhaçada, desfrutando da sensação de boas-vindas.

— Vê? — Disse Isabel a seu lado. — Disse que não tinha nada com que preocupar-se.

— Ainda não estou certa — disse Juliana com um sorriso. — Não vejo a fogueira que tinha prometido.

Uma fogueira se erguia no centro da praça do povoado, uma enorme pilha de madeira encimada por um homem de palha parecia ter um olhar de arrependimento. A cabeça da estátua estava perigosamente para um lado, tremulando e parecia que precisaria apenas uma ligeira brisa em lugar de fogaçu para derrubá-lo. Os meninos foram correndo em círculos ao redor da fogueira apagada, cantando e cantando, e um bebê gordo se sentou a um lado, coberto de caramelo pegajoso.

Juliana se voltou para sua cunhada com um sorriso.

— Isto não me parece absolutamente assustador.

— Espere que os meninos tenham comido até fartar-se de doces, e não há um inferno ideal para protegê-los. Então verá o aterrador. — Isabel olhou através da multidão, procurando. — A maioria das meninas já deveria estar aqui. A casa estava vazia exceto por Nick e Leighton quando saímos.

A menção de Simon pôs Juliana na extremidade. Esteve pensando nele o dia todo, tinha passado grande parte da manhã buscando razões para entrar e sair das acomodações, a procurar coisas perto do berçário e visitar seu irmão em seu escritório, tudo foi em vão. Ele tinha desaparecido. Sabia que deveria estar feliz de que ele mantivesse distância. Sabia que não devia tentar a sorte. Ele tinha feito sua escolha depois de tudo, era só questão de tempo antes que retornasse a Londres e se casasse com outra. Alguém a quem tinha em alta estima. Alguém que o igualava no nome e em status. E agora, em lugar de fazer todo o possível para esquecê-lo, ela estava de pé em meio de uma massa de ingleses estranhos, com um de seus vestidos mais bonitos, e desejando que ele estivesse aqui.

Perguntava-se por que não estava aqui.

Apesar de saber que ele não era para ela. Deveria ser mais fácil, aqui no campo, protegido do resto do mundo, dos velhos escândalos onde as mães abandonavam seus filhos, protegido dos filhos ilegítimos, longe dos casamentos de conveniência e bailes de compromisso e sussurros e intrigas.

E, entretanto, ela pensava nele. Em seu futuro.

No seu próprio. E como tudo poderia ser diferente.

Ela tinha que ir. Ela não podia ficar. Não, se ele estava aqui.

Isabel levantou o nariz ao ar.

— Ooh... Consegue cheirar os bolos de maçã? — A pergunta tirou a Juliana de seu devaneio. Este era um carnaval, e todo Yorkshire estava na celebração, e ela não permitiria que o futuro mudasse o presente. Haveria tempo suficiente para preocupar-se com o amanhã.

— Vamos provar um? — Perguntou sua cunhada com um sorriso. Puseram-se a caminho pela longa fileira de tendas de venda em busca da confeitaria, enquanto Isabel disse: — Advirto que uma vez que começo, é possível que me detenha até que tenha me convertido em um bolo de maçã. — Juliana se pôs a rir.

— É um risco que vou correr.

Elas encontraram o estábulo e compraram os bolos antes que uma moça parasse Isabel para falar algo a respeito dos uniformes para os funcionários de Townsend Park. Juliana vagava lentamente, detendo-se nas tendas mais próximas enquanto esperava que a conversa terminasse, vendo que a grama ficava mais escura, a única luz no centro da praça era procedente das velas das pessoas que se detinham enquanto conversavam com seus vizinhos e esperavam, presumivelmente, pela fogueira que se acenderia.

Tudo neste pequeno povoado tinha sido destilado a este simples momento de conversa e celebração. O ar era fresco com o aroma do outono, as folhas das árvores que rodeavam a grama estavam caindo com a brisa, e não havia nenhuma preocupação neste momento... Sem tristeza. Sem solidão. Ali estava ela no campo, onde se dizia que a vida que era mais simples. Ela tinha vindo para isto.

Para a noite das fogueiras e as rimas infantis e os bolos de maçã. E, por uma noite, ela o tinha. Não ia deixar que lhe tirassem. Deteve-se frente a uma cabine cheia de ervas e flores secas, e a mulher da praça levantou a vista do sache que estava amarrando.

— Qual é seu desejo, minha senhora?

— Meu desejo?

A mulher levantou de seu tamborete e se dirigiu à mesa principal, onde estava Juliana.

— Filhos? Dinheiro? Felicidade?

Juliana sorriu.

— As plantas podem me dar essas coisas?

— Você dúvida? — Ela deixou escapar um risinho. — Sim. — A mulher a olhou durante um longo momento. — Vejo o que quer.

— Ah, sim?

Eu quero uma noite de simplicidade.

— Amor. — declarou a comerciante.

Muito complicado.

— O que tem?

— Isso é o que quer. — As mãos da mulher voaram sobre a coleção de ervas e flores, movendo-se mais rápido que alguém de seu tamanho deveria ser capaz de mover-se. Beliscou uma ponta de lavanda, uma raminho de alecrim, tomilho e coentro e várias coisas que Juliana não pôde identificar. Colocou tudo em sache de juta, atando-o com um fio em um nó que mesmo Ulisses não seria capaz de desfazer. Em seguida entregou o sache a Juliana. — Durma com ele sob o travesseiro.

Juliana ficou olhando o pequeno volume.

— E então o que?

A mulher sorriu o que revelou vários dentes perdidos.

— Ele virá.

— Quem vai vir? — Ela estava sendo deliberadamente obstinada. À mulher não parecia importar.

— Seu amor. — Estendeu a mão larga, com a palma para cima. — Um peni pela magia, minha senhora.

Juliana arqueou uma sobrancelha.

— Devo admitir que é uma pechincha... Para a magia.

— Ela colocou as ervas em sua bolsa e tirou uma moeda.

— Vai ajudar.

— Oh, sim, estou segura que assim será. — Ela se virou resolutamente e congelou.

Ali, apoiado contra um poste na esquina da praça, com os braços cruzados, estava Simon, olhando como um duque, como tão somente o duque de Leighton podia olhar.

O qual era extraordinariamente ducal.

Vestia calças de pele de camurça e botas altas de montar, de cor marrom, uma camisa de linho branco e um casaco verde, mas não havia nada elaborado com a roupa, a gravata era singela, a jaqueta singela e despreziosa. Uma boina puxada até as sobrancelhas em lugar de um chapéu e, enquanto ele levava luvas, não levava a bengala que se requeria na cidade.

Este era um Simon com uma inclinação pelo campo.

Um Simon que ela podia amar.

Então ela poderia fazê-lo desistir. Da sua reputação, seu decoro, sua responsabilidade e todas as coisas que ela chegara a amar a seu redor.

Mas esta noite, estavam no campo. E as coisas eram mais simples. Talvez pudesse convencê-lo disso. O pensamento descolou dela. Ela começou a mover-se. Para ele.

Ele se endireitou.

— Está comprando poções mágicas?

— Sim. — Ela deu uma olhada por cima do ombro à mulher, agora de pé nos fundos da tenda. Ela sorriu de orelha a orelha.

— A gente vê quão rápido funciona, minha senhora — Juliana não pôde evitar sorrir.

— Sem dúvida. Obrigada.

Simon parecia incômodo.

— O que ela te vendeu?

Ela o olhou durante um longo momento.

Era agora ou nunca.

— O que acontece se digo que me vendeu uma noite?

Ele franziu o cenho.

— Uma noite do que?

Ela encolheu de ombros.

— Simplicidade. Facilidade. Paz.

Um dos lados de sua boca se elevou em um meio sorriso.

— Eu diria que comprou um pouco de tempo na vida.

Juliana se lembrou da conversa há muito tempo, quando ele tinha discutido sobre linhagem, o perfeito Leighton com a reputação que proteger, a honra que ele valorizava. Recordou o orgulho em sua voz, a grande responsabilidade que se subentendia.

Como seria ter que suportar uma carga tão pesada? O suficientemente difícil para ser tentado por uma noite de liberdade. Juliana negou com a cabeça.

— Não podemos ter toda a vida. Só uma noite. Só por esta noite. — Ele a olhou durante um longo momento, e ela quis que aceitasse sua oferta. Esta noite, neste povoado singelo no campo inglês, sem intrigas ou escândalos. Uma fogueira, uma feira e umas horas de tranquilidade. Amanhã, a próxima semana, o mês que vem tudo seria horrível. Provavelmente seria terrível. Mas ela tinha o agora. Com ele. Tudo o que tinha que fazer era estender a mão e pegar.

— Tenho suficiente para os dois, Simon — sussurrou. — Por que não viver esta noite?

Por favor.

Ele estava ao ponto de responder, e se perguntou se ia afastá-la, sabia que tinha que afastá-la. O coração lhe pulsava no peito enquanto olhava os músculos de sua mandíbula como se contraíam preparando-se para falar. Mas antes que pudesse responder, os sinos da igreja do outro lado do lugar começaram a soar, numa explosão de sons. Seus olhos aumentaram quando as pessoas a seu redor gritaram com um ânimo potente e estridente.

— O que está acontecendo? — Perguntou. Houve um golpe, como se não tivesse ouvido a pergunta imediatamente. Antes que lhe oferecesse o braço.

— A fogueira. Está a ponto de começar.

Por que não viver esta noite?

As palavras ressonaram na mente de Simon, quando estava diante do calor da fogueira ardente. *Uma noite.*

Um momento que podia ser deles, juntos, aqui no campo. Sem responsabilidades nem preocupações... Só Bonfire Night, e nada mais.

Mas e se ele queria mais?

Ele não podia ter.

Só uma noite. Só por esta noite.

Uma vez mais, Juliana estava lhe desafiando. Esta vez tinha medo de que se aceitasse ele não ia sobreviver.

Voltou-se ligeiramente, o suficiente para alcançá-la. Ela estava de perfil, olhando à fogueira, com um olhar de alegria em seu rosto. Seu cabelo negro brilhava a luz do fogo, uma explosão de vermelhos e laranjas, uma coisa magnífica e vibrante. E sua pele brilhava com o calor do fogo também.

Ela sentiu seu olhar, virando-se para ele. Quando ela o olhou aos olhos, ele ficou sem fôlego. Ela era linda. E ele desejava esta noite. Queria tudo o que pudesse conseguir dela.

Inclinou-se, com os lábios perto de seu ouvido, e resistiu à tentação de beijá-la ali, onde ela cheirava tão maravilhosamente a Juliana.

— Eu gostaria de provar a poção. — Ela se afastou seus olhos azuis marinho na escuridão.

— Tem certeza? — Ele assentiu com a cabeça. Seus lábios se curvaram em um amplo sorriso, de boas-vindas, aberto e sem restrições, e sentiu que ele tinha experimentado um golpe na cabeça.

— E agora o que?

Uma excelente pergunta. As pessoas tinham começado a se afastar do fogo, e eles começaram a retornar com o resto ao centro da praça. Ofereceu o braço.

— Gostaria dar uma volta pela grama comigo?

Ela considerou seu braço durante um longo momento, e ele compreendeu sua vacilação, viu o temor em seu olhar quando se encontrou com seu olhar.

— Uma noite.

Cada pedacinho dele gritava que não ia ser suficiente. Mas teria que ser. E ele não se permitia pensar no que o amanhã traria. Ele baixou a cabeça. Estava de acordo.

— Uma noite.

E então ela pôs sua mão sobre seu braço, cálida e firme, e se afastaram do fogo. A luz se desvaneceu, mas o calor se manteve, ardendo mais que antes. Caminharam em silêncio antes que ela dissesse, apontando de novo a fogueira:

— Confesso, sinto-me honrada. Tudo isto, para os católicos. — Um vento fresco varreu a praça, apertando-se mais a ele, e ele resistiu à tentação de colocar um braço ao redor dela.

— Para um católico específico — disse. — Guy Fawkes quase explodiu o Parlamento e quase mata o rei. Bonfire Night é uma celebração pelo fracasso desse complô. — voltou-se para ele, interessada.

— O homem na parte superior da fogueira... É esse o homem? — Ele assentiu com a cabeça, e ela se virou. — Ele não se vê tão perigoso.

Ele se pôs a rir. Ela olhou por cima do ombro com o som.

— Eu gosto de escutar você rir, Sua Graça.

Ele resistiu ao título.

— Sem "Sua Graça" esta noite. Se me der uma noite de liberdade e facilidade, não quero ser um duque. — Não se deu conta que as palavras saíram, mas era inegável a verdade.

Ela inclinou a cabeça em sua direção.

— Uma petição razoável. Então, o que é esta noite? — Ele não tinha que pensar. Ele fez uma pequena reverência em direção a ela e ela riu, o som como música na escuridão.

— Simon Pearson. Sem título. Só o homem. — *Por uma noite, podia imaginar que o homem era suficiente.*

— Espera que as pessoas acreditem que você é um simples senhor?

Se isso era um jogo, por que ele não podia fazer as normas?

— Esta poção é mágica ou não? — Ela sorriu suavemente, devolvendo a mão a seu braço.

— Poderia ser mágica depois de tudo.

Moviam-se em silêncio, por entre um carrinho de doces e uma barraca de empanados de carne de porco e de frango para venda.

— Tem fome? — Perguntou ele. Quando ela assentiu com a cabeça, comprou duas das delícias salgadas e uma meada de vinho, e se virou para ela com um sorriso. — O senhor Pearson gostaria de ter um piquenique improvisado. — O sorriso se alargou.

— Bom, eu não queria desapontá-lo. Não no Bonfire Night. — Dirigiram-se a uma parte mais separada da grama, onde se sentaram em um banco baixo e comeram, observando aos foliões. Um bando de meninos passava correndo perseguindo ou sendo perseguido, suas risadas atrás deles. Juliana suspirou ondulado o som através dele, suave e encantador.

— Estas noites eram minhas favoritas quando era menina — disse, sua voz melodiosa, com seu acento italiano. — Festivais significava uma noite, quando as coisas não têm que ser tão certinhas.

Imaginou a uma menina pequena, muito alta para sua idade, com os joelhos sujos e uma massa de cachos selvagens enredados na brisa, e sorriu à imagem. Inclinou-se, e disse em italiano:

— Teria gostado de ter te conhecido então. Ter visto a jovem Juliana em seu elemento. — Ela riu, gostou que tivesse mudado para sua língua nativa, desfrutando da intimidade que lhes proporcionou.

— Ficaria surpreso com a Juliana menina. Eu sempre estava suja, sempre voltando para casa com um novo descobrimento, me colocando em problemas por gritar no pátio, roubando bolos das cozinhas, causando problemas.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— E acha que tudo isso me surpreende?

Ela sorriu e baixou a cabeça.

— Suponho que não.

— E à medida que crescia? Rompia uma cadeia de corações nessas tardes de festival? — Não deveria fazer tais perguntas. Não era apropriado. Mas esta noite, não havia regras. Esta noite era mais fácil. Esta noite, as perguntas eram permitidas. Ela inclinou a cabeça para o céu com uma risada baixa, líquida e a longa coluna de seu pescoço se iluminou pelo fogo à distância. Resistiu à tentação de apertar os lábios ali na pele delicada e iluminar sua risada com um suspiro de prazer. Quando ela o olhou, não havia malícia em seus olhos.

— Ah! — disse, estirando as pernas para fora diante dele.

— Vejo que não estou equivocado.

— Havia um menino — disse. — Vincenzo.

Simon foi golpeado por uma onda de emoções, curiosidade, ciúmes e intriga tudo junto.

— Conte-me a história.

— Todo ano, em Verona, em abril, é a festa de São Zeno. A cidade se prepara por semanas e celebra como se fosse Natal. Um ano... — calou-se, como se ela não estivesse segura se devia continuar. Ele nunca tinha desejado tanto ouvir o resto da história.

— Não pode parar agora. Quantos anos tinha?

— Dezessete.

Dezessete. Com um rosto fresco e lindo como agora.

— E Vincenzo?

Ela encolheu os ombros.

— Não muito mais. Dezoito talvez?

Simon recordou-se aos dezoito anos, recordou a forma em que pensava das mulheres... As coisas que ele tinha querido fazer com elas.

Que ainda queria fazer com elas.

Com ela.

Ele teve um repentino desejo de ferir este moço italiano desconhecido.

— Os jovens da cidade foram recrutados para ajudar com os preparativos da festa, e eu levava a comida à igreja durante grande parte da manhã. Cada

vez que chegava com um novo prato na mão, Vincenzo estava ali, disposto a ajudar.

Imagino que estava, pensou Simon enquanto ela continuava.

— Isto se prolongou durante uma hora... Quatro ou cinco viagens de casa à igreja... Eu tinha guardado a maior bandeja para o final, um prato enorme de bolos para a comemoração. Saí da casa, minhas mãos cheias, e cortei o caminho através de um estreito beco que conduz à igreja, e ali, sozinho, apoiado contra uma parede, estava Vincenzo. — Uma visão espocou, um magro jovem italiano, de cabelo escuro com os olhos brilhantes de desejo, e Simon pôs suas mãos em punhos.

— Pensei que estava ali para me ajudar com a bandeja.

— Imagino que não foi assim. — Sua voz se tornou grave. Ela sacudiu a cabeça com uma risada.

— Não. Não foi assim. Ele estendeu a mão para o prato, e quando eu o aproximei, ele me roubou um beijo.

Odiava a esse rapaz. Queria-o morto.

— Espero que o tenha golpeado na inguine.

Os olhos dela se entreabriram.

— Senhor Pearson! — brincou, mudando de novo ao inglês. — Que duro você é!

— Parece que esse cachorro o merecia.

— Basta dizer, que eu conduzi a situação. — O regozijo o atravessou. Boa garota. Ele deveria ter sabido que ela se faria cargo. Inclusive se quisesse poderia ter feito por ela.

— O que fez com ele?

— Infelizmente, Vincenzo agora tem uma reputação de beijar com o entusiasmo de um cão baboso.

Simon se pôs a rir forte.

— Bem feito.

Ela sorriu.

— As mulheres não são tão indefesas como pensa, já sabe.

— Nunca pensei que fosse indefesa. De fato, pensei que é como uma gladiadora desde o começo — disse, lhe oferecendo a meada de vinho. Ela sorriu largamente com essas palavras.

— *Um gladiatore?* Eu gosto muito disso — disse antes de beber. — Sim, imagino que sou. — Viu sua bebida, e quando ela baixou a garrafa, ele acrescentou:

— Confesso, sinto-me muito feliz de que ele não soubesse como beijar.

Ela sorriu, e ele foi transpassado ao ver o movimento de sua língua quando a passou sobre uma gota de vinho que ficou nos lábios.

— Não se preocupe. Ele não é concorrência para você. — As palavras saíram casualmente antes de ela se dar conta do significado. O ar se espessou entre eles quase imediatamente, e ela baixou a cabeça, o rubor invadia suas faces. — Não foi minha intenção....

— Agora já disse. — Brincou ele em voz baixa e cheia da necessidade que corria através dele, a necessidade de tomá-la em seus braços e lhe provar toda. — Não vou permitir que desdiga.

Ela levantou a vista, através de suas longas pestanas de ébano, e lhe chamou a atenção sua beleza exuberante. *Um homem poderia passar a vida olhando-a.*

— Não desdigo. — Seu pulso refletiu as palavras, e ele desejava que estivessem em qualquer outro lugar, mas não aqui, nesta praça cheia de gente, com seu irmão e a metade de Yorkshire a pouca distância deles.

Ficou de pé, sabendo que se não o fazia, não seria responsável por seus atos. Inclinou-se, e lhe ofereceu uma mão e puxou-a em toda sua altura. Submerso no aroma dela, que era uma mescla estranha e exótica de groselhas vermelhas e manjerição. Ela levantou o rosto ao dele, o reflexo alaranjado da fogueira brilhava em sua pele, e viu a emoção em seu olhar, sabia que se ele a beijava aqui neste lugar, em público, diante de todos, ela não o empurraria para afastá-lo.

A tentação era premente. Por um momento fugaz, imaginou o que aconteceria se o fizesse, se ele a reclamasse como sua aqui, no centro desta praça no campo. Mudaria tudo em um instante.

A honra exigiria que se casassem, e o escândalo de Georgiana ocuparia o segundo lugar com o duque de Leighton abandonando à filha de um casal marquês para casar-se com a filha de um comerciante italiano de duvidosa legitimidade. *Mas teria Juliana.*

E nesse instante, quase sentia que seria suficiente.

Ele podia fazê-lo, sua boca estava a escassos centímetros da sua, toda suavidade e tentação, e tudo o que tinha que fazer era fechar a distância entre eles.

E ela seria sua.

Viu que a ponta de sua língua rosada acariciou ao longo de seu lábio inferior, e o desejo ferrou através dele.

Quando ela falou, sua voz era ligeira e informal.

— Vamos caminhar um pouco mais?

Ela não sentiu o aperto, a necessidade insuportável que se movia em seu interior?

Ele limpou a garganta, tomando um momento para tirar o som com a esperança de que sua cabeça se aclarasse também.

— Claro — disse, e ela se moveu, deixando-o para atrás como o trágico cachorrinho em que se convertera.

Nunca se sentiu mais agradecido que quando a levou de volta à linha de barracas, já que era mais controlado quando estava perto de outras pessoas, quando ela se movia e não sentia seu calor ao longo dele. Ela levantou o queixo para o ar da noite, enquanto caminhavam, tomando uma respiração profunda e deixando que saísse em um longo suspiro.

— Acho que poderia gostar do campo.

Ele se mostrou surpreso pela declaração, havia tanta energia nela que este tranquilo povoado no campo não parecia estar de acordo.

— Prefere a Londres?

Ela sorriu e ele viu o desprezo a si mesma, no gesto.

— Acho que o campo me prefere.

— Acredito que você pertence a Londres.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não mais. Ao menos, não para o resto do ano. Acredito que ficarei aqui, em Yorkshire. Eu gosto das garotas de Minerva House, Lucrecia gosta de correr pelo campo, e estou disposta a deixar a temporada.

Odiava a ideia de deixá-la no campo. De retornar a Londres, a sua vida aborrecida e pouco excitante sem sua maior emoção. Sua vitalidade se perderia aqui em meio dos campos e as ovelhas. Ela devia se exibir através da névoa da manhã no Hyde Park, através dos salões de baile da sociedade, envolta em sedas e cetins.

Com ele.

Ele conteve o fôlego ante a visão que brilhava em sua mente, Juliana em seu braço, seu par diante da sociedade. *Impossível.*

Ela se deteve na porta de uma barraca, percorrendo com seus dedos pela beirada da renda verde de um simples chapéu. A viu raspar suave e delicadamente as unhas ao passar pela ponta, perguntou-se como se sentiria esse dedo enquanto roçava seu pescoço... Seus ombros... Pelo torso... Seu membro cresceu imediatamente duro, se levantando, agradecido pela escuridão, mas sem olhar para outro lado, fascinado pela forma em que acariciava o chapéu. Por último, quando não pôde suportar vê-la acariciar o chapéu um pouco mais, tirou uma bolsa de moedas de seu bolso e disse ao lojista:

— Eu gostaria de comprar o chapéu para a dama.

Os olhos dela se abriram como pratos.

— Não pode.

Mas o homem na praça já tinha pegado a moeda.

— Gostaria de usá-lo, milady?

Ela o ignorou, olhando para cima para encontrar-se com o olhar de Simon.

— Não pode. Não pode me comprar roupa.

Levantou o chapéu de onde estava e jogou uma moeda adicional para o vendedor. Sustentando-o longe de Juliana, disse:

— Pensei que tínhamos bebido a poção.

Ela olhou o chapéu por um longo momento, e ele pensou que não iria pegá-lo. Quando pegou, ele deixou escapar um longo suspiro que não sabia que estava segurando.

— E, além disso — brincou — prometi comprar um chapéu para substituir o que perdeu.

Viu que evocava as lembranças em sua mente. Recordou a sensação dela, tremendo de frio em seus braços. Tomara que não as tivesse evocado.

— Se por acaso a memória falha, Sr. Pearson — Ela vacilou, girando o chapéu em suas mãos — Você se ofereceu para comprar uma dúzia.

Ele assentiu com a cabeça em fingida seriedade e se voltou para o lojista.

— Tem mais onze destes? Talvez em outras cores?

Os olhos do homem se abriram como pratos, e Juliana se pôs a rir, agarrando-o pelo braço e puxando-o fora da tenda. Ela sorriu largamente ao vendedor.

— Ele não queria dizer isso. Mil desculpas. — Os olhos do homem se iluminaram.

— Isto é Bonfire Night, senhora, algo a respeito da queima do boneco faz a nós todos nos comportarmos como uns ácaros loucos.

Enquanto se afastavam, Simon disse:

— Eu teria dito uns ácaros mais divertidos.

— Seis de um, ou uma meia dúzia do outro quando se trata de seu sexo — disse ela secamente, e foi sua vez de rir.

Tinham caminhado vários metros quando ela diminuiu o passo, uma vez mais, e lhe lançou um olhar de lado antes de voltar sua atenção para o chapéu em suas mãos.

— Obrigada.

— Foi um prazer. — E o tinha sido. Queria comprar uma centena de chapéus. E mantos e vestidos, cavalos e selas de montaria e pianos e tudo o que ela quisesse. O que a fizesse feliz, ele queria que ela tivesse em abundância. Assim quando ela disse:

— Sinto muito — e ele ouviu a tristeza em seu tom, não gostou absolutamente. Deteve-se, até que ela se voltou para ele uma vez mais.

— Por quê?

Ela levantou um ombro em um gesto minúsculo.

Deus, ele estava começando a adorar cada vez que encolhia os ombros.

— Por tudo. Por ser tão difícil. Por te desafiar e provocar, e pelo envio das inapropriadas notas, não desejadas, e por te fazer se zangar e frustrar e fazer todas essas coisas... Assim... Difíceis. — Ela o olhou, e viu a honestidade e a contrição em seus enormes olhos azuis. Ela negou com a cabeça uma vez, antes de continuar. — Eu não sabia Simon... Eu não sabia que tinha razão, em estar tão preocupado pela polêmica e a reputação. Se tivesse sabido... — calou-se, olhando por sobre seu ombro à fogueira, como se olhar para ele pudesse ser muito doloroso. E então ela sussurrou: — Se tivesse sabido, nunca teria feito essa tola provocação. Nunca teria levado isso tão longe. — As palavras eram tão suaves, se o vento tivesse soprado em outra direção, não as teria escutado. Não teria ouvido a tristeza nelas. — Sinto muito.

Eles estavam no outro extremo da grama agora, onde a linha de tendas terminava, e Simon não pensou duas vezes puxando-a para a escuridão, em volta da barraca e para um grupo de árvores no canto da praça.

— Acredito que nos pusemos de acordo que esta noite seríamos simples — disse, as palavras suaves na intimidade do espaço: as árvores lhes dando amparo na escuridão, a luz bruxuleante e os sons da fogueira tão suficientemente longe que tudo parecia um sonho.

Como se realmente tivessem tomado uma poção mágica.

Como se esta noite fosse diferente.

Ele sentiu mais do que a viu sacudir a cabeça.

— Mas não é assim, em realidade, verdade? Você continua sendo um duque, e eu... Bom, eu sou o que sou.

— Não, Juliana. — sussurrou, aproximando-se, levantando uma mão para lhe acariciar o queixo e inclinando seu rosto para ele. — Não esta noite. — Teria gostado de poder ver seu rosto.

— Sim, inclusive esta noite. Nem sequer a magia pode desfazer isso, Simon. Estamos muito bem esclarecidos. — Sua voz se envolvia ao redor dele, cheia de emoção, de dor. — Só quero que saiba... Quero que saiba que

eu entendo. E que se pudesse voltar para aquela noite, quando fiz minha provocação, voltaria tudo atrás.

Ele não queria que ela voltasse tudo atrás.

— Eu gostaria de poder voltar atrás e escolher uma carruagem diferente.

O ciúme irracional estalou ante a ideia desta realidade alternativa, onde outro homem a teria encontrado no piso de sua carruagem. *Ela era dele.* A onda de possessividade era inquietante, e ele a soltou enquanto tratava de controlar-se. Ela entendeu mal seu movimento e deu um passo atrás, pondo distância entre eles. Ele sentiu sua perda.

— Sabia que hoje cumprimos duas semanas? — Ele não tinha pensado nessa negociação durante dias. Nunca, desde que tinha chegado a Yorkshire. Fez um rápido cálculo de tempo.

— Duas semanas esta noite. Sim.

E você cumpriu sua promessa de me mostrar a paixão. Ele não disse as palavras. Não teve chance de dizer.

— Eu não fiz que ficasse de joelhos.

Ela tinha feito pior. Sentia-se como se lhe tivesse arrancado o coração de seu peito.

— Em algum lugar, meu plano deu errado — ela disse sua voz tão suave que mal se podia ouvi-la na escuridão. — Por que em lugar de te fazer descobrir que a paixão é tudo, descobri que a paixão não é nada sem amor.

O que estava dizendo? Era possível que ela...?

Estendeu a mão para ela, seus dedos roçando seus braços e ela se afastou, retrocedendo mais na escuridão.

— O que significa isso? — Uma risada, sem senso de humor saiu dela, e ele queria desesperadamente ver seu rosto. — Juliana? — Ele mal podia distinguir sua silhueta na escuridão.

— Não percebe Simon? — Havia um tremor em sua voz, e ele o odiava. — Eu te amo.

Não foi até que escutou as palavras em sua língua, em seu lindo acento lírico, que se deu conta do muito que ele quis ouvi-la dizer isso. *Ela o amava.* O pensamento se apoderou dele, o prazer e a dor, e tudo o que sabia era que

ia morrer se ela não estava em seus braços. Não queria nada mais que abraçá-la. Não sabia o que viria depois disso, mas era um começo. *Ela o amava*. Com o nome dela em seus lábios, aproximou-se dela, certo de que por este momento, por esta tarde, ela era sua.

Ele a tomou em seus braços, e ela lutou contra seu agarre.

— Não. Deixe-me ir.

— Diga outra vez — disse, nunca tinha desejado tanto algo. Não tinha direito a isso. Mas ele o desejava de todos os modos.

— Não. — Ele escutou o lamento em sua voz. — Não deveria ter dito isso, para começar.

Ele sorriu. Não podia evitar.

— Mulher obstinada. — Ele a atraiu mais perto, com uma mão sobre a delicada curva de seu pescoço, inclinando seu rosto para o seu. — Diga de novo.

— Não.

Beijou-a, apertando os lábios com força e determinação, e ela cedeu imediatamente a ele. Ele gemeu ante sua doçura, o sabor do vinho e especiarias em seus lábios, mas se afastou antes que se perdesse nela.

— Diga de novo.

Ela deu um pequeno bufo de enfado.

— Eu te amo.

Não lhe importava que ela parecesse torturada. As palavras fizeram fogo arder através dele.

— Com sentimento, sereia. — Ela vacilou, e ele pensou que ela poderia afastar-se antes que se entregasse a esse momento, com as mãos nos braços, aproximou-se e lhe acariciou a nuca, os dedos em seus cachos, acariciando dessa maneira que o punha em chamas. Sua boca a um fio dele, e quando falou, sua voz era baixa, suave e perfeita.

— *Ti amo*. — Ela dizendo as palavras em sua língua nativa, inteirou-se da verdade.

E isso o matou. Nesse momento, teria lhe dado tudo o que tivesse pedido... Sempre e quando nunca deixasse de amá-lo.

— Beije-me outra vez — sussurrou ela.

O pedido não era necessário; seus lábios já estavam sobre ela. Uma e outra vez tomou a sua boca, procurando o ângulo perfeito, fundindo-se contra seu peito e acariciando-a profundamente com beijos demorados e lentos que ameaçavam sua força e sua prudência. Beijaram-se como se tivessem uma eternidade, longo e lânguido, e correspondeu ao movimento, áspero quando era áspero, suave quando ele era suave.

Ela era perfeita. Eles se combinavam perfeitamente.

— Juliana — disse, mal reconhecendo sua própria voz quando fez uma pausa entre beijo e beijo. — Deus, é tão bela.

Ela riu, e o som foi diretamente a seu núcleo.

— Está escuro. Não pode ver. — Suas mãos acariciaram todo seu corpo, muito bem arredondado em todos os lugares adequados, apertando-a com força contra ele até que ambos ficaram sem fôlego ante a sensação.

— Mas posso senti-lo — ele sussurrou contra seus lábios, e se beijaram de novo, tudo lábios suaves e línguas enredando-se. Quando ela se apartou, e acariciou ao longo de seu lábio inferior com a língua de seda, enviou uma adaga de desejo que o percorreu, ele grunhiu e tomou um de seus seios, altos, e beliscou a ponta através das camadas de sua roupa. Ela gemeu, e o som era como o de uma sereia chamando, rogando que a venerasse com sua boca e com seu corpo.

Ele desejava deitá-la no chão de grama deste pequeno paraíso e lhe fazer amor até que nenhum dos dois recordasse seus nomes.

Não.

Eles estavam em uma praça pública.

Ele tinha que parar.

Ela merecia algo melhor.

Eles tinham que parar.

Antes que ele a arruinasse.

Ele a afastou, finalizando o beijo.

— Espere!

Ambos estavam respirando agitadamente, o pequeno gemido de sua respiração o fez doer com a necessidade. Ele a soltou e deu um passo atrás, todo seu corpo protestando.

— Devemos parar!

— Por quê? — A simples e inocente pergunta esteve perto de fazê-lo mudar de opinião. Ele merecia uma medalha por conseguir tal resistência.

Deus, ele a desejava.

E estava sendo impossível estar perto dela sem ameaçar seriamente sua reputação.

Ameaçar sua reputação?

A reputação dela ficaria em migalhas se alguém os encontrava.

— Simon... — ela disse, e ele odiou a calma em seu tom. — Isto é tudo o que nós temos. Uma noite.

Uma noite.

Isso teria soado tão simples uma hora antes, quando eles estavam rindo e se provocando e pretendendo ser outras pessoas diferentes de quem realmente eram.

Mas agora, enquanto ele estava parado na escuridão com ela, ele não desejava ser outro alguém. Desejava ser ele. E desejava que ela fosse ela. E ele desejava que fosse suficiente.

Mas não era.

Nem tão pouco que fosse só por uma noite.

Ele não podia estar perto dela mais tempo. Não sem tomar o que ele desejava. Não sem arruiná-la.

E ele não podia arruiná-la.

Então, ele disse a única coisa que podia dizer, agradecido porque a escuridão lhe ajudava a se esconder dela para que não pudesse ver a verdade em seus olhos. Porque com uma só palavra, ela poderia tê-lo sobre seus joelhos, rogando por ela.

— A noite terminou.

Ela congelou e ele odiou a si mesmo.

Odiou-se até mais quando ela se virou e saiu correndo.

CAPÍTULO 17



Há partes da casa que frequentemente são tentações. Uma dama refinada tranca a porta.

Um tratado sobre a mais deliciosa das damas

Culpamos a uma epidemia de uniões por amor à escandalosa onda de compromissos quebrados esta temporada...

A folha do escândalo, novembro 1823.

Várias horas depois, todos em Townsend Park estavam dormidos, mas Juliana passeava pelo perímetro de seu dormitório, furiosa.

Furiosa consigo mesma por ter confessado seus sentimentos a Simon.

Furiosa com ele por negar-se a ela, por empurrá-la a afastar-se dele.

Num momento eles estavam brincando a respeito de poções mágicas e desfrutando de uma noite de simplicidade, e no seguinte, tinha confessado seu amor e estava em seus braços.

E foi maravilhoso, até o momento em que ele a rechaçou. Que idiota tinha sido, dizendo que o amava.

Não importava que fosse verdade.

Deteve-se ao pé da cama, com os olhos fechados em extrema mortificação.

O que ela tinha pensado?

Ela claramente não estava pensando.

Ou talvez estivesse pensando que isso poderia mudar algo.

Sentou-se no extremo da cama com um suspiro, e logo cobriu a cara com ambas as mãos, deixando que a humilhação a invadisse até a tristeza

começar.

Ela o amava.

Ela sabia que não o podia ter. Ela sabia que ele não podia dar as costas a sua família, a seu título e a sua prometida, mas possivelmente, em algum canto tranquilo e escuro de sua mente, ela tinha guardado a esperança de que dizendo essas palavras abriria um mundo secreto onde seu amor fosse suficiente.

O suficiente para superar a necessidade do decoro e da reputação.

O suficiente para ele.

E então ela havia dito. Em voz alta. E enquanto as palavras ecoavam ao redor do pequeno conjunto de árvores, ela tinha desejado, imediatamente, poder retirá-las de volta. Como se não as houvesse dito. Porque agora que ela tinha confessado seu amor, tudo estava pior.

Porque ao dizer em voz alta elas se fizeram muito mais reais.

Ela o amava.

Antes desta noite, tinha gostado do certinho, arrogante e intocável Simon, com sua inclinação pela correção e sua fachada tranquila, e fria. E ela tinha amado sacudi-lo, romper essa fachada, e dar rédea solta ao quente, e apaixonado Simon que não podia deixar de beijá-la, de tocá-la, de falar com ela de uma forma obscura e malvada.

Mas esta noite, ela tinha se apaixonado pelo resto dele, de seu sorriso secreto, do Simon brincalhão que se escondia no interior do duque de Leighton.

E ela o queria para ela.

Salvo, que nunca seria dela. Ela era uma coleção de enganos que esta cultura nunca aceitaria como sua esposa; ele nunca aceitaria a filha italiana, católica de uma marquesa decaída que continuava incitando o escândalo. E enquanto ele fosse o duque de Leighton, sua união nunca iria se realizar. Eles estavam destinados para outros.

Bom, ele estava destinado para outra.

Ela se acalmou com esse pensamento, e de repente, com uma claridade assombrosa, ela soube o que viria depois. Ficou de pé, movendo-se para o

biombo de vestir no canto. Ela se ofereceria por uma noite. Amanhã pensaria a respeito do que viria depois, Londres, Itália, uma vida sem Simon.

Mas esta noite, ela se permitiria isto. Uma noite, com ele.

Pôs uma bata de seda, atando o cinturão ao redor de sua cintura e se dirigiu à porta de sua habitação antes que pudesse reconsiderar suas ações. Saiu do quarto, arrastou-se até a beirada do corredor escuro, com uma mão na parede, contando as portas enquanto avançava. Dois. Três. Na quarta, fez uma pausa, a mão estendida plana sobre o mogno, com o coração pulsando fortemente em seu peito.

Prosseguiu, por fim, suas ações seriam tão escandalosas como a sociedade sempre tinha esperado que fossem. E é provável que ela tivesse que pagar caro.

Mas ela não se arrependeria.

De fato, se ela não fizesse essa noite... Ela lamentaria por sempre.

Ela respirou fundo e abriu a porta. A única luz na habitação era da lareira, e levou um momento para que Juliana visse Simon, de pé junto ao fogo, com um copo de uísque na mão, vestido só com botas, calças e em mangas de camisa.

Ele se voltou para a porta quando ela a fechou com firmeza detrás dela, o choque em seu rosto rapidamente foi substituído por algo mais perigoso.

— O que está fazendo aqui? — Perguntou, dando um passo para ela antes de deter-se na metade de caminho, como se tivesse batido em uma parede invisível.

Ela deu uma respiração profunda.

— A noite não acabou Simon. Deve-me o resto.

Ele fechou os olhos, e ela pensou que poderia estar pedindo paciência.

— Diga que não está neste quarto comigo. Diga que não está aqui usando nada mais que suas roupas de dormir.

Ele abriu os olhos, e seu olhar a encontrou quente e lânguida, como o mel. Cauterizando através dela, lhe recordando o muito que amava seu calor, suas carícias, seus beijos... Ele.

Não poderia viver o resto de sua vida sem este momento... Esta noite... Sem saber o que seria ser dele.

Era agora ou nunca. E não havia tempo para duvidar.

Levou as mãos à faixa de sua bata de seda, e desta se desfez em movimentos rápidos e econômicos, antes que ele pudesse detê-la. Antes que ela pudesse se deter.

Uma noite.

Chamando à sereia dentro dela, Juliana disse:

— Eu não uso roupa de dormir, Simon. — Ela deixou cair a seda a seus pés em uma piscina enorme de safira.

À medida que Simon se deleitava em seu impressionante corpo nu, todo longo e exuberante e de bela perfeição, ele não estava pensando que ela era uma beleza assombrosa, apesar de que era completamente.

Ele tão pouco estava pensando que devia resistir, que devia envolvê-la em sua bata de seda descartada no chão e devolvê-la ao seu dormitório, apesar de que absolutamente ele deveria ter feito isso.

Tampouco estava pensando que ele deveria esquecer que isto nunca tinha acontecido, porque com toda honestidade, ele sabia que seria um esforço inútil quando o enfrentasse. E ele nunca, nunca esqueceria este momento.

O momento quando se deu conta de que ela ia ser dele.

A verdade das palavras foi quase insuportável, enquanto a via diante dele, audaz, valente e perfeita, e insistindo a que tomasse o que lhe oferecia.

Ela estava aqui. E estava nua.

E ela o amava.

Ele não tinha nem a vontade nem a força para despedi-la, não quando a desejava tanto.

Não havia um homem na terra que pudesse resistir a ela.

E ele tentava fazê-lo.

Tudo iria mudar.

As palavras atravessaram sua mente como um sussurro, e ele não estava certo de que se tratava de uma advertência ou uma promessa. Mas já não lhe

importava.

Ela estava de pé e ainda orgulhosa, diante dele, sua formosa pele reluzente à luz dourada intermitente, que projetava sombras perversas e atraentes nela.

Ela tinha soltado seu cabelo, e seus cachos de ébano envolviam seus ombros e seus grandes e firmes seios, como se fosse uma pintura clássica e não algo absolutamente real. Suas mãos estavam aos lados, os dedos apertados como se estivesse tratando conscientemente de não cobrir o triângulo escuro e perfeito que ocultava seus segredos mais tentadores.

Esteve a ponto de gemer ante a perfeição dela.

Era uma oferenda de sacrifício no templo de sua prudência.

Ela respirou fundo, como se fosse um suspiro longo e tremulo, e se deu conta de que a suave pele de seu ventre estava tremendo, a curvilínea cintura, a ascensão e queda dos seios, o tremor em sua garganta.

Estava nervosa.

Ele deixou cair o copo que tinha na mão ao chão, sem importar o lugar onde caísse ou o que arruinasse tratando só de chegar a ela.

E então ele estava sustentando-a, levantando-a contra seu peito, e ela tinha envolvido seus braços ao redor de seu pescoço e suas pernas ao redor de sua cintura, e afundando os dedos em seu cabelo, e ele pôs sua boca sobre a dela.

O beijo foi áspero e abrasador, e ela correspondendo a sua necessidade; aonde ele ia, ela o seguia, abrindo-se para ele, dando tudo o que ele perguntava com uma série de pequenos suspiros sem sentido, que o inflamavam em chamas.

Ela era sua.

Separou os lábios dela, dando um pequeno espaço para respirar.

— Se ficar... Vai entregar-se para mim. — Tinha que entender isso. Tinha que tomar sua própria decisão.

Ela assentiu com a cabeça, os olhos carregados de desejo.

— Sim. Eu sou sua.

Ele balançou a cabeça, sabendo que teriam segundos antes que sua paixão tomasse conta, e eles estivessem irremediavelmente perdidos.

— Vai agora, se tiver alguma dúvida.

Houve uma pausa e a necessidade de possuí-la corria através dele, espessa e implacável. Seu olhar limpo, azul e belo.

— Não tenho nenhuma dúvida, Simon. — Ela aproximou seus lábios quase tocando os dele, ameaçando enlouquecê-lo. — Mostre-me tudo isso.

Seu controle se partiu, e já não lhe importava. Estava afligido com o desejo primitivo enquanto a beijava uma e outra vez, suas mãos deslizavam sobre sua pele quente, imensamente suave, pressionando-a para ele, sujeitando sua parte inferior e arredondada entre suas mãos. Ele se afastou o suficiente para falar.

— É minha. -disse, e ouviu a falta de controle nas palavras. Não lhe importou. O que ele sentia por ela nesse momento era totalmente primitivo. — Minha. — repetia, negando o beijo que ela procurava, e logo ela o olhou aos olhos. — Minha.

— Sim — disse ela, balançando-se contra ele, seu calor contra a longitude dele fazendo-o se sentir selvagem. — Eu sou sua.

Ele a recompensou com outro beijo. Deus, como amava beijá-la. Adorava seu sabor, seu entusiasmo, a forma em que o incendiava com o movimento de sua língua. Quando ele se retirou brevemente para olhá-la nos olhos de novo, incrivelmente azuis cheios de desejo, ela negou com a cabeça quase imediatamente.

— Eu sou sua. — repetiu ela, tomando seu lábio inferior entre os dentes e puxando-o em um beijo. Ele gemeu ante a mordida, seguido pelo suave roce brando de sua língua passando insuportavelmente pelo lugar em que seus dentes tinham estado.

Ela era sua sereia. Tinha sido desde o começo.

Para trás ficou o duque refinado que a tinha afastado na praça do povoado, que a tinha enviado de volta a sua família com toda a resistência adequada que lhe exigia sua posição de cavalheiro. Em seu lugar havia um mero homem de carne e osso e com fome.

E ela era seu banquete.

Levou-a para cama, sabendo que tudo estava a ponto de mudar e não se importou. Ele a seguiu até os suaves lençóis de linho, pressionando entre suas coxas longas e quentes, e tomando sua boca uma e outra vez, lhe sussurrando entre beijos, tanto em inglês como em italiano.

— Minha sereia... *Carina...* Tão suave... Tão formosa... *Che bela... Che belíssima.*

Ela se retorcia debaixo dele, pressionando e balançando-se contra ele enquanto suas mãos puxavam sua camisa, tirando o objeto até que ela teve acesso a sua pele nua. E logo seus dedos estavam sobre ele, deixando uma esteira de fogo pelas costas, e ele pensou que poderia morrer se não estivesse mais perto dela. Ele se elevou sobre ela, assobiando seu prazer enquanto o movimento o pressionava duro e grosso, contra o corpo mais suave, e mais quente dela.

Olhando-a, ele viu seus lábios grossos, lábios picados por seus beijos, as faces vermelhas, e seus enormes olhos azuis, cheios de desejo. As mãos dela se moveram em torno de seu estômago e empurraram para baixo da camisa, percorrendo seu peito, até que seu dedo polegar e rebelde encontrou um mamilo e ele ofegou.

Um malvado reconhecimento brilhou em seu olhar, e ela o fez de novo uma vez, duas vezes, antes que lhe sussurrasse:

— Está me matando — e se inclinou para tomar sua boca uma vez mais. Quando levantou a cabeça outra vez, ela disse:

— Tire tudo isso. Quero estar mais perto. Tão perto como é possível. — E ele pensou que se afogaria no calor de suas palavras.

A camisa se foi imediatamente, e ele tomou sua boca de novo, acariciando-a profundamente antes que ele se separasse dela para ter acesso ao exuberante corpo dela. Juliana reclamou pela perda dele, alcançando-o antes que ele tomasse suas mãos e as pusesse sobre a cabeça, as sustentando facilmente em uma das suas.

— Não. Você é minha. — disse, enquanto sua mão livre baixava para acariciar a ponta de um formoso seio, circulando-o, até que ficou duro e rogando por sua boca. — Você veio para mim. — sussurrou em seu ouvido, lambendo o lóbulo suave ali. — Por que, minha sereia?

— Eu... — começou, detendo-se quando ele tomou a ponta de um dos seios entre os dedos.

— Por quê? — Repetia desesperado por escutar sua resposta.

— Eu desejava esta noite... — Ofegou ela.

— Por quê? — Ele arrastou seus lábios em sua garganta, colocou a língua no oco de sua base.

— Eu... — Ela se deteve enquanto ele pressionava beijos suaves sobre a pele de seu seio, deixando um rastro enquanto se dirigia para a ponta dolorida. — Simon... — O sussurro era uma súplica. Deus, ele amava o som de seu nome em seus lábios. Soprou um longo jato de ar sobre o mamilo, deleitando-se com o endurecimento da pele por seu fôlego. — Por favor...

— Por que veio para mim?

Diga, ele desejava ouvir, mesmo sabendo que este não era seu lugar. Mesmo sabendo que ele não o merecia.

— Eu te amo.

Um estremecimento percorreu através dele pelas palavras tão simples. Tão honestas. Tomou a ponta sem esforço entre os lábios, premiando-a com longas sucções na doce carne. Amava a forma em que ela se retorcia contra ele, a forma em que gritou quando ele passou a língua e os dentes sobre sua carne sensível, a forma em que suas mãos retorciam os dedos emaranhando-os através de seus cabelos. Quando levantou a cabeça, os dois estavam respirando com dificuldade, e estava desesperado por tocá-la por toda parte.

Saboreá-la por toda parte.

— Diga uma vez mais.

— Eu te amo.

Soltou suas mãos, deslizando-se sobre seu corpo, deixando um rastro de beijos quentes ao longo de seus seios e seu estômago, pela dobra suave onde a coxa e o quadril se uniam e o aroma de seu sexo era insuportavelmente perfeito. Ele estava viciado em sua suavidade, à sensação dela, à forma em que se agarrava aos lençóis e movia os quadris contra ele. Nunca tinha querido algo em sua vida do modo que a queria. Agora.

E ela estava aqui.

E ela era sua.

Simon se levantou da cama, ajoelhando-se a um lado. Ela se levantou imediatamente.

— O que faz? — A questão levou a um leve gemido quando ele a atraiu para si à beira da cama, deixando que suas pernas pendurassem sobre um lado, e acariciou sua pele suave e lisa do tornozelo até o joelho. Ele olhou suas mãos, grandes e bronzeadas, seguindo a curva de suas pernas, e não pôde resistir pôr as palmas de suas mãos em suas panturrilhas fortes e bem feitas, e lhe separar as pernas.

— Que faz...? Simon! — Ofegou ela, e ele se inclinou para frente, insinuando seu corpo entre suas coxas. Suas mãos voaram para cobrir o lugar que ele estava desesperado por tocar, e ele mordeu ligeiramente a ponta do queixo dela com os dentes.

— Deite-se, Sereia.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não posso. Você não pode.

— Sim você pode. E eu farei. — Ouviu a gravidade em seu tom. Sentia o desejo desesperado correndo através dele. Se ela não o deixasse tocá-la logo... — Você pediu tudo. — Disse ele, as palavras graves em seu ouvido. — Isto é parte disso.

Ela se afastou, e se ele não tivesse estado tão duro e dolorido como estava, teria rido pelo cepticismo de seu olhar.

— Nunca ouvi falar disto.

— Você está se entregando a mim — disse ele, afastando as coxas mais amplamente, deslizando suas mãos mais para o alto, tocando com sua língua o arco perfeito de uma de suas faces. — Isto é o que quero. — Ela conteve a respiração quando seus dedos chegaram onde ela tinha suas mãos, protegendo-se de sua vista. Ele acariciou com a ponta dos dedos a pele de suas mãos. Acariciou outra vez, até um delicado pulso, e logo para baixo. — Acho que você também deseja.

Ele se moveu de novo a seu ouvido, amando seu acanhamento, sua incerteza. Querendo ensinar a compartilhar seus segredos.

— Dói aqui, não? — Ela assentiu com a cabeça, levemente, e uma onda de prazer masculino correu através dele. — Eu posso acabar com isso. — Ela exalou um longo suspiro, tremulo, e esse som foi diretamente a seu pênis longo e duro. Apertou os dentes. Não. Isto era para ela. Ela encontraria seu prazer. Ele o daria a ela, e tomaria o seu disso.

— Simon — disse ela, seu acento envolvendo as sílabas de seu nome como um punho. — Por favor.

— Deite — sussurrou, ao pressioná-la para a cama com seu beijo antes de tê-la onde ele queria que desesperadamente estivesse. Deu um beijo suave em um dos nódulos.

— Deixe-me entrar — Quando o fez, deixando descobertas as dobras de seu sexo, ele gemeu de prazer. Ele estendeu seus lábios suavemente e ela levantou os quadris para ele. Ela era tão tenra, estava tão pronta para ele. Sedosa, úmida e perfeita.

Correu um dedo em seu centro, escutando sua respiração e os gritinhos que dava enquanto ele a explorava. Ele a descobriu, pressionando e acariciando, escutando os sons de seu prazer, e logo deslizou um dedo em seu núcleo quente e úmido. Ela estava tão apertada, que saltou da beira da cama ante a sensação. Levantou a vista para seu corpo enquanto ela se levantou da cama e ele bebeu da visão que ela era, seu precioso cabelo negro, com os olhos brilhantes como safiras pelo prazer, os lábios carnudos, de cor rosa apenas se entreabriam enquanto ofegava para recuperar o fôlego.

Nunca tinha querido tanto algo como ele a desejava.

Moveu a mão, amando a forma em que seus olhos se fecharam logo os abriu a tempo para o movimento. Ele se inclinou para frente, lançou um grande jato de ar diretamente no centro de seu prazer, e se vangloriou do grito de paixão que ela não pôde deixar de soltar.

Ele morreria se não levava sua boca sobre ela logo. Esfregou o polegar sobre o clitóris inchado e palpitante dela, e ela gritou sua resposta, seu acanhamento se foi.

— Me beije.

— Como quiser — disse ele, e colocou seus lábios sobre ela, olhando-a enquanto pressionava sua língua sobre o lugar onde o polegar tinha estado,

lhe fazendo amor com lentidão, saboreando seu centro. Ela se arqueou na cama, afundando os dedos em seus cabelos e sujeitando-o contra ela enquanto se movia contra sua boca. Ela era vinho, e ele estava obcecado imediatamente com seu sabor, com a aprendizagem das coisas que gostava, com o único desejo de lhe dar prazer. Para enlouquecê-la.

Ele o fez. Os lentos círculos se converteram pouco a pouco em movimentos mais rápidos, sua língua trabalhando uma vez que sentia a flexão dos dedos dela em seus cabelos, e então ela se levantou da cama oferecendo-se a ele. Ele tomou, sustentando-a contra sua boca enquanto ela encontrava seu prazer, a satisfação masculina ondulava através dele.

E quando ela encontrou seu clímax em seus braços, ele estava ali a sustentando, acariciando-a, trazendo-a de volta a terra.

Ele levantou a cabeça depois da última onda de prazer que a percorreu, e se moveu para deitar-se a seu lado, com vontade de abraçá-la, de mantê-la a salvo. Beijou-a no pescoço, chupando brandamente a delicada pele dali até que ela suspirou. Poderia lhe dar prazer para sempre. Ele poderia estar na cama com ela e adorá-la por uma eternidade. Ele tomou um mamilo na boca, provocando-o até que ela sussurrou seu nome, e logo a beijou, colocando a mão entre as coxas em uma necessidade inegável de marcá-la como sua. Suas pernas abertas contra o peso de sua mão e os dedos dela se deslizaram por seu torso para a cintura de suas calças.

— Simon — disse ela, e o prazer satisfeito de sua voz o fez ficar terrivelmente duro. — Tire as calças.

Deus, sim.

Ele fechou os olhos contra esse pensamento.

— Tem certeza? — Se ele ficasse nu com ela, não haveria volta. Ela assentiu com a cabeça, seus olhos de safira, escuros com a paixão.

— Muito certa. — Ela o teria. Uma e outra vez, pelo resto de seus dias.

Beijou-a de novo, lento e profundo.

— Eu não posso te negar nada. — E enquanto as palavras ecoavam entre eles, ele sabia que era verdade. Ela era tudo o que sempre tinha querido. E ele ia fazer todo o possível para mantê-la em seu mundo. Nada mais importava.

As mãos dela se moveram torpemente nos botões de suas calças até que não pôde suportar a torpe pressão, e se levantou da cama para tirar as calças e as botas o mais rápido possível. Voltando para ela, gemeu seu prazer enquanto se acomodava entre suas coxas de seda, desesperado por estar dentro dela.

— Espere — sussurrou ela, indo rapidamente para trás, afastando-se dele.
— Quero ver.

Ele entrecerrou seus olhos sobre ela e a seguiu através da cama.

— Agora não. A próxima vez. — Ele se apoderou de suas pernas e a puxou para ele, esfregando-se contra ela até que ela suspirou pela fricção.

— Mas... Só temos uma noite. Esta é minha única oportunidade de te ver.

Ficou gelado ao ouvir as palavras, com as mãos chegando a seu rosto, sustentando-a com firmeza para poder olhá-la aos olhos. Viu a tristeza ali, o desespero, afligida pela paixão.

Isto não poderia ser só uma noite. Ela tinha que saber isso.

Ele nunca a deixaria ir.

Tudo tinha mudado.

— Juliana — ele sussurrou baixo e obscuro, empurrando através de sua umidade para que a ponta dele esfregasse seu ponto mais sensível. Viu como seus olhos se abriram, seguidos por uma nuvem de prazer. — Não me faça parar. — Repetiu o movimento e ela baixou as pálpebras.

— Não. Não pare.

Ele pressionou em sua entrada, entrando em sua ardente e apertada vagina, antes que ele fizesse uma pausa, a coisa mais difícil que tinha jamais feito, e a olhou. — Está tudo bem?

Ela assentiu com a cabeça uma vez, tomando seu lábio inferior entre os dentes e o movimento fez que um calafrio de desejo corresse diretamente por seu ser. Mas ele não queria arruinar seu primeiro gosto da paixão. Manteve-se ali, imóvel, deleitando-se com seu calor, sem desejar nada mais que empurrar até o fundo e enterrar a si mesmo dentro dela.

— Eu não quero te machucar.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não vai.

Colocou a mão entre eles, acariciando o núcleo sensível dela até que ficou sem fôlego pelo prazer.

—Eu vou. Mas logo farei todo o possível para não te machucar de novo. — Ele a olhou nos olhos antes de baixar a língua por seu lábio inferior, dizendo: — Olhe para mim. Quero te ver.

Ela assentiu com a cabeça e se balançou contra ele, o que facilitou cada vez mais sua passagem pela apertada vagina, tratando de ser amável, vendo a dor e o prazer brigar dentro dela enquanto se ajustava a suas suaves investidas, cada uma mais profunda que a anterior. Ele estava enterrado até o punho, e ambos respiravam agitadamente.

Ela sussurrou:

— Tem os olhos mais bonitos.

O prazer o atravessou completamente pelo inesperado, e ele a beijou longa e lentamente. Puxando para trás, sorriu, balançando-se brandamente em contra ela.

— Impossível. Não são nada em comparação aos seus.

Estava desesperado por mover-se. Desesperado por alcançar a liberação que seu corpo tinha estado pedindo durante toda a noite. Em seu lugar, deu um beijo na sua mandíbula, e lhe disse:

— Está doendo, sereia?

Ela sacudiu a cabeça, e quando falou, escutou algo maravilhoso em seu tom.

— Não... Sinto... Simon posso te sentir... Em todas as partes. — Ela relaxou e pressionou para cima para acompanhar seus movimentos. Ele sussurrou de prazer. Ela passou as mãos pelas costas até a curva de suas nádegas e o abraçou fortemente contra ela.

— Faz isso outra vez. Mais forte. — Ele gemeu. Ela ia matá-lo.

Ele começou a mover-se, mais profundo, mais rápido, com mais potência, e ela gemeu seu prazer em seu ouvido, pondo em perigo sua saúde mental. Em um momento, ela estava sussurrando seu nome, com as mãos enredadas nos cabelos, movendo-se com ele justo quando suas investidas eram mais

profundas e suaves. Nunca esteve tão preparado para alcançar seu prazer, mas não quis deixar-se ir sem ela. Queria-a com ele quando se lançasse sobre a borda.

Eles se balançaram juntos, construindo sensações, até que ambos ficaram sem fôlego.

— Simon... Isto é... Não posso parar.

— Nem eu posso — ele saiu e entrou novamente até que quase tinha desaparecido dentro dela, logo voltou a fazê-lo, afundando-se em seu calor. Como tinha pensado alguma vez que podia resistir a ela? — Olhe para mim, amor. Quero ver.

Ela o fez, e sua queda no prazer foi sua perdição. Ele a seguiu no precipício com uma força que nunca antes tinha experimentado, ela era o centro de seu mundo ele queria ficar em seus braços, neste momento, nesta noite e por toda a eternidade.

Desabou em seus braços e ficou ali durante um bom momento, respirando em rajadas fortes, antes de se dar conta que seu peso devia estar esmagando-a. Virou-se e puxou-a sobre ele, toda suave e a pele brilhante e sedosos cabelos. Podia sentir como seu peito subia e baixava sobre seu próprio peito, e ele rangeu os dentes quando tomou consciência instantânea que algo ocorria em sua virilha.

Ele a desejava de novo. Agora.

Ignorou seu desejo, e em seu lugar deixou correr seus dedos sobre os ombros lisos, nus, deleitando-se pelo pequeno tremor que provocou aproximar-se mais a ele, amando a sensação dela nua contra si.

À medida que a sustentava suave e cálida em seus braços, não queria pensar no futuro. Queria saboreá-la.

Desejava saborear o momento.

Tinha sido um engano.

Apesar de que ela se deleitava com a sensação de tê-lo debaixo dela, todo músculos firmes e pele quente, ela sabia que acabava de piorar as coisas.

Ele tinha dado tudo o que tinha imaginado alguma vez, ela nunca se havia sentido tão perto, tão conectada, tão desejada.

Nunca tinha sonhado que ela pudesse amá-lo com tanta intensidade.

Amanhã ela o deixaria ir. E ele se casaria com outra.

E Juliana tinha que viver sabendo que o homem que amava nunca seria dela.

Estremeceu ao pensar nisso, ao pressionar-se mais perto dele, como se ela pudesse fundir-se com ele, como se pudesse deter o movimento do tempo.

Ele a acariciou com uma mão cálida que lhe percorreu as costas, deixando um rastro de fogo, e apertou os lábios em sua testa.

— Tem frio?

Não.

Era mais fácil dizer sim que dizer a verdade.

Ela assentiu com a cabeça, não confiava nela mesma para falar.

Ele deslizou desde debaixo dela, puxando-a para acima da cama com ele para que pudesse colocar o lençol. Deu um beijo, cheio e exuberante, a carícia ardente a atravessou antes que ele se voltasse para avivar o fogo.

Sentindo-se muito vulnerável, ela pegou a bata, atando-a antes de dar a volta para ver os movimentos dele, enquanto estava de cócoras diante do fogo, os músculos das costas ondeantes com o movimento, suas grandes coxas brilhando com o fogo alaranjado, um deus do fogo.

Quando se levantou, olhou à cama. Franziu o cenho quando ele descobriu que ela se foi, e imediatamente a buscou, encontrando-a nas sombras. Levantou uma mão, lhe fazendo gestos para que se aproximasse dele, e ela não pôde resistir à tentação.

Quando chegou a ele, a levantou em seus braços, colocando-os em uma cadeira junto ao fogo. Ele pôs uma mão na abertura da bata correndo ao longo de sua coxa enquanto lhe dava um beijo à coluna de seu pescoço.

— Eu te prefiro nua — disse, e ela se maravilhou com este novo e brincalhão Simon.

Ela passou a mão do antebraço até seu largo e musculoso ombro.

— Eu sinto o mesmo — confessou. — Pensei que não poderia te ver mais bonito, mas te olhando ante a luz do fogo... É Hefesto, todo músculos e chamas.

Seus olhos se obscureceram com a comparação, e ele a atraiu para si e a beijou profundamente antes dele a aproximar mais contra seu peito, e disse:

— Assim faz com que seja Afrodite, uma comparação certa.

Entretanto, Afrodite e Hefesto se casaram. O pensamento cruzou sua mente. Em troca nós só temos uma noite.

Não, ela não podia pensar nisso.

— Esta me promovendo de sereia a deusa, então? — Ele riu, e lhe encantava a sensação daquele som retumbante debaixo dela. Ele capturou uma de suas mãos, entrelaçou os dedos com os dela e os levou a seus lábios.

— Parece que sim, garota inteligente.

— Mesmo? Eu sou mais que um escândalo ambulante — brincou, e imediatamente lamentou as palavras. Ela justamente tinha produzido o escândalo mais grave de sua vida. E ele sabia. Talvez inclusive pensasse que o tinha feito de propósito.

Odiava essa ideia.

Odiava que lhe tivesse ocorrido.

Virou-se em seu colo, desesperada por assegurar-se de que não pensava mal dela.

— Simon... Você sabe que não o fiz... Isto não foi... Eu nunca direi a ninguém que isto... Que esta noite passou. — Ela deu um pulo ao dizer as palavras, totalmente desarticuladas. — Não tem que preocupar-se por outro...

Ele a olhou, com seus sérios olhos de cor âmbar, e ela desejou poder retirar tudo: as palavras, as ações, a noite. Seus braços se apertaram ao redor dela e lhe beijou a mão uma vez mais.

— Não falemos mais disso. — Odiava que ela estivesse preocupada depois de tudo que viveram.

— Eu só... O que estou tratando de dizer é que ninguém saberá nunca.

Ele estendeu a mão e afastou uma mecha de seu cabelo para trás da bochecha.

— Juliana, eu sei.

A frustração a acendeu.

— Bom, sim. É obvio que nós saberemos. Mas quero que saiba também que nunca vou pedir nada. Eu falava a sério quando te propus uma noite. Uma única noite.

Algo brilhou em seu olhar mel, algo que ela não pôde identificar.

— Ambos deveríamos ter sabido que uma noite não seria suficiente.

Ela se acalmou, as palavras correndo através dela. Ele queria mais.

E ela também.

Mas ele ia se casar.

Estaria lhe oferecendo o que ela pensava que estava oferecendo?

Ela poderia tomá-lo?

Se era a única maneira em que pudesse tê-lo... Seria suficiente?

Tinha que sê-lo.

Ela tomou uma respiração profunda.

— Eu poderia ser sua amante.

Ele ficou completamente imóvel debaixo dela.

— O que disse?

— Sua amante.

Sua mão se fechou sobre sua coxa, com uma força incomensurável.

— Não diga uma palavra mais.

Ela pôs as mãos sobre seus ombros, lhe olhando nos olhos.

— Por quê? Uma vez me sugeriu que eu estaria muito bem como amante.

Ele fechou os olhos.

— Juliana. Para.

Ela o ignorou.

— Ainda assim não seria uma companheira digna?

— Não.

A dor estalou. Ela era muito escandalosa, inclusive para ser sua amante?

— Por que não? — Ela ouviu seu tom implorando. Odiava a si mesmo por isso.

— Porque merece algo melhor! — Explodiu ele, levantando-se e jogando-a sem pensar de seu colo. Ele a agarrou antes que pudesse cair ao chão, levantando o rosto para ele. Tinha as mãos em seus braços, como se pudesse sacudi-la para que compreendesse. — Não vou ter você como minha amante. Eu gostaria de poder voltar atrás para apagar essas palavras. Eu gostaria de poder voltar atrás e me dar um murro por inclusive ter sugerido tal coisa.

As palavras correram por ela, e ela sofreu pela promessa do que poderia vir depois. Amor. Matrimônio.

Família.

As coisas que já tinha prometido a outra.

As coisas que tinha prometido a outra porque não podia ver um futuro com ela.

E de repente, as palavras não eram suficientes.

— Veem a cama comigo — sussurrou ele. — Deixe-me dormir com você em meus braços. Retornaremos a sua própria antecâmara antes que a casa desperte.

A tentação era quase indiscutível. Não havia nada no mundo que quisesse mais que dormir com ele, o som de seu coração debaixo da orelha.

— Tenho que ir, Simon.

Ele alcançou a mão para ela, um sorriso brincando em seus lábios.

— Ainda não. Fica um pouco mais.

Ela sacudiu a cabeça, dando um passo atrás.

-Não posso me arriscar...

Não posso arriscar mais meu coração.

Ela tomou uma pausa. Tentou de novo.

— Não posso me arriscar a ser apanhada.

Ele a olhou atentamente, ela pôs um olhar aborrecido, não queria que ele visse a verdade: que ela o estava deixando. Para o bem, como os ingleses gostavam de dizer.

Mas não se sentia bem. Sentia-se como se estivesse sendo torturada.

Ele ficou assim durante muito tempo, como se considerasse suas opções, e logo assentiu com a cabeça uma vez, com firmeza.

— Tem razão. Amanhã, vou falar com Nick.

— Sobre o que?

— A respeito de nosso casamento.

Seu coração deu um salto em sua garganta.

— Nosso casamento? — Ele não podia se casar com ela. Havia uma ladainha de razões por que não podia.

Ela era italiana. Católica. Sua ascendência era questionável no melhor dos casos. Sua mãe era um desastre. Seu pai tinha sido um simples comerciante. A alta sociedade apenas a tolerava.

Ele já estava comprometido com uma queridinha do Beau Monde.

Mas inclusive enquanto pensava nas palavras, um fio de esperança girava em espiral em seu interior, sem ser chamada. Seria possível? Ele poderia escolher a ela, depois de tudo? Poderiam casar-se? Poderia o ter, este homem ao que amava, até chegar à dor? Ela poderia ter o que tinha chegado a invejar dos casais a seu redor, emparelhados como pombas?

— Não fique tão triste — brincou. — Está finalmente obtendo seu escândalo.

Ela ficou imóvel, dando um passo atrás de seu abraço.

Escândalo.

Isso era o que ela era para ele: uma italiana comum, escandalosa com quem se casaria depois de uma noite no campo. E algum dia, quando as notícias sobre Georgiana se dessem a conhecer e ele não tivesse uma esposa com uma reputação impecável a seu lado, quando seus filhos fossem objetos de brincadeira por ter uma mãe comum, quando visse lady Penélope através de alguns bailes de salão com um marido perfeito, rainha do baile, ele lamentaria.

Ela nunca seria nada mais. Nunca seria digna de sua companhia. Nunca teria a possibilidade de ser sua esposa. Nenhuma só vez seria outra coisa que uma distração escandalosa de seu dever e sua responsabilidade. Ele era um duque, e ela era um escândalo.

Nunca seu igual.

Nunca seria suficiente.

E ela acreditava, também. Quantas vezes ela mesma havia se comparado com sua mãe? Quantas vezes ela tinha brincado com suas expectativas? Vivendo à altura deles? Quantas vezes tinha disputado por sua irritação e sua paixão em vez de sua admiração e respeito porque ela não acreditava que estivesse a seu alcance?

Era mais do que podia suportar.

Ela o amava.

Às vezes, o amor não é o suficiente.

As palavras da irmã dele ecoaram em seus ouvidos.

— Não posso me casar com você, Simon.

Ele sorriu a princípio, antes de registrar o significado de suas palavras.

— O que disse?

Ela respirou fundo e encontrou com seu olhar, de rico âmbar, o olhar que tinha chegado a amar tanto.

— Não posso me casar com você.

— Por que não? — Havia confusão e incredulidade nas palavras, e logo um pouco parecido à ira.

— Se esta noite não tivesse ocorrido, poderíamos inclusive havê-lo discutido?

— Eu... — ele se deteve. Começou de novo. — Esta noite ocorreu, Juliana.

— Você está comprometido com outra.

— Vou terminar — disse com simplicidade, como se tratasse de uma coisa perfeitamente razoável de fazer.

— E o que há com Lady Penélope? E sua reputação? E o que dá sua? E seus planos para assegurar sua família, sua irmã, sua sobrinha? O que

acontece com seu dever?

Ele estendeu a mão para ela e ela se afastou.

— Juliana, eu te comprometi. Nós devemos nos casar. *Não por amor. Não por respeito. Não por admiração.*

— Então esta é a maneira de fazer as coisas — sussurrou.

— Entre outras razões, sim — disse ele com simplicidade, como se fosse óbvio.

— Eu não sou o que espera de uma esposa. — Ele se calou diante das palavras, e ela seguiu adiante. — Você já disse. Sou muito imprudente. Muito impulsiva. Muito cheia de escândalos. Antes desta noite, nem sequer tinha pensado em se casar comigo.

— Eu te propus casamento faz uma semana! — Ela escutou a frustração em sua voz enquanto ia em busca de sua bata.

— Só depois que Gabriel nos descobriu nos estábulos. Você propôs como um dever. Igual a como faz tudo. Teria se casado comigo, mas eu estaria abaixo de você. Assim como seria agora.

Ele colocou os braços no brocado de seda e se voltou para ela, seus olhos escuros. Quando falou, sua voz era dura como o aço.

— Não diga isso.

— Por quê? — Perguntou ela com suavidade. — É verdade, não?

Ele não respondeu.

— Nunca vou ser suficiente para você. Nunca o suficientemente boa, nunca o suficientemente respeitável, não o suficientemente adequada, por mais que tente, meu passado, minha família, meu sangue, todo isso nos faz impossível ser iguais. O que diriam? O que diria sua mãe?

— Que se danem. Sobre tudo a minha mãe.

Ela deu um passo para ele, levantando a mão e tocando sua mandíbula quadrada por um breve instante antes que ele se afastasse de seu tato e desse um passo atrás, negando-se a olhá-la.

Seus olhos se encheram de lágrimas enquanto contemplava seu bonito rosto de pedra, sabendo que esta era a última vez que estariam juntos assim, sós e honestos.

Um deles, ao menos, era honesto.

— Uma vez me acusou de não pensar nas consequências — disse, desejando que ele a entendesse.

Que observasse. — De nunca pensar no que viria depois.

— O que segue é que nos casaremos.

Ela sacudiu a cabeça.

— Agora é você quem não está pensando nas consequências. Sempre serei seu escândalo, Simon. Nunca de todo digna.

— Isso é ridículo. É obvio que será digna.

Ela se surpreendeu de quão imperioso soava nesse momento, enquanto estava de pé ante ela vestido nada mais que com uma bata. Tão ducal, ainda agora.

— Não, eu não o serei. Não ante seus olhos. E chegará um dia em que não serei digna de mim mesma. — À medida que dizia essas palavras, ela era golpeada pela constatação de que finalmente entendia o que era o que queria de sua vida. De seu futuro. — Mereço algo melhor. Mereço mais.

— Não pode ter outro muito melhor que eu. Eu sou um duque. — Houve um ligeiro tremor em sua voz. Ira. Ela enxugou uma lágrima antes que escorresse.

— Isso talvez seja verdade, Simon. Mas se é, não tem nada a ver que você seja um duque.

Ele ignorou as palavras, e ficou ali durante um longo momento antes que ela começasse a sair do quarto, e falou por fim.

— Isto não acabou Juliana.

— Sim, já acabou. — Ela estava orgulhosa da força de suas palavras. Uma força que não estava segura de que ela tinha.

CAPÍTULO 18



Os assuntos do coração são realmente uma provocação.

Uma dama refinada segue a liderança dos cavalheiros.

Um tratado sobre a mais refinada das damas

Durante o dia, as visitas da noite ficam mais excitantes...

A folha do escândalo, novembro 1823.

Ela o tinha deixado.

Não era possível.

Simon tinha despertado e foi selar seu cavalo, com vontade de pegar Juliana e afastá-la desta casa para fazê-la entrar em razão, quando se deu conta que Lucrecia tinha desaparecido. Algumas perguntas no estábulo tinham revelado que ela tinha deixado Townsend Park essa manhã, abrigada na escuridão.

Como uma covarde.

Como se atrevia a deixá-lo?

Ele não era um cãozinho procurando sua aprovação. Era o maldito duque de Leighton! Tinha a metade de Londres caindo a seus pés para fazer sua vontade, e ele não podia assegurar a obediência de uma única fêmea italiana.

Uma única louca italiana.

Ela o acusou de não pensar que era suficiente para ele? A mulher era totalmente para ele! Ela o fazia desejar arrasar todas as coisas com fúria, e logo prendê-la em uma habitação e lhe dar um beijo até deixá-la sem sentido, até que ela se rendesse.

Até que eles se entregassem um ao outro.

Salvo, que ela o tinha recusado.

Duas vezes.

O tinha deixado!

E maldição se isso não fazia desejá-la cada vez mais.

Tanto é assim que suas mãos coçavam. Queria tocá-la, domá-la, tomá-la entre seus braços e fazer amor até que ficasse esgotada e incapaz de pensar em qualquer coisa além do seu abraço. Ele queria afundar-se em seus cachos cor de ébano, ver seus belos olhos, sua suavidade infinita e nunca retornar.

Abriu a porta da sala de café da manhã de Townsend Park, fazendo a porta se chocar contra a parede e surpreender a uma mesa cheia de senhoras durante a refeição da manhã enquanto ele se abatia sobre St. John, que estava tranquilamente amanteigando sua torrada.

— Onde está?

Nick tomou um longo sorvo de chá.

— Onde está quem?

Simon lutou contra a tentação de derrubar o conteúdo do serviço de chá por cima de sua cabeça.

— Juliana.

— Foi embora. Com a primeira luz — disse St. John casualmente. — Sente-se. Vão trazer um pouco de bacon.

— Não quero nenhum maldito bacon. Por que não me traz sua irmã?

A declaração, inadequada e assombrosa em inúmeras formas, era ao que parece o que se necessitava para assegurar a atenção de St. John e a atenção de meia dúzia de mulheres na habitação, todas deixaram de comer de uma vez.

Nick deu uma olhada a Simon e se levantou, empurrando sua cadeira para trás e ficando em pé.

— Talvez você gostasse de pedir desculpas às damas e se unir a mim no escritório?

Até que enfim.

Ele se inclinou rigidamente à mesa de mulheres.

— Minhas desculpas — disse, antes de virar sobre seus pés e seguir Nick à habitação.

Não voltaram a falar até que estiveram a salvo dentro do escritório do conde, mas quando a porta se fechou detrás deles, ambos começaram a falar ao mesmo tempo.

— Em primeiro lugar, o bacon estava excelente, e não me sinto muito contente de ter que deixar de comê-lo.

— Não tenho tempo para jogos

Nick não lhe fez caso e seguiu adiante.

— E em segundo lugar, que demônios estava pensando, falando de tal maneira de minha irmã?

— Vou me casar com ela.

Nick piscou.

— Sério? Porque estou bastante seguro de que nem Ralston nem eu demos nosso consentimento para que você possa inclusive cortejá-la... E muito menos se casar com ela.

A fúria ardia nas palavras.

— Eu não necessito sua permissão. Ela é minha.

O olhar de Nick se estreitou.

— Posso sugerir que refaça essa última frase, Duque?

Simon respirou fundo, desejando manter a calma mesmo que cada centímetro dele quisesse golpear Nick.

— Eu gostaria de cortejar sua irmã.

Nick assentiu com a cabeça.

— Muito melhor.

— Excelente. Onde está?

— Não dei minha permissão.

Simon escutou como o grunhido subia por sua garganta. Nunca tinha sido um homem violento, mas os irmãos de Juliana pareciam ser a exceção à regra.

— Vai dar?

— Eu não que não.

Simon estava até o topete com esta família e sua loucura.

— Por que diabos não? — Trovejou.

— Por inúmeras razões. Enumero-as?

— Não imagino que poderia te deter. Já tive suficiente. Se ela foi para Londres, ainda posso alcançá-la. Posso ir mais rápido que seu chofer.

Dirigiu-se para a porta.

— Não vai sair Leighton. Não em seu atual estado de ânimo.

Simon se voltou, surpreso.

— Acha que lhe faria mal?

— Não, mas acredito que a entristeceria, e neste momento, ela não merece.

— Acredita que pode me deter?

— Sei que posso. Não preciso te recordar toda a rede de segurança empregada pelo Park.

Simon começou a passear pela habitação.

— Sou um duque! Como é possível que esse título abra as portas em todo mundo, mas nesta família, só parece ir contra mim?

Nick sorriu.

— Nossa natureza perversa. Essa é a primeira em minha lista de razões pelas que eu não gosto da ideia de que se case com Juliana.

— Sim. Ser uma duquesa é uma coisa difícil.

Nick ignorou o sarcasmo em suas palavras.

— Poderia ser para ela. Ela poderia odiá-lo. O Beau Monde nunca a perdoaria por violar suas regras. E sua preciosa reputação vai sofrer por isso.

Não lhe importava. Ele mataria os dragões da alta sociedade por ela.

No estado de ânimo em que estava, faria com suas próprias mãos.

Nick seguiu adiante.

— E inclusive se ela tivesse um bom comportamento apesar de que nunca vi Juliana tomar o caminho humilde, ela nunca escapará do fantasma de

nossa mãe. A alta sociedade sempre a julgará por seu parentesco. E você lhe terá ressentimento por isso.

— Isso não é verdade. — Mas enquanto ele disse essas palavras, entendeu por que todos eles pensavam isso. Eles tinham razão, até pouco tempo. Até ela. Até que lhe tinha ensinado que havia coisas que eram imensamente mais importantes que a reputação.

— Não? — Ele escutou a incredulidade na voz de Nick. Não gostou. — Leighton, durante o tempo que o conheço, tornou-se uma missão de vida se manter afastado do escândalo. Planejou evitar as emoções. É uma pessoa fria e indiferente e absolutamente correta em todos os sentidos.

As palavras percorreram Simon. *Frio. Indiferente.*

Não se sentia frio ou indiferente neste momento.

Tinha sacudido-o até a medula.

E então lhe tinha deixado.

Nick seguiu adiante.

— Viveu toda sua vida mantendo sua reputação irrepreensível. Pelo amor de Deus, homem. Deixou a sua irmã no campo conosco em lugar de enfrentar o fato de que ela não tinha estado à altura de suas expectativas. E quer que lhe dê minha irmã?

A pergunta ficou no ar entre eles, e Simon sabia que Nick estava certo. Passou toda sua vida julgando aos que tinham menos que perfeita reputação, menos que perfeitas famílias, menos que perfeitos passados. Ele tinha sido o Duque Disdain, jurando que estava por cima da dita base e das coisas comuns, como o escândalo... E o amor.

Até que lhe tinha ensinado que queria suas ideias audazes e sua risada insolente e seu sorriso muito demorado e sua natureza escandalosa que não era tão escandalosa, depois de tudo.

Queria-a em sua vida.

Junto a ele.

Como sua duquesa.

E não seria um sacrifício chamá-la assim. Seria uma honra.

Ele a amava.

Juliana tinha mudado tudo. Ela fez que desejasse tudo isso. Dava vontade de confrontar a provocação do amor desordenado. De abraçá-lo. De deleitar-se nele. De celebrá-lo.

Ele se sentiria orgulhoso de tê-la em seus braços.

Foi muito antes desta manhã, se fosse honesto consigo mesmo.

Ele só se importava em tê-la. Casar-se com ela e lhe dar filhos e viver com ela para sempre... E que se danassem as más línguas. Sem importar o quão grandes ou brutais seus irmãos pudessem ser. Eles não se interporiam em seu caminho.

— Juliana já sofreu o bastante... — Disse Nick, sua voz tranquila ao lado dos pensamentos furiosos de Simon. — Ela não merece sua caridade.

As palavras o fizeram ir voando pela habitação, agarrando a mão de Nick e empurrando-o contra a parede com grande força, sacudindo os quadros em suas molduras.

— Você não... Nunca... — Ele tirou Nick da parede e o golpeou de novo. — Nunca... Se refira ao que sinto por sua irmã, como caridade. Ela é atrevida, linda e brilhante, e você tem sorte de respirar o mesmo ar que ela. — Sua ira era tão contundente, que mal podia pronunciar as palavras. — Ela acredita que é indigna? Somos nós os que não somos dignos dela e se te atrever a chamá-la escandalosa uma vez mais, eu vou te destruir. Com um prazer sem fim.

Ficaram assim durante longos minutos, Simon respirando com dificuldade, antes que Nick dissesse, com calma:

— Bem. Isso foi inesperado.

Simon tomou uma respiração profunda, tentou recuperar a calma.

Não pôde.

Ele a amava.

Com uma força impressionante, inegável.

Simon soltou Nick e deu um passo atrás.

Ela era tudo o que queria. Ele daria tudo por ela. Sem pensar. Sem arrependimento

Porque sem ela, não tinha nada.

— Vou atrás dela. Tente me deter.

— Mas, Leighton... — A voz de Nick cortou seus pensamentos. — Você está comprometido. Com outra.

Comprometido com outra.

Amaldiçoou, com palavras duras e perversas.

Esqueceu-se de Penélope.

— Cometi um engano.

Georgiana levantou Caroline do berço e encontrou com o olhar de Simon com um fingido olhar de choque.

— É obvio que não. Os Pearson não cometem enganos. Considere a mim, por exemplo, se quiser. Perfeita em todos os sentidos. Um exemplo de bom comportamento.

— Juliana foi embora.

Georgiana não parecia surpreendida.

— Eu ouvi.

— Eu fui um idiota. — Sentou-se na cadeira de balanço junto ao berço de Caroline.

— Continue.

Ele não sabia por onde começar. Não podia entender completamente como tudo em sua vida tinha escapado de suas mãos.

— Eu... — Deteve-se, deixou-se cair na cadeira frente a sua irmã, inclinou-se para frente, os cotovelos sobre seus joelhos, e disse o único que lhe ocorreu dizer. — Eu a amo.

— A Juliana? — Ele assentiu com a cabeça, passando uma mão pelo cabelo. — Então, por que vai casar com a mulher errada?

Uma dor começou no fundo de seu peito com a pergunta, a única pergunta que importava e a que ele não tinha uma resposta. Tinha tido tantos motivos excelentes quando tinha idealizado o plano, e agora parecia que nenhum deles tinha muito peso.

— Não sei.

Georgiana se balançou para trás e para frente em sua cadeira, para frente e para trás, suas suaves palavras desmentindo sua importância.

— Você não a ama.

— Eu não precisava amá-la. E, entretanto... — E, entretanto, terminou que não podia deixar de amar outra. Colocou a cabeça entre as mãos. — Cometi um engano — repetiu. Ele não podia voltar atrás sem arruinar Penélope, e ela não merecia este tratamento.

— Simon... — Havia suavidade na voz de sua irmã. Algo que não merecia. Amava Juliana. Juliana, que lhe perseguia com seus olhos brilhantes, seu rápido raciocínio, sua mente brilhante, seu temperamento feroso e seus sorrisos cheios de promessas e beijos que lhe dava vontade de venerá-la pelo resto de seus dias.

— Pode tê-la, Simon. Nenhum dos dois está casado.

Noivados podem ser rompidos.

Ele negou com a cabeça.

— Não sem arruinar Penélope.

Georgiana negou com a cabeça.

— Lady Penélope é filha de um casal de marquês, com um status do tamanho de Windsor. Acha que não pode encontrar a alguém mais? Alguém que algum dia possa cuidar dela com um interesse mais que passageiro? Alguém que não esteja apaixonado por outra?

É obvio que alguém se casaria com ela. Mas Simon não seria o que a jogaria aos lobos.

— Não posso.

— É muito cavalheiresco para seu próprio bem! — A irritação transbordava no seu tom, e Caroline se agitou entre seus braços. Georgiana se calou imediatamente. — Você tem em seu poder a forma de fazer que

tanto você como Juliana sejam felizes. Para sempre. E, asseguro isso, Simon, não há prêmio em casar-se com um homem que ama a outra.

As palavras, tão tentadoras, liberaram algo dentro dele.

— Eu não me preocupo com o escândalo. Não me importa nada a respeito da dama! Tudo o que importa é poder ter Juliana em minha vida! Mas se fizer isto, se arruinar Penélope, o que pensará Juliana de mim? Como vou pedir que confie em mim com seu nome se for tão cruel com o de outra?

Suas palavras ficaram flutuando entre eles no silêncio do berçário durante longos minutos antes que ele dissesse:

— Eu não posso fazê-lo. Não sem ser menos homem diante de Juliana. Sendo menos do que merece. — Mesmo as palavras saindo de sua boca, ele sabia que nunca seria o que Juliana merecia, alguém que visse seu brilho e beleza e seu valor desde o primeiro momento, alguém que a colocasse acima de si mesmo, desde o princípio. Alguém que não tivesse seus defeitos, sem sua arrogância, sem suas carências.

Mas seria um condenado se renunciasse a ela. A tinha encontrado. E queria uma vida com ela.

— Pelo menos dê a Penélope a oportunidade de escolher, Simon. — Ela o observou cuidadosamente, tomando em conta sua angústia. Seu conflito. — Merece a oportunidade de escolher. E Deus sabe que você e Juliana merecem a oportunidade de ser felizes.

Essa parte, ao menos, era verdade. Algo nele se acendeu.

— Acredita que existe a possibilidade de que Penélope me libere? — Georgiana sorriu, e havia algo em seus olhos, um conhecimento que ele não entendia.

— Eu acredito.

Ficaram em silêncio, e ele observou Caroline, adormecida no ombro de sua irmã, sua pequena boca fazendo movimentos suaves e doces, enquanto sonhava. E imaginou a outro menino, com o cabelo escuro e olhos cor safira, dormido no ombro de sua mãe.

Fechou os olhos ante a imagem, com um desejo agudo e profundo. Ele queria a esse menino.

Queria essa família.

Desejava que essa vida começasse.

Imediatamente.

Mas primeiro, devia a sua irmã uma desculpa.

— Cometi um engano com você também.

— Só um? — Ele franziu o cenho e sorriu. — A que engano se refere?

— Eu não devia ter deixado você aqui. Em Yorkshire. — Georgiana considerou as palavras por um longo tempo.

— Eu queria estar aqui.

— Sim. E poderia ter ficado aqui. Mas eu não deveria ter ido como o fiz. Da forma em que fiz. Deveria estar mais preocupado com você. E menos com o escândalo. — Ele foi à janela e olhou para o campo. — Não posso mudar minha atitude. Mas sinto muito.

— Obrigada. — disse ela simplesmente, e lhe chamou a atenção como tinha crescido, na jovem em que se converteu.

— Eu gostaria de corrigi-lo. Eu gostaria que me dissesse como...

Ela o deteve.

— Ele se foi.

— Eu posso encontrá-lo. Ainda podemos reparar este dano.

— Não pode encontrá-lo. — disse ela. — Simon, eu estou além da reparação de minha reputação. Sem dúvida você pode ver isso.

A frustração se agitou nele, a necessidade de protegê-la era inegável.

— Não é certo. Talvez seja muito tarde para encontrar a um homem e que reconheça o seu filho... Mas você é a filha de um duque. Certamente poderíamos encontrar um homem que se case com você. Que seja um bom marido.

Um bom pai para Caroline — Pare!

Ele a observou enquanto ela passava uma mão pelas costas do bebê, com uma carícia instintiva, calmante.

— Acha que pode ficar aqui neste pequeno canto da Inglaterra para o resto de suas vidas? O que acontecerá quando Caroline tiver idade suficiente

para entender? Como vai responder suas perguntas a respeito de quem é ela? De onde vem? O que acontecerá quando ela descobrir isto? Não pode se esconder para sempre, Georgiana.

Georgiana encontrou com seu olhar, firme e inquebrável.

— Nunca pedi que nos ocultassem. De fato, eu preferiria que não o fizesse. Minha reputação está arruinada, Simon. Você pode tratar de fazer tudo o que deseje para mudar tal coisa, mas a sorte está lançada.

As palavras eram tão simples, como ele acreditava frequentemente que era a verdade.

— Você merece...

— Eu mereço ser mãe. Mereço criar a uma menina que seja saudável e forte e que saiba que é amada. Deus sabe que nós não tivemos tal coisa.

— Quero que seja feliz — disse ele.

Era curioso, já que ele nunca tinha dado muita importância à felicidade até recentemente. Até Juliana. Georgiana sorriu.

— E vou ser com o tempo. Mas não da forma que você está planejando.

A ironia da situação não passou despercebida para ele. Ela era irmã de um dos homens mais poderosos da Inglaterra. E mesmo assim, com toda sua preocupação pela reputação e a honra, ele não podia mudar o curso da vida dela. Ele não podia restaurar sua reputação ou deter as intrigas que iriam circular sobre isso, que envolveriam a todos, mas ele podia lhe dar seu apoio. E ele podia dar seu amor.

— Georgiana — disse, suas palavras cheias de promessas. — O que você quiser. O que você decidir. É seu. Seu e de Caroline. Eu permanecerei a seu lado.

— Está seguro que deseja tentar a sorte de tal maneira?

Um dos lados de sua boca se elevou em um meio sorriso.

— Estou.

— Pergunto porque sentimentos podem ser testados cedo ou tarde.

Ele entrecerrou seu olhar nela.

— O que significa isso?

— Só que eu gostaria que um de nós fosse feliz depois de tudo, Simon. E já que não posso ser eu, terá que ser você.

Juliana.

Ela era sua felicidade. Ela era sua paixão.

E já não podia viver esta vida sem paixão.

Ele tinha que ir atrás dela. Agora.

Ficou de pé e se aproximou de sua irmã e sua sobrinha. Inclinando-se, deu um beijo na parte superior da cabeça de Caroline e outro na bochecha de Georgiana.

— Tenho que ir. Tenho que trazê-la de volta.

Georgiana sorriu.

— Mamãe ficará furiosa.

Simon levantou uma sobrancelha.

— Mamãe será uma excelente Duquesa viúva.

Ela se pôs a rir.

— Planeja desterrá-la e mandá-la para o campo?

— Não é uma má possibilidade — ele olhou sobre um ombro, em direção à porta, pensando só em Juliana.

— Simon? — Chamou sua irmã.

Deu a volta, disposto a seguir seu amor.

Ansioso por começar sua vida.

— Seu presente de bodas já está a caminho de Londres. — Seu rosto se abriu em um amplo sorriso. — Dê a mamãe minhas lembranças.

CAPÍTULO 19



A reputação é tudo o que qualquer mulher pode reivindicar. Uma dama refinada protege a sua a todo custo.

Um tratado sobre a mais refinada das damas

Há momentos em que a fonte dos escândalos inclusive nos surpreende...

A folha do escândalo, novembro 1823.

Juliana foi diretamente ver sua mãe.

Era tarde da noite, muito depois da hora apropriada para fazer ou receber visitas, enquanto estava de pé na formosa sala de recepção de Nick e Isabel na casa em Londres, cheia de mármore gregos e romanos reunidos durante o tempo que Nick tinha estado no exterior esperou que sua mãe se reunisse com ela.

Havia uma estátua de Afrodite e Eros no centro da sala, um retrato impressionante da deusa do amor, com seu filho em seus braços enquanto ele tratava de alcançar algo além de seu ombro. Cada músculo do menino deus parecia fazer um esforço, com os braços e os dedos estendidos, as pernas gordinhas saindo do peito de sua mãe, empurrando com o desejo de algo que nunca teria.

A estátua ficou como uma lembrança clara e bela que às vezes, inclusive aos deuses lhes era negado seus desejos e que não tinha sentido aos simples mortais que esperassem algo diferente.

A viagem de Yorkshire tinha sido terrível, Juliana fora incapaz de comer, incapaz de descansar até que ela tivesse colocado a maior distância possível entre ela e Simon... Como se a distância pudesse curá-la da devastadora dor

em seu coração que vinha cada vez que pensava nele. O qual acontecia constantemente.

Ela sabia que fugir não era a mais respeitável das ações, mas não podia ficar em Yorkshire, naquela casa, não enquanto ele a tentasse em seus braços, em sua cama e em sua vida. Não quando ela sabia que nunca seria suficiente para ele.

Não quando ela não podia lhe dar o que ele tinha em tão alto conceito, um fino pedigree, uma reputação irrepreensível, e um bom comportamento.

Tudo o que ela tinha para ele era um passado sujo e seu amor.

E às vezes, por desgraça, o amor não era suficiente.

Como eu gostaria que pudesse ser!

Ela suspirou, passando um dedo pelo pé perfeitamente lavrado de Eros. Ela não deveria estar aqui. Não, a esta hora, provavelmente em nenhuma hora. Mas quatro dias presa em uma carruagem com nada mais que seus pensamentos a tinha desesperado por provar a si mesma. Ela esteve a ponto de ficar louca ao lembrar as últimas semanas em sua cabeça, todo o tempo com Simon, todas as conversas, todos os momentos em que ele tinha questionado suas ações, quando ele a tinha salvado do escândalo.

Quando ele a tinha segurado em seus braços e a fez acreditar que ela poderia ser o suficiente para ele.

Seu fôlego ficou preso na garganta.

Ela sabia o devia fazer... Sabia que quanto mais rápido se fosse, melhor seria para todos eles. Ela nunca o teria, ela nunca poderia ser um verdadeiro par para ele. Ele sempre seria um duque, ela sempre seria uma plebeia com um histórico questionável. Mas não era que ela o amasse menos, embora desejasse que pudesse fazê-lo.

Ela não podia lhe demonstrar que ela era mais.

Mas podia demonstrar a si mesma.

E assim, ela esperava sua mãe.

Ela estava aqui por causa do escândalo. Por causa das ações de sua mãe que tinham ilustrado a visão que todo mundo tinha dela... Por toda sua vida.

Porque as ações de sua mãe a tinham feito questionar-se sobre suas próprias ações, sobre suas próprias motivações, seus próprios desejos.

Porque ela tinha que saber, de uma vez por todas, que o sangue não falaria mais alto. Ela tinha que saber que ela podia ser mais. Melhor. Diferente.

Ela tinha vivido por tantos anos sob a sombra de sua mãe, já era hora de que ela saísse ao sol.

— Um momento estranho para uma visita — disse Louisa quando entrou na sala, envolta em uma bata que flutuava a seu redor como se estivesse envolta no vento. Ela se via formosa. Como sempre. Sentou-se, dando um olhar crítico sobre Juliana, olhando seu vestido, enrugado e poeirento pela viagem, as botas cobertas de barro, e seu cabelo, que estava se desprendendo da touca simples que Carla tinha preparado na carruagem para aprontá-la para a cena final. — Você está horrível.

Juliana resistiu à tentação de alisar seu vestido ou passar a mão pela cabeça. Ela não tinha nada que demonstrar a sua mãe. Em lugar disso, sentou-se e observou enquanto Louisa servia um copo de vinho sem oferecer a Juliana.

— Assim veio me visitar no cárcere.

— Dificilmente se parece com uma prisão — disse Juliana secamente. Louisa fez um gesto com a mão desdenhosamente.

— Todas estas estátuas me fazem sentir como se vivesse em um museu.

— Ninguém a obriga a permanecer em Londres — assinalou Juliana.

— Isso é verdade... Mas não tenho aonde ir, carinho. — a Juliana não importou que a palavra soasse tão fria e casual. — Devo supor que Gabriel já decidiu o que vai fazer comigo?

— Acho que não.

— Bom, espero que o faça mais cedo que tarde. Eu gostaria de estar fora daqui antes que eu me converta em uma avó. Não preciso que me digam que estou velha.

Um dos lados da boca de Juliana se levantou diante da completa e incrível auto complacência.

— Não acredito que Gabriel tenha muito interesse em sua agenda.

Louisa virou os olhos em branco.

— Não é que eu não esteja feliz por ele. Ele e sua esposa se veem cômodos. Mas essa vida... O agarramento das crianças... O choro... As incessantes necessidades... — Ela se sentou em sua cadeira. — Isso não era para mim.

— Não tinha me dado conta.

O olhar de Louisa se estreitou nela.

— Você realmente cresceu, até tem a língua afiada de seu pai.

Juliana encolheu de ombros, sabendo que o movimento não agradava a sua mãe.

— Não tive mais exemplos.

Louisa suspirou.

— Bom, se não está aqui para me dar notícias de meu futuro, o que a traz por aqui no meio da noite?

Era típico dela. Tal preocupação por ela e por ninguém mais. Juliana não duvidou.

— Você se arrepende?

Louisa não era tola. Ela não pretendeu não entender.

— De que parte?

— De tudo.

Ela não teve que pensar na resposta.

— Geralmente, eu não me arrependo de nada. Não me arrependo de ter sido uma marquesa, ou inclusive de ter sido a esposa de um mercador, embora seu pai fosse menos rico no princípio que o que foi depois, e as coisas nem sempre foram fáceis.

— Asseguro-te, que as coisas não foram mais fáceis depois que nos abandonou.

— Abandono — burlou-se Louisa. — Que palavra mais dramática.

— Você pode dizer de outra maneira?

— Juliana... Era minha vida. E eu queria vivê-la. Sem dúvida, pode entender querida. Você obviamente é igual.

A observação casual provocou um calafrio em Juliana.

— O que quer dizer com isso?

— Só que alguém aprende um montão de coisas quando se encontra presa em uma casa sem nada para ler, apenas os restos de intrigas dos últimos seis meses. Você foi tão escandalosa como eu. Todos esses encontros em jardins e derrubando verduras e caindo no lago Serpentine — Louisa se pôs a rir ruidosamente do modo que Juliana detestava. — Meu Deus! Que divertido deve ter sido!

— Foi aterrador. Estive a ponto de me afogar.

Ele me salvou.

— Oh, estou certa de que está exagerando. E, além disso, foi resgatada por um arrojado duque! Parece exatamente como algo que eu teria feito se não estivesse tolamente casada a uma idade tão jovem e convertida em mãe de gêmeos. Eu te digo que se tivesse outra oportunidade, teria causado mais de um escândalo e longe de ser uma marquesa, é certo.

— Você foi um escândalo, mãe, eu lhe asseguro.

— Sim, mas eu não estava aqui para vê-lo, querida, por isso é quase como se não tivesse acontecido — disse como se estivesse falando com uma criança. — Você, entretanto... Você está vivendo seu escândalo.

Não era verdade. Ela vivia a fama que tinha herdado desta mulher, que parecia não preocupar-se absolutamente pelos fardos que tinha dado a seus filhos.

Ela era mais que isso.

Não era?

Sua mãe continuou, com seu tom gracioso, como se ela nunca tivesse pensado muito em suas ações. Pela forma que afetado os outros.

— Você fez muito bem sem mim, querida. Para começar... Encontrou seus irmãos... E eles se preocupam com você. Sim... Fiz bem meu trabalho. — A autossatisfação de Louisa era inegável. Juliana não pôde deixar de rir.

Era quase impossível odiar a alguém que parecia tão completamente desligada de suas próprias ações.

— Sei que quer um motivo melhor, Juliana. Sei que desejaria que houvesse alguma resposta que tornasse tudo mais claro. Isso faria que me perdoasse. Mas não há. Tomei algumas decisões difíceis. E se eu tivesse que fazê-lo outra vez, não estou certa de que tomaria de novo.

— Quer dizer, a escolha de não nos ter? Ou a escolha de nos abandonar?

Louisa não falou. Ela não tinha que fazê-lo. A resposta estava em seus olhos. E tudo ficou claro.

Ela não se parecia em nada sua mãe. Juliana deixou escapar um longo suspiro, um suspiro que sentiu que esteve segurando por dentro fazia uma década, e parou, olhando a sua mãe, que se parecia tanto a ela, como se estivesse olhando para o futuro.

Um futuro diferente ao de antes.

Um melhor.

Porque apesar de ter uma mãe que nunca lhe tinha demonstrado nenhum cuidado ou atenção, e que, uma vez que ela se foi, nunca tinha olhado para trás, Juliana, por fim tinha uma família. E talvez isso fosse suficiente.

Talvez ela pudesse convencer-se disso.

Logo a casa de seu irmão estaria cheia de risadas de crianças e do amor de seus pais, e possivelmente o ruído poderia bloquear o momento em que ela tinha estado a ponto de encontrar seu próprio amor.

Talvez houvesse um momento em que ele não estivesse constantemente em seus pensamentos.

Quando ela o fizesse não o amaria tanto.

Parecia impossível. Ela olhou a estátua outra vez, vendo como Eros se estendia procurando essa coisa difícil de alcançar e que estava fora de seu alcance.

Era tudo o que podia esperar.

Simon estava sozinho dentro de seu escritório, esgotado e coberto de barro de sua viagem através da Inglaterra. Tinha chegado a sua casa da cidade na escuridão da noite, só para descobrir que todo o inferno se desabou durante sua ausência.

Boggs pegou a capa e o chapéu, entregou a Simon o Boletim Oficial, com uma expressão ainda mais sombria que de costume em seu rosto, em geral sempre sombria, e tinha ido procurar comida, já que Simon não tinha feito mais que trocar de cavalo nas últimas dezoito horas, isso demonstrava quão desesperado estava por voltar para Londres.

E a Juliana.

Simon ficou olhando o periódico, leu as palavras uma e outra vez, como se com a repetição de algum jeito pudesse mudá-las. Parou de ler. Mas, cada vez que relia o artigo, este era exatamente o mesmo. Precisamente, igual condenatório.

Relatado em primeira pessoa... Duque de Leighton... Sua irmã, não estava de viagem... De um modo familiar...

Uma filha, nascida faz apenas uns dias.

Ele ia assassinar sua irmã.

Ela sabia que nunca revelaria o escândalo por si mesmo. Ela sabia que nunca iria arriscar a reputação dela, ou a de Caroline, desse modo.

Então ela tinha tomado o assunto em suas próprias mãos.

Por quê?

A resposta apareceu rápida e tão óbvia que não podia acreditar que ele tinha esquecido. Moveu-se a sua escrivaninha e levantou o monte de correspondência, peneirando até que encontrou o quadrado de papel que estava procurando.

Deslizando seu dedo sob o selo de cera, permitiu a si mesmo ter esperança. Não muita. Até ler a única linha do texto que estava sublinhada. Duas vezes.

O compromisso está desfeito.

Needham

Georgiana tinha assegurado que seu noivado com Penélope não pudesse resistir ao escândalo.

Seu presente de noivado já foi enviado a Londres.

Arruinou a si mesma. Arruinou a todos.

Para assegurar sua felicidade.

Agora só tinha que esticar a mão e pegá-la.

O baile de outono de Northumberland estava planejado como o último evento oficial da temporada, antes que terminasse a sessão especial do Parlamento e a sociedade fizesse as malas e se dirigisse de volta ao campo para o fim do ano.

A escadas que conduziam à casa e ao hall de entrada estavam cheias com uma multidão de convidados, entregando suas pesadas capas aos lacaios e subindo a grande escadaria para o salão de baile, onde a festa já estava em marcha.

Toda a sociedade londrina enfrentou a uma chuva particularmente desagradável para estar ali, um final apropriado para estes eventos muito longos da temporada.

E se a noite de Simon fosse de acordo com o previsto, este baile não iria ser a fofoca só de uma temporada, mas sim de várias mais por vir.

Por desgracia, parecia não ter sido convidado para a festividade.

— Sinto muito, sua graça, mas o duque e a duquesa não estão recebendo.

— Disse o laçao chefe de Northumberland House, ao qual lhe tinha sido atribuída a desafortunada tarefa de informar a Simon que saísse do meio da multidão, deu a lamentável notícia com um ligeiro tremor.

— Como?

O funcionário retrocedeu um passo.

— Eles não estão... — aclarou-se garganta. — recebendo.

Simon voltou a olhar à fila de pessoas vestidas com seus muito bons ornamentos, subindo pela escada central da casa, dirigindo-se à sala de baile.

— Então suponho que todas estas pessoas são... — calou-se, esperando a que o laçao completasse a frase.

—... Família? — Terminou o laçao, incerto.

Simon achava que devia sentir simpatia pelo pobre homem, que provavelmente nunca antes tinha tido que expulsar um duque, mas não pôde encontrar a emoção.

Ele se irritou também.

— E a música de cima. É parte de uma... Reunião familiar?

O funcionário aclarou a garganta.

— Erm. Sim?

Ele estava sendo tirado de Northumberland House porque sua irmã tinha tido um filho.

Fora do casamento.

O nome de Leighton se converteu em sinônimo de escândalo.

Levou menos de um dia e todos os convites que tinha recebido para os eventos que se celebrariam nas próximas semanas tinham sido revogados educadamente, com o que parecia uma onda de cancelamentos que se levou a cabo através de toda Londres.

Talvez, se tivesse sido outro dia, outro baile, ele tivesse feito o que se esperava e saído, mas Juliana estava dentro do salão de baile. E ele tinha um plano para conquistá-la. Um que se apoiava em grande parte nisto, no último baile da temporada.

Simon já tinha tido suficiente.

— Bom, suponho que temos sorte de que

Northumberland é um primo distante. — Ele abriu passo pelo criado e começou a subir a escadaria, subindo dois passos de cada vez enquanto o servente o seguia.

— Sua graça, não pode!

No patamar, voltou-se e enfrentou ao lacaio.

— E como vai me deter?

— Sua Graça... — O servo parecia estar planejando apelar ao bom julgamento de Simon. Pouco sabia ele que o melhor julgamento de Simon já estava comprometido em um objetivo alternativo para essa tarde, para encontrar Juliana e fazê-la sua. Meteu-se em volta de um grupo de convidados e empurrou para o salão de baile, encontrou-a na multidão no momento em que entrou, sentiu-se atraído por ela como uma mariposa à luz.

Ele tinha sentido sua falta com uma intensidade tão grande que ao vê-la se encheu de um prazer imenso.

Ela era sua droga.

Queria sua proximidade, sua risada, sua coragem, a forma em que movia as mãos ao falar, que encolhia levemente os ombros e que o tinham levado a loucura quando a tinha conhecido e que lhe doía no momento. Ela dançava pelo salão nos braços de Allendale, vestida com um lindo vestido do mais pálido rosa, e por um momento fugaz, Simon se distraiu pelo fato de que ela levava uma cor muito interessante, que não a diferenciava do resto das mulheres jovens e solteiras na sala, até que um giro na dança lhe deu uma visão de seu formoso rosto, e já não importava o que tinha posto. O único que importava era a tristeza em seus olhos.

O desejo neles.

Por ele.

Graças a Deus.

Por ele que não podia suportar que ela pertencesse a outra pessoa.

A ideia lhe chegou numa onda malvada de desejo, do desejo de avançar para ela, tirá-la dos braços do conde, e sequestrá-la. O qual se tivesse sorte, era exatamente o seu plano.

Não havia tirado a capa quando entrou, e enquanto se movia entre a multidão, os grupos de convidados se detinham, em primeiro lugar a olhar, e logo deliberadamente se afastavam dele.

Ele sabia o que estavam fazendo, ele mesmo o tinha feito dúzias de vezes antes e estaria mentindo se dissesse que esse desprezo não era doloroso.

Mas a vergonha que deveria estar sentindo com cada uma destas pessoas, que até poucos dias atrás estavam desesperados por obter sua aprovação, agora lhe davam as costas para lhe mostrar sua desaprovação empalidecia em comparação com o prazer que sentia pela forma em que acessava seu único objetivo, inegável: Juliana.

Sua Juliana.

Ele respirou fundo e, desafiando todas as convenções e tudo o que havia aprendido para ser ou fazer, cruzou diretamente pelo centro do salão, detendo os bailarinos em suas pistas. Demonstrando, de uma vez por todas, que ela tinha estado certa, e que a reputação não era nada em comparação com o amor.

Allendale o viu aproximar-se.

O sorriso do conde se desvaneceu em um olhar de assombro, e ele desacelerou fazendo que Juliana realizasse uma parada. A orquestra tocava enquanto Simon se aproximava deles, e se inteirou da confusão na voz de Juliana quando ela disse:

— O que aconteceu?

Sua voz era uma bênção, o acento musical italiano que desejava a forma em que tirava suas sílabas e deixava que elas persistissem em sua língua.

Ela se voltou para ele, e seus olhos se abriram, por sua proximidade ou sua vestimenta ou ambos, sua boca se abriu exuberante e toda a habitação desapareceu.

Só ela estava.

Só eles.

Somente agora.

— Sua Graça?

Não confiava em si mesmo para falar com ela. Não, quando queria lhe dizer centenas de coisas que eram para ela e somente para ela. Ao invés disso se voltou para o conde, dizendo com toda uma vida de arrogância ducal.

— Allendale, estou levando seu par. — A boca de Benedict se abriu e logo se fechou como se estivesse tratando de recordar o protocolo exato ante esta situação. Por último, o conde se dirigiu a Juliana, o que lhe permitia a

escolha. Simon fez o mesmo, estendendo uma mão enluvada, com a palma para cima.

— Juliana. — perguntou, adorando a forma em que seus olhos de safira se obscureceram e seus lábios se abriram com as palavras que lhe disse. — Eu gostaria muito de causar um escândalo.

Ela ficou olhando a mão durante um bom momento, e logo o olhou aos olhos. E havia uma tristeza insuportável em seus olhos. De repente, ele sabia o que ia fazer. E não pôde detê-la. Ela sacudiu a cabeça.

— Não.

Ele ficou ali como um idiota, com o braço estendido, sem entender. Ela sacudiu a cabeça outra vez e sussurrou:

— Não vou ser seu escândalo. Não desta vez. — As palavras explodiram ao redor dele, e ele viu que seus olhos se enchiam de lágrimas.

— Não. — repetiu, e correu para o corredor, em direção à saída.

Levou um momento para dar-se conta do que tinha acontecido que ela o estava deixando. Que ela o tinha recusado. Encontrou com o olhar de Allendale, o rugido de sangue em seus ouvidos, a vergonha e a confusão e algo mais o inundando, quente e furioso.

— Como pôde fazer tal coisa a ela? — As palavras apenas se registraram antes que Allendale o empurrasse para além dele, seguindo Juliana através da multidão.

Ele se virou para vê-los, para vê-la saindo a toda pressa pela sala, a audiência maciça movendo-se a um lado para deixá-la passar, e ele fez o único que lhe ocorreu fazer, chamou-a.

— Juliana — Um suspiro coletivo percorreu a sala com o som, um grito alto que estava totalmente fora de lugar em um salão de baile, ou em qualquer lugar que um cavalheiro culto pudesse estar. Mas não lhe importava. Deu um passo para ela, em seguida, um braço se atravessou sobre seu peito.

Ralston lhe impedia o passo.

Lutou contra seu punho, gritando de novo, seu nome dilacerando através da sala, fazendo eco nas vigas do teto, silenciando a todos na sala, incluindo à orquestra.

— Juliana.

Ela se virou. Encontrou com seu olhar, da cor das safiras do Ceilão, e disse a única coisa que lhe ocorreu dizer. O único que podia imaginar que a manteria ali. Com ele. O único que importava.

— Eu te amo.

Seu lindo e perfeito rosto ruiu ante as palavras e as lágrimas que estava contendo se derramaram. Ela saiu correndo da sala, com Allendale sobre seus calcanhares. Simon se soltou das garras de Ralston, decidido a chegar até ela.

Decidido a solucionar esse drama.

E maldição se a alta sociedade não a protegeu dele.

A orquestra reatou o baile e de repente uma multidão de pessoas se atravessou em seu caminho. Em toda parte por onde se virou, havia um casal dançando uma valsa encurralando-o na pista de baile, e quando chegou à beirada do salão de baile, um fluxo constante de pessoas simplesmente apareciam em seu caminho.

Nenhum deles o olhou aos seus olhos, nem lhe falou. Mas faziam que fosse impossível para ele alcançá-la.

Quando ele conseguiu passar entre a multidão, pelas escadas e sair pela porta, ela tinha ido, e não havia nada mais que uma chuva torrencial em Londres para lhe dar a boa vinda. E nesse momento, enquanto olhava na névoa, a reprodução dos acontecimentos dos últimos minutos e outra vez, reconheceu a emoção que corria por ele.

Era o medo.

O medo de ter perdido a única coisa que nunca tinha querido tanto em sua vida.

CAPÍTULO 20



A sociedade não perdoa o comportamento escandaloso. Essa é a máxima de uma dama refinada.

Um tratado sobre a mais refinada das damas

Com o espetáculo visto no Beau Monde este ano, o teatro parece desnecessário...

A folha do escândalo, novembro 1823.

Em uma hora toda a família estava de volta a Ralston House. Eles se reuniram na biblioteca, Benedict e Rivington sentados nas cadeiras de respaldo alto, perto da enorme lareira, frente à qual passeava Ralston. Juliana se sentou em uma cadeira baixa, flanqueada por Mariana e Callie.

Amo, amas, amat. Eu amo, você ama, ele ama. Ele ama. Ele me ama.

Ela tomou uma respiração profunda e sentiu um puxão na garganta. Callie se levantou e se dirigiu para a porta.

— Acredito que vou chamar para pedir chá.

— Acho que temos algo um pouco mais forte que isso — disse Ralston indo em direção a uma garrafa de uísque no aparador. Serviu três copos para os homens, então, depois de um longo momento, um quarto. Ele se aproximou de Juliana. — Toma isto. Vai te acalmar.

— Gabriel — Callie o repreendeu.

— Bom, vai fazer.

Juliana tomou um sorvo do líquido ardente, desfrutando da queimadura que desceu por sua garganta. Pelo menos assim não sentia a dor devastadora que Simon lhe tinha ocasionado com sua proclamação de amor.

— Talvez pudesse me explicar como é que Leighton chegou a professar seu amor por você em meio de um lotado salão de baile?

A dor voltou.

— Ele estava em Yorkshire — sussurrou ela, e odiou o som de suas palavras. Odiava a debilidade. E Ralston assentiu com a cabeça.

— E me diga, ele perdeu sua cabeça lá?

— Gabriel — disse Callie, e o advertiu em seu tom. — Tome cuidado.

— Tocou em você? — Todo mundo ficou rígido. — Não responda. Não há necessidade. Nenhum homem se comporta dessa maneira sem haver...

— Ralston. — Benedict interrompeu. — Já basta.

— Ele quer se casar comigo.

Mariana lhe apertou a mão.

— Mas, Juliana, isso é bom, não?

— Bom, depois desta noite, não estou certo de que seja um partido muito bom — disse Ralston com ironia.

As lágrimas se amontoaram nos olhos de Juliana, e ela tomou um sorvo de uísque para obrigá-las a desaparecer.

Ela esteve tentando tanto, tão fortemente para ser algo mais que um escândalo. Ela tinha colocado um vestido que era a cor aprovada pela alta sociedade, tinha dançado adequadamente com apenas os mais cavalheirescos dos homens, convenceu-se a si mesma que ela poderia ser o tipo de mulher que seria conhecida pelo decoro.

Que fosse conhecida por sua reputação. O tipo de mulher que ele queria a seu lado. E, entretanto, ela não tinha sido nada mais para ele que um escândalo. Nada mais que o que tinha visto nela desde o começo. E quando professou seu amor ali, em frente da Alta Sociedade inteira, essa parte escura e escandalosa dentro dela tinha cantado de felicidade. E lhe doía por querê-lo. Por amá-lo.

E ainda queria mais.

Ele tinha feito dela um partido perfeito.

— Se te seduziu, eu tenho o direito de lhe arrancar membro por membro.

— Isso é suficiente — disse Callie, de pé. — Fora.

— Não pode me exilar de minha própria biblioteca, Calpurnia.

— Eu posso e farei. De fato, estou fazendo. Fora!

Ele soltou uma risada áspera que não tinha muito humor.

— Eu não vou a nenhuma parte. — voltou-se para a Juliana. — Quer se casar com ele?

Sim.

Mas não era tão simples. A sala pareceu muito pequena de repente. Ficou de pé e foi em direção à saída.

— Eu preciso... *Un momento* — deteve-se. — *Per favore.*

Enquanto chegava à porta, seu irmão a chamou:

— Juliana! — Quando se virou, acrescentou: — Pense o que quer. Seja o que for, pode tê-lo — Ela partiu, fechando a porta detrás dela, permitindo que o corredor a agasalhasse na escuridão.

Ela queria Simon.

Ela queria seu amor, sim. Mas também queria seu respeito e admiração. Ela queria que ele a considerasse igual a ele.

Ela merecia muito.

Acaso não?

Merecia o que via com Callie e Ralston, em Isabel e Nick, em Mariana e Rivington. Ela queria isso. E não o tinha.

Ela respirou fundo, e outra vez relembrou os acontecimentos da noite uma e outra vez em sua mente.

Ele tinha quebrado todas as regras que havia, tinha ignorado o protocolo e comparecido a um evento ao qual havia sido desconvidado, ele tinha permitido que toda Londres desse as costas a ele, tinha interrompido o baile.

Ele tinha parado um baile. Brindando ainda mais escândalo sobre ele. Mesmo que toda Londres lhe desse as costas.

E o tinha feito por ela.

Porque lhe importava. Porque ele queria demonstrar que ela era mais importante que qualquer outra coisa. Que todo o resto. E ela o tinha

rechaçado. Tinha lhe negado seu amor.

Ela envolveu seus braços ao redor de sua cintura, a compreensão dos fatos lhe chegou como um golpe no estômago, e a porta da biblioteca se abriu.

Benedict saiu ao corredor, com um amável sorriso em seu rosto. Fechou a porta detrás dele, ao fazê-lo ouviu a conversa que Callie e Ralston tinham no interior, e se aproximou dela.

Ela esboçou um sorriso forçado.

— Ainda estão discutindo a meu respeito?

Ele sorriu.

— Não. Agora estão discutindo se Callie ainda deve permanecer na cidade agora que está grávida.

Ela deu um pequeno bufo de risada.

— Imagino quem vai ganhar.

— Eu não estaria tão seguro. — Ficaram em silencio por um momento.
— Há algo que eu gostaria de discutir com você.

— Trata-se do duque? Porque eu preferiria não falar dele, de verdade.

— Não exatamente.

— O que, então?

Ele vacilou, e logo respirou fundo.

— Juliana, se quiser, eu gostaria de te pedir. Para ser minha esposa.

Como proposta, não era a mais eloquente, mas era honesta, e seus olhos se abriram com as palavras. Ela balançou a cabeça.

— Benedict...

— Só me escute. Desfrutamos da companhia um do outro, somos amigos. E acredito que teríamos um bom matrimônio por isso mesmo. Não precisa me responder agora, mas se... Precisar de um marido...

— Não. — disse, inclinando-se para lhe dar um beijo na bochecha. — Muito obrigada, Benedict, mas merece mais que uma esposa com a necessidade de um marido. — ele sorriu. — E eu mereço mais que um marido que simplesmente me tenha por esposa.

Ele assentiu com a cabeça.

— Isso, pelo menos, é certo. — Fez uma pausa — O que é pior, é que acredito que Leighton te ama muito.

As palavras lhe deram um pouco de emoção através de sua tristeza.

— Eu também acredito.

— Então, por que não quer se casar comigo? — ela se virou ante as palavras. Simon estava parado na parte superior das escadas, ensopado até os ossos, mostrando suas linhas de esgotamento. Tirou o chapéu, mas seu cabelo estava colado à cabeça e seu casaco molhado e desigual pendurado sobre os ombros. Ele tinha um aspecto terrível. Ele se via maravilhoso.

— Como fez... Como entrou aqui? — perguntou ela.

— Esta não é a primeira casa que invadi esta noite.

Estou fazendo uma profissão disso.

Ela sorriu. Não pôde evitá-lo.

Ele deixou escapar um longo suspiro.

— Tinha a esperança de te fazer sorrir, Sereia. Odeio te fazer chorar. — Ouviu a verdade nas palavras, e as lágrimas retornaram proibidas. Amaldiçoou na escuridão. — Allendale, vou te perdoar por fazer sua proposta à mulher que amo. Em troca, acha que poderia nos dar um momento?

— Não estou seguro de que deveria.

— Eu não vou violá-la no patamar. — Benedict se dirigiu a Juliana para sua aprovação. Depois de um longo momento, ela assentiu com a cabeça.

— Cinco minutos — O conde se reuniu com o olhar de Simon. — E vou voltar. — Retornou à biblioteca, e no segundo que a porta estava fechada, Simon deu um passo para ela, chegando a ela, inclusive quando se deteve vários metros de distância.

Deixou cair os braços, passou uma mão pelo cabelo ensopado, e meneou a cabeça.

— Não sei o que fazer. Não sei como te ganhar.

Já me ganhou, desejava lhe dizer. Já me arruinou para todos os outros Ele continuou:

— Assim que me limitarei a te dizer a verdade. Passei a vida inteira me preparando para uma fria, insensível e desapaixonada vida, uma vida cheia de cortesias e de simplicidade. E então entrou nela... Você... O oposto de tudo isso. É formosa, brilhante e valente e tão apaixonada pela vida e o amor e essas coisas em que você acredita e você me ensinou que tudo o que eu acreditava tudo o que pensava que eu queria tudo o que tinha passado minha vida defendendo, tudo isso... Era um engano. Quero sua versão da vida... Vívida e emocional, confusa e maravilhosa e cheia de felicidade. Mas não posso fazê-lo sem você. Amo você, Juliana. Eu adoro a forma em que colocou toda minha vida de pernas para o ar, e não estou seguro de que poderia viver sem você, agora que vivi contigo. — Moveu-se de novo, e conteve o fôlego enquanto seu grande duque orgulhoso ficava de joelhos ante ela. — Uma vez me disse que me faria pôr de joelhos em nome da paixão.

— Simon... — Ela estava chorando livremente, e deu um passo adiante, pondo suas mãos sobre sua cabeça, passando os dedos pelo cabelo. — Amore, não, por favor.

— Estou aqui. Sobre meus joelhos. Mas não em nome da paixão — Pegou suas mãos entre as suas e as levou aos lábios, beijou-as, adorando-a. — Estou aqui em nome do amor — Ele a olhou, seu rosto tão sério e forte no corredor fracamente iluminado. — Juliana... Por favor, seja minha esposa. Juro que vou passar o resto de meus dias te provando que sou digno de você. De seu amor. — Beijou-lhe as mãos de novo, e lhe sussurrou: — Por favor.

E então ela estava de joelhos e com os braços envoltos ao redor de seu pescoço.

— Sim — Ela pressionou seus lábios contra os seus. — Sim, Simon, sim. — devolveu o beijo, sua língua deslizando em seu calor, seda quente, acariciando-a até que tiveram de parar para tomar o ar requerido.

— Sinto muito, meu amor — sussurrou contra seus lábios, puxando-a para ele, como se ele pudesse levá-la tão perto dele que nunca pudessem ser separados de novo.

— Não, eu sinto. Não deveria... Deixei-te ali... No baile. Não vi até agora... O muito que significava. — Beijou-a de novo.

— Eu merecia isso.

— Não... Simon, eu te amo. — Permaneceram ali durante longos minutos, envoltos no outro, sussurrando seu amor, fazendo promessas para o futuro, tocando-se, desfrutando-se, vendo-se um no outro. E assim foi como Ralston os encontrou. Abriu a porta da biblioteca, o brilho exuberante de ouro das velas ao longe inundou o corredor, e iluminou aos amantes.

— É melhor que obtenha uma licença especial,
Leighton.

Simon sorriu audaz e impertinente, e Juliana ficou sem fôlego por seu anjo, ele era o homem mais bonito da Inglaterra. Em toda a Europa.

— Já tenho uma.

Ralston arqueou uma sobrancelha.

— Excelente. Tem dois minutos para se arrumar antes de descer e falar a respeito. — Juliana sorriu ante as palavras, e Ralston pegou seu olhar. — Você, irmã, não está convidada. — Fechou a porta detrás da risada de Simon e Juliana.

Uma hora mais tarde, Simon saiu de Ralston House, depois de ter feito todos os acertos pertinentes com seu, fez uma careta, futuro cunhado. Supunha que era justo que estivesse atado por toda vida finalmente a esta família ruidosa, as únicas pessoas na Inglaterra que não se importavam que ele fosse um duque. Pelo contrário, as únicas pessoas que nunca se preocuparam como ele.

Agora a maior parte de Londres voltaria a dar as costas à Casa de Leighton por temor a ser tocado pelo escândalo. E pensou que não lhe importava muito. Ele tinha uma sobrinha saudável e uma mulher que o amava, e de repente as coisas pareciam mais que suficientes.

Tinha querido desesperadamente dar boa noite a Juliana, mas não pode encontrá-la em nenhuma parte quando saiu, e Ralston parecia pouco disposto a permitir que Simon fosse escada acima procurá-la. Supôs que não podia culpar ao marquês, depois de tudo, ele não era precisamente bom para manter suas mãos longe de sua muito em breve esposa. Mas iriam casar-se em menos de uma semana, e se sobreporia à perda de esta noite, embora isso trouxesse consigo uma dor muito familiar e desagradável junto.

Fez um gesto a seu chofer liberando-o de seu dever e abriu a porta da sua carruagem, aquela em que tudo tinha começado semanas atrás.

Içou-se e tomou seu assento e quando a porta se fechou, golpeou o teto com rapidez para pôr o chofer em movimento. Foi então quando se deu conta de que ele não estava sozinho. Juliana sorriu do outro extremo do assento.

— Não pensava que ia deixar que se fosse sem dizer-me boa noite, verdade?

Ele anulou um brilho de prazer intenso e usou seu tom mais ducal.

— Vamos ter que falar de sua inclinação por se colocar como carona nas carruagens. — Ela se aproximou dele lentamente, e uma onda de consciência o atravessou.

— Só com a sua carruagem, Sua Graça. Só com a sua. Desta vez, comprovei o selo antes de entrar. Diga-me, o que pensa fazer comigo agora que estou aqui? — Ele a olhou fixamente durante um bom momento antes de inclinar-se, tomando seus cabelos para beijá-la.

— Vou te amar, Sereia.

Ele envolveu uma mão ao redor de sua cintura e a levou para seu colo para que ela ficasse em cima dele. Ela o olhou com uma intensidade malvada.

— Diga de novo.

Ele sorriu.

— Eu te amo, Juliana. — Suas mãos estavam acariciando seus lados, seguindo os dedos sobre seus ombros, inclinando a cabeça para desnudar seu pescoço. Deu um beijo suave à pele na base da garganta, onde o pulso lhe pulsava com força.

— Uma vez mais. — Suspirou. Ele sussurrou as palavras contra seus lábios, uma promessa, e reclamou sua boca, suas mãos acariciando-a, pressionando em todas as partes. Ela se abriu para ele, fazendo coincidir seus beijos demorados e lentos. Pela primeira vez, não havia nenhuma urgência nas carícias, não tinham o sentimento de que se estavam roubando um tempo de outra pessoa. De outra mulher. Ela se afastou ante esse pensamento, levantando a cabeça.

— Penélope — disse.

— Temos que discutir isto agora? — Uma de suas mãos se dirigiu ao fundo cheio de seu seio, e ela reprimiu um suspiro de prazer quando chegou a seu destino.

— Não — Saltou de seu colo e se sentou no assento frente a ele. Ele a seguiu, ajoelhando-se diante dela, o transporte os fazia balançarem-se juntos.

— Sim.

— O pai de Lady Penélope desfez o acordo. — Suas mãos se aferraram a seus tornozelos, e Juliana não estava segura se era a sensação de suas mãos cálidas acariciando suas pernas por debaixo da saia ou o fato de que ele já não estava comprometido o que lhe fez iluminar seu cérebro.

Encontrou com seu olhar, grave.

— Eu o teria terminado se ele não o tivesse feito, Juliana. Eu não poderia ter ido até o final. Eu te amo demais — Um fio de prazer em espiral a atravessou com essas palavras.

— Ele cancelou o compromisso pelo escândalo de Georgiana?

— Sim — disse, e a forma em que a palavra rodou de sua língua lhe deu a clara impressão de que ele não estava respondendo a sua pergunta. Ele levantou de novo a saia com reverência e amaldiçoou o escuro perverso da carruagem, e lhe deu um beijo no interior de um joelho.

Ela apertou as pernas juntas, resistindo a seus movimentos.

— Simon... — Ele ficou quieto, olhando os olhos à luz bruxuleante do exterior antes que ele a beijasse de novo, longa e minuciosamente antes que ele se afastasse bruscamente.

— Minha irmã anunciou seu próprio escândalo. Em realidade, enviou uma carta à Gazeta! Era seu presente de bodas. Para nós

Juliana sorriu.

— Um noivado desfeito?

— Um intercâmbio rápido — respondeu ele, tomando seus lábios uma vez mais, sua urgência enviou uma onda de fogo através dela. Ela se deleitava com a carícia, da sensação dele, durante um longo minuto antes de empurrá-lo longe uma vez mais.

— Simon, sua mãe!

— Ela não é absolutamente um assunto que me importe discutir neste momento, amor.

— Mas... Ela ficará furiosa!

— Não me importa. — Voltou sua atenção para o interior de seu joelho, girando sua língua ali até que a seda estava molhada. — E se for assim, não será por sua culpa. Você é sua melhor esperança para um neto respeitável. Eu sou o que tem a reputação danificada.

Ela se pôs a rir.

— O raptor de inocentes. Um sedutor de virgens.

Separou suas pernas lentamente, pressionando preciosos lânguidos beijos, pelo interior de sua coxa.

— Só uma inocente. Uma virgem.

Ela suspirou e deixou que seus olhos se fechassem contra o prazer que sentiu quando lambeu o lugar onde ficava a liga da meia, uma promessa do que estava por vir.

— Que sorte eu tenho. — inclinou-se para frente, tendo esse rosto insuportavelmente formoso entre suas mãos. — Simon... — Sussurrou: — Eu te amei desde o começo. E eu te amarei... Eu te amarei pelo tempo que me queira ter.

Seu olhar se obscureceu, e ele ficou muito sério.

— Espero que vá me amar por um tempo muito longo. — Ela o beijou de novo, lhe mostrando todo seu amor na carícia, porque as palavras de repente

pareciam abandoná-la. Quando se detiveram, ambos sem fôlego e desesperados por mais um do outro, Juliana sorriu.

— Então, como se sente ao ter arruinado sua reputação?

Ele se pôs a rir.

— Eu nunca esquecerei.

— Arrepende-se?

— Nunca — Ele a atraiu para si para outro beijo.

O escândalo de Simon atravessaria o tempo. Seria motivo para os sussurros nos salões de baile, e de conversas na Bond Street e nos corredores do Parlamento, e em anos vindouros, ele e Juliana contariam a seus netos a história de como o duque de Leighton tinha sido abatido pelo amor.

EPÍLOGO



Maio de 1824

Sua Graça, a duquesa de Leighton, estava no alto de uma escada na biblioteca muito alta para se ocultar, quando seu marido entrou na habitação, gritando seu nome, distraído por uma carta que tinha.

— Sim?

— Temos notícias de... — calou-se, e ela sabia que tinha sido descoberta. Quando voltou a falar, as palavras eram baixas e agora, muito tranquilas para que as dissesse seu marido, quem poderia pensar que preferia desfrutar de toda gama de emoções agora que ele a tinha experimentado. — Juliana?

— Sim?

— O que está fazendo a cinco metros do chão? — Ela com descaramento fingiu não dar-se conta de que ele se colocou debaixo dela, como se não pudesse esmagá-lo como um escaravelho se chegasse a cair a toda velocidade para o chão.

— Em busca de um livro.

— Você se importaria muito em voltar para a terra? — Por sorte, o livro pelo que tinha estado procurando se revelou. Tirou-o da estante e se dirigiu de novo para baixo pela escada. Quando tinha os dois pés firmemente no chão, soltou.

— O que está pensando, subindo até o teto em sua condição?

— Eu não sou uma inválida Simon, ainda posso usar todos meus extremos.

De fato você pode usar, mas em particular sua capacidade extrema para testar minha paciência, eu acredito, entretanto, que quer dizer extremidades. — Fez uma pausa, recordando por que estava irritado. — Poderia ter caído!

— Mas eu não caí — disse simplesmente, virando a face para a sua por um beijo. Ele beijou-a, suas mãos chegaram a acariciar o lugar onde seu filho crescia.

— Deve ter mais cuidado — sussurrou, e um estremecimento a percorreu ante a maravilha de seu tom. Ela levantou os braços, envolvendo-os ao redor de seu pescoço, deleitando-se no calor e força dele.

— Estamos bem, marido — Ela sorriu. — Doze vidas, lembra?

Ele se queixou das palavras.

— Eu acredito que já usou todas, sabe. Certamente, usou seus doze escândalos — Ela enrugou o nariz pensando.

— Não. Eu não poderia tê-lo feito.

Ele a levantou em seus braços e se moveu a sua cadeira favorita, desalojando Leopold. Enquanto o cão voltava a sua sesta no chão, Simon se instalou na cadeira, ajeitando sua esposa em seu colo.

— A queda no Serpentine... O tempo que me levou em uma perseguição não tão feliz pelo Hyde Park... À espreita fora de meu clube...

— Esse escândalo não foi real — protestou ela, abraçando-se mais a ele enquanto sua mão acariciava seu ventre arredondado.

— Escândalo suficiente.

— A chegada de minha mãe — disse Juliana.

Ele negou com a cabeça. — Não esse não é seu escândalo Ela sorriu.

— Tolices. Ela é o escândalo que começou tudo.

— Isso sim ela é. — Deu um beijo na têmpora. — Terei que agradecer a ela algum dia.

Ela se aconchegou sobre ele.

— Destruir o troféu de verduras de Lady Needham e sua colheita...

Bom, em realidade, a quem lhe ocorre decorar uma escada com vegetais? E se formos contar todos meus escândalos, que tal aqueles nos quais você foi um escândalo, também?

Ela os enumerou também.

— Beijou-me nos estábulos de meu irmão... Atacando-me no baile de seu próprio noivado... E não esqueçamos — Beijou o lado de seu pescoço.

— Mmm. Claro, não esqueçamos.

Ela riu e o afastou.

— Bonfire Night — O âmbar em seus olhos se obscureceu.

— Asseguro-te, sereia, que nunca esqueceria Bonfire Night.

— A quanto vamos?

— Oito.

— Vê? Eu disse! Eu sou mesmo o modelo da propriedade! — Ele ladrou sua risada e um olhar de preocupação cruzou seu rosto. — Nove — disse.

— Nove?

— Eu insultei sua mãe na costureira. — Ela baixou a voz. — Diante das pessoas.

Suas sobrancelhas se elevaram.

— Quando?

— Durante nossa aposta.

Ele sorriu.

— Teria gostado de ver isso.

Ela cobriu os olhos.

— Foi horrível. Ainda não posso olhá-la nos olhos.

— Isso não tem absolutamente nada a ver com que a envergonhasse no ateliê de uma costureira e tudo a ver com o fato de que minha mãe é terrível.

Ela riu.

— Houve pelo menos dois que aconteceram primeiro na noite do baile de Ralston. — Pensou ela de novo. — Sim que houve mais. Grabeham nos jardins e a carruagem.

Ele ficou rígido.

— Grabeham, verdade? — Seus dedos se meteram nos cachos da nuca de seu pescoço.

— Ele não requer manipulação adicional, Simon.

Simon elevou uma sobrancelha.

Pode ser que não acredite... Mas vou gostar de lhe fazer uma visita.

— Se é que lhe permitem entrar em sua casa, tendo em conta que é um escândalo ambulante — brincou.

— Aí está! Esse é seu décimo segundo. O baile do Northumberland — anunciou ele, envolvendo-a com força em seus braços. — Não suba mais escadas, enquanto está grávida.

— Oh, não. — protestou ela. — O assalto à casa do Northumberland é inteiramente seu escândalo. Eu não tive nada que ver com isso! Retire.

Ele riu entre dentes contra o flanco de seu pescoço, e ela estremeceu ante a sensação.

— Acho que é justo. Eu fico com ele em sua totalidade.

Ela sorriu.

— Esse é o melhor de todos eles.

Ele arqueou uma sobrancelha com a imperiosidade ducal.

— Não te disse que eu acho que não vale a pena fazer nada se não o fizer bem?

Sua gargalhada se perdeu em seu beijo, longo e experiente, até que se separaram, respirando com dificuldade. Apertou o rosto ao dela e sussurrou:

— Minha magnífica mulher.

Ela baixou a cabeça ao escutar o tom de adoração, e então recordou.

— Você tinha notícias. Quando entrou.

Ele se acomodou na cadeira e tirou uma carta do bolso da jaqueta.

— Tenho. Temos um sobrinho. O futuro marquês de Ralston. — Os olhos de Juliana se aumentaram com prazer, arrebatando o papel da mão, e lendo com avidez.

— Um menino! Henry. — Ela se uniu com o olhar de Simon. — E dois se convertem em três.

A filha de Nick, Elizabeth, tinha nascido duas semanas antes, e agora compartilhava o berçário em Townsend Park com uma crescida e feliz,

Caroline. Simon empurrou Juliana contra ele, pondo um beijo na ponta da sobrancelha e colocando-a contra seu peito.

— No outono, vamos fazer nossa parte e acrescentar um quarto a seu alegre bando. — O prazer a envolvia vendo como ela também acrescentava à sua família, uma família maravilhosa e selvagem que nunca se atreveu imaginar.

— Você percebe que eles darão o pior tipo de problemas — brincou ela.

Ele guardou silêncio durante um longo tempo, o tempo suficiente para que Juliana levantasse a cabeça e se encontrasse com seu sério olhar dourado. Quando o fez, ele sorriu amplo e devastador.

— E eles serão os melhores tipos de problemas.

E eles foram.

SOBRE A AUTORA



Sarah MacLean, escritora de best sellers segundo o New York Time e o USA Today, cresceu no Rhode Island, obcecada com o romance histórico. Seu amor por todo o histórico lhe ajudou a graduar-se no Smith College e na universidade de Harvard antes de juntar papel e lápis e escrever seu primeiro livro. Agora vive em Nova Iorque com seu marido, seu cão, e uma ridiculamente enorme coleção de romances românticos.

Essa é a versão abreviada.

Para os que procuram os detalhes mais acidentados, continuem lendo:

Como filha de um antigo espião britânico (sim... esse tipo de espião britânico) e uma italiana da jet set, que se conheceram em Paris e viveram de um lugar a outro entre Roma, Londres, São Francisco e Nova Iorque, sinto que deveria dizer que sou uma Lara Croft de carne e osso que passa os seus dias regateando nos bazares de Marrakech, comprando nos Campos Elíseos, cruzando o deserto de Gobi de moto, e escalando antigos templos maias.

Desgraçadamente para todos nós, em que pese a tudo, isso é absolutamente falso. Meus pais fixaram sua residência no Lincoln, Rhode Island, muito antes que eu nascesse, me deixando pouco onde escolher salvo me derrubar nos livros para encontrar minhas próprias aventuras e romances.

Durante o instituto, e graças a minha irmã mais velha (e mais sábia), obcequei-me profundamente com a ficção histórica. Podia me apaixonar por qualquer época e ler algo... e tudo o que caía em minhas mãos estava relacionado com isso. Fui passando fases: Inglaterra medieval, os vikings, o renascimento italiano...

Então encontrei Jane Austen. E fiquei apanhada. Aí havia uma autora (uma mulher nada menos!) que tinha ido contra tudo o que havia sido escrito até então e tinha criado um novo gênero literário. Fez a um lado os romances góticos melodramáticos das irmãs Brontë (para as que nunca tive suficiente estômago) e fez o romance divertido... e alegre... e real. Suas heroínas eram descaradas e irônicas, seus heróis sombrios, melancólicos e arrogantes até parecerem maravilhosamente culpados. A combinação de ambos, para a adolescente que era e trintona que sou hoje, foi eletrizante.

Assim foi como me apaixonei pela regência inglesa. Eu - e todos os que me rodeavam— supunha que estava passando por outra de minhas fases históricas... mas desta fase nunca cheguei a sair. Passei muitos de meus anos de adolescente, com o nariz metido em romances históricos, lamentando ter nascido dois séculos depois para entrar no torvelinho do *beau* para ir seguindo seu caminho a ritmo de valsa através dos brilhantes salões de baile de Londres durante minha própria temporada.

É uma surpresa que quando finalmente pus o lápis sobre o papel, escrevesse um livro sobre a regência? A temporada, um romance para jovens publicado em março de 2009, conta a história de três grandes amigas que amavam Jane tanto como eu (inclusive embora não sabiam seu nome).

Em um golpe de muito boa sorte me encontrei na Smith College, onde era livre de explorar minha obsessão selvagem. Tinha um grupo de amigas que compartilhavam meu amor pela ficção histórica, trocávamos romances, falávamos de Austen e imaginávamos como seria sermos cortejadas... realmente cortejadas. Especializei-me em história e em algum ponto no

caminho aprendi uma rima que listava os reis e rainhas da Inglaterra em ordem. Depois da graduação, fiz uma longa viagem a Grã-Bretanha com minha mãe que só serviu para solidificar o amor pela rica história da região.

Depois encontrei meu caminho para Nova Iorque, onde comecei a trabalhar em publicidade e todos esses anos lendo valeram a pena. Ricochetei entre vários trabalhos e um máster, acumulando uma insondável coleção de livros de ficção na regência pelo caminho, que enchem as estantes de minha casa no Brooklyn até arrebentar. Sou afortunada por ter um marido e um cão que passam por cima minhas excentricidades e, às vezes, amam-me mais por elas.

E agora, estou feliz de dizer que, enquanto escrevo, tenho a oportunidade de lhe dar a minha louca, eclética vida um bom uso e, embora possivelmente nunca possa viver a vida do espião britânico e a italiana da jet set, meus personagens estão fazendo um verdadeiro intento por consegui-lo.

Tradução



Disponibilização: Soryu

Tradução: Cartaxo

Revisão Inicial: Cartaxo

Revisão Final: Betinagruo

Revisão Final e Formatação do PDF: Alcimar Silva

Formatação do epub

Star Books Digital